

# o leão e o chacal mergulhador

traduzido do árabe por MAMEDE MUSTAFA JAROUCHE  
prefácio de OLGÁRIA CHAIN FÉRES MATOS



o leão e o chacal mergulhador

o leão e o  
chacal mergulhador  
traduzido do árabe por  
mamede mustafa jarouche

**GLOBALIVROS**



EPUBR.CLUB  
COM ESTILO

Copyright da tradução  
© 2009 by Editora Globo s.a.

Copyright da introdução, notas e posfácio  
© 2009 by Mamede Mustafa Jarouche

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

título original  
كتاب الأسد والغواص  
(*Kitâb alasad wa al©awwâß*)

revisão  
Ronald Polito, Beatriz de Freitas Moreira e  
Carmen T. S. Costa

capa e projeto gráfico  
warrakloureiro

imagem da capa  
Akg-Images/Latinstock

produção para ebook  
S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)  
O Leão e o chacal mergulhador / traduzido do  
árabe por Mamede Mustafa Jarouche . – São Paulo :  
Globo, 2009.

Título original: Kitab al-asad wa al-ghawwas  
22.890 kb; ePUB  
ISBN 978-85-250- 5235-3

1. Ficção árabe.

09-11391

CDD-892.73

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura árabe 892.73

Direitos de edição em língua portuguesa  
adquiridos por Editora Globo s.a.

Avenida Jaguaré, 1485

05346-902 – São Paulo – sp

[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Nota introdutória

O leão e o chacal mergulhador

Preâmbulo

(1) capítulo no qual se descreve o rei resoluto

(2) capítulo sobre o que se impõe aos súditos quanto ao aconselhamento do rei —

o falcão e a perdiz

o homem, a peneira e o gancho de parede

o mendigo habilidoso

(3) capítulo sobre qual é a necessidade do dotado de mérito em lisonjear os colaboradores do rei,

(4) capítulo sobre os prejuízos da colaboração por meio de conselhos serventias do falcão

(5) capítulo sobre o benefício carreado ao rei pelo dotado de parecer,

(6) capítulo sobre a destreza na exposição de conselhos aos reis,

(7) capítulo sobre o benefício dos reis com artimanhas e estratagemas,

o rei persa e seu general

o cavaleiro e o homem na garupa

o cavalo do beduíno

(8) [capítulo sobre] a consulta do amigo ao amigo,

(9) capítulo sobre as obrigações do homem em tudo quanto faz

(10) capítulo sobre o benefício por meio da astrologia,

o asceta resoluto e seus colegas ineptos

o passarinho e o rouxinol

(11) capítulo da complementação da artimanha

(12) capítulo sobre como é a complementação da opinião

(13) capítulo sobre o emprego, por parte do rei, de cada um de seus colaboradores no lugar adequado

(14) capítulo sobre o benefício advindo do saber e das notícias dos reis;

(15) capítulo sobre as artimanhas dos colaboradores dos reis uns contra os outros,

os sinceros amigos e a mulher ciumenta

o carcereiro corrupto

o príncipe que odiava beduínos

o endividado e as testemunhas

o casamento da filha do persa

astúcia para evitar um casamento

o rei cruel e seu mestre sagaz

a disputa pela ovelha

a salvaguarda e o copo d'água

o cavaleiro e a salvaguarda

o paradeiro do inimigo e a salvaguarda

(16) capítulo sobre a necessidade que os colaboradores do rei têm de alguma aproximação

motivo para divórcio

barco de víbora

o rei e as boas águas

a beduína sem filhos

incenso mortal

o beduíno que jurou vender o camelo

descuido e artimanha

a astúcia de um comandante

a mulher que tinha muito asco

o califa e os corcéis puro-sangue

o rei, o vizir e o ascetismo

o rei da Índia, seu vizir e os brâmanes

o professor analfabeto  
a esposa que seduziu o amigo do marido  
o assalto e o sufi  
um encadernador de sorte  
o homem que jurou jamais ir a festas nem a enterros  
o criado salvo pela farpa de bambu  
cantora na juventude, asceta na velhice

(17) capítulo sobre a comprovação, mediante a inteligência, da recompensa no além

o bom vizir e seu filho maniqueu  
o vizir punido

(18) capítulo sobre os danos causados à alma pelos maus hábitos,

o potro indomável

(19) capítulo sobre as partes da política

o homem que precisava atravessar a floresta  
os três homens e os prazeres do bosque  
admoestação à alma

[Colofão]

Posfácio

prefácio

um poema filosófico

Olgária Chain Féres Matos

O livro *O leão e o chacal Mergulhador* é um trabalho de tradução. Não se trata, porém, somente da transposição de uma obra em uma língua para outra, mas de converter uma época em outra e uma cultura em outra, o que requereu não apenas o conhecimento das línguas envolvidas na tradução, mas sobretudo reflexão sobre a historicidade da linguagem e a datação do texto.

Mamede Jarouche traduz na tênue fímbria de modernizar, arcaizando, uma escrita na tradição dos ensinamentos, máximas e sentenças, de fábulas, provérbios e narrativas, para o português do Brasil. Para encontrar um título que apresentasse a obra foi preciso compreendê-la, tornando-se compilador de traduções ao mesmo tempo que estabelecia sua genealogia, recorrendo às antigas traduções árabes de Aristóteles, e a traduções espanholas do século xiii de textos árabes: “Em rigor, a tradução literal do título seria *O leão e o Mergulhador*. Julgou-se mais conveniente, porém, acrescentar a palavra ‘chacal’ para evitar leituras equivocadas, uma vez que mares e rios mal se entreveem na obra”. Da fixação do texto árabe por Raḥwān Assayyid, passando pelo estudo do arabista iraniano Muḥammad ʿUfrānī, à reconstituição das ocorrências dos manuscritos em diversos países, o autor encontra na Istambul do século xvi a indicação que lhe permite traduzir o que se encontra no título desta cópia do texto original: “Livro do leão e do Mergulhador, contendo dizeres sapienciais e paradigmas na língua de animais e histórias de reis e vizires”, não sem antes ter-lhe sido necessário passar por seu modelo artístico em sânscrito, *Kalāla e Dimna*, que fora traduzido ao árabe no século viii.

Encontra-se neste livro toda uma tematização das escolhas de termos como “paradigma” — que poderia ser também “exemplo”, modelo a ser mimetizado —, “natureza animal” ou “alma sensitiva” (conforme se discute em nota, “embora em árabe as palavras *nafs*, ‘alma’ — semanticamente relacionada a ‘ar’ e ‘sopro’ — e *ayawān*, ‘animal’ — semanticamente relacionada a ‘vida’ — não sejam nem sequer cognatas, em português ‘alma animal’ é etimologicamente tautológico”), bem como a utilização das palavras “misericordioso” ou “misericordizador”, estudo que mobiliza o repertório da filosofia grega traduzida ao árabe e da retórica dessa língua, passando pela literatura do Oriente e seu estilo, pela Pérsia e sua história, política e retórica indissociáveis na narração. Ao mostrar que *O leão e o chacal Mergulhador* não é inferior a seu modelo em sânscrito, e que

tampouco se inscreve comodamente na tradição dos “espelhos de príncipe”, o que Mamede destaca, para além do antimaquívelismo *avant-la-lettre* da obra, das artimanhas, traições ou conselhos, é o estatuto da “razão árabe”, inseparável da língua figurada e imagética, razão que, por analogias e metáforas, constrói uma filosofia prática e um saber ético.

Assim, a alegoria, a fábula, a ação tomam corpo e fisionomia nas subnarrativas que contêm personagens históricas e seus atos exemplares, propiciando a *mimesis* admirativa ou o “conselho” de não repetir os destemperos ou escolhas inoportunas de suas *personas*, quando causadores de catástrofes pessoais e políticas. De onde a atenção para traduzir-se “bom parecer” e “decoro”, apoiando-se no *Dicionário dos termos políticos no legado dos alfaquis*. Em 1350, informa o livro, a palavra árabe *ra'y* é “parecer” e tem o sentido de “crença”: “aquilo que o coração vê após pensar, contemplar, e procurar conhecer o correto naquilo em que os signos [ou sinais] se contradizem [ou se opõem]”. Assim, a tradução dá a conhecer não apenas o que diz o original, mas também o que ele quer dizer, porque as escolhas tradutórias resultam da compreensão do que é nuclear na obra e na cultura que lhe deu nascimento.

Tratando de *KalΣla e Dimna* e de *O leão e o chacal Mergulhador*, Mamede anota: “em ambas as obras o método de exposição é o mesmo: personagens agem e discutem princípios universais, tentando provar a validade dos seus argumentos por meio da apresentação de exemplos ou paradigmas na forma de fábulas e narrativas. A estrutura é mais ou menos a seguinte: a personagem ‘A’ pretende fazer tal coisa, ou deixar de fazer tal coisa, e a personagem ‘B’ quer dissuadi-la de fazer tais coisas ou convencê-la a fazer outra coisa. Então cada uma delas argumenta com uma formulação de caráter universalista, amiúde em forma de provérbio, como por exemplo: ‘sabe-se que todo aquele que se mete com o que não é de sua conta se dá mal’, seguida de ‘tal como se deu com X’, e isso quase que invariavelmente leva o interlocutor a indagar: ‘E como foi isso?’, ao que o outro responde com um paradigma ou história exemplar: ‘Conta-se que...’. Esse peculiar método de exposição torna a leitura agradável e fluente, deixando a fábula recheada de subnarrativas, que por sua vez podem conter outras subnarrativas”. O “paradigma” — cujo estatuto epistemológico toma a dimensão de “método imanente” — se esclarece quando o tradutor-autor radicaliza a crítica à tradição aristotélica, questionando a oposição

dicotômica entre o particular e o universal, que se consolidaram no Ocidente como o procedimento, por excelência, do conhecimento. Mamede Jarouche revela, em suas soluções tradutórias, que a singularidade não se reduz nem ao particular nem ao universal, pois o regime do discurso narrativo árabe não é a “lógica” binária, mas a “analogia”. O *analogon* que a narrativa produz não é, pois, nem universal nem particular. Contra a alternativa ou “A” ou “B”, que exclui um terceiro termo, na analogia e no paradigma há um *tertium datur* que não neutraliza particular e universal, forma e conteúdo, legalidade e exemplaridade em uma síntese superior, mas transforma as dicotomias lógicas, fazendo-as perder sua identidade de substância sedentária e una. Este “terceiro” que advém é um terceiro analógico, paradigmático, em que os dados não são mais discerníveis se se procura captá-los por reduções binárias. Em outras palavras, o paradigma, o autor o mostra, pressupõe a impossibilidade da regra universalizadora.

Como, então, o exemplo poderia ter valor de prova?

Mamede o esclarece quando considera as relações do *eu* com o *outro* e com o “estrangeiro”, referindo-se a certa altura do mundo muçulmano que não via a diferença e a relação com o outro “com bons olhos”. Mesmo assim, mostra Mamede, há sempre nas narrativas algo a observar antes de recusá-lo cabalmente e de negá-lo, pois não se trata de assimilar o Outro a si mesmo, tampouco de rejeição absoluta. Por isso, na nota de pé de página Mamede observa de que maneira, nessa sociedade política, suaviza-se a ideia de exclusão: “são dois tipos diversos de sociedade política que esses textos esboçam. Em *KalΣla e Dimna* tem-se um rei prepotente e um letrado ambicioso e sem escrúpulos, mas aberto à convivência com um estranho com o qual não compartilha nem sequer os hábitos alimentares; já em *O leão e o chacal Mergulhador*, tem-se um rei descrito da melhor forma, autêntico patriarca generoso, e um letrado fiel, religioso e que zela pelo bem geral da comunidade [...]”. E, em nota, o autor esclarece o sentido da referência alimentar: “para não parecer forçado, o texto efetivamente faz da diferença alimentar um análogo da diferença étnica; eis aqui um trecho da resposta do rei às primeiras tentativas de intriga do chacal Dimna: ‘é cruel a tua fala, mas isso é aceitável num conselheiro. Porém, ainda que ,anzaba seja, conforme dizes, meu inimigo, não conseguiria infligir-me dano; como poderia fazê-lo, sendo ele herbívoro e eu carnívoro? É ele que se constitui em alimento para mim, e dele não espero nada de ruim’”. Quer dizer, em

vez da lógica do “ou uma coisa ou outra”, há a ideia da conveniência ou inconveniência das coisas. Se elas convêm em algo, as coisas se relacionam e não se destroem reciprocamente, mas se elas não convêm em nada, tampouco podem se prejudicar. A metáfora alimentar mostra a magnanimidade dessa razão sábia, “prudente”, que não se curva à lógica do amigo e do inimigo. Pois, na narrativa, sendo o “rei” ele mesmo carnívoro, é ele a grande ameaça ao outro “vegetariano”, e não o contrário. Rompe-se aqui a lógica do terror. Neste, não é o poder político que quer infligir o medo e por isso se vale da violência e da intimidação, mas sim o poder só se vale da violência e do terror quando está, ele mesmo, “aterrorizado”. Razão pela qual Mamede comenta a improcedência, no pensamento árabe fabular, das categorias lógicas da inclusão e exclusão, recorrendo ao *senso communis* árabe da recompensa do crocodilo e sua tópica da reciprocidade.

Mamede indica a maneira pela qual o tempo é a matéria mesma da impermanência do mundo e da alteridade das coisas: as identidades não são fixas, o inimigo pode vir a ser amigo, pois “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. Por isso, digressões e subnarrativas são constitutivas dessa “razão árabe”, antidedutiva e anti-historicista, na qual o tempo não é contínuo e linear, mas qualitativo e exemplar, abrindo-se para o tema da amizade e para a tradição do governante como “pastor dos homens”.

A tarefa do tradutor realiza-se, neste livro, segundo uma filosofia política que inscreve o livro *O leão e o chacal Mergulhador* na tradição do poema-filosófico, revelando a dimensão ética constitutiva da “razão árabe”.

nota introdutória  
aqui, ali, acolá – sempre

Elaborado por um anônimo em Bagdá ou adjacências entre a segunda metade do século xi d.C. e a primeira do século xii, *O leão e o chacal Mergulhador* é um híbrido de fabulário e tratado político que faz, o tempo todo, aguda crítica da corruptibilidade humana, além de traçar um diagrama das vicissitudes inerentes às relações entre poder e saber, flagelo e deleite de muito letrado árabe — e não árabe, obviamente.

Seu herói — um virtuoso chacal chamado “Mergulhador” por mergulhar “nos sentidos sutis” para extrair os “segredos dos saberes ocultos” — torna-se conselheiro do rei e acaba, devido a um excesso de virtude que se traduz como falta, ferindo vaidades e atrapalhando interesses desonestos, o que leva os prejudicados a maquinarem sua aniquilação, numa trama repleta de idas e vindas que ilustram a teoria política tal como se compreendia na época.

Floresta de palavras enunciadas no aquém da linguagem, as falas programáticas deste fabulário consistem, de acordo com preceituação antiga constante de obras similares, em sabedoria pragmática posta na língua de aves e quadrúpedes para melhor seduzir o coração — sede do entendimento, e não do sentimento — e a audição, constituindo-se simultaneamente como adorno que também procura aliviar o tédio e suavizar o peso das formulações doutrinárias demasiado secas e impositivas (da teoria, enfim) mediante sua inserção em um quadro de ficção, fábula, imediatamente discernível como tal, e cuja falsidade — lembre-se que, então, a *Δurâfa* (mito ou ficção) se pensava, basicamente, como discurso sobre coisas falsas — é compensada pela sabedoria que se imprimirá no coração e na alma do receptor.

A floresta alegórica na qual ocorrem as ações — e onde o poder se exerce num processo de interação e manipulação entre governante e governados — é óbvia e transparente representação da sociedade cortesã, selva espessa de canalhices e torpezas deflagradas, no entorno do poder, por ambições, apetites e paixões sem medida que exigem, como contrapartida, providências cuja adoção adequada o rei deve buscar na palavra dos conselheiros.

Embora a fábula fosse pretexto, como se disse, para a exposição de princípios políticos correntes naquela quadra e verificáveis nos tratados políticos seus contemporâneos, a consequência dos eventos nela dramatizados tem um efeito derrisório de fracasso e inabilidade que não se

encontra em tais tratados, nos quais tampouco se lê — aplicado ao presente de sua enunciação e proposto como única saída viável e honrosa — o mórbido elogio final do ascetismo, duplo tristonho e frustrado da sofreguidão pelo poder.[\*] Presumivelmente recebido como crítica ao papel do letrado e de seus desdobramentos — conselheiro e vizir — na política islâmica da época, *O leão e o chacal Mergulhador* produziu o aqui de um ontem que apontava para um ali ou um acolá de algum hoje, mas que também pode apontar para um aqui qualquer, de qualquer sempre.

والله من وراء القصد

*Mamede Mustafa Jarouche*  
São Paulo, julho de 2009

o leão e o chacal mergulhador  
كتاب الأسد والغواص

preâmbulo  
em nome de Deus,  
misericordioso,  
misericordiador[1]  
بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ

Louvores a Deus, a quem a língua é incapaz de descrever, tal como a razão é incapaz de lhe compreender a essência. Sejam as preces de Deus sobre quem nos exortou a adorar aquele que nos dá a vida, e nos fez conhecer aquilo para o qual a nossa razão era insuficiente: Muḥammad[2] e os seus, e que a paz esteja com os adoradores que Deus elegeu.

Fica sabendo que os sábios introduziram a sabedoria[3] nas notícias, mediante a fala de animais, e no decorrer de historietas,[4] a fim de que ela se torne leve para o coração e conquiste a audição, e a adornaram com imagens elegantes e cores suaves[5] a fim de que se constitua em repouso para a alma dos sábios quando se entediam, e em desafio para a mente dos eruditos quando se aborrecem, pois é pesado suportar a seriedade, cujo caminho é árduo e longínquo.[6] Da parte deles, isso semelha a ação do médico hábil que esconde o remédio em algum alimento apreciado pela alma, e assim também ludibriam a alma dos rapazes e dos jovens a fim de que se inclinem à aquisição de fábulas, pois suas almas buscam as narrativas mais valiosas, por meio das quais a sabedoria se estabelece em seu peito, adentrando-lhes o coração, e o saber se fixa em suas almas; isso é semelhante ao caso do caçador que espalha sementes para enganar as aves — não para alimentá-las, mas sim com outro objetivo que ele não demonstra: não há mal no engodo se ele redundar em benefício e utilidade. Acaso não vês que Deus poderoso e exalçado fez da dor da fome e da vontade de comer um convite à alimentação, a qual é também motivo para a sobrevivência do indivíduo, e do prazer da cópula um motivo para a preservação da descendência? Em ambos os casos, a finalidade não é o prazer, mas sim a utilidade.

Galeno[7] mencionou certo grupo de pessoas que, atingidas por uma enfermidade que lhes subtraiu a vontade de comer, morreram de fome sem tentar obter alimento.[8] Portanto, nunca te apresses em censurar alguém cujo propósito ignoras, pois, a despeito da tua censura, talvez ele possua uma escusa. E eu considero belas as palavras de Ibn Almuqaffa[9] que para descrever um de seus amigos disse: “Não censurava ninguém que talvez tivesse escusa para semelhante ação”. E o poeta disse:

“Ninguém a caminho algum se abala,  
senão por um motivo que a pena valha”. [10]

E eu considerarei bom, se Deus me der êxito, reunir nestes cadernos o que me chegou de palavras de sabedoria, as quais eu rogo a Deus excelso e elevado que beneficiem quem as lê e procura. Organizei o livro em onze[11] capítulos, fazendo tudo ser dito pela boca do leão e do chacal Mergulhador, [12] em razão da escusa antes apresentada. Este livro, portanto, eu o fiz conciso e benéfico, e a Deus peço ajuda, êxito e condução para o mais reto caminho. Isso me basta e me é suficiente.

(1) capítulo no qual  
se descreve o rei resoluto[[13](#)]

Conta-se que um leão, rei dos animais em certa região, era de bom proceder em seu reino, e louvado por seus súditos, a quem conduzia conforme duas orientações[14] às quais reunia firmeza: rigor sem violência e lhanza sem fraqueza;[15] doava por merecimento, não por paixão,[16] e punia para educar, não por cólera; sentava-se com os súditos, modesto como se fora de sua igualha, mas eles, apesar disso, quase não o encaravam, tamanho o respeito que lhe devotavam. Fora levado à modéstia pelo amor de sua distinta posição; agia em prol da autoridade como se a amasse, e nela era humilde como se a desprezasse; tinha por seus súditos amor de pai, e os punia como se não tivesse misericórdia — tal como o pai surra o filho se acaso julga que isso lhe será benéfico —, por temor à sua intensa compaixão por eles;[17] impunha-lhes um pouco do que não gostavam[18] a fim de zelar pelas coisas de que gostavam; fazia aquilo tal como se faz com o remédio colocado na comida, sem o qual a saúde não se conserva, e com o sal sem o qual esse alimento não é apetecível. Demonstrava-lhes uma dureza tal que os impedia de praticar ousadias contra ele, e ocultava-lhes uma piedade e misericórdia tais que o impediam de cometer injustiças contra eles. Escolhera para si a fadiga em prol do conforto deles: seus olhos se mantinham acordados para que os deles pudessem dormir, e seu corpo se esfalfava a fim de que o deles repousasse. Trilhara, nisso, uma senda difícil de percorrer, e de íngremes veredas, o que lhe era facilitado por seu acentuado amor pela autoridade, bem como por seu anseio em revivificar a tradição[19] e executar as disposições da lei,[20] tanto que passou a comprazer-se com o que aquilo lhe proporcionava, tal como o apaixonado se compraz em agredir o seu amado, ainda que disso se condoa.[21] Seus súditos descansavam na sua fadiga, dormiam em sua vigília e se desocupavam na sua vigorosa ocupação com seus interesses, e deles o rei obtinha, com isso, desde forte respeito até sólido amor.

Então, [certa feita,] um búfalo se refugiou num bosquete das redondezas, e dali se alimentou, engordando, animando-se e enfatuando-se; seu tamanho cresceu e ele se fortaleceu tanto que afugentou outros animais de suas terras e os expulsou de suas casas. Quando soube da situação do búfalo, o leão se atemorizou e ficou aterrado por causa dele, mas desgostou-o demonstrar a quem quer que fosse o que lhe ia pela alma.

Entre seus servidores havia um chacal[22] a quem chamavam “Mergulhador”, o qual, detentor embora de bom parecer e decoro,[23]

amava o sossego e apreciava a obscuridade; era apaixonado pela busca do saber, ao qual se devotara por inteiro, não lhe restando tempo para outro mister; habituara-se à solidão tal como outros se habituaem à companhia, e, dentre os seus dias, apreciava mais aquele no qual se mantinha a sós com seu pensamento e estudava seus livros. Ele tinha um amigo de sua intimidade no qual confiava, e para quem revelava o que lhe ia pela alma.

(2) capítulo sobre o que se impõe aos súditos quanto ao aconselhamento do rei — o que beneficia tanto o aconselhador como o aconselhado, pois os misteres do rei e dos súditos estão entrelaçados —, contendo a prova de que quem aconselha o rei aconselha a si mesmo

Certo dia, ele perguntou a esse amigo: “Acaso não vês, meu irmão, que o leão anda acompanhado por um pensamento que ele oculta, e guarda dentro de si algo que não demonstra?”. O amigo lhe respondeu: “Quem se abalança ao que não lhe concerne acabará prejudicando, destarte, aquilo que lhe concerne. Não temos de observar uma questão que não é nossa, pois gozamos de um bem-estar ao qual devemos nos apegar enquanto ele estiver apegado a nós”. Disse o Mergulhador: “Já ouvi o que disseste; porém, impõe-se aos súditos que se esforcem para o bem do rei e seu auxílio em tudo quanto possam no que tange a bons pareceres e capacidade, tal como deve o rei despende por seus súditos aquilo que lhes melhora a situação relativamente à *administração*[24], e aos mantimentos, pois no bom estado do rei está o bom estado de seu reino, e no bom estado de seu reino está o bom estado do conjunto, do qual o aconselhador é parte, sendo prejudicado pelo que prejudica esse conjunto e beneficiado pelo que o beneficia. Os sábios já disseram: Trai a si mesmo quem poupa seus conselhos ao rei, é avaro em seus bons pareceres para com o amigo[25] e esconde do médico sua doença. E disseram: Ninguém tem mais prioridade em fazer boas ações do que o governante, nem ninguém tem mais direito de aconselhar do que o governado, pois o governante, caso pereçam os governados, não terá governança,[26] e os súditos, caso não sejam tratados com justiça, perecerão. Portanto, aquele dentre os súditos que trapacear com os governantes estará trapaceando consigo mesmo, e quem os aconselhar a si mesmo estará aconselhando. O rei não tem mais necessidade de fazer prosperar o reino do que os habitantes têm de que esse reino prospere. Conta-se que certo rei disse a seus súditos: Cada um de vós deve crer que, ao combater pela fé, é com a alma que estará lutando em prol de si mesmo, e é com o coração que estará defendendo o próprio harém;[27] se não o fizerdes, sabeis que vossos inimigos serão os mais satisfeitos com essa situação, e os menos receosos dela. O mundo inteiro está interligado tal como estão o agricultor, cujos interesses só se completam com o ferreiro, e o ferreiro, cuja subsistência não se provê senão por meio do agricultor, e tal como o pássaro que limpa os dentes do crocodilo, com o que um se beneficia e o outro é recompensado,[28] e tal como a escrita no volume de um caderno, cujo sentido não aparecerá senão quando for agrupada; também assim são as coisas do mundo, cuja sabedoria não se conhece em suas partes, mas sim com a reunião de uma à outra, sendo por isso

difícultoso, para quem não olha o mundo com olhar totalizante,[29] descortinar sabedoria em suas partes, pois destarte verá algo incompleto cuja completude está em outro, este sim de bom proveito em sua totalidade, e será como aquele que, vendo a bainha de uma espada sem nunca ter visto uma espada, julga-lhe o fabricante ignaro, mas depois, ao saber de seu benefício, julga-o sábio. Vislumbro algo no íntimo do rei, e me esforçarei para que o fim de suas preocupações esteja em minhas mãos e em meu parecer; senti isso em meu íntimo e fui movido a ele por algo, em meu coração, que eu não conhecia em mim mesmo, apesar do que tu sabes sobre meu amor à obscuridade e minha pouca exposição ao que não seja ela. Presumo que foi a boa sorte do rei que me moveu, e que com ele provocarei um encontro”. Disse-lhe o amigo: “Não te leve a aproximar-te dos reis o amor da procura excessiva por ruínas evanescentes, pois o muito que recibes na escassez é o mesmo do qual na abundância desdenhas, preferindo arrostar perigos e sofrer fadigas. Fica sabendo que o ganho da formiga, malgrado o seu muito acumular, é o mesmo da ave que chega famélica e parte empanzinada, e que o passarinho obtém para viver, apesar de sua fraqueza, tanto quanto obtém o elefante com sua força e o leão com sua coragem, e que a toupeira cega, com sua falta de condições e discrição, alcança tanto quanto a águia, com sua aguda visão e amplo espaço de caça. Certo sábio disse: ‘Existem no dinheiro três características que impedirão seu detentor de entristecer-se por ele’. Perguntou-se-lhe: ‘Quais são?’. Respondeu: ‘Não se ganha licitamente’. Perguntaram: ‘Mas e se o for?’. Respondeu: ‘Afastá-lo-á da verdade’.[30] Perguntaram: ‘Mas e se não afastar?’. Respondeu: ‘O trabalho de fazê-lo render afastá-lo-á da adoração de seu senhor’.[31] Disseram: Acautela-te da colaboração com o soberano, [32] pois, quando ele recorre a ti, é fadiga, e, quando te evita, é humilhação. E já se disse: O que de melhor há na altanaria é o pairar acima dos defeitos alheios, e o abandonar a submissão quando ela excede o aceitável. E já se disse: A fadiga de cada um é na medida de seu cuidado; sua pobreza, na medida de sua ambição; seu sossego, na medida de sua resignação; e sua riqueza será correspondente a sua satisfação. Eu te aviso, meu irmão, de que teu empenho no dever poderá exceder-se, e então teu paradigma[33] será o mesmo que o do falcão e da perdiz”. O Mergulhador perguntou: “E como foi, meu irmão, o caso deles?”. O amigo respondeu:

o falcão e a perdiz[34]

Conta-se que certo sátrapa foi até um príncipe de çurâsân levando um falcão e uma perdiz, e disse: “Ó príncipe, passei por um bosque, ateei fogo numa de suas bordas e esta perdiz saiu voando; então enviei este meu falcão para pegá-la, e ele lhe seguiu no encalço; ela se manteve em fuga até que o forte medo a fez cair no fogo; o falcão precipitou-se em seu rastro e se queimaram ambos. Então, eu tos trouxe a fim de que vejas as consequências do empenho no dever e da covardia”.

[Prosseguiu o amigo:] “E eu receio que tu tenhas o fim de ambos, pois te vejo empenhado naquilo que te prejudicará, e covarde no controlar-te a ti mesmo”. O Mergulhador lhe disse: “Não é o amor do acúmulo o que me preocupa, nem o mundo terreno o que busco, mas sim que no julgamento das pessoas esta minha ação seja considerada boa”. [35]

Disse-lhe o amigo: “O soberano, meu irmão, tem lá seus colaboradores, [36] bem como o saber tem lá seus colaboradores. Não é tal como procede no mundo que o homem procede quando colabora com os reis, [37] e se tu serves para ser colaborador do soberano, então os colaboradores do soberano servem para o saber. Teu paradigma, neste caso, é o do homem que encontrou uma peneira sobre a cama”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi o caso dele?”. Respondeu:

o homem, a peneira e o gancho de parede

Conta-se que um homem, cuja mulher era mal-educada, foi certo dia para casa e, encontrando uma peneira sobre sua cama, agarrou-se a um gancho na parede. A mulher perguntou: “O que é isso?”, e ele respondeu: “Se aquele for o lugar da peneira, então é este o meu lugar”.

[Proseguiu o amigo:] “E os sábios já disseram: O inteligente não deve obter senão o máximo e só ter como colaboradores os que lhe são próximos em moral. Nem a condição de colaborador do soberano é o máximo que tu podes obter, nem esse rei é daqueles em cuja moral se possa confiar que seja próxima da tua. Dize-me, pois, como te dispuseste a fazer isso, pois eu não te conheço senão amante da quietude,[\[38\]](#) cuja ocupação com o saber te impede de outra coisa, um dos poucos que, esgotando uma questão [intelectual], se lança a outra equivalente”.

Disse-lhe o Mergulhador: “Temo que meu saber se constitua num argumento contra mim, pois venturoso é quem utiliza as dádivas que Deus lhe concedeu para com elas aproximar-se dele; assim, a virtude que recebeu será motivo para uma virtude maior ainda, e ele agradecerá por ela utilizando-a na obediência de quem lha concedeu; que Deus nos faça, bem como a ti, daqueles que se beneficiam com seu saber, e que não seja esse saber um argumento para negligenciá-lo, pois o ignorante é mais desculpável que o sábio negligente. Deus meu, não faças que a virtude a mim concedida por ti seja motivo de tua punição por negligência dos deveres que ela impõe, ou seu incorreto emprego, pois assim tua graça a mim concedida será motivo de tua punição, e tua bondade para comigo, motivo de tua cólera contra mim”.

Disse o amigo: “Sê cuidadoso e não te apresses, pois já se disse: És mais capaz de evitar o que ainda não fizeste que desfazer o que já fizeste”.

Disse o Mergulhador: “Meu irmão, parece-me que a armadilha,[\[39\]](#) quando passa o seu tempo, volta-se contra o seu responsável em razão da tristeza e do arrependimento causados pelo desperdício da oportunidade”.

Disse-lhe o amigo: “Não suponho senão que tenhas sentido em teu interior uma força na qual vislumbraste um mérito que te desgostou desperdiçar. Na utilização desse mérito, para a qual não te empurra nenhuma necessidade, não vejo como paradigma para ti senão o do

mendigo de boa situação”. Perguntou o Mergulhador: “E qual é esse paradigma?”. Respondeu o amigo:

o mendigo habilidoso

Contam que um homem de boa situação mendigava dos outros tudo quanto tivessem em mãos, e então um seu amigo o censurou por tal atitude, ao que ele respondeu: “Meu filho, o meu mendigar é tão hábil que minha alma não o deseja abandonar!”.[40]

[Proseguiu o amigo:] “Também tu encontraste em ti um mérito[41] que tua alma não considera agradável desperdiçar. Mas fica sabendo, meu irmão, que isso[42] começou a se gerar nas pessoas devido à fraqueza do homem em resistir a sua natureza, e a seu pouco autodomínio; assim, tornada a sua inteligência incapaz de lhe comandar as virtudes,[43] ele as guarda num ponto que não é o delas e as exhibe em lugar inadequado,[44] sendo então seu paradigma o do remédio benéfico e do alimento adequado, os quais, aplicados em lugares impróprios,[45] podem tornar-se mais mortais que veneno agudo. E o paradigma da inteligência é o do rei cujos soldados são as virtudes: quando alguma das virtudes do homem lhe supera a inteligência, seu paradigma será o do reino cujo rei os súditos derrotaram ao lhe desqualificarem os pareceres e lhe corromperem a *administração*. Quanto eloquente não foi aniquilado por sua própria eloquência! Quanto sábio não foi arruinado por seu próprio saber! Quanto corajoso não foi morto por sua própria coragem! E para quanto virtuoso a inexistência da virtude teria sido melhor! Por isso já se disse: Aquele cuja inteligência não for a parte preponderante de seu bem será aniquilado pela outra parte preponderante de seu bem. Portanto, pensa com cuidado, meu irmão, cuida-te e não te apresses”.

Disse o Mergulhador: “O que temo é que a oportunidade que tenho hoje se transforme amanhã em minha agonia, e o benefício que espero para mim e para toda a população do reino torne-se uma das partes do prejuízo, pois quem desperdiça o momento em que surge a oportunidade é bem merecedor do arrependimento como consequência, e com o arrependimento vem a tristeza, e com a tristeza, a debilidade do coração e do fígado, com o que morrerei abandonado ou viverei desolado”.

(3) capítulo sobre qual  
é a necessidade do dotado  
de mérito em lisonjear  
os colaboradores do rei,  
contendo ainda admoestação  
ao inteligente para que não deixe  
a confiança no próprio mérito  
levá-lo a desprezar quem lhe é inferior

Disse-lhe o amigo: “Os sábios disseram: O amigo tem por obrigação aconselhar o amigo quando este lhe obedece, e ajudá-lo quando lhe desobedece. Eu já te aconselhei, e, se for mesmo imperioso me desobedecer, guarda minhas recomendações e fica sabendo que todas as pessoas vão ao encontro dos reis humilhando-se em excesso, considerando acertados os erros deles e concordando com as suas paixões. As posições das pessoas diante dos reis mudam de nível à medida que mudam os níveis dessas atitudes diante deles. Os dotados de mérito são os mais distantes de tais características, e os dotados de vício são delas os mais próximos, devendo-se a isso a existência, em sua corte e séquito, de grande número de viciosos, com os quais, acercando-se dos reis, tu serás obrigado a tratar e conviver, e pelos quais jamais deverás manifestar teu desprezo, devido ao que já sabes das débeis opiniões deles, pois entre as mais débeis criaturas estão os percevejos, os quais, reunidos, liquidam as feras mais potentes. Fica sabendo que todas as coisas têm o seu flagelo, e o flagelo do inteligente é ter de suportar o ignorante, tal como o diamante que tudo corta, mas ao qual o chumbo, posto a seu lado, reduz a migalhas; assim é o inteligente, a quem nada resiste, mas que, ao lado do ignorante, não lhe resiste. Se quiseres calar um inteligente, banca o ignorante diante dele. E fica sabendo que as principais questões são a lisonja e a modéstia. Já se disse: A boa alegria é evitar ninharias ao menor custo. E se disse: O modesto dentre os sábios é o que tem mais saber, tal como as terras baixas são as que contêm mais água. E disse certo sábio: Quem se coloca na posição de inteligente é colocado pelos outros na posição de ignorante, e quem fica consigo mesmo satisfeito carregará contra si a cólera de Deus e dos outros. Não julgues que os reis só tenham necessidade dos dotados de sagacidade e perspicácia: muitas vezes o jumento e o burro, os mais estúpidos dentre os animais, servem como montaria aos reis e são por eles dignificados, enquanto o macaco, que dos animais é o mais inteligente e perspicaz, é desprezado e humilhado, pois nem sempre as coisas do mundo correm por conta da sagacidade e da perspicácia, ou da inteligência e do conhecimento; para cada situação existe um modo de dizer, e para cada coisa há um lugar;[\[46\]](#) algumas pessoas prestam-se à seriedade, e outras, à jocosidade, mediando entre ambas níveis diversos. A diversidade da sorte das pessoas perante os reis é como a diversidade da sorte dos alimentos perante as pessoas, pois às vezes o homem se entedia dos alimentos doces e

suculentos, inclinando-se para os picantes e salgados, ainda que saiba que os primeiros são superiores aos segundos e mais benéficos que eles. Não obstante o doce seja mais agradável ao paladar, o salgado detém uma posição que dificilmente o fará ser dispensado em prol daquilo que tem sabor mais agradável. O homem se inclina para a cor que corresponde a seus humores, com a qual sua alma se deleita e que sua natureza aceita, mas o seu manter-se nisso provoca-lhe uma espécie de tédio que chega ao ponto de fazê-lo não se deleitar com essa cor senão depois que sua alma dela se esvazia.<sup>[47]</sup> Este é o paradigma de quem — dentre os dotados de mérito, conhecimento, saber e sapiência — pretende que os reis se limitem à sua companhia. Fica sabendo que quem mais se vende perante os reis é aquele que mistura o sério ao jocoso, e a realização ao quase, pois o doce mais saboroso é aquele cujo sabor é contrastado com um pouco de pão,<sup>[48]</sup> e todo o benéfico que ultrapassa os seus limites é nocivo para quem o utiliza: a dieta é benéfica, mas, exagerada, leva ao esgotamento; a luz do sol ilumina, mas, encarada longamente, danifica a visão; a água, na qual está a vida do ser humano, se for demasiada fá-lo-á afogar-se; o remédio, do qual o pouco é benéfico, e o muito, mortal; o alimento, que tomado em quantidade suficiente mantém a vida, mas que em excesso pode matar. Tal como o deslize do avaro se dá na parcimônia, o do pródigo se dá no desperdício; tal como o do ignaro se dá na pressa, o do sábio se dá na lentidão. Não entres na disputa pelas posições mais próximas ao rei, pois destarte serás um desses dois homens: ou alguém distante de seu coração, e nesse caso tua busca de proximidade te tornará mais desagradável ao rei e, logo, mais distante ainda dele; ou então alguém próximo ao coração do rei, e nesse caso terás como dever mínimo para servi-lo o procurar aproximar dele quem necessite conhecê-lo. Lembro-te da fala de certo sábio: Tudo tem um limite, além do qual será dilapidação, e aquém do qual será inépcia. Que o aconselhamento ao rei não te leve a inimizar-te com os cortesãos de sua família e os de sua intimidade, pois isso não consiste em obrigação tua diante dele, sendo mais satisfatório para as prerrogativas do rei e melhor para teu bem-estar que lhe tornes úteis os teus esforços; se acaso assim procederes, agradecer-lhe-ás as benesses, colocar-te-ás a salvo de seus argumentos e farás minguar o número de teus inimigos diante dele. Alguém disse: Zela por fazer minguar o número dos inimigos do soberano com o qual privas: o inimigo do soberano é mais perigoso para ti do que para ele,

pois o ataca trapaceando contra os mais íntimos de seus atendentes e servidores, cujos defeitos ele recenseia e cujos rastros persegue, atizando suspeitas no rei em relação a eles. Essa é a mais terrível artimanha[49] contra os reis: guarda isso tal como guardas a ti próprio. E já se disse: Guarda o soberano por meio da prevenção, o amigo por meio da humildade, o inimigo por meio do argumento e o vulgo por meio do sorriso. Não tomes liberdades mesmo que passes a te fiar nele, pois a familiaridade corrompe o respeito mais sólido. E lembra-te da fala de certo sábio: Se acaso o rei pedir opinião a um grupo no meio do qual estiveres, evita responder com presteza, pois a opinião emitida ao fim é a que com maior propriedade revela sua preciosidade:[50] se já tiveres ouvido a opinião dos outros poderás mais convenientemente avaliá-las e compará-las com o que trazes contigo, e quando a vez de responder chegar a ti, responderás tendo já te certificado e orientado com base na opinião dos outros sobre o assunto. Acautela-te da aproximação ao rei por meio das mulheres de seu harém, quer incitando-o contra elas, quer aconselhando-o a respeito, pois é mediante essa parte que muita vez os mais íntimos do rei são destruídos por seus mais vis servidores. Acautela-te de ser o fiador de seus servidores, pois o soberano não se lembrará de tal fiança quando esses servidores acertarem, mas sim quando errarem, e não será mais implacável com quem comete erros contra si do que com seus vizires.[51] E a súpula de tuas relações com ele está em algo que não será alcançado senão combatendo-se a paixão e obedecendo-se ao bom parecer, e que consiste em tratar com complacência os colaboradores dele nas situações de entretenimento — as quais se encerram rapidamente, mas que podem levar o participante à morte —, e competir com quem for equivalente a ti nas situações em que se *administram* as coisas importantes, cuja glória é mais permanente e cujos fundamentos são mais sólidos. Existe outro dizer: Que o soberano te conheça pela *administração* de que o provéns, e não pelo que fazes contra ele, bem como por afastar dele a negligência, e não por dela provê-lo; coloca-o na posição de mandante e coloca-te na posição de executivo, e, se acaso ele demonstrar algo de bom, deves atribuí-lo à sua boa *administração*, mas, se acaso ele demonstrar alguma incompetência, deves reivindicá-la para ti, com o que conquistarás duas partes: o mérito da boa posição perante o rei, e o da lealdade perante as pessoas. Se acaso contenderes, diante do soberano, com algum semelhante que te equivalha,

que seja tua contenda por meio da argumentação, ainda que ele te agrida, e com sutileza, ainda que ele te ofenda. Acautela-te para que a cólera não te domine e inflame, pois ela não deixa enxergar o momento azado e interrompe a argumentação, permitindo que o adversário te derrote. E se acaso alguma opinião tua for louvada, ou algum acerto teu apareça, não o menciones com a demasia dos fanfarrões, pois isso provoca a fúria do rei e atíça seus ciúmes por quem o cerca, a tal ponto que o faz esquecer os bens que lhe fizeste. Fica sabendo que o alardear [a realização de] favores leva à sua negação, fazendo com que o favorecedor seja deslocado do louvor à censura, passando da posição de benfeitor à de malfeitor. Disse certo sábio: Se acaso notares que o soberano faz de ti um irmão, faze dele um senhor; e se ele intensificar o tratamento de irmão, intensifica tu o tratamento de senhor. E disse outro: Quem acompanha o soberano é como quem monta o leão, pois quem o vê em tal montaria o teme, embora ele próprio esteja dela mais temeroso.<sup>[52]</sup> Que tua busca pelo que o soberano tem seja por meio da escolha dele, não de teu pedido, e por meio da capacidade, não do rogo. Não lhe imponhas o que não é de sua natureza, pois se ele não o faz para si por que o faria para outrem? Não te pese se acaso ele em algum momento menoscar-te os direitos, pois decerto te dará em outro momento algo além deles; as questões mundanas se assemelham, ora indo além dos direitos das coisas, ora ficando aquém deles. Não te fies de modo algum, quando servires ao soberano, em tua primeira boa ação, pois ela poderá não te valer no futuro, tal como não te podes fiar, quando plantares uma planta, em regá-la num ano e deixá-la a seco pelo resto do tempo”.

(4) capítulo sobre  
os prejuízos da colaboração  
por meio de conselhos  
e como o homem deve  
apresentá-los com sutileza  
e safar-se ileso de suas sequelas

Então o Mergulhador refletiu e disse: “Temo apresentar-me ao rei com meu conselho sem pertencer ao círculo de sua convivência, o que provocará incongruências entre meu sentimento e minha fala,[53] pois nesse caso terei buscado o benefício dele por meio de meu prejuízo, e, sem o ter beneficiado, ter-me-ei prejudicado! É possível que eu o pegue em alguma situação de tédio e irritação, e nesse caso serei como quem se faz, sozinho num barco, ao mar que se encapela sem nunca dantes haver navegado nem conhecido tal prática. É também possível que o rei considere que o interesse da política[54] em seu reino está em que ninguém tenha a ousadia de exibir-se mediante opiniões,[55] pois se as portas dessa questão forem abertas diante do rei, ele poderá mais ser prejudicado por atrevimentos do vulgo na manifestação de opiniões do que ser beneficiado quando esse vulgo eventualmente errar cometendo um acerto.[56] Se porventura eu soubesse que o rei, ao ouvir meu conselho, ou o aceitará — agindo em conformidade com ele e se beneficiando — ou então mo devolverá com gentileza no caso de não lhe ser adequado — ocultando-o e não o mencionando diante de ninguém, a fim de evitar que eu me torne anedota divertida ou piada risível que os gaiatos contam como passatempo e que os pândegos tornam paradigma para si próprios, pois a alma se entrega ao amor[57] pela novidade das histórias e pelo acompanhamento das notícias mais curiosas —, então eu estaria seguro em manifestá-lo a ele. E temo que, caso o rei veja em mim bom parecer e conhecimento, e agudeza em *administrar* e maquirar, mas não confie em minha lealdade — não estando eu alinhado a seu grupo, nem ele podendo certificar-se de que o que tenho comigo lhe pertence integralmente como um de seus instrumentos ou um de seus soldados[58] —, procurará prejudicar-me e desejará aniquilar-me por falta de confiança em mim. A decisão mais resolvida que posso tomar é a de colocar-me a seu serviço até que ele se sinta tranquilo comigo, confie em mim e conheça meu método e doutrina, portando-me habilmente para deixá-lo à vontade; em seguida, ficarei atento ao que lhe satisfaz a alma, e quando eu dominar essas partes contarei a ele o que tenho comigo; ainda que eu não consiga o benefício que procuro, estarei a salvo do prejuízo que temo, e serei, em tal caso, como um de seus colaboradores cujos méritos ele destaca e cujos deslizes ele esconde, permanecendo minha fala em segredo e escondida; se lhe for conveniente, estará oculta consigo, que dela se beneficiará, pois a maquiração, quando denunciada, torna-se passível de

neutralização, e o parecer, quando revelado, traz mais prejuízo do que benefício; se lhe for inconveniente, isso estará em segredo e escondido, não recaindo sobre mim estigma algum por parte dos outros, nem lhe causando prejuízo”.

Em seguida, o Mergulhador expôs-se ao rei cumprimentando-o, e pôs-se a elogiar-lhe a senhoria. Desconfiado de vê-lo naquela situação, o rei perguntou: “O que guiou tua preferência até nós, após teres sido tão avaro em nos frequentar?”. Respondeu: “Ó rei, o inteligente é como o arqueiro[59] habilidoso, que não gosta de perder as flechas senão com a certeza de que acertará alguns de seus alvos. E estou certo de que, servindo-te, agradar-te-ei deveras, e serei nisso auxiliado por meu parecer e minha alma, pois os reis às vezes necessitam do pequeno tanto quanto necessitam do grande, e às vezes o pequeno desprezível é mais útil do que o grande importante, pois a firmeza[60] é útil em situações nas quais a espada não o é, e por vezes o homem necessita de um remédio que, embora não equivalha sequer a um grão, não pode ser substituído nem por mil bolsas de ouro”.

Ao ouvir-lhe as palavras, o rei, supondo que nele haveria algum bem e avaliando que teria bons pareceres, disse-lhe: “Ó homem! As aparências[61] se assemelham e aproximam, enquanto as almas são de variado mérito e valia. A superioridade do homem está no ornamento de sua alma, não no de sua aparência,[62] e se acaso os méritos estivessem estampados na aparência, o homem conheceria seu semelhante pela cor do semblante, ao passo que as tinturas da alma não se conhecem senão pela inteligência; e tal como os corpos não se enxergam senão por meio de suas cores, também as almas não se conhecem senão por meio de seus movimentos e ações. E o rei não conhecerá seus colaboradores até que se manifeste o que eles têm, quando então ele lhes conhecerá os lugares, instalando-os no lugar devido”.

Disse-lhe o Mergulhador: “É por isso, ó rei, que vim a ti e me ofereci para servir-te. Seja como for, aplicar-te-ei um paradigma”. Perguntou o rei: “E qual é teu paradigma?”. Respondeu:

serventias do falcão

Assim que o capturam para o rei, o falcão é inicialmente selvagem e inútil, e, ao lhe exigir que faça o que dele se pretende, o rei vê nessa ave selvageria tal que lhe daria motivos para matá-la ou abandoná-la; porém, se for um pouco benévolo com o falcão, este se tornará por longo tempo capaz de deleitar e divertir com sua caça.

[Proseguiu o Mergulhador:] “É este, ó rei, o meu paradigma. Com efeito, não tenho o hábito de estar na presença do rei, e, devido à aversão da parte animal da [minha] alma,[\[63\]](#) aliada à reverência pelo rei e a meu escasso conhecimento sobre como portar-me em sua companhia — ele, que tem o mundo ao seu dispor —, tentarei gradualmente alcançar-lhe o agrado, bem aos poucos”.[\[64\]](#)

(5) capítulo sobre  
o benefício carreado ao rei  
pelo dotado de parecer,  
no qual se contém esclarecimento  
acerca do sábio que sabe,  
mas não age conforme seu saber

Havia na companhia do rei alguém — cujo deleite era desmoralizar os outros e esmiuçar-lhes as almas[65] — que disse ao Mergulhador: “Queres mandar nas opiniões do rei alegando: ‘Possuo uma *administração* que ele não possui’.[66] Portanto, se conheces melhor a *administração*, busca o trono do reino, pois serás mais digno dele!”. Respondeu o Mergulhador: “Ó homem! Não alego ter melhores opiniões, nem ser mais digno de instalar-me no trono do reino; contudo, a pérola preciosa às vezes necessita ser irrigada pela água, ainda que pouca e débil, e os sábios já compararam a opinião ao objeto extraviado, que às vezes é encontrado por quem não o procura, e é procurado por quem não o encontra. Acaso não vês que o objeto extraviado pode ser encontrado por algum pobre coitado que segue seu caminho e não o está procurando, e não ser encontrado pelo alerta esforçado que o procura e lhe segue o rastro com dedicação? Os sábios já disseram: Existem duas coisas das quais uma só serve caso seja individual e a outra, compartilhada: o reinado e a opinião — tal como o reinado não serve senão para um, assim tampouco a opinião serve senão compartilhada. E não é somente com a opinião que se chega ao trono do reino, nem se o obtém”. Perguntou-lhe o oponente: “Pois então o que é necessário para reinar?”. Respondeu-lhe o Mergulhador: “O reinar exige algumas coisas, das quais as primeiras são capacidade inata e fortuna, que estão fora do controle humano”. Perguntou [o oponente]: “Já sabemos o que é a fortuna. Mas o que é a capacidade inata?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Capacidade inata é algo estar marcado em sua natureza, com qualidades concordantes.[67] Certo sábio já disse: Estar marcado na natureza de alguma coisa é ter um forte sinal na origem do nascimento dessa coisa.[68] Olha o mundo superior, a cuja semelhança Deus organizou o mundo inferior, e verás que o Sol é o sinal do reinado e da liderança, e Mercúrio é o sinal da sabedoria, da opinião e da artimanha; assim, se o reino fosse obtido por meio da opinião, sê-lo-ia por Mercúrio, mas Deus fez do Sol rei de Mercúrio, e de Mercúrio, servidor do Sol. O coração, que é o rei do corpo, não monopoliza a opinião, pois é o cérebro o órgão do pensamento. O rei é como se fora a alma, e o conselheiro, os membros que a servem, e é por causa desse paradigma que os reis tomam vizires. E já se disse: Quem busca preservar o dinheiro sem investimento, e o bom estado da fruta sem polinização, e o louvor sem merecimento, e a justiça dos juízes sem provas, e o afeto sem doce linguajar, e o lucro sem boas obras, e a defesa das

fronteiras sem gente armada, e o benefício dos amigos sem gastos, e os bons conselhos dos aliados sem dádiva, e os dízimos sem prosperidade, e a prosperidade sem justiça, e a determinação sem reflexão, e a opinião sem consulta, terá buscado tudo isso de modo incorreto e confiado naquilo em que é ilusão confiar”. Disse o oponente: “O dotado de opinião é levado a confrontar o rei devido à própria opinião e ao conhecimento que detém, ambos os quais produzem capacidade e força”. Disse o Mergulhador: “A opinião, de fato, é resultado da inteligência, e o inteligente não se abalança ao que não poderá atingir, porquanto, ao tentar obter o que está fora de seu alcance, ainda que por pouco, é justamente nesse pouco que estará sua ruína; portanto, aquilo que em sua avaliação é pouco não o será quando de sua ação; para cada um existe uma medida que, ultrapassada, provocará retrocesso em todos os seus misteres, tal como o copo de medida[69] que, após se ter enchido, recebe a gota que o faz transbordar, ou tal como quem almeja combater com armas que é incapaz de manejar e que lhe superam as forças; assim, o acréscimo daquele pouco anula toda a sua força, e então se lhe aparece a desonra; e tal como o festeiro[70] que come muito até se fartar, ficando incapaz, depois disso, de engolir um único bocado, e bebe muito vinho sem se embriagar até a medida que é incapaz de ultrapassar, pois então uma única taça o matará. E ocorre de um homem ser o mais conhecedor de *administrações*, e o mais incapaz de praticá-las, tal como existe entre eles o sábio que não age conforme seu saber”. Perguntou-lhe o oponente: “O que impede tal sábio de agir, apesar de seu conhecimento a respeito e de saber-lhe a utilidade?”. Respondeu-lhe o Mergulhador: “O homem *administra* as coisas mediante bom parecer, mas as executa mediante paixão. Nem todos os conhecedores do correto agem em conformidade com ele. Acaso não vês que o enfermo às vezes conhece um remédio mas, por considerá-lo desagradável, não o utiliza — logo, esse conhecimento não o ajuda a curar-se —, e sabe também o que lhe faz mal, mas seu desejo o leva a consumi-lo, nisso encontrando-se sua ruína — logo, tampouco esse saber o beneficia em algo? Já se disse: O mais venturoso dos capazes, relativamente aos frutos da capacidade, é quem a ela adiciona a vontade, e o mais infeliz dos ineptos, relativamente aos frutos da inépcia, é quem a ela adiciona o temor. Os sábios já disseram: As coisas não se realizam senão com quatro questões: conhecimento, força, ação e êxito; o conhecimento não é útil senão com a força, e a força não serve senão com a

ação, e a ação não se completa senão com o êxito. Nem todo aquele que conhece pode, nem todo aquele que pode age, nem todo aquele que age triunfa; nem todo aquele que conhece a capacidade é auxiliado pela vontade. Não existe quem não saiba que a liberalidade é louvada, mas nem todos a suportam, nem quem não ignore que a coragem é elogiada, mas não lhe suporta as aflições — com exceção daqueles em quem elas constituem uma de suas naturezas e um de seus instintos. Destarte, conhecer o mérito da liberalidade não torna as pessoas liberais, a menos que a pratiquem, e tampouco saber o valor da coragem as torna corajosas, a menos que a pratiquem. Tu vês inteligente nobre, inteligente miserável, inteligente corajoso e inteligente covarde; se essas coisas dependessem das inteligências, os julgamentos não divergiriam.[71] Disso tudo, o poeta compreendeu o que não compreendeste, e apresentou justificativas que desconheces, ao dizer:

‘Não fossem as dificuldades, seriam todos senhores;  
mas a liberalidade empobrece, e avançar para a luta é [mortal’].[72]

E disse outro:

‘As pessoas bem sabem que a liberalidade marcha  
para o louvor, mas acaba com as propriedades’”.[73]

O leão apreciou-lhe as palavras e nele se fortaleceu a suposição de que o Mergulhador tinha o bem;[74] disse-lhe: “Vejo em ti um pudor, um recato, um não estares à vontade nem te misturares, embora o sábio seja muito seguro de si em seu saber, graças a sua superioridade sobre os outros”. Respondeu o Mergulhador: “Ó rei! Como fui criado entre gentes que consideram a procura de saber uma falha, e o amor da sabedoria um defeito, passei a ocultar o que me ia pela alma, por compostura para com o saber e para agradá-las fingindo não buscá-lo, a tal ponto que isso se me tornou hábito, e o hábito é como o instinto, e o instinto se segue. Entre as naturezas do falcão, ó rei, está o pouco crocitar, o singularizar-se pela calvície[75] e o ter dificuldades em buscar o próprio sustento”. Perguntou o rei: “E posso encontrar em ti coisas superiores à tua capacidade argumentativa?”.[76] Respondeu: “Impus à minha alma a reflexão e a proibi de falar amiúde,

deixando as contendas para os outros e buscando para mim o saber; vivi toda a minha vida como cativo dos livros e camarada do pensamento. A língua necessita de uma ocupação que a solte e de um movimento que a exercite e aguçe, e o falcão calado é melhor que o corvo de muito crocitar”. Perguntou o rei: “E por que foste chamado de mergulhador?”. Respondeu: “Por meu mergulho nos sentidos sutis e minha extração dos segredos dos saberes ocultos. Quem muito faz alguma coisa é por meio dela conhecido”. Perguntou-lhe o leão: “São todos os nomes que percorrem esse caminho?”. Respondeu: “Não, ó rei. Os nomes, ainda que se queiram para dar a conhecer e distinguir, dizem-se de dois modos: um nome que indica um sentido naquilo que é nomeado, e outro nome que não indica um sentido nesse nomeado. Quanto ao que indica sentido, ele se divide em dois: um que se diz com base na verdade, e que é o nome derivado de uma característica do nomeado, tal como o meu nome, ó rei, que deriva de uma qualidade em mim, ou então um nome que usa o caminho da inversão, tal como se chama o cego de clarividente, e o picado[ZZ] de sadio. Quanto aos nomes que não indicam um sentido, são aqueles que apenas se querem para o dar a conhecer e distinguir, e que são nomes não derivados do nomeado”. Disse-lhe o leão: “Multiplica teu estar em minha presença, e mistura-te à minha corte a fim de que se dissipe esse teu acanhamento”, e ordenou a seus privados que convivessem com ele e o atraíssem para o grupo, pondo-se o próprio rei a tratá-lo com grande afabilidade, enquanto ele se ia acostumando aos poucos.

(6) capítulo sobre  
a destreza na exposição  
de conselhos aos reis,  
de modo tal que o homem se garanta  
contra más interpretações e erros  
que podem ocorrer contra si

Até que certo dia o Mergulhador viu o rei alegre e animado e, como era só o que ele estava esperando, pensou: “É num momento como este que meu conselho obterá êxito!”. E, avançando para ele, disse: “Ó rei! O escravo tem o dever de envidar esforços no aconselhamento do mestre, tal como o mestre tem o dever de dar atenção ao que melhora o escravo. Assim como para o homem, quando encontra algo que supõe ser pedra preciosa, não é de bom alvitre jogá-lo fora sem antes mostrá-lo aos entendidos, colocando-o somente depois disso em seu devido lugar, também ao escravo se impõe a exposição de seus conselhos e opiniões ao senhor; se forem corretos, o senhor os empregará e se beneficiará, e, se incorretos, poderá descartá-los, que não o prejudicarão. Às vezes o escravo almeja o acerto mas não o alcança, e busca a verdade mas não a atinge, sendo então atacado quanto ao propósito que almejou e ao aconselhamento que buscou. Já se disse: Nem todo aquele cujas mãos produzem o útil é louvável, e nem todo aquele cujas mãos produzem o nocivo é censurável, pois isso tudo está na dependência do propósito e da intenção; caso o escravo saiba que o mestre o prejudicará se acaso sua exposição não tiver utilidade, a tristeza o levará a ocultar aquilo que talvez fosse útil ao mestre. A posição do seguidor em relação ao chefe é a do olho em relação ao coração: o olho provê o que se vê, e o coração distingue e reflete. Tenho para ti um conselho, ó rei, e tu em relação a ele estarás numa dessas duas situações, sem possibilidade de terceira: ou o considerarás correto e dele te beneficiarás, ou não o considerarás correto, não havendo então prejuízo para mim em emití-lo, pois, tendo a opção de adotá-los ou rechaçá-los, o soberano não se prejudica com o ouvir conselhos. E eu, a respeito desse conselho, estarei numa dessas três situações: ou dele me benefico diante do soberano, ou não me benefico nem sou submetido a prejuízo, ou sou submetido a prejuízo pelo soberano. Portanto, se ele me assegurar que, de sua parte, não me prejudicará, em qualquer aspecto que seja, devido ao conselho — assim como ele estará a salvo de qualquer prejuízo, em qualquer aspecto que seja, que o conselho possa provocar —, terá opção nas duas partes: se quiser, beneficiar-me-á, e, se quiser, não me beneficiará, pois não lhe imponho o meu benefício como condição”. Perguntou o rei: “E como te permites nos beneficiar sem buscares um benefício da nossa parte?”. Respondeu: “Minha busca é por um benefício permanente e uma recompensa duradoura; se porventura minha busca fosse pelo pouco que vem célere, eu ficaria privado do muito

que vem depois”. Perguntou [o rei]: “Como obter recompensa com isso? Pois ela se obtém beneficiando-se os que precisam de benefício, e não os que o dispensam e detêm o poder”. Respondeu [o Mergulhador]: “Ó rei! Ainda que seja para o poderoso, tal benefício retornará aos necessitados porque Deus, excelso seja o seu nome, fez do soberano sustentáculo de seu mundo e ordenamento para seus súditos, por meio dele afastando o ignorante do inteligente, separando o verdadeiro do falso, defendendo o fraco do forte, reavivando a tradição e executando os preceitos da lei,<sup>[78]</sup> pois a prosperidade do soberano é a prosperidade da situação geral,<sup>[79]</sup> e a sua corrupção é a corrupção da ordem”. Disse-lhe o rei: “Se te contentares em ter como recompensa por teu conselho, que busca o nosso benefício, o não ser prejudicado de nossa parte, é como se esse fosse teu menor direito sobre nós. E para alguém como ti não aceitamos senão a mais lauta generosidade, e a mais excelsa recompensa”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ó rei! Eu te olho por intermédio de meu amor por ti, e agora estou acompanhado de um pensamento que me empurrou a enganar minha alma desobediente, pois o homem com sua alma é como quem monta uma cavalgadura recalcitrante: se acaso lhe soltar as rédeas a corromperá, e se a tratar com dureza a matará, sendo o mais correto que a engane e trate com destreza até que se lhe firme conforme deseja. Cavaleiro habilidoso não faz estacar o cavalo de uma só vez por temer que as rédeas se rompam ou que sua boca se machuque. No trato com a alma, o homem deve ser como o pescador quando pesca com linha fina um grande peixe, e como o dono da rede de pesca, o qual, quando pretende fazê-la imergir e depois trazê-la à tona, puxa-a várias vezes e dá folga uma vez, até que se lhe torna possível recolhê-la e evitar o rompimento de seus fios, o que causaria a perda da rede. Enganei minha alma — que quase não me obedece em muitas coisas senão mediante uso de trapaça — para que viesse à tua presença, na esperança de conseguir o que gostas e dissipar o que te preocupa, pois em tua prosperidade está a de teu reino, e na prosperidade de teu reino está a do todo do qual faço parte; se o todo prosperar, prosperarei, e se ele se corromper, corromper-me-ei”. Disse o rei: “Foste exímio na destreza, e eu tenho esperança de que, assim como foste destro em me pedir, também o serás em livrar-me do que me preocupa”.

(7) capítulo sobre  
o benefício dos reis com  
artimanhas e estratagemas,  
e a destreza em expô-los a eles,  
sugerindo-lhes que não os descartem,  
e o esclarecimento acerca  
dos aspectos úteis que contêm

Continuou o rei: “O fato é que há em nossas imediações um búfalo forte, poderoso, insolente e arrogante. Temo que de sua parte nos sobrevenha alguma ruptura, e eu devido à sua proximidade irei sofrer danos, uma vez que do local onde ele se encontra estou próximo. Temo que não lhe possamos fazer frente, mas estou disposto a atacá-lo, pois alguém como eu não pode fazer vistas grossas à vizinhança de alguém como ele”.

Disse o Mergulhador: “Ó rei! Ao contrário do que pretende para o inimigo, o arrojado não fica com tal inimigo numa situação em que ele próprio corra risco de vida, a não ser em caso de necessidade. Ante o hálito do seu inimigo, o rei não é apenas ele mesmo.<sup>[80]</sup> Talvez o rei, no caso da perda de algum colaborador que lhe seja caro, prefira resgatá-lo ao custo de seus cabedais. Os sábios já disseram: Devem-se usar com o inimigo quatro aspectos: suavidade, dádiva, astúcia e hostilidade aberta;<sup>[81]</sup> o paradigma disso é o da pústula, para a qual se emprega primeiramente a assepsia; se acaso não adiantar, a diluição; se não se obtiver êxito, a supuração; se não for suficiente, a sutura; se não adiantar, a cauterização,<sup>[82]</sup> que esgota o tratamento. Caso se use uma em lugar da outra, isso consistirá na corrupção da *administração* e na colocação das coisas fora dos lugares devidos. Mas eu conheço aquilo que deixará o rei, se Deus quiser, a salvo do que lhe pode fazer mal e à espera do que lhe pode trazer proveito, e nisso disporei até mesmo de minha vida; se eu triunfar, é o que o rei busca; se não triunfar, a luta com o búfalo se dará quando o rei quiser”. Perguntou o rei: “E como te permites colocar a vida em risco?”. Respondeu: “Ó rei! O arrojado, quando cai entre dois males dos quais um lhe é imperioso, escolherá para isso o melhor deles; colocar a vida do rei em risco não é colocar apenas uma vida em risco, mas sim as vidas de todos os membros do reino; assim, estarei com a minha vida em perigo nos dois casos, com certeza, e se porventura eu dispuser de minha vida para proteger incontáveis vidas, quão grandiosa será minha recompensa se eu for eliminado, e quão grande serão minha sorte e meu orgulho se acaso eu triunfar!”. Disse o rei: “E o que te faria conseguir o que pretendes do búfalo, sendo tu fraco e ele forte? Malgrado tua alma seja conhecedora, não tens corpo nem força que te possibilitem derribá-lo”. Disse o Mergulhador: “Ó rei! O dotado de conhecimento pode, por meio dele, transformar a matéria inerte em força para si e em instrumento para conseguir aquilo de que necessita, a ponto de que essa matéria inerte pareça ser um de seus

membros ou uma de suas partes. Acaso não vês que o homem, que não é provido de presas, garras, força de ataque ou força física,[\[83\]](#) pode, mediante o conhecimento, fazer do ferro uma arma que substitui as presas e garras com as quais a fera luta? Para conquistar o que apetece ao rei, eu tenho esperança de fazer de outrem um instrumento que substitua alguns de meus órgãos que não obedecem à minha vontade”. Perguntou o leão: “Acaso não disseste que a ação necessita de sorte?”. Respondeu-lhe: “Ó rei! Para os objetivos são necessárias quatro coisas: conhecimento, sorte, capacidade e execução. O conhecimento eu já obtive; a sorte já foi obtida por teu intermédio; da capacidade, tenho o suficiente para utilizar esta espécie de conhecimento; não resta senão a execução, mediante a qual se completará, com a permissão de Deus, o objetivo, que é o triunfo”. Perguntou [o rei]: “E como minha sorte passará a ti?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Porque eu agora, em minha vontade, sou como um de teus instrumentos, que tu utilizas em um de teus objetivos, e então tua vontade se realizará por meio dele, com tua sorte”. Perguntou o rei: “E o que esperas conseguir com a opinião, ou obter com o conhecimento?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Já se disse, ó rei, que às vezes uma única palavra enxota quatrocentos mil”. Perguntou o rei: “E como isso se deu?”. Respondeu o Mergulhador:

o rei persa e seu general

Conta-se que o rei Kisrà AbrawΣz, ao enviar o general ,ahrabrâz[84] para combater os bizantinos, colocou-lhes o reino em Constantinopla em tão grandes apuros que o rei esteve a ponto de pagar tributo aos persas; em seguida, porém, reuniu tudo quanto seu poder alcançava, mobilizando contra eles instrumentos, armas e equipamentos nos navios a fim de atravessar a baía de Constantinopla e atacar o inimigo de um só golpe. Quando tudo aquilo já fora disposto no mar, soprou à noite um vento que rompeu [as amarras d]os navios e os empurrou na direção do exército de ,ahrabrâz, o qual tudo capturou, enviando o butim para AbrawΣz. O rei persa considerou aquilo grandioso, enorme, e, ampliada a sua estima por ,ahrabrâz, elogiou-o e louvou-o numa assembleia na qual reuniu os grandes de seu reino. Quando as pessoas se dispersaram, foi até o rei um de seus privados, que invejava ,ahrabrâz, e lhe disse: “Tu, ó rei, a despeito de teu mérito e conhecimento, não percebes que ,ahrabrâz não te enviou essas coisas senão por ter tomado para si próprio o dobro. Se quiseres certificar-te de tal situação, ordena-lhe que retorne para a Pérsia, pois se retornar ele não poderá deixar nada de seu dinheiro para trás, e então poderás vê-lo todo”. Aquilo foi acolhido pela alma de AbrawΣz, que escreveu a ,ahrabrâz ordenando-lhe que se apresentasse a ele e deixasse o irmão em seu lugar, a fim de discutirem assuntos que não o poderiam ser por correspondência escrita, e enviou a ordem com um de seus mensageiros; em seguida, enviou-lhe no encalço outro mensageiro com duas mensagens: numa delas, ordenava-lhe que apressasse o retorno, exortando-o e considerando-o lento; na outra, dizia-lhe ter ponderado o assunto e constatado que sua permanência no cangote do inimigo era mais importante. AbrawΣz dissera a esse mensageiro: “Se acaso vires que ele anunciou a partida e está agindo em conformidade com isso, entrega-lhe a mensagem em que determino que se apresente; e se vires que ele não está agindo para partir nem demonstra que irá fazê-lo, entrega-lhe a outra carta”. [Nesse ínterim,] tendo recebido a notícia sobre a verdade [do que estava acontecendo], ,ahrabrâz enviou uma mensagem ao rei dos bizantinos na qual lhe propunha que fizessem a paz e agissem em confiança, e se oferecia para marchar contra AbrawΣz. O rei dos bizantinos respondeu: “Não! Fica tu em meu país e eu marcharei para combatê-lo”, pondo-se a seguir em marcha com quatrocentos mil homens e,

quando se aproximou de AbrawΣz para guerreá-lo, este, desprovido de soldados em quantidade e impossibilitado de enfrentar o bizantino, convocou um cristão que lhe devia favores e disse: “Já sabes a obrigação que tens de compensar meus favores a ti; recolhe, portanto, esta bengala e avança até passá-la de tuas mãos para as mãos de ,ahrabrâz; muito cuidado para não a entregares a outro”. AbrawΣz tomara aquela bengala, perfurara-a e colocara em seu bojo uma carta para ,ahrabrâz na qual lhe dizia: “Quando receberes esta minha carta, incendeia o palácio do reino bizantino, mata seus combatentes e prende sua descendência. Fica sabendo que atacarei o rei dos bizantinos no momento tal; que seja esse o momento em que tu atacarás”. Ordenou que se desse dinheiro ao cristão e insistiu na recomendação de que não depusesse a bengala senão nas mãos de ,ahrabrâz. O cristão avançou e atravessou o exército bizantino, no meio do qual ouviu vinte mil sinos tocando; com o coração enternecido e os olhos chorosos, ele disse: “Ó alma! Péssima alma serás tu se fores o motivo da destruição da religião cristã!”. Dirigiu-se então à porta do rei bizantino, pediu permissão para entrar, entregou-lhe o bastão e contou-lhe sua história. O rei abriu a carta após retirá-la da bengala, e ao lê-la bufou e disse: “,ahrabrâz me enganou! Por Deus que, se meus olhos caírem sobre ele, irei matá-lo sem delongas!”, e regressou imediatamente com seus soldados, sem interromper a marcha. Quando a notícia lhe chegou, AbrawΣz riu e disse: “Se uma palavra derrotou quatrocentos mil soldados, é porque ela tem excelso valor e grandiosa importância”.[\[85\]](#)

Disse-lhe o leão: “Não me agrada usar de artimanha tendo eu tanta força de ataque e física. São os animais fracos que recorrem à astúcia e artimanha”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ó rei! Os sábios já disseram: São quatro as coisas mais perniciosas ao homem: exagerar na comida por confiar na saúde, desperdiçar ações por confiar no destino, desprezar a artimanha por acreditar na força, e abandonar o arrojo por confiar na sorte. Já se disse: Ó poderoso, toma cuidado com a artimanha; ó apressado, teme o vagaroso; ó guerreiro, não te entregues às reflexões sobre as consequências; ó buscador de algo que existe, não percas a esperança de alcançá-lo. E se disse: A artimanha é inimiga da força bruta, e a paciência é amiga do triunfo. Não te conclamo, ó rei, senão a seguir a natureza à qual Deus te inclinou; se acaso ele não soubesse que em tal natureza estaria teu interesse,[\[86\]](#) não te teria constituído nela. O leão, ó rei, engana suas presas

e desafia seus contendores, e para ti o búfalo não é páreo nem te equivale. Contudo, na batalha é imperioso que se lance mão de alguma espécie de artimanha, ainda que não se saiba”. Perguntou o rei: “Como o homem pode fazer artimanha sem o saber?”. Respondeu: “Acaso não viste, ó rei, que dois soldados nunca se enfrentam sem armas? E as armas são algo constituído pela artimanha com alguma espécie de conhecimento. O arco nada mais é que um pedaço de madeira inútil, e a espada, uma barra de ferro que não corta, até que incidem sobre ela o conhecimento e a artimanha, transformando-a em espada, da qual um dos lados pule de tão suave e o outro corta de tão agudo”. Perguntou [o rei]: “Por que não vemos as pessoas chamarem isso de artimanha?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Porque se tornou tão comum entre elas que lhes fugiu o admirá-lo. Era artimanha antes de se tornar conhecida, pois quando se transforma em hábito ela perde a maior parte de sua força. É por esse motivo, ó rei, que o guerreiro gosta de usar no combate, a cada dia, algo com o qual os inimigos não estão habituados, e de atingi-los com o que desconhecem, conquanto seja menos destrutivo se comparado ao que eles já conhecem,<sup>[87]</sup> pois junto com o estranhamento<sup>[88]</sup> vêm o entorpecimento e o desconcerto. Acaso não vês que os animais selvagens são caçados com fogo à noite porque o estranhamento quanto a isso lhes provoca espanto? Ainda que tal espanto em si não lhes cause dano, permite que sejam apanhados”. Perguntou-lhe o leão: “E com qual gênero de artimanha irás ludibriá-lo?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Mesmo à artimanha mais bem urdida e preparada às vezes podem sobrevir circunstâncias inesperadas que a anulam. O mais arguto entre os argutos é aquele cuja habilidade está pronta consigo e atua na hora propícia, tal como ocorreu a certa pessoa que estava a ponto de morrer e se salvou mediante uma artimanha pronta que tinha, num caso que não há melhor para refletir”. Perguntou o rei: “E como foi o seu caso?”. Respondeu [o Mergulhador]:

o cavaleiro e o homem na garupa

Conta-se que certo homem fugia [dos inimigos] montado em seu cavalo, do qual se gabava, quando outro homem lhe pediu carona, e ele o pôs na garupa. Alguns momentos depois, o cavaleiro voltou-se e, vendo que os inimigos o estavam quase alcançando, disse ao homem que estava em sua garupa: “Desce, fulano, caso contrário seremos mortos juntos!”. Respondeu-lhe o engarupado: “Por Deus que à minha alma não apetece descer. É-me imperioso receber, forçado, o que for minha parte. Ou nos salvamos juntos, ou morremos juntos”. Disse-lhe o cavaleiro: “Se de fato a morte for imperiosa, morrer lutando como nobre é melhor que morrer fugindo[89] como miserável”, e partiu na direção dos perseguidores para enfrentá-los. Quando o engarupado o viu preste a se lançar no meio dos perseguidores, atirou-se do cavalo, e o cavaleiro retomou a fuga e salvou a própria vida.

[Continuou o Mergulhador:] “Só te contei esta notícia para que saibas, ó rei, que a artimanha necessita ser feita conforme o momento azado e a situação nele presente. E pode ser que a observação resulte numa situação que não fora considerada antes, tal como fez o cesteiro”. Perguntou o rei: “E como foi isso?”. Respondeu [o Mergulhador]:

o cavalo do beduíno

Conta-se que certo rei ofereceu a um beduíno uma boa quantia em dinheiro por seu cavalo, mas ele não o vendeu. Foi então ter com o rei um cesteiro que lhe disse: “Deixa pronta minha remuneração nas mãos de um homem que me pague, quando eu trouxer o cavalo, para que eu o entregue a ti”, e o rei assim procedeu. O cesteiro foi observar a situação do cavalo e constatou que o dono empregava, para cuidar dele com exclusividade, um escravo que o amarrara enquanto o animal pastava diante de si. O cesteiro foi para casa e retornou munido de comida saborosa, sentando-se num ponto onde o escravo podia vê-lo comendo, ao lado de um regato, e lhe disse: “Vem, ó irmão dos árabes!”,[90] e então o escravo se aproximou e comeu com ele, pondo-se a conversar e pilheriar. Quando terminaram de comer, o cesteiro lhe disse: “Gostarias de apostar comigo um pulo sobre este regato por tantos *dirhams*? A condição é que, se fizeres como eu fizer, ganharás, mas, se não fizeres, ganharei eu”. Aceita a aposta, o cesteiro pulou o regato, bem como o escravo, e então lhe pagou os *dirhams* da aposta e disse: “Eu também faço outra coisa, que é me amarrar e pular o regato. Se fizeres como eu fizer, ganharás de mim o dobro do que ganhaste”. Cobiçoso de ficar com os *dirhams* e deliciado com a vitória, o escravo aceitou a proposta. O cesteiro lhe disse: “Amarra-me!”, e o escravo soltou as amarras do cavalo e o amarrou. O cesteiro juntou as duas pernas e pulou o regato. O escravo disse: “Eu também faço igual a isso!”, e soltou as amarras das pernas do cesteiro, amarrando-se a si mesmo e pulando o regato, enquanto o cesteiro pulava no cavalo e fugia com ele.

[Continuou o Mergulhador:] “Eis uma artimanha que resultou da observação. Eu tenho esperanças de que a sorte do rei abra-me a porta da artimanha contra o inimigo. O afortunado traz consigo sorte aos colaboradores, cujos objetivos se realizam servindo-o e cuidando de seus interesses, e isso não pela sorte deles, mas sim pela dele. O búfalo, conquanto seja inimigo do rei, é-lhe igualmente alimento, e eu tenho esperanças de que Deus faça dele, por minhas mãos, fortuna para o rei e seus colaboradores, pois o afortunado recebe o que gosta até mesmo do lugar que o desgosta, e consegue o que deseja de onde receia. Que o rei me dê suas ordens a fim de que eu me retire para *administrar* e elaborar a artimanha”. Disse o rei: “Faze-o!”, e então ele se retirou e foi até as

proximidades do búfalo, que estava naquele bosquete, pondo-se a tratá-lo com afabilidade e a conversar com ele, e assim permaneceu até descobrir de onde suas coisas provinham e para onde iam, enquanto refletia e maquinava a respeito, até que o modo correto de fazer a artimanha nesse assunto se descortinou diante dele.[\[91\]](#)

(8) [capítulo sobre]  
a consulta do amigo ao amigo,  
e o que isso tem de prejuízo e benefício,  
contendo ainda o sinal de que  
a artimanha e o estratagemas  
não são proibidos se redundarem  
em interesse geral[92]

O Mergulhador dirigiu-se então ao amigo com o qual se dava a fim de aconselhar-se e lhe disse: “Meu irmão! O amigo é espelho de seu amigo, [93] e o homem tem necessidade de um espelho no qual veja o próprio rosto e o traçado de sua imagem e aparência tanto quanto tem necessidade de um amigo por meio do qual veja as questões de sua alma”. Disse-lhe o amigo: “Teus amigos são muitos; consulta outro, portanto, e ele te mostrará a respeito de tua alma o mesmo que eu te mostrarei”. Disse o Mergulhador: “Nem todo espelho fala ao homem a verdade sobre si. Acaso não vês que os espelhos côncavos mostram o rosto comprido, e os convexos mostram o rosto largo? Isso não se deve a algum defeito no homem, mas sim no espelho. Assim como existem espelhos nos quais não se vê o rosto devido à ferrugem, também entre as pessoas existem aquelas que não te mostram nada de ti devido à sua ignorância. Certo sapiente disse: Se acaso fores consultar alguém, segue o dotado de opinião e conselho, pois não é possível contentar-se com a opinião de quem não aconselha, nem com o conselho de quem não tem opinião. O poeta disse:

‘Nem todo inteligente te dará o seu conselho,  
e nem todo aquele que dá conselho é inteligente;  
mas, se inteligência e conselho se unirem num só,  
então é direito desse que se lhe preste obediência’. [94]

E já se disse: Quem faz quatro coisas não fica sem outras quatro: quem agradece não fica sem mais [favores]; quem se penitencia não fica sem aceitação; quem procura o melhor a fazer não fica sem êxito; e quem faz consultas [95] não fica sem acertar. [96] E se disse: O acerto não provém senão da consulta; as benesses não se protegem senão com o compartilhamento; o rancor não se adquire senão devido à soberba. [97] E se disse: O consulente não ficará sem louvador em caso de acerto nem censor em caso de erro. E se disse: O consulente está entre um acerto que somente para si será útil, e um erro que será compartilhado com outrem. Disse certo beduíno: Qualquer erro meu é erro dos membros de minha tribo, pois eu nada faço sem consultá-los”. Disse-lhe o amigo: “Tu me consultas como quem confia e me desobedeces como quem desconfia. Eu me apiedo de ti e te sugiro que não leves a cabo esse teu objetivo”. Perguntou o Mergulhador: “Por que isso?”. Respondeu [o amigo]: “Se fores desconfiar,

não me consultes. E, se confias em mim, não me perguntes”. Disse o Mergulhador: “Não pretendo, em meu debate contigo, dar-te a vitória nem arranjar argumentos contra ti; porém, eu fiz de ti como se fosses minha alma. Acaso não vês que quando o homem discute com a própria alma e conversa consigo mesmo, dizendo ‘Ó alma, por que agiste assim e assado, e por que fizeste isto?’, ele busca a verdade e procura o acerto? Onde quer que encontre a verdade, ele a seguirá”. Disse-lhe o amigo: “Estás te envolvendo num assunto que, malgrado seja doce no início, é amargo no final, e malgrado seja belo ao começar, é horrível em suas consequências. Temo que te compliques devido a algum sangue que derramares, pois isso faz parte do mal. Temo as consequências disso sobre ti, e receio que te tornes conhecido por isso. Já se disse: Quem faz muito alguma coisa fica por ela conhecido e colhe as consequências. Acaso não vês que a cobra é morta por quem ela não pica, e o generoso é apreciado por quem não o conhece, e louvado por quem ele não beneficiou?”. Disse-lhe o Mergulhador: “Quanto à minha complicação com sangue, e à tua afirmação de que isso faz parte do mal, eu não sigo o mal, mas sim o enfrento, e o enfrentamento do mal faz parte do bem, porquanto pertence ao benefício, à devoção e à retidão. E este inimigo privou aos animais a maior parte do que viviam, e tornou as estradas perigosas. Com sua morte haverá muita vida, e já se disse: Um pouco de morte diminui as mortes.[\[98\]](#) Já sabes que o frango é morto para a vida do enfermo, e a veia é cortada para o equilíbrio do corpo; quando se dá alguma corrupção que provoca um benefício maior que ela, então não será corrupção, pois Deus excelso e poderoso envia chuva por misericórdia para com seus adoradores e para dar vida aos países, e, não obstante ela derrube a casa do pobre e prejudique o viajante, a isso não se chama corrupção, e sim utilidade e benefício. Não existe no mundo bem que não contenha mal, nem benefício que não traga consigo corrupção. Quem busca no mundo aquilo que este não tem estará sendo injusto com o mundo, e o mundo será bem capaz de ser injusto com quem for injusto com ele; quem tem raiva do mundo permanecerá com essa raiva, que não fará mal senão a si mesmo”. Disse-lhe o amigo: “Temo que o rei, sabendo que tens opinião e estratégia, ponha-se por tal motivo em guarda contra ti, e então não estarás a salvo de que ele não te prejudique por passar a temer tua pessoa”. Disse-lhe o Mergulhador: “Quanto a teu temor por mim — de que o rei saiba a amplitude de meu conhecimento e estratégia —, o fato é que

opinião e estratagema, quando presentes em alguns dos colaboradores e soldados do rei, são neles como armas e auxílio. Se dizes que ele temerá que algum deles empregue o que tem contra si, que ele tema quem de fato o merece; porém, o rei está mais próximo da confiança em mim e mais obrigado a tranquilizar-se com o que tenho, pois não lhe peço recompensa pelo que farei; ao contrário, socorrendo-o eu quero a verdade, da qual é ele o encarregado,[99] e a preservação da lei,[100] da qual é ele o servidor”. Disse-lhe o amigo: “Os inteligentes condenam as artimanhas e os estratagemas, não os aceitando para si”. Disse o Mergulhador: “A artimanha, meu irmão, é o excedente[101] do conhecimento, e seu uso só é ruim naquilo que a inteligência e a religião proíbem; porém, no que provocará benefício, ela não será ruim, funcionando, isto sim, como a ferramenta para o artesão e a espada para o guerreiro, o qual, caso a empregue na obediência a Deus, será louvado e recompensado, mas, se a empregar na desobediência, terá prevaricado e será punido. Todas as coisas têm um lugar onde são consideradas boas e um lugar onde são consideradas ruins. Acaso não vês que o Profeta, que a prece e a paz de Deus estejam com ele, disse: ‘Guerra é ardil’,[102] ordenando que se fizessem embelecões nas guerras e proibindo-os na paz? O julgamento a respeito da ação varia conforme a variação da situação e do objetivo. Acaso não vês que a punição aplicada a um culpado se chama justiça, e a um inocente, injustiça?[103] E, se o homem não se esquecer da boa ação que lhe fez um benfeitor, isso se chama gratidão, mas, se não se esquecer da má ação que lhe fez um ofensor, isso se chama rancor?”. Disse-lhe o amigo: “No que disseste estás correto, mas nem tudo que se reprova no homem deve ser recebido com reprovação, e nem todo aquele que exerce a reprovação indaga o motivo do que reprova ou escuta a resposta, e nem todo aquele que é indagado sobre o motivo [de ter feito algo geralmente reprovado] vê sua justificativa ser tratada com justiça. Até topares com uma única pessoa que te fale [sobre tua ação reprovável] e te indague a justificativa, terás topado com mil que não te indagarão, e até topares com uma única pessoa que te indague a justificativa e faça justiça a teus argumentos, terás igualmente topado com mil que te indagarão a respeito e não te farão justiça. Certo beduíno já disse: Deixa-te daquilo que o coração já tem por reprovado, mesmo que para tanto tenhas desculpas. E disse outro: Aquele que se expõe a suspeitas não deve de modo nenhum censurar quem pensa mal de si”. [104] Disse-lhe o

Mergulhador: “Qual é a necessidade, meu irmão, de agradar quem se agrada com a falsidade? E como temer a cólera de quem se encoleriza com a verdade? Não me alegra que me considerem errado se eu laborar em acerto, e tampouco me alegra que me considerem certo se eu laborar em erro, pois a verdade se conhece por si mesma, não pelo testemunho de quem testemunha em prol dela, nem pelo agrado de quem se agrada com ela”. Disse o amigo: “Enfrentarás nessa questão dificuldades e coisas detestáveis, meu irmão, e em ires ter com o búfalo haverá risco para ti”. Disse o Mergulhador: “Dizes a verdade, meu irmão. Porém não se chega ao desejado senão passando pelo detestado, o bem-estar não se obtém senão mediante algum perigo e a recompensa não se conquista senão com dificuldade. O mundo é construído sobre o arriscar-se, e o homem está exposto a perigos nesta vida terrena[105] perniciosos, sendo-lhe imperioso correr riscos, tanto nas pequenas como nas grandes questões. Acaso não vês que quem compra alguma coisa por um *dirham*, ao entregar o valor ao dono dessa coisa, coloca tal valor em risco, pois o dono tem o arbítrio de, se quiser, entregar-lhe a coisa, ou, se não quiser, negar-lha? E, se for o dono da coisa que faz a entrega antes de receber, o risco é dele. Não fosse o risco não haveria vida neste mundo terreno, e o melhor dos perigos é aquele [que se corre] para uma recompensa eterna, em busca de um bem-estar duradouro. Se minha intenção estiver em Deus, terei certeza da suficiência de seu auxílio,[106] e dele obterei uma dessas três benesses: suficiência [nesta vida] ou recompensa [na outra vida] ou suficiência [nesta vida] e recompensa [na outra vida]. Se não houver maneira de permanecer e for imperioso partir, o fato é que partir em busca da verdade é melhor do que viver na falsidade”. Disse-lhe o amigo: “Melhor que essas duas possibilidades é viver na verdade”. Disse o Mergulhador: “Nem todo aquele a quem escapou todo o bem deixou-o totalmente, pois colher uma parte do bem é melhor que abandoná-lo por inteiro”. Perguntou-lhe o amigo: “Então estás certo do triunfo? O inteligente nada começa a fazer senão depois da certeza e confiança”. Disse o Mergulhador: “Estou certo de realizar o objetivo, ainda que não esteja certo de atingir o triunfo, pois meu objetivo é a recompensa na outra vida. Deus sabendo que meu propósito é esse, será a mesma coisa atingir ou não, triunfar ou não”.[107] Disse-lhe o amigo: “Então, se souberes, roga que te ajude aquele cuja obediência aprecias, pois quem te fez apreciar o bem pode te ajudar a alcançá-lo, e quem tornou fácil

para ti [enfrentar] o perigo a fim de agradá-lo pode deixar-te ileso das consequências desse perigo”.

(9) capítulo sobre  
as obrigações do homem  
em tudo quanto faz

[Continuou o amigo:] “Os sábios já disseram: Se o homem empregar a opini3o am3ude, consultar os conselheiros e procurar o melhor a fazer consultando o seu Senhor, ter3 cumprido sua obriga3o, e depois disso Deus far3 o que quiser; agora, portanto, procura o melhor a fazer consultando teu Senhor, pede-lhe ajuda e ruma para o que objetivas”.

Ent3o o Mergulhador orou com duas genuflex3es, e rogou pelo melhor a fazer a seu Senhor, a quem dirigiu s3plicas dizendo: “3 Deus, o que eu consegui e obtive do que me concedestes de conhecimento, saber e opini3o, o dom que me deste para essas coisas, tornando-me capaz de domin3-las, 3 fruto de tua gra3a, e a incapacidade e fraqueza que me acometerem nessa 3rea se dever3o 3 minha pr3pria incapacidade de ser perfeito, porquanto a perfei3o n3o pertence sen3o a ti. 3 Deus, supre minha falha com tua supremacia naquilo que minhas for3as n3o puderem e meu conhecimento n3o alcan3ar, e d3 for3as 3 minha debilidade com tua for3a, a fim de que tua d3diva fique completa”.[\[108\]](#)

(10) capítulo sobre o benefício  
por meio da astrologia,  
com a confiança [em deus],  
e como ela deve ser usada de modo  
que não prejudique a religião  
nem diminua o arrojo; é uma  
conclamação ao inteligente para  
que não descarte o arrojo por  
causa da confiança [em deus], nem  
a abandone por causa de tal arrojo,  
pois o primeiro precisa da segunda,  
e a segunda precisa do primeiro

Em seguida, o Mergulhador pôs-se a examinar [com base nos astros][[109](#)] a escolha do momento em que se poria em marcha. Disse-lhe o amigo: “Não conspirques a confiança em Deus com o que não faz parte dela”. Disse-lhe o Mergulhador: “Se me fosse necessário, pela confiança em Deus, deixar de lado o que a experiência já transmitiu sobre a astrologia em tempos pretéritos, ser-me-ia igualmente necessário abandonar a utilização de drogas e remédios que foi ensinada pela longa prática, e se me fosse necessário, pela confiança em Deus, deixar de lado o emprego de meu saber, ser-me-ia igualmente necessário deixar de lado o emprego de minha opinião, pois a opinião faz parte do saber, e ambos se beneficiam com as experiências. Tal como o homem deve empregar sua opinião e confiar em Deus, também deve empregar seu saber e confiar em Deus, e assim o proveito dado por Deus, tanto por meio do saber como por meio da opinião, será o mesmo, pois foi ele quem lhos concedeu”. Disse o amigo: “Entre as coisas que te indicam a corrupção da astrologia está o fato de que ela acerta uma vez e erra na outra, e assim ninguém pode confiar nela”. Disse o Mergulhador: “Se por isso for necessário abandonar o emprego da astrologia, então pelo mesmo motivo será necessário que o arqueiro abandone o emprego dos disparos quando errar uma flechada”. Disse o amigo: “É consenso entre os defensores desse saber que ele não pode ser dominado nem conhecido em todos os aspectos por causa da pluralidade que, nele, cada elemento apresenta,[\[110\]](#) pois os bons augúrios que contém afastam os maus augúrios que dele provêm, e, se acaso não for compreendido em sua totalidade, o seu cálculo[\[111\]](#) não dará certo, pois às vezes o homem decide que [tal assunto] terá boa sorte, a qual no entanto é anulada pela má sorte que ele não compreendeu, ou então determina que [tal assunto] terá má sorte, a qual no entanto é afastada por decisão da boa sorte que ele não conheceu devido à pluralidade de seus sinais, ou seja, afirma-se algo e ocorre o contrário”. Disse o Mergulhador: “Se não se atribuisse valor a um saber qualquer por causa das coisas que lhe escapam ou que ele é incapaz de fazer, ninguém daria valor a saber algum, e se ninguém se esforçasse pelo acerto de opinião devido às múltiplas coisas que lhe escaparão nas diversas faces da opinião e em sua ramificação de caminhos, ninguém teria opinião correta. Porém, o homem deve esforçar-se no que pode alcançar com o conhecimento, e então entregar a Deus excelso e altíssimo o que for superior a seu saber e capacidade. O paradigma disso é o do homem resoluto e seus companheiros

ineptos”. Perguntou o amigo: “E como foi a história deles?”. Respondeu o Mergulhador:

o asceta resoluto e seus colegas ineptos

Conta-se que um grupo de ascetas convivia em certa cidade em cujas cercanias havia um eremitério ao qual continuamente se dirigiam a fim de praticar o ascetismo, e no caminho conducente ao local viviam feras e ladrões que atacavam quem por ali transitasse. Entre o grupo de ascetas havia um voltado para a firmeza, ao passo que os outros estavam desamparados pela inépcia por causa da natural e permanente inclinação das almas pelo sossego e pelo livrar-se de fadigas, sem as quais não se colhem as benesses desta vida nem da outra, pois imaginaram que a indiferença assumira a imagem da delegação a Deus,[\[112\]](#) e supuseram que a insuficiência adquirira a imagem da boa credulidade no destino. Aquele homem resoluto não ia para o eremitério senão munido de armas com as quais pudesse defender a si e a quem o acompanhasse, e com isso permaneceu incólume por longo tempo, ao passo que seus colegas incapazes se aventuravam descuidados por aqueles caminhos, tornando-se presa de ladrões e feras. Ocorreu certo dia que alguns soldados daquela cidade agarraram um dos ladrões, matando-o e mutilando-o para que servisse de exemplo. Naquele mesmo dia, o resoluto saiu, conforme o hábito, com um grupo de seus companheiros, sendo avistado por alguns ladrões, os quais, ao notarem-no armado de couraça, não duvidaram de que se tratava de um soldado, e então se preveniram e uniram contra ele, logrando assim capturá-lo. Em seguida, consultaram-se sobre matá-lo e mutilá-lo, enquanto o humilhavam de várias maneiras, sem no entanto lhe molestarem os companheiros, os quais, ao verem o que sucedia ao resoluto, puseram-se a ironizá-lo e a rir dele dizendo: “Não vemos senão que foste pego por causa da firmeza, e que não escapamos senão pelo que supunhas ser inépcia. Acaso não sabes que a prevenção é um desmentido ao destino, e que o entregar-se a Deus é a ação mais meritória?”. Ele respondeu: “Meu paradigma e o vosso não é senão o do rouxinol e do passarinho”. Perguntaram: “E como era o paradigma deles?”. Ele respondeu:

o passarinho e o rouxinol

Conta-se que um passarinho passou por uma gaiola onde havia um rouxinol que lhe disse: “Ó passarinho! Agradece a Deus por tua deficiência, pois foi ela que te deu a liberdade e soltou tuas rédeas, enquanto o mérito que tenho é que me prendeu nesta gaiola”. Respondeu-lhe o passarinho: “Acaso te esqueces, ó rouxinol, que se eu tivesse sido apanhado em teu lugar estaria há muito tempo na frigideira? Agradece a Deus pelo mérito que te aprisionou, pois foi ele que te salvou”.

[Continuou o resoluto:] “É esse o meu paradigma convosco, pois o fato de eu ser resoluto, ainda que desta feita tenha provocado meu aprisionamento, salvou-me muitas outras vezes, e não fosse ele eu estaria há tempos junto com vossos amigos já mortos; meu bom estado até agora deve-se a esse mérito”. Quando o ouviram tomar a palavra e discutir, os ladrões se aquietaram a fim de verificar o que ele tinha, e assim que encerrou sua história pediram-lhe que a explicasse e ele assim fez; o restante do grupo que estava com o resoluto narrou-lhes a história dele; ao saberem que o homem não era soldado, os ladrões libertaram-no.

[Continuou o Mergulhador:] “Esse é o paradigma de quem usa a [capacidade de] escolha e de quem a abandona. Destarte, o uso da opinião e do saber, por parte daquele homem resoluto, é como o astrólogo que escolhe os momentos adequados e age em conformidade com seu saber. E o paradigma dos sucessos que sobrevêm ao homem sem que ele tenha como sabê-los ou deles precaver-se é como o paradigma daquilo que escapa ao sábio e está fora de sua capacidade no que se refere aos compostos [químicos] e à enumeração[113] de todos os experimentos, os quais não há como enumerar nem como refazer. E o paradigma da incolumidade daquele homem por um bom tempo graças à sua determinação — e que ao ser por ela prejudicado por um momento não a censurou, nem foi louvado pela longa incolumidade — é o paradigma do sábio que se beneficia de seu saber por um bom tempo e que, ao ser prejudicado, as pessoas se encarregam de censurar e ridicularizar-lhe o saber”. Perguntou o amigo: “Qual a tua necessidade de procurares o melhor a fazer[114] se os astros te dão a resposta?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Obtenho de Deus força para o saber assim como força para a ação, e, tal como peço a ele a ação acertada, também lhe peço a opinião acertada. E meu pedido a Deus que me instrua é

como meu pedido a ele que me dê êxito. O homem deve esforçar-se como quem não confia em Deus, e confiar em Deus tal como quem não se esforça”. Perguntou o amigo: “E como reunir a confiança em Deus com o esforço, sendo ambos opostos?”. Respondeu o Mergulhador: “Porque a confiança em Deus está no saber e na fé, e a determinação está na ação e no esforço. E não será a confiança em Deus, a qual está no coração, que impedirá o esforço na ação”.

(11) capítulo da  
complementação da artimanha

Em seguida, o Mergulhador saiu em busca de um modo de entabular sua artimanha, e divisou um grupo de homens que, tendo saído para cuidar de algum mister, marchavam pelo caminho com armas resistentes; pôs-se então a mancar para levá-los a querer caçá-lo, e eles o seguiram enquanto ele avançava na frente deles para onde estava o búfalo, fugindo de modo tal que eles nem o alcançavam, nem se desanimavam de caçá-lo, até que se aproximou do búfalo e acelerou um pouco na direção dele, com as pessoas atrás de si, e lhe disse: “As pessoas vieram a ti armadas; ei-las ali, já puedes vê-las; trata-se de um grupo de homens a quem a viagem fatigou e a fome prejudicou, e os quais eu ouvi a dizer que tiveram notícias a teu respeito, e estão tão ansiosos por ti que não te darão oportunidade e logo te abaterão. Procura, pois, uma artimanha para salvar-te!”. O búfalo viu aquelas pessoas correndo em sua direção e, não titubeando em acreditar no Mergulhador, arremessou-se contra elas, que o combateram e debilitaram causando-lhe ferimentos; o búfalo enfim se desvencilhou e entrou numa floresta com água, vegetação espessa e lodo, e, como naquele lugar era-lhes impossível caçá-lo, foram-se embora. O búfalo caiu sem se mexer nem se levantar, e, quando seus ferimentos se esfriaram — com frio, coberto de barro e sem conseguir levantar-se —, ele estirou as patas traseiras e dianteiras. O Mergulhador foi até o leão e lhe disse: “Ó rei! Alcançaste teu intento e mataste o inimigo. Se quiseres, irás e o recolherás, e se quiseres envia comigo quem o traga para ti”. Então o rei enviou junto com ele alguns de seus soldados, e foram encontrar o búfalo exalando os últimos suspiros; abriram-lhe então o ventre, decapitaram-no e o arrastaram até o leão, que comeu de sua carne e a distribuiu entre os seus colaboradores.

(12) capítulo sobre  
como é a complementação  
da opinião

Depois o leão disse ao Mergulhador: “Urdiste uma boa artimanha e alcançaste o que não se alcança mediante a força. Revela-me como obtiveste tanto conhecimento”. Respondeu: “Obtive-o impelindo a totalidade de minha alma em direção ao conhecimento e fazendo-a devotar-se-lhe exclusivamente. É por isso que os mais débeis animais foram distinguidos com a artimanha, pois a alma, quando não nutre expectativas com [o uso da] força, devota-se à artimanha e, quando a alma se devota a alguma coisa, suas forças se concentram nessa coisa. As forças da alma em nada se concentram em que não se sobressaiam; é por isso que as mulheres passaram a deter mais artimanhas que os homens: por serem mais fracas que eles; e é por isso que os judeus passaram a deter mais artimanhas que os membros das outras religiões: por não possuírem reino no qual se apoiem, nem força para a qual direcionem suas preocupações e voltem seus pensamentos.

(13) capítulo sobre o emprego,  
por parte do rei, de cada  
um de seus colaboradores  
no lugar adequado

Após o triunfo, o Mergulhador esperou três dias, findos os quais foi até o leão e disse: “Ó rei! Vim me despedir, pois já alcancei aquilo que esperava, eliminando a preocupação de teu coração, e tapando a fenda que te prejudicava o reinado e os súditos. Não sou daqueles que só anelam o sossego[115] do coração, e, se acaso não tivesse avaliado que em minha alma havia conselho e capacidade para eliminar o que te ia pelo coração e tapar a fenda que se fendera a teus pés, buscando com isso meu próprio interesse mediante a busca do interesse dos súditos, não teria vindo ter contigo, e na vastidão de teu reinado haveria decerto o que me manteria ignorado por ti”. Disse-lhe o leão: “É-me imperioso empregar-te após o que se me evidenciou relativamente a teu proveito e conselho, caso contrário estarei na posição de quem encontra uma joia preciosa e a descarta, mesmo lhe conhecendo o valor. Antes de conhecer a tua capacidade, eu estava justificado em deixar-te de lado, mas agora já não terei justificativa alguma para isso”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ó rei! Minha alma não ama a liderança[116] nem anseia pelos sofrimentos da governança. A alma somente investe sua preocupação na medida de seu amor, e a influência [no poder] não se exerce senão com intensa preocupação”. Disse-lhe o leão: “Sem dúvida. A alma talvez tolere a preocupação devida ao terror mais do que tolera a preocupação devida ao amor. Tua alma se preocupa com o que exijo de ti por temor mais do que ela toleraria por amor”. Disse-lhe: “Ó rei! O temor é algo que incide de fora sobre a alma, ao passo que o amor, naturalmente, é uma qualidade da alma, e, sendo uma qualidade da alma, durará enquanto ela perdurar; porém, se for algo proveniente de fora, permanecerá muito pouco, ainda que o pavor às vezes cegue e idiotize o pensamento, tal como às vezes o agudiza e intensifica”. Disse-lhe o leão: “Eu te forçarei para que sejas depositário de minha confiança, e assim tua alma se desviará [desse parecer]”. [117] Disse o Mergulhador: “Ó rei! Tu podes forçar-me a trabalhar, mas não me podes obrigar a amar o trabalho. O que a obrigatoriedade extrai não é senão pouco e parco, ao passo que o muito e agradável se extrai daquilo que a natureza permite e a alma não condena. É esse o útil que não provoca fadiga”. Perguntou o leão: “E como alguém se afadiga com pouco enquanto outrem não se afadiga com muito?”. Respondeu: “Para quem age conforme a sua natureza, tal ação não lhe pesa, nem ele se sente prejudicado por ela, ao passo que quem age obrigado fatiga a alma e força a sua natureza, coagido por graves motivos e

com severas razões, e essas coisas são as que mais rapidamente se reverterem. Quem é por natureza inclinado a algo o faz pelo mais simples motivo, e quem é obrigado a algo o abandona pelo mais simples motivo, e os danos a que se expõe ao fazê-lo não são compensados por eventual remuneração que se lhe ofereça.[118] Acaso não vês que às vezes é a coragem que mata o leão, é a generosidade que esfomeia o galo e é o madrugar que leva o corvo à perdição, embora nada disso os desvie de sua natureza? Também vês que o cão sofre devido ao que faz por natureza, ficando acordado à noite, vigiando ao relento, desgastando-se sozinho e satisfazendo-se, a título de recompensa, com farelos e ossos, sem precisar de quem o incite ou o estimule a tanto, e se porventura se pagasse muito dinheiro ao homem para fazer a mesma coisa, ou para tanto ele fosse violentamente obrigado, ainda assim não conseguiria fazê-la, pois quem faz algo presente em sua natureza delicia-se com o fazê-lo, sendo a remuneração substituída pelo prazer que nisso encontra”. Disse-lhe o leão: “Temo que, aceitando o que dizes, eu esteja na mesma posição daquele que acredita nos próprios ouvidos e desacredita dos próprios olhos. Observei, de tua parte, sutileza no trato das questões, boa pontaria na *administração*, eficácia na opinião e conhecimento nas [diversas] situações, mas ouço de ti o que me deixa em dúvida. Não afastarei a certeza que tenho por causa da dúvida que me é exposta”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ó rei! A sutileza que em mim viste é mais no saber que no agir;[119] nem todo aquele que sabe age, e nem todo aquele que age suporta os delitos da ação; não tenho capacidade de agir senão quando me é imposto, e o agir por imposição pouco permanece e célere se desvanece. Certo sapiente já disse: O que se faz naturalmente é mais forte em seus finais, e o que se faz forçadamente é mais forte em seus inícios.[120] Para tanto aplicaram um paradigma dizendo: Quem faz algo por estar a ele naturalmente inclinado é como a cana-de-açúcar, a qual chupas a partir de cima e, tanto mais desces, quanto mais o gomo seguinte te é mais doce, indo assim até o final. Já o forçado a algo ao qual não está inclinado é como aquele que chupa a cana--de-açúcar a partir de baixo, e assim o gosto vai piorando gomo a gomo até chegar ao ponto que jamais conteve doçura”. [121] Disse-lhe o leão: “Tu me fizeste um favor e atingiste, a meu serviço, um nível ótimo. Não sou daqueles que se contentam em recompensar parcamente o que lhes foi ofertado, pois tenho amplas condições, não havendo justificativa para semelhante insuficiência. Tu

desdenhaste as dificuldades para realizar tua boa ação, até que a realizaste, e eu sou quem está em maiores condições de recompensar-te pelo que fizeste, não obstante sejas tu o oferente, e eu, o retribuente. Eu seria mais desculpável se acaso não houvesse feito a boa ação, e menos desculpável se acaso não te recompensar, pois oferecer uma boa ação é um presente bem considerado, e recompensá-la, uma obrigação que se impõe; quem não cumpre a obrigação é censurado. Não me imponhas a insuficiência e o reproche, pois se o fizeres ter-me-ás prejudicado, e se me prejudicares serás meu inimigo, e se fores meu inimigo não me censures por recusar tua desculpa”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ó rei! A recompensa fica bem quando redundante em benefício, e não quando redundante em prejuízo. E se algum homem pelo qual pretendes fazer algo de bom estiver doente, e dispuseres de bons alimentos, mas nocivos e mortais para doenças como a dele, alimentos esses que os outros consideram saborosos e que te custaram elevados preços, e em tuas despensas houver um remédio desprezível e barato, mas que traga a cura para tal homem, e tu o impedires de tomá-lo, obrigando-o a ingerir o alimento [caro] que o matará, nisso não haverá boa ação para ele, uma vez que a boa ação só ocorre quando há benefício, e o benefício ocorre conforme a necessidade e não conforme o alto valor e a raridade, pois o rubi vermelho, ainda que valioso e raro, é menos benéfico para o sedento do que a água de beber, ainda que gratuita. Se o rei deseja me recompensar por meu conselho e serviço, que me deixe como eu antes estava, de coração sossegado, pois uma única hora do soberano encanece o coração e o fígado. Somente quem não se satisfaz senão com muito é que suporta dificuldades, por enormes que sejam, para alcançar os objetivos. Quanto a mim, o pouco com sossego e tranquilidade é preferível ao muito com fadiga e medo. O prazer não se dá pela abundância, mas sim pela necessidade; assim, para o faminto um pão de farinha suja é melhor do que muita comida para o empanturrado”.

(14) capítulo sobre  
o benefício advindo do saber  
e das notícias dos reis;

é um capítulo que conclama os reis  
à pesquisa sobre a vida dos virtuosos  
dentre eles, e ao emprego de quem  
lhes investigue os benefícios disso  
e o exponha diante deles

Disse-lhe o rei: “Teu argumento já está aceito por mim. Entretanto, eu te imploro que me atendas no que necessito, e te peço de verdade, do fundo da alma, que arranjes um motivo para aceitar meu rogo; não busques teu benefício senão com o que me beneficia, pois os nobres, quando fazem algum bem, consideram isso uma dívida que contraíram e devem pagar, e não uma dívida a favor deles e cujo pagamento exigirão; tu já me fizeste um belo favor, e eu gostaria que o pagasses socorrendo-me em minha necessidade. Não te peço o que peço senão devido a meu intenso amor por ti, pretendendo que entre nós se mantenha a convivência e se estreite o relacionamento,[122] pois o inteligente confiável é como enxofre vermelho, do qual ouves falar mas não vês; assim, quem o encontrar deverá amalgamar-se à sua alma e unificar-se com seu espírito, e se acaso ele partir, a alma partirá junto com ele. Tu reuniste amplitude de alma e probidade na fisionomia;[123] com a amplitude de conhecimento se dão a opinião, a *administração* e o benefício, e com a probidade na fisionomia se dão a lealdade, a nobreza no compromisso e a conservação do afeto. Portanto, eu gostaria que tivesses a gentileza de pesquisar, em meio a meus interesses, algo de que pudesses tomar conta, e que faça perdurar minha felicidade e prolongar tua convivência comigo”. Disse o Mergulhador: “Ó rei! Se a questão for conforme descreves, então eu te indicarei algo que me causará prazer, ampliará enormemente teu benefício e não me prejudicará”. Perguntou o leão: “E o que é?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Faze-me ser o teu expositor das inteligências dos homens, bem como suas opiniões, saberes e notícias, e o pesquisador da nata do saber e da sabedoria.[124] Encarregar-me-ei dos incômodos da investigação sobre isso e tu colherás os benefícios daí advindos, tal como o mergulhador que invade as profundezas do mar alto a fim de extrair para o rei a pérola valiosa e a gema preciosa, as quais o rei recebe de graça. Já se disse: O ouro não é mais benéfico para quem o extrai do metal bruto onde se encontra do que para outrem que saiba obtê-lo e lhe dê boa utilização. Os reis tomavam sábios para si por saberem do valor e benefício do saber, e então os sábios poupam os reis das dores da investigação e da fadiga, ao passo que os reis poupam os sábios do peso de obterem o próprio sustento e de serem forçados a pedir, conquistando benefício sem pena, pois as inteligências dos reis estão ocupadas com um milhão de coisas, ao passo que as outras inteligências estão ocupadas com coisas mais simples; o tempo dos reis é ocupado, e o

dos outros, vazio; eles dilatam seu tempo por meio do tempo alheio, e reservam os momentos de ócio para mais algumas de suas ocupações”.[\[125\]](#) Disse o rei: “E em que me beneficiam as notícias sobre quem me precedeu? Ocuparei meu tempo com coisas que me aumentarão os encargos. Mais que me preocupar com o sucedido a outros, eu tenho é de trabalhar cuidando de minha situação e *administrando* meus misteres, pois quem se dedica ao que não lhe concerne se desvia do que lhe concerne”. Disse o Mergulhador: “Ó rei! As questões são semelhantes umas às outras, e não existe um único saber a respeito do qual não se tenham elaborado livros. Aos sábios chegam, a respeito dos saberes, coisas que não constam das obras escritas, e o conhecimento prévio deles os auxilia a extrair dessas obras o que elas não contêm. Os sábios já disseram: Todas as coisas necessitam de inteligência, e a inteligência necessita de experiências. E disseram: Acorre aos saberes dos dotados de experiências, as quais lhes custaram caro, mas que para ti serão gratuitas. As questões têm formas diversas e semelhanças, e se tiram conclusões de umas com base nas outras. Às vezes sucede ao homem algo que não experimentara, mas o que ele já experimentou será um guia para si; contudo, o homem não pode viver mil anos para experimentar [de tudo], mas pode, isto sim, ler as notícias das pessoas que viveram há milhares de anos, e então será como se tivesse vivido com elas e lhes experimentado as experiências. Assim como ao grão enterrado na terra não basta seu próprio alimento para brotar e vingar, necessitando da água que o cria e desenvolve, ou como a vista sábia que não dispensa, a despeito de sua sanidade, a luz que lhe dá alcance, tampouco a sã inteligência se basta a si mesma, necessitando que lhe advenham experiências que a completarão e aperfeiçoarão”. Perguntou o rei: “Agora já entendi o benefício que as crônicas passadas trazem ao rei; mas qual é o benefício trazido pelo saber?”. Respondeu o Mergulhador: “Ó rei! Tudo quanto é valorizado se deseja,[\[126\]](#) e só se deseja por um dos seguintes motivos: ou por algum motivo que remonte à própria coisa, tal como o homem notável,[\[127\]](#) o qual se deseja por si mesmo, por sua dignidade e importância, e não por outra coisa que não ele mesmo; ou então se deseja em razão de algo que não é ele mesmo, tal como o dinheiro, o qual se deseja não em razão de si mesmo, mas sim para que se satisfaçam necessidades por meio dele. E o saber — que reúne essas duas características — deseja-se em razão de ambos, pois com a dignidade que lhe é própria acarreta benefício para o que não é ele

mesmo. Todas as pessoas se beneficiam com o saber e a sabedoria, e são os reis os que mais se beneficiam com o saber, pois, se acaso estiver em outro que não o rei, o benefício dele proveniente não o suplantarão, e, se acaso estiver no rei, beneficiar-se-ão o próprio rei, toda a gente do reino e os súditos. Os mais necessitados de saber são os mais necessitados de *administração* e avaliação. Toda *administração* sem saber é frágil, e toda avaliação sem palavra é corrupta. Por isso se disse: Quando Deus quer o bem de algum povo, deposita o saber em seus reis ou o reino em seus sábios. As pessoas mais capazes de deter o saber são aquelas para quem o conhecimento é mais fácil, [128] e as mais conhecedoras das *administrações* são as de mais amplas artimanhas, e as de mais amplas artimanhas são as que mais têm direito ao triunfo. Toda ação ou obra ou profissão adentra especificamente uma das partes da pessoa, corrigindo-a e polindo-a, tal como o andar, que fortalece as pernas para o movimento, e a palavra, que solta a língua e auxilia na eloquência. Cada membro utilizado se solta, mas, se o desprezam, é atingido pela atrofia em decorrência disso. O saber fortalece a parte analógica que distingue as coisas, treinando-a, adestrando-a e polindo-a, efetuando-se com essa parte a opinião, a *administração*, o discernimento e a avaliação”. Perguntou o leão: “É isso o que desejam os sábios com seus saberes?”. Respondeu [o Mergulhador]: “Não, ó rei! O dotado de saber não objetiva, com o saber, nenhuma espécie de benefício, mas sim o saber em si mesmo, e somente depois vêm os benefícios, tal como o manipulador de essências aromáticas, que não busca aspirar-lhes o aroma nem se perfumar com elas, mas sim ganho e salário; depois, contudo, ele não estará errado em impregnar-se e deleitar-se com tal aroma”.

O rei aceitou suas palavras e compreendeu-lhe o discurso, e o Mergulhador pôs-se a frequentá-lo nos momentos de desocupação e entretenimento, e nas horas de suas atividades, dando-lhe do saber as novidades peregrinas, e das crônicas as joias, e dos antigos relatos os melhores, bem como os estratagemas dos reis e suas políticas, a agudez de suas opiniões e a sutileza de seus objetivos, até que o deleite do leão com ele aumentou, levando-o a negligenciar muitos de seus colaboradores. Alguns íntimos do rei passaram a invejar o Mergulhador, e combinaram urdir-lhe uma armadilha.

(15) capítulo sobre as  
artimanhas dos colaboradores  
dos reis uns contra os outros,  
e do qual consta uma conclamação  
aos reis para que se assegurem do que  
lhes é transmitido a respeito dos  
seus colaboradores e o constante  
exame deles, e os prejuízos decorrentes  
das coisas que se maquinam contra eles;  
este capítulo contém as coisas mais  
drásticas utilizadas pelos inimigos  
no ataque aos reis

Os sábios já disseram: Ninguém corrompe mais os governos[129] que os caluniadores, pois, quando eles caluniam os colaboradores do rei diante dele, corrompem-no contra eles, e, quando o corrompem contra seus colaboradores, estes se corrompem, e com a corrupção deles se dá a corrupção do reino. Disse outro: Se acaso teu inimigo te fatiga e não podes com ele, fraudá-lo em seu círculo íntimo, pois aniquilação sem igual é a que provém desse círculo.

Disse [o narrador]:[130] Certo dia, os inimigos do Mergulhador reuniram-se para discutir sobre as armadilhas contra ele. Disse um deles: “Como atingi-lo, se ele não é daqueles que possuem encargos em razão dos quais possa ser acusado?”. Disse outro: “Os reis punem e se encolerizam por quatro coisas: divulgação de segredos, difamação do governo, corrupção das mulheres e desvio de dinheiro. Vede em qual destas situações é mais possível torná-lo suspeito e elaborai uma artimanha que faça o rei suspeitar dele”. Disse outro: “É possível que o rei suspeite dele em qualquer coisa. Não vos iludais com o que vedes de boa posição por ele desfrutada ante o rei, pois a suspeita de um poderoso é para ele certeza, e o colaborador do rei é como a flecha enfeitada no centro do arco: tanto mais esteja inclinado por ela e próximo dela, quanto mais forte a dispara e afasta. Apesar da constante presença do Mergulhador junto ao rei,[131] faz parte da natureza das pessoas o açambarcar aquilo que conquistaram mediante esforço,[132] e o desprezar o que é fácil de conseguir, que não dá trabalho e que lhes mantém seguras as portas de casa. Acaso o cão — que lhes é o mais útil animal por sua vigilância, e o mais fiel e o mais cuidadoso com as coisas — não os assusta,[133] apesar do pouco trabalho que dá? Acaso não lhes apetece adquirir feras e animais selvagens, ainda que eles contenham o que lhes é hostil? Sede habilidosos com isso, portanto, pois o fraco pode atingir com o emprego da artimanha o que o forte não atinge com o emprego da força; um garoto pode escavar uma cova[134] para o leão e nela derrubá-lo, e montar-lhe arapuca e laço com os quais o captura. A superioridade da inteligência está na precisão da artimanha, e sabeis que, caso se leve ao rei algo [contra o Mergulhador] que ele não possa confirmar, mesmo que não o aceite afetar-lhe-á o ânimo e, caso se leve segunda vez algo análogo ou semelhante, igual será seu efeito; assim, caso se perseverar em tal proceder, atingir-se-á a meta ou até mesmo mais, pois os sábios já disseram: A água afeta a rocha dura caso pingue continuamente

sobre ela, assim como o discurso afeta os corações caso o ouçam continuamente. A questão não é mais nem menos que bimbalar nos ouvidos do rei algo que o deixe desconfiado, repetindo-o depois várias vezes, e então ele se habituará, considerará possível e se familiarizará com o que antes o irritava. Porventura não vedes que o rapaz admirado por sua beleza, prudente e inteligente, quando se lhe repetem os pedidos que geralmente se fazem a garotos assim,[135] seus ouvidos acabam se acostumando e sua alma acaba se acomodando a tal, e então ele acede ao que se deseja dele sem outra explicação que não o excessivo repicar do pedido em seus ouvidos e o fato de sua alma se familiarizar com ele? E o velho que está longe do tempo em que se ouvem essas coisas ou se pensa nelas, ainda que já as tenha praticado na juventude, irritar-se-á com semelhante pedido caso lhe seja feito, não havendo outra explicação para sua recusa que não o fato de estar longe do tempo em que isso se menciona e de seu desábito de ouvir coisas iguais. Mas, se acaso lhe fosse repetido até que se habituasse, ele acederia tal como acede o garoto. Vedes, nos países onde se pede aos homens o mesmo que se pede aos rapazes, como aqueles acedem ao que se lhes pede. Vereis ainda que a recusa dos rapazes nos países onde não se lhes pedem tais coisas é como a recusa dos homens. E a anuência dos homens nos países onde isso se lhes pede é como a anuência dos rapazes. Vós vedes como as almas desconfiam daquilo a que não estão habituadas, ainda que seja admirável, e não suspeitam daquilo a que estão habituadas, ainda que seja insólito.[136] Basta que se repique nos ouvidos do rei algo que, em suas conjecturas, provoque preocupação com o Mergulhador e gire por seus pensamentos, mesmo que ele não acredite, e se facilitará o que era dificultoso. A artimanha deve provocar as suspeitas do rei nas quatro supracitadas coisas em relação às quais os reis punem; se acaso o rei refutar a primeira, levado pelo prestígio e pela credibilidade que o Mergulhador desfruta diante de si, ainda assim algum efeito a segunda terá sobre ele, e então a terceira, e logo depois a quarta”. Perguntaram: “E como poderemos conseguir isso?”. Respondeu: “Quanto à divulgação de segredos, como nós constituímos um grupo, avante! Pesquisemos algum segredo do rei que todos desconheçam, com exceção do Mergulhador, e que cada um de nós lhe cogite uma versão — pois, inevitavelmente, pelo menos uma dessas versões será verdadeira — e a divulgue.[137] Já se disse: O acúmulo de conjecturas acerca de algo acaba revelando-o.[138] Quando o

rei vir a denúncia de seu segredo, segredo esse que ele não dera a conhecer senão ao Mergulhador, acusá-lo-á. Quanto à corrupção das mulheres, devemos elaborar para tanto uma artimanha tal como a elaborada pela esposa do medinense[139] contra o iraquiano”. Perguntaram-lhe: “E como foi isso?”. Ele respondeu:

os sinceros amigos e a mulher ciumenta

Havia dois homens que nutriam mutuamente sincero amor e pura amizade, ambos letrados e poetas; um deles era de Medina, e o outro, do Iraque. O medinense viajava com o iraquiano e se hospedava no Iraque com o amigo por um ano, e o iraquiano viajava com o medinense e se hospedava em Medina com o amigo por um ano. A amizade com o iraquiano se tornou difícil de suportar para a esposa do medinense devido às longas viagens que o marido fazia com ele, e por isso ela adotou o seguinte alvitre: fez o irmão tratar com generosidade o iraquiano, mostrar-se afável com ele e dar-lhe, continuamente, presentes e dádivas para conquistar-lhe o afeto, até que o iraquiano ficou encabulado com tanto agrado. Quando já se familiarizara com o irmão da mulher, e passara a confiar nele, supondo que lhe tinha afeto puro e sincero, o iraquiano começou a ouvir queixas do rapaz, que lhe dizia estar apaixonado por uma mulher, encontrando-se consumido por tal amor e debilitado por tal sentimento; pediu-lhe então que lhe escrevesse uma carta para ela falando-lhe de seu amor e descrevendo-lhe a intensidade de seu desejo e a enormidade de seu sentimento. O iraquiano atendeu-o: escreveu alguns versos, acrescentou um discurso de sua própria lavra, colocou tudo na carta e entregou-a ao irmão da esposa do medinense, que por sua vez a entregou à irmã, a qual, vendo-se de posse da carta, esperou que o marido fosse ter com ela e colou o rosto ao dele, afetando estar preocupada; o homem lhe perguntou o que tinha, mas, como ela não o informasse, ele se pôs a pedir-lhe juras, insistindo para que o informasse, e só então a mulher disse: “Chegou-me esta carta de teu amigo, mas desgostou-me afligir-te levando-te a pensar mal dele. Percebi então que, se acaso eu te tornasse ciente a respeito desta carta, deixar-te-ia preocupado contigo mesmo e com teu amigo, e que, se acaso eu a escondesse ti, ter-te-ia traído. Meu mal-estar deve-se a essas duas coisas no meio das quais cá”. Ao ser informado sobre a carta, e nela ver a letra, a poesia e o discurso do amigo, o medinense não duvidou da veracidade da mulher, e foi esse o motivo do rompimento entre ambos e a partida do iraquiano para sua terra.

[Prosseguiu:] “Fulana é a favorita do rei e a pessoa de seu maior amor, mas ele se acha tão ocupado com o Mergulhador que ela anda irritada. Escrevamos uma carta com denúncias contra o Mergulhador e encontremos um jeito de deixá-la na frente dela; quando vir essa carta, a mulher, desejosa

que está de descobrir alguma acusação contra ele, entregá-la-á ao rei, e por meio dela se corromperá a situação do Mergulhador. Quanto à difamação do governo, escrevamos uma carta como se fosse de fulano, o inimigo do rei, e coloquemo-la no meio das mercadorias de algum dos mercadores; enviemos alguém que o denuncie ao rei, o qual mandará prender tal mercador e encontrará a carta no meio de suas mercadorias. Então vereis o que o rei fará com ele”. Disse um deles: “Se estiverdes mesmo determinados, obrai bem refletidamente quanto à artimanha, pois às vezes ela pode ser o motivo da morte de quem a elabora, tal como sucedeu a ¢Abdullâh Bin AbΣ Burda”.[\[140\]](#) Perguntaram-lhe: “E o que aconteceu a ele?”. Respondeu:

o carcereiro corrupto

Conta-se que o carcereiro de Yæsuf Bin ÇUmar,[\[141\]](#) governador do Iraque, ia levar-lhe o nome dos prisioneiros mortos, e então ÇAbdullâh, que estava preso, disse-lhe: “Toma lá esses dez mil *dirhams* e inclui meu nome no meio dos mortos, pois assim quiçá eu saia junto”, e então o carcereiro incluiu o seu nome entre os outros e o levou ao governador Yæsuf Bin ÇUmar, que lhe disse: “Traz-o para mim!”. Temeroso de levar-lhe o homem vivo, o carcereiro voltou, colocou uma almofada no rosto de ÇAbdullâh até sufocá-lo e o levou ao governador.

[Proseguiu:] “Só vos contei este paradigma para que saibais que às vezes o homem é morto por sua própria artimanha. Obrai, pois, com reflexão naquilo que estais determinados a fazer”.

A primeira coisa que fizeram foi escrever uma carta, enfiando-a num canudo,[\[142\]](#) em nome do Mergulhador para a favorita do rei, na qual lhe dizia que o amor por ela o estava consumindo e matando, e que as carências em que vivia, comendo pouco, vestindo-se mal e evitando as pessoas não se deviam ao ascetismo, mas sim ao amor por ela, e que se tal amor aumentasse ele sairia vagando ao léu por desertos e regiões inóspitas. Atiraram a carta no lugar onde vivia e dormia a favorita, que a encontrou e levou ao rei, o qual considerou aquilo uma enormidade e, incrédulo, disse: “Conheço o Mergulhador, cujos modos não são estes. É possível que algum inimigo lhe tenha inveja. É também possível que a esta mulher seja difícil suportar o prestígio dele, pois as mulheres são a origem de toda desgraça”. Embora mantido em sigilo pelo rei, aquilo começou a agitar-lhe a mente.

Havia entre os colaboradores do rei um tigre a quem ele nomeara governador de certa cidade, e o qual, após uma demonstração de desobediência, o rei pretendia destituir, mas, temeroso de que ele manifestasse abertamente sua insubordinação e lhe opusesse resistência, consultou a respeito o Mergulhador, sem mais ninguém entre ambos.[\[143\]](#) O rei perguntou: “Qual teu parecer sobre o tigre? Eu gostaria de demiti-lo do trabalho devido aos temores que nutro a seu respeito”. Respondeu o Mergulhador: “Ele já está acuado, e, se acaso o destituíres, irás levá-lo à rebeldia declarada e ao total abandono da obediência. Os reis, quando pretendiam surpreender alguém numa armadilha, forcejavam por apagar nele qualquer forma de prevenção, cumulando-o de bons tratamentos e

honorarias a fim de que se sentisse à vontade. Os primevos já diziam: A derrubada do descuidado não se remedeia.[144] E tu és mais capaz de derrotar um inimigo poderoso que esteja descuidado que um inimigo fraco que esteja vigilante. Mas eu elaborarei para ti uma artimanha com essa finalidade”. E o Mergulhador enviou a seguinte mensagem a um lobo que era colaborador do rei: “Se acaso eu te indicar um modo de ganhar muitíssimo dinheiro e um cargo de governança[145] que nunca te passou pela cabeça, tu me darias uma parte do que receberes?”. Como o lobo respondesse positivamente, o Mergulhador disse a ele: “Examinei a opinião do rei e vi que ninguém lhe é mais caro que fulano, o tigre, o qual, mesmo que peça ao rei as coisas que lhe são mais valiosas, e as coisas das quais os reis considerariam penoso abrir mão, ele consideraria fácil atendê-lo, deliciando-se e não hesitando em satisfazê-lo. Vai, portanto, até o tigre e pede-lhe que escreva ao rei uma carta a teu respeito solicitando-lhe que te encarregue da região tal, e eu garantirei a anuência dele. Porém, promete-me que terei metade do que ganhares”. Com essa última frase, ele pretendeu que o lobo não lhe percebesse o objetivo, e avaliasse que sua pretensão era beneficiar-se do que ele recebesse. O lobo prometeu que faria aquilo e se encaminhou até o tigre a fim de pedir-lhe o que sugerira o Mergulhador, enquanto este dava a conhecer ao leão como fora sua *administração* dizendo: “Fiz isso e aquilo a fim de que o tigre se sinta à vontade e avalie que o lobo não foi ter consigo senão por estar certo de tua boa opinião sobre ele. Fiz o lobo imaginar que só pretendi isso para repartir o que ele ganhar a fim de manter oculto meu objetivo. Começa tu agora, ó rei, a enaltecer e decantar o tigre, apregoando entre os súditos do reino tua boa opinião sobre ele a fim de que a notícia lhe chegue. Escreve-lhe uma carta aumentando-lhe as honorarias e reverências, e descrevendo-lhe tua confiança nele. Quando te chegar a carta dele, envia vestes honoríficas para o tigre e outras para o lobo, e envia a nomeação do lobo para essa região, junto com as vestes honoríficas. Quando o lobo se tiver estabelecido em sua atividade — e sendo aquele local uma região limítrofe na qual imperiosamente se travam batalhas —, envia ao tigre uma ordem para que fortifique as posições do lobo com os membros mais fortes de seu exército, encaminhando soldados e mais soldados e ordenando que exércitos sejam equipados e enviados para as fronteiras, e tu lhe prometerás que tudo quanto conquistar será dele. Quando o tigre se vir sem soldados, estará à tua mercê”.

Nesse ínterim, o lobo se dirigiu para onde estava o tigre, e quando chegou atirou-se diante dele e lhe pediu aquilo em virtude de que viera, dando-lhe a conhecer o que se lhe afigurara das notícias acerca das boas opiniões que o leão nutria a seu respeito. Em seguida, começaram a correr mais notícias divulgadas pelo leão, em que enaltecia e decantava o tigre. A isso se sucedeu a carta do rei reverenciando-o e dignificando-o, e então sua alma se tranquilizou e ele disse: “Emendarei isso com uma carta ao rei a respeito desse lobo que me procurou e lhe pedirei o que ele me pediu”. Assim, o tigre escreveu ao leão fazendo-lhe o pedido do lobo, e o leão enviou-lhe vestes honoríficas para o lobo e sua nomeação para a região. [\[146\]](#)

Então, os inimigos do Mergulhador reuniram-se certa noite e um deles disse a outro: “Que pensais sobre a anuência do leão ao pedido do tigre, nomeando o lobo para uma importante região, e o bom tratamento dispensado ao inimigo, não obstante o que este demonstrou? Nós sabemos que o leão não fez o que fez senão após consultar o Mergulhador e confiar-lhe seu segredo. Não imagino senão ser alguma coisa ruim que ele pretende com isso”. Respondeu-lhe o companheiro: “Os reis talvez perdoem um grande delito a fim de que, por meio desse perdão, aquele que o cometeu considere isso uma graça enorme e tema repeti-lo; eles procuram também extrair a mais estrita fidelidade do perdoado, que envidará todos os esforços para obedecer-lhes ao ver que a seu delito se sucede tão enorme graça. [\[147\]](#) A generosidade é às vezes mais mortal que a espada. E os reis às vezes matam como punição por um pequeno delito a fim de que ninguém mais se atreva a cometê-lo”. Disse outro: “Em suma, o rei não teria oferecido benesses ao tigre, sendo ele seu inimigo, senão em duas situações: ou para extrair suavemente o que lhe vai pelo coração e obter a sua fidelidade, ou por se tratar de armadilha para que ele deixe de lado a cautela, quando então aparecerão seus pontos fracos. De qualquer modo, sai tu dizendo que um informante veraz te informou que o rei, com o que fez, somente pretendeu fazer o bem ao tigre e apaziguá-lo, enquanto eu sairei dizendo que o rei não pretendeu com o que fez senão uma armadilha contra o tigre. Imperiosamente, um desses dois sentidos estará correto”.

E foi o que ambos fizeram. A notícia chegou ao leão, recrudescendo-lhe as suspeitas em relação ao Mergulhador; disse: “Não conhecemos meu segredo senão eu e ele. Quanto a mim, estou certo de que nada revelei a

ninguém. Não considero senão que isso tenha ocorrido da parte dele”. Essa suspeita se somou ao que já havia sucedido, e, embora ele não pretendesse apressar-se em nada sem antes investigar, passou a ser mais cauteloso com o Mergulhador, menos expansivo e mais cioso de seus segredos para com ele. Tal mudança transpareceu nos olhares e feições do rei, e em seu dirigir o rosto para outros. Ao notar aquilo e observar a mudança em suas feições e no movimento de seu olhar, o Mergulhador pensou a respeito e disse: “Talvez isso se deva à sua intensa confiança em mim, pois os sábios já disseram: Se porventura servires a um líder, não te entregues de modo algum à confiança dele em ti e às honrarias que te presta, pois talvez ele se abstenha delas em virtude da própria confiança que adquiriste em sua opinião.<sup>[148]</sup> Não te incomodes absolutamente com o fato de o rei aproximar quem está abaixo de ti e dar-lhe ainda mais; mantém-te cumprindo as condições do bem servir e da aplicação de esforços em bem aconselhar, pois as almas débeis às vezes migram da retração no bem servir para a procura de falhas e a comparação entre seus próprios esforços e os esforços de quem está aquém delas, e isso se deve somente à sua pouca paciência e parca coragem. Disse outro: Se acaso confiares nas intenções do soberano no que se refere às tuas relações com ele, não desconfies, quando com ele te entrevistares, de um eventual desdém cujo motivo desconheces, pois, em seus encargos, o soberano vivencia situações cujas fadigas enfrenta sozinho, e que se impõem a seu coração, entregando-se assim à suspeita, que incomoda o acompanhado e é funesta para o acompanhante. Fica sabendo que tuas suspeitas corrompem-te o coração contra ele, o que se lhe patenteará por teus olhares, visadas, feições e movimentos. Quando isso transparecer em ti, não lhe passará despercebido, e, em não lhe passando despercebido, as suspeitas quanto à tua situação te denunciarão; não há como conviver com o soberano e desconfiar dele,<sup>[149]</sup> pois, se isso corrompe até a convivência dos amigos cuja amizade mútua é a mais pura, que dizer então da relação com os reis onipotentes? Portanto, pensa dele o melhor que puderes”. O Mergulhador disse também: “Se fores melhor conselheiro para o rei do que um grupo cuja remuneração equivale à tua, de modo algum consideres isso excessivo, pois recebes o que te foi permitido por tua opinião, ao passo que eles recebem o que lhes é prodigalizado pela paixão, que não perdura, pois logo se evidencia como tal”. E disse ainda: “Aquele que tem a virtude na própria natureza considerará sua faina a

serviço dos reis mais importante que o prestígio diante deles e o aumento da remuneração por parte deles; aquele que não tem a virtude na própria natureza maldiz sua condição considerando-a insuficiente se comparada à do alheio e, exagerando a importância dos próprios esforços, vai gradualmente atribuindo ignorância ao rei até caluniá-lo num nível que supera o que fez por ele. Alguém disse: Não obrigues tua alma a saber aquilo que não é útil saber nem nocivo ignorar a respeito das notícias do soberano, pois, se ele souber que lhe perquires os segredos, trancará as portas para quem lhe dá conselhos a teu favor, e em seguida recusará esclarecimentos e revisões, e aceitará as suspeitas e acusações feitas por teu inimigo. Outro disse: Acautela-te para que os soberanos não saibam que os caluniaste devido à escolha de auxiliares, malgrado eles tenham errado em tal escolha, ou que devotas lealdade a quem eles demitiram, malgrado existam relações entre ti e tais demitidos; como a primeira situação os impele contra ti, e a segunda os faz repelir-te, permanece a meio-termo em ambas, limitando-te, quanto aos defeitos dos escolhidos, a evitar elogiá-los diante dos soberanos, e, quanto a teu envolvimento com os demitidos, a ser sutil para tentares reaproximá-los dos soberanos. Disse outro: Não fiques de modo algum perplexo com o fato de o rei aproximar os perversos, pois isso somente se dá devido à necessidade que tem deles, tal como é obrigado a usar os serviços do alfageme e do faxineiro quando o sangue se engrossa e a latrina se enche, mas, mal o problema se resolve, despreza quem os aproximou dele, recolocando-o no lugar devido. O dotado de virtude está próximo do coração do soberano tanto na hora em que é desnecessário como na hora em que é necessário. A subida de posições diante dos reis não se obtém com pedidos, mas sim com competência. O resoluto deve cuidar de sua posição para que perdue tal como a conquistou em seu início, assim como a videira, que precisa de cuidados em sua madureza na mesma medida em que precisou de cuidados quando foi plantada, e quem a plantou não deve fiar-se no que fez antes por ela, pois o abandonar os cuidados [com aquilo de que se cuidou] é a maior causa [de seu fenecimento].[\[150\]](#) Disse certo sábio sapiente: Culpa-se o colaborador do soberano que não procura renovar os próprios prestígio e posição senão carreando para si mesmo medo e prisão; saiba-se que a queda é na proporção da subida, e que, na mesma proporção em que a benesse vem, ela se esvai,[\[151\]](#) e que as diferenças entre os colaboradores do rei estão na mesma posição de gentes

que subiam a um local difícil: quando chegaram ao topo, seus pés escorregaram para o fundo, e então quem mais havia subido estava mais próximo de morrer, e quem menos subiu, mais próximo de escapar.”[152]

Os inimigos do Mergulhador, vendo a retração do rei para com ele, cobiçaram sua destruição, e suas almas se fortaleceram para emboscá-lo. Acharam então um mercador a cujo criado subornaram para que lhes revelasse tudo quanto esse mercador trouxera de dinheiro e mercadorias, e em seguida escreveram uma carta — atribuída ao tigre e endereçada ao Mergulhador — na qual diziam o seguinte: “O lobo já me trouxe o que me mandaste e me contou as coisas de que o encarregaste, as quais não confio colocar por escrito; compreendi e fixei tudo, e gostaria de terminar logo, pois o homem tem escolha nas questões até antes de iniciá-las, mas quando as inicia é-lhe necessário concluí-las. E, como por ti farei mais do que contigo eu acertara, cumpre logo o que comigo tu acertaras. Envio-te tanto de dinheiro e tanto de roupas”. Após listarem tudo quanto havia de mercadorias e dinheiro com o mercador, deram a carta ao criado e lhe pediram que a pusesse numa das montarias de seu patrão, e ele assim procedeu. Então enviaram ao rei alguém que fez denúncias contra o mercador dizendo: “Ele está transportando dinheiro e carta para teus colaboradores a fim de instigá-los contra ti”, sem mencionar o Mergulhador, para que ficassem mais resguardados seus propósitos e menos discerníveis suas maquinações. O leão ordenou a prisão do mercador e lhe pediu que confessasse, mas ele não confessou por nada saber da artimanha feita contra si; suas mercadorias foram então apreendidas e se encontrou a carta na qual se listava tudo quanto o mercador trazia consigo. Ao tomar conhecimento da carta, o leão ficou espantado e perplexo, e resolveu matar o Mergulhador, pondo-se a pensar o seguinte: “De sua vastidão de conhecimentos e longo alcance de considerações eu conheço o que faz isso parecer ação dele, e de sua lealdade, pureza de caráter e fé eu sei o que faz minha alma afastar isso dele. Porém, esta é uma [denúncia] que foi precedida por irmãs que a confirmam e paradigmas que testemunham a seu favor. Estou sendo empurrado a duas situações, das quais nenhuma trará sorte ou fará alcançar algo: ou o mato, e terei então pago com o mal as muitas boas ações que fez por mim, ou o perdoo e então não demora e algum outro comete uma enormidade, pois aí ninguém temerá punição por má ação. Do Mergulhador, transpareceram para mim três coisas que fazem

os reis matarem pela simples suspeita em uma delas. E se o dano que se teme que ele vai cometer fosse o que ele já deixou transparecer de si, meu saber já teria afastado de mim seus ardis prevenindo-me contra ele; seja como for, isso pode corromper todos os moradores do reino e os estimular à prática de más ações”. [153]

E sua alma começou a considerar seriamente o matá-lo. Entre os colaboradores do leão havia um homem[154] que era amigo da verdade, não se intrometia no que não lhe dizia respeito, não era maçante a despeito de seu amor pelo prostrar nem fora levado à alienação[155] pelo excessivo isolamento, e junto do qual o leão se sentia tranquilo para relatar seus misteres, com ele desabafando alguns segredos. Como houvesse conhecimento entre esse homem e o Mergulhador, o leão o convocou em sigilo, comunicou-lhe o que trazia no peito e lhe confidenciou e segredou até que ponto chegara, consultando-o a respeito; o homem disse: “Ó rei! O primeiro a adotar a prisão era sábio. O imprevisto causa tamanha perplexidade que impede o bom julgamento. Os reis suspeitavam do julgamento [ditado] pela cólera e da opinião [ditada] pelo imprevisto, apoiando-se contra ambas no uso da delonga, pois a [sucessão] da noite e do dia desmascara os segredos. Certo sapiente disse: A cólera semelha o cavalo veloz[156] cuja velocidade se supõe ser devida ao cavalgador, que no entanto está em cima dele. Quem tem mais direito de exercer constantemente a punição é mais capaz de punir quando deseja.[157] Não existe mão que esteja sobre a tua e que te impeça de fazeres depois o que ora pretendes. Estar corroborado pela clarividência é melhor que proceder à ação com dúvida. Aquilo que queres hoje podes conseguir amanhã, a salvo das confusões de opinião quando se julga sem reflexão e se tomam decisões [ditadas] pela surpresa.[158] Os sapientes já disseram: Tu és mais capaz de não fazer o que irás fazer do que reverter o que já fizeste”. [159] O rei pensou de si para si e disse: “Por vida minha que o mais adequado é prendê-lo e me safar dele, de tal modo que seu mal e suas temíveis maquinações se afastem de mim, e depois determinarei investigações sobre o caso”. E ordenou que o Mergulhador fosse preso. [...][160] Mas, como as investigações nada revelassem sobre ele nem confirmassem o que motivara as suspeitas e a cólera do rei contra ele, seus inimigos se reuniram e um deles disse aos outros: “Eia!, vamos afetar perante o rei que pretendemos estabelecer a concórdia entre ambos a fim de que isso esconda melhor as

nossas pretensões a seu respeito, e faça parecerem mais justos o nosso testemunho e a nossa fala sobre ele, afastando as suspeitas de nós em seu caso. O resoluto deve afetar, sobre si próprio, o oposto do que lhe vai pela alma, a fim de melhor ocultar o seu objetivo, tal como fez uma pessoa sagaz quando quis salvar um homem das mãos de certo príncipe”. Perguntaram-lhe: “E como foi isso?”. Respondeu:

o príncipe que odiava beduínos

Conta-se que certo príncipe odiava os beduínos e lhes tinha rancor, deliciando-se em matá-los e torturá-los. Então, um homem foi preso por causa de um delito e posto diante desse príncipe a fim de que se lhe estabelecesse sanção. Um dos comensais desse príncipe, que tinha interesse naquele homem, disse-lhe: “Ó príncipe! Esse homem deve ser morto e não espancado!”. O príncipe perguntou: “E por que isso?”. Respondeu o comensal: “Ele matou muitos beduínos!”. O príncipe então se voltou para seu chefe de polícia e lhe disse: “Solta o homem!”.

[Prosseguiu o inimigo do Mergulhador:] “Só vos contei esta história para que afeteis o contrário do que vos vai pelo peito, a fim de melhor afastardes as suspeitas”. Disse outro deles: “Eu conheço uma notícia que se assemelha a essa no sentido”. Perguntaram-lhe: “Qual é ela?”. Respondeu:

o endividado e as testemunhas

Conta-se que um homem tinha dívidas atestadas por testemunhas para as quais seu credor pediu que fossem com ele no dia seguinte testemunhar diante do juiz. O devedor foi a um seu amigo, comunicou-lhe sua situação e se queixou da pobreza e da miséria. O amigo lhe disse: “Eu te livrarei dele”, e na manhã do dia seguinte, quando o devedor foi à casa do juiz, encontrou aquele amigo no meio das testemunhas do credor, as quais testemunhariam contra si; pensou: “A Deus pertencemos e a ele retornaremos! Confessei-lhe o que devia e revelei-lhe meu segredo, multiplicando meu próprio prejuízo!”. Quando o juiz saiu e viu aquele grupo aglomerado, perguntou: “Quem são esses?”. Foi-lhe respondido: “Testemunhas que testemunharão a favor de fulano”. Ao ver o amigo do devedor entre eles, o juiz ordenou que não fossem levados em consideração e os expulsou, sem aceitar o testemunho de nenhum deles. Então o devedor foi até o amigo e lhe perguntou: “Fizeste a artimanha com quê?”. Ele respondeu: “Como o juiz me conhece por falso testemunho, postei-me no meio das testemunhas do teu adversário e ele suspeitou delas ao me ver no grupo”.

[Prosseguiu o segundo inimigo do Mergulhador:] “E ele, ao afetar algo diverso do que lhe ia pela alma, afastou de si a suspeita em razão desse ato, e o juiz supôs que o cerne de uma questão é como sua aparência”.

Disse outro inimigo do Mergulhador: “Amrø Ibn Alçåß também fez a mesma coisa”. Perguntaram: “E como foi isso?”. Respondeu:



astúcia para evitar um casamento

Conta-se que Al-ajjāj pediu em casamento a filha de ʕAbdullāh Ibn Jaʕfar, e este, temeroso, aquiesceu, mas escreveu se queixando a ǧālid Ibn Yazīd, o qual esperou até o anoitecer e foi até o califa ʕAbdulmalik Ibn Marwān, pediu para ser recebido e foi atendido. Quando entrou, ʕAbdulmalik indagou-o: “O que te trouxe a esta hora?”. Ele respondeu: “Um assunto que eu temo apresse minha morte para antes do amanhecer!”. Perguntou: “E qual é esse assunto?”. Respondeu: “Tu já sabes, comandante dos crentes, da inimizade que existe entre o clã de ʕarb e o clã de Zubayr; casei-me com uma mulher do clã deles e, por Deus!, hoje não existem sobre a face da Terra pessoas a quem eu ame mais, por meu amor à irmã deles. Mas Al-ajjāj, não obstante lhes faça escorrer o sangue, está disposto a casar-se com a filha de ʕAbdullāh Ibn Jaʕfar, e tu já sabes da situação do clã de Abœ ʿālib, bem como o que se diz a respeito de seus membros neste final dos tempos”.[\[163\]](#) Disse ʕAbdulmalik: “Foste generoso com teus parentes por afinidade!”, e escreveu para Al-ajjāj exortando-o a não se casar com ela.  
[\[164\]](#)

Disse outro inimigo do Mergulhador: “Semelhante a isso é o que sucedeu a certo rei com seu professor”. Perguntaram-lhe: “E como foi isso?”. Respondeu:

o rei cruel e seu mestre sagaz

Conta-se que certo rei não conquistava cidade que não destruísse e cuja população não trucidasse. Então, ele conquistou a cidade onde vivia seu educador, o qual lhe saiu ao encontro e, após ser tratado com gentileza e presenteado pelo rei, disse: “Ó rei! Quem mais justamente adornou as coisas que almejas para ti e te conduziu ao que buscas fui eu, e os moradores desta cidade te desejam devido ao prestígio que detenho diante de ti. Eu quero que não acates minhas sugestões quanto a esses moradores e que me desobedeças em tudo quanto eu te pedir relativamente a eles”, e o rei lhe fez a concessão de modo tal que não poderia voltar atrás. Quanto teve certeza de que o trato seria cumprido, o professor disse: “O que eu quero é que entres na cidade e a destruas e lhe mates os moradores”. Disse o rei: “Não há como fazê-lo, pois é imperioso divergir de ti”.[\[165\]](#)

Disse outro inimigo: “Isso é semelhante ao que se cita em certo paradigma”. Perguntaram-lhe: “E como foi isso?”. Respondeu:

a disputa pela ovelha

Dois homens entraram em disputa por causa de uma ovelha, e então Satanás passou por eles na forma de um homem, a quem ambos foram pedir julgamento; ele disse: “Cortai-a em duas metades para que cada um de vós leve uma metade”, mas, insatisfeitos com aquilo, os dois homens acabaram concordando em pedir julgamento ao primeiro que passasse, e logo passou um homem a quem relataram a situação, ao que ele respondeu: “Como nada vos satisfaz, não me fatigueis!”, mas ambos garantiram que se satisfariam; ele disse: “Jurai!”, e ambos prestaram um juramento que não lhes permitia voltar atrás. O homem então disse: “Minha decisão é que eu leve a ovelha para evitar disputas”, e nenhum deles pôde desobedecer-lhe.

Disse outro dos inimigos do Mergulhador: “Isso é semelhante ao que se conta das notícias de Hurmuzân”.[\[166\]](#) [Perguntaram-lhe: “E como foi isso?”. Respondeu:]

a salvaguarda e o copo d'água

[Hurmuzân],[167] quando foi conduzido ao califa ÇUmar e por ele condenado à morte, pediu-lhe água para beber; ÇUmar ordenou que lha trouxessem, e então lhe trouxeram uma taça com água, mas, como ele afetou medo e não bebeu, ÇUmar lhe perguntou: “Por que não bebes?”. Respondeu: “Temo ser morto antes de bebê-la! Dá-me a salvaguarda[168] de que não me matarás até que a beba!”. Quando o califa lhe concedeu salvaguarda para que bebesse, Hurmuzân atirou a taça e a quebrou, e então ÇUmar, percebendo que já não o poderia matar, parou de molestá-lo.

Disse outro dos inimigos: “Isso semelha o que se conta do sucedido entre certo homem e ,abΣb AlΔârijΣ”. [169] Perguntaram-lhe: “E como foi o caso dele?”. Respondeu:

o cavaleiro e a salvaguarda

Conta-se que ,abΣb AlΔârijΣ passou por um homem que se banhava tendo o cavalo diante de si, e fez tenção de matá-lo. O homem lhe disse: “Isso não é justo! Tu estás a cavalo e eu, a pé; tu estás armado, e eu, desarmado. Dá-me a salvaguarda para que eu monte e me arme”. Quando ,abΣb lhe concedeu a salvaguarda para que se armasse e montasse, o homem lhe disse: “Não tenho necessidade de montar após ter recebido a salvaguarda!”, e, dando-lhe as costas, retirou-se.

Disse outro dos inimigos do Mergulhador: “Isso é semelhante ao que se conta das notícias de Al-âri¥ Ibn ¶Ubå”. Perguntaram-lhe: “E como foi o caso dele?”. Respondeu:

o paradeiro do inimigo e a salvaguarda

Conta-se que, durante a guerra de Albasões, Al-âriÿ Ibn ÇUbåd[170] avistou um cavaleiro investindo furiosamente contra as fileiras [de sua tribo] durante [uma das batalhas da] guerra de Albasões, e então o atacou e aprisionou. O homem, a quem ele não conhecia, disse-lhe: “Sê generoso comigo e eu te indicarei onde está Muhalhil”. [171] Al-âriÿ respondeu: “Se me indicares onde está Muhalhil, terás a salvaguarda!”, e lhe deu a salvaguarda para que se sentisse seguro. Quando teve certeza que a salvaguarda estava de fato concedida, o homem disse: “Eu sou Muhalhil!”, e então Al-âriÿ deixou-o e se retirou.

Disse outro dos inimigos do Mergulhador: “Não vos fatigueis contando mais as histórias, pois todo aquele que deseja uma artimanha, se acaso não demonstrar algo diverso do que lhe vai pela alma, conhecer-se-á seu objetivo e a artimanha não logrará êxito”. Disse o primeiro dos inimigos: “Eu não vos disse que ocultassem vossos objetivos e artimanhas, pois para isso não precisais de recomendação. O que eu vos disse é: não demonstrei que lhe desejais o mal para sempre; demonstrei, isto sim, que procurais salvá-lo — embora pretendais uma artimanha — a fim de que vosso testemunho sobre ele pareça mais justo e as suspeitas sobre vós, nessa questão, sejam afastadas”.

Em seguida, reuniram-se com o rei, o qual ignorava o que tinham em mente. Um deles disse: “O Mergulhador detém sobre ti os direitos devidos por seus bons serviços e respeito. A teu lado, ele era de total confiança e nunca te caluniou o reinado nem o vi divulgar nenhum de teus segredos. Após verem o que o rei fez com o Mergulhador, as disposições dos servos do rei se corromperam. Ele pertence às gentes de fé e devoção, e não fez companhia senão a ti; portanto, não temas que ele tenha estado em algum local que te desgoste; [172] ademais, o Mergulhador foi teu amigo quando o obrigaste a sê-lo, caso contrário continuaria entregue à adoração. Se tomasses dele o dinheiro abundante que ele ganhou durante o período em que te serviu e o deixasses a vagar pelas montanhas adorando seu Deus, isso não seria mais que o direito dele pelos serviços que te prestou!”. Ao ouvir a referência ao “dinheiro abundante”, o rei ficou mais espantado e resolveu investigar aquilo.

Disse um dos companheiros dos inimigos do Mergulhador, afetando censura a quem falara antes: “Porventura o Mergulhador é desses que ganham e acumulam dinheiro? Ele não passa de um indivíduo asceta, eremita, buscador do saber e da fé. Tivesse ele dinheiro, não seria proveniente senão de acumpliciamento em algum crime ou corrupção para alguma emboscada; caso contrário, ele não é daqueles que praticam esse gênero de atividades com as quais se ganha dinheiro”. Antes, os inimigos haviam passado a certo mercador, mediante garantia de pagamento, dinheiro no qual escreveram o nome do Mergulhador, dizendo a tal mercador: “Caso o rei te pergunte se tens dinheiro em nome do Mergulhador, nega e não confesses senão depois de seres espancado”.

Disse um dos inimigos: “Eu irei até o Mergulhador, ó rei, e o aconselharei, fazendo-o jurar por Deus, por sua fé e pela cabeça do rei que abandonará tudo quanto possui e informando-o que com isso se dissiparão os incômodos do coração do rei, pois tanto seu apreço pela satisfação do rei como seu temor de cometer perjúrio, devido a seu desejo de não incidir em pecado, levá-lo-ão a despojar-se de tudo quanto possui: trata-se de alguém ardorosamente religioso e abstinente de pecados”. Ao ouvir a menção ao dinheiro e todos os introitos feitos por eles, investigar aquilo apeteceu ao leão, o qual se calou como que satisfeito com os discursos deles. O falso conselheiro[173] continuou: “Que o rei envie comigo alguém de sua confiança a fim de presenciar o que ocorrerá entre mim e ele”. Pretendendo ter uma testemunha que lhe jurasse a verdade,[174] o rei enviou com ele alguém de sua confiança e ambos foram até onde estava o Mergulhador, e ali o falso conselheiro[175] lhe disse: “Relatou-se ao rei que dispões de muito dinheiro, e foi isso que o irritou contra ti. Não te salvarás de suas garras senão renunciando a esse dinheiro em favor dele, e somente preservarás teu sangue abrindo mão de teu dinheiro: desprezando-o, dignificarás a alma, porquanto o dinheiro só se deseja para a preservação da alma, e não a alma que se deseja para a preservação do dinheiro: gasta-o, que assim manterás a alma, e dignifica-a, pois é por meio dela que o dinheiro adquire dignidade; fica sabendo que todas as coisas pelas quais o homem se empenha neste mundo são três: a alma, o corpo e o dinheiro; o dinheiro só se quer para o bem do corpo, e o corpo só se quer para o bem da alma. Resoluto, exitoso e sábio é quem despende o inferior em prol do superior, e utiliza a coisa naquilo que faz essa coisa desejada, tornando o

dinheiro servo de seu corpo, e seu corpo servo de sua alma. Incapaz e privado de êxito é quem despende a alma em prol do corpo, e o corpo em prol do próprio dinheiro. O corpo não passa de uma veste da qual te despes, e os bens efêmeros deste mundo[176] são algo que te deixa ou algo que tu deixas”. O Mergulhador pensou: “Oh, que excelente conselho seria se estivesse livre de impurezas! Oh, que excelente admoestação seria se acaso seu interior fosse como seu exterior! Trata-se, porém, de trapaça revestida de conselho, tal como o veneno depositado dentro de algo doce, que a alma aceita melhor, sendo justamente a sua aceitação pela índole e a sua pouca fealdade para a alma que tornam mais difícil o salvar-se dele e mais intensa a sua disseminação pelo corpo. Eu te vejo, em tua aparência, aconselhador, e te suponho, em teu interior, assassino”.

Em seguida, o falso conselheiro fez o Mergulhador jurar se possuía algo além de sua aparência miserável dizendo-lhe: “Se fores assim, então jura por Deus, por tua fé e pela cabeça do rei que nada possuis dele, e quiçá seu conhecimento de que não incides em pecado seja tua desculpa diante dele”, e então o fez jurar das maneiras mais constrangedoras quanto ao perjúrio, em todas as fés, tendo o secretário do rei como testemunha daquilo. Foram em seguida até o rei, informando-o de tudo, e se retiraram, enviando-lhe, ato contínuo, alguém para insinuar que o Mergulhador tinha dinheiro junto a fulano, o mercador, a quem logo o leão mandou prender e tentou fazer confessar, mas ele negou, foi surrado e então confessou; enviou junto com ele alguém para trazer o dinheiro, que estava enterrado em sua loja com o nome do Mergulhador escrito, e então chegou às mãos do rei o que o deixou estupefato e lhe derrotou a razão. Um dos inimigos do Mergulhador lhe disse: “Ó rei! Só o que transparecia do Mergulhador era indiferença pelo dinheiro e temor religioso, mas ele cometeu perjúrio e evidenciou sua ambição por dinheiro, e é de desconfiar que aquilo que ele demonstrava era uma cilada tão perniciosa que em comparação a ela esconder dinheiro não é nada. E, apesar disso tudo, ele ainda se atreveu a jurar mentirosamente pela cabeça do rei!”. Disse outro dos inimigos: “Ó rei! Não houvessem dito os sábios que a insubordinação, se ocultada, não prejudica senão o insubordinado, e, se declarada e não debelada,[177] prejudica todos, a superioridade do rei imporá o perdão”. Disse outro: “O Mergulhador estava com alguém que lhe era liberal, afável e estava satisfeito consigo. E já se disse: O que de mais horrível as almas aspiram é a trapacear com o afável,

explorar o liberal e tomar o que não é necessário. O rei não foi enganado senão devido à sua confiança nele, e certo sapiente já disse: A coisa mais grave no homem é enganar-se na confiança”.

Tão estupefato o rei ficou com este assunto que parou de comer e dormir; tinha ele uma alma paciente que o impedia de açodamentos, [não tomando decisões] senão após cercar o assunto por todos os lados e aspectos. Deixou-se aquietar até que a veemência da cólera e a perplexidade ante o inesperado se dissipassem, conquanto se conservasse pensando fixamente sobre a questão, a tal ponto que diminuiu muito o seu comer, beber e dormir. Certa noite, enquanto pensava, teve como alvitre, para investigar o assunto, usar um de seus colaboradores[178] no qual confiava em razão de sua veracidade no falar, da honestidade, sagacidade de alma e religiosidade.[179] Ordenou que comparecesse em pessoa, e, quando ele chegou, o leão o destratou, dirigiu-lhe a palavra com grosseria e ordenou que fosse preso sem informar a ele nem a ninguém de sua intimidade o que o motivara a agir assim. Tão-logo a prisão o reuniu ao Mergulhador, este lhe perguntou sobre sua situação e caso, e o colaborador do rei respondeu que nada sabia sobre sua prisão, nem sobre delito algum relacionado a si. O Mergulhador comparou esse caso com o seu próprio, equiparou-os e ocultou o espanto em seu coração. Tendo já aquele seu colaborador na prisão, o rei mandou chamar outro colaborador que era da mesma linha em veracidade e honestidade e fez com ele o mesmo que fizera com o primeiro, ordenando sua prisão; quando entrou, ambos lhe indagaram a situação e ele lhes respondeu não ter conhecimento de nenhum delito ou crime que tivesse cometido. Então, cada um dos três começou a desabafar para os outros o que lhe ia pela alma e a queixar-se do que tinha no coração. Disseram: “Talvez o rei tenha sido confundido em sua opinião e sua índole tenha se alterado”. Eis as coisas que disse o Mergulhador: “Que asco deste mundo ludibriante! Quão espantosos são seus misteres! Nele, o medo provém de onde há confiança, e a morte procede dos caminhos da segurança; o homem come a comida e bebe a água, e é por meio de ambas que seu corpo se nutre, seu sangue se fortalece,[180] sua vida se sustenta e suas características[181] se desenvolvem; quando algum desses elementos, que lhe preservam a alma por meio da comida e da bebida, entra em ebulição, a morte advém ao homem, dando cabo dele mais rapidamente que espada afiada e veneno mortal. Se o alimento é o motivo de sua vida e também de

sua morte, como pode o homem esperar segurança numa casa em que a morte o come e o bebe, sendo que às vezes ele pode engasgar-se com a água que lhe dá a vida e morrer, e viver por causa do veneno que contém sua morte?”.

Em seguida, pôs-se a refletir sobre seu caso e disse: “Talvez o rei tenha pretendido que eu desse mais de minha alma para ele. Certo sábio já disse: As pessoas que mais rapidamente dispõem de suas almas para os reis, e as mais pacientes com suas arbitrariedades, são as que mais rapidamente os censuram quando seu poder se enfraquece. Talvez ele tenha pretendido que eu continuasse a louvá-lo e me excedesse. Certo sábio disse: A pessoa mais nociva com quem podes conviver é teu encomiasta quando se torna superior a ti. E disseram: Não elogies um inteligente pelo que ele não tem, pois o que acrescentares além do que ele já sabe de si mesmo tornar-se-á defeito teu perante ele. E quem te elogia pelo que não tens quando está satisfeito contigo irá te censurar pelo que não tens quando estiver encolerizado contigo.[\[182\]](#) Disseram: Virtuoso é aquele para quem a virtude consiste num pretexto, e vicioso é aquele para quem a adulação constitui a mais sólida razão. Talvez o rei tenha pretendido de mim que concordasse com tudo quanto ele diz e o acompanhasse em suas paixões. Os sábios já disseram: Serve ao líder ignorante procurando-lhe a satisfação, e ao líder inteligente oferecendo-lhe argumentos. Disseram igualmente: Se acaso servires a um líder, não demonstres ser-lhe igual ou superior, a não ser em fé, paciência e opinião, e deixa para ele as outras coisas, tais como roupa, aparência e boa vida, prevenindo-te para não seres visto como seu equivalente nelas. E eu não sou daqueles que entram em disputas por roupa, nem se celebrizam por comida e bebida, nem dão preferência ao bem-estar. Eu me esforçava por ele com meu parecer conforme podia, e ofertava meus conselhos na medida das minhas possibilidades”.

Estava ele assim dialogando consigo mesmo quando chegou para visitá-lo o amigo a quem ele consultava; chegou dizendo-lhe: “Vim ver-te impelido pelo bom conceito que faço de ti. Seja como for, Deus poderoso e excelso às vezes envia coisas detestáveis, tornando-as um motivo para ir na direção de quem se ama. Quanta provação a cujo lado está o perdão! Quanta catástrofe em cujo bojo há benesse! Às vezes, o doar pode ser problema; o bem fazer, desgraça; a benesse, teste; e a provação, instrução e

recordação; portanto, agradece a Deus pela desgraça que te enviou tal como lhe agradeces pelas benesses, pois às vezes alguém inveja algo que consistirá em sua doença, e se considera morto por algo que contém sua cura. Os sábios já disseram: As provações retificam a alma na mesma medida em que degradam a existência, e as benesses retificam a existência na mesma medida em que degradam a alma; portanto, atribui a teu Senhor o que te sobra de força, e fica sabendo que Deus protege quem a ele se entrega por vias que a mente do protegido não concebe nem seu pensamento espera”. Em seguida, manteve-se algum tempo cabisbaixo, o pensamento distante, e o Mergulhador lhe perguntou: “Que tens, que não perguntas de mim, de minha angústia e paciência?”. O amigo respondeu: “De tanto conviveres comigo, és como minha alma, e, quando pergunta de ti, meu coração dispensa que se pergunte a outro que não eu. Seja como for, descreve para mim as coisas que te aconteceram, as quais talvez me transmitam esclarecimentos sobre teu caso”.

(16) capítulo sobre  
a necessidade que  
os colaboradores do rei têm  
de alguma aproximação  
e sutileza na emissão de conselhos

Disse o Mergulhador: “Não considero ter perpetrado algum delito contra o rei, pois eu lhe dava puros conselhos e era veraz com ele”. Disse o amigo: “Suponho que estes teus conselhos sejam o delito pelo qual ele te recrimina, e considero que teu caso é como o da mulher da qual o marido se divorciou”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu o amigo:

motivo para divórcio

Conta-se que uma mulher para a qual o marido pediu divórcio perguntou-lhe: “Tu te divorcias de mim após a nossa longa convivência?”. Ele respondeu: “Por Deus que não é outro o teu delito”.

[Proseguiu o amigo:] “E eu suponho que teu delito contra o rei é o peso de teus conselhos a ele, a quem suponho ser tal como disse o poeta:

‘Nomeei teu amor meu defensor,  
e fui alvejado por meu nomeado’”.

Disse-lhe o Mergulhador: “Meu irmão! Quão boa será minha sorte se porventura o conselho for meu delito! Quão débil será meu penar se porventura a veracidade e a lealdade forem meu crime!”. Disse-lhe o amigo: “Em verdade, não servem para a companhia mundana senão os mundanos, e não são adequados à companhia dos malignos senão os malignos, tal como disse certa vez um raposo”. Perguntou o Mergulhador: “E o que ele disse?”. Respondeu o amigo:

barco de víbora

Conta-se que uma víbora montada num feixe de espinhos foi arrastada pela correnteza, e um raposo disse ao vê-la: “Tal navio não serve senão para tal navegante”.[\[183\]](#)

[Proseguiu o amigo:] “Os sábios disseram: Quão parco é o anseio do colaborador do soberano por integridade!, pois, se for honesto, tal honestidade atrairá contra si a inimizade dos privados do soberano; e se for generoso, tal generosidade atrairá contra si a língua dos falsos conselheiros. E quão grande é a semelhança do colaborador do soberano com a flecha do flecheiro!, a qual, quanto mais próxima dele estiver, mais distante logo estará. Quem serve ao soberano deve evitar exageros e misturar um pouco de lisonja ao amargor do conselho. Os sábios já disseram: Não façam as pessoas carregarem mais do que suportam, pois então teu conselho lhes será pesado; o médico hábil só prescreve os remédios na medida em que o corpo os suporta; as pessoas necessitam ser aproximadas,[\[184\]](#) e que o homem esteja com elas conforme elas são, sem demonstrar superioridade, pois tal superioridade se constituirá, aos olhos delas, em motivo para que o considerem inferior, tal como se contou certa vez sobre um rei”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi o caso dele?”. Respondeu o amigo:

o rei e as boas águas

Conta-se que a certo rei disseram seus astrólogos: “Verificamos por meio do nosso saber que quem beber das águas do próximo ano terá a inteligência alterada e perderá a sanidade. Assim, se o rei quiser ordenar o armazenamento das águas [deste ano] para si e para seus privados, que o faça, e que não bebam das águas do próximo ano”. O rei então ordenou que se construíssem depósitos, os quais foram construídos, e neles armazenou água em quantidade suficiente para si. [No ano seguinte,] quando veio a chuva, o rei e seus privados beberam da água do ano anterior e não lhes sucedeu o que sucedeu às pessoas do vulgo, as quais, ao vê-los diferentes de si, disseram umas às outras: “Nosso rei e seus colaboradores perderam a sanidade e tiveram a inteligência alterada. O melhor parecer não é senão depô-lo e substituí-lo por um rei daqui do nosso meio, com a inteligência sadia tal como a nossa!”. Em seguida, foram ao rei e lhe disseram: “Queremos depor-te e substituir-te porque teus misteres em relação a nós se alteraram e tua *administração* se corrompeu”. Reconhecendo o que acontecera, ele lhes disse: “Ó gente! Reconheço meu delito, e dele vos desagrevarei. Por um bom tempo vós já tivestes paciência com o que em mim vos desgostava, e então vos peço o prazo de alguns dias — poucos se comparados aos que já se passaram —, após os quais, se acaso virdes que estou como vos apraz, continuarei; caso contrário, o que quiserdes fazer estará ao alcance de vossas mãos”. Eles aceitaram, e sem mais delongas o rei bebeu da água deles e se tornou como eles, que disseram: “Que bom que o rei voltou à sua melhor condição! Quão rápido nos desagrevou de si!”, e foram até ele enaltecê-lo e agradecer-lhe em profusão.

[Prosseguiu o amigo:] “Só te contei esta história para que saibas que as pessoas necessitam ser conduzidas mediante aquilo que é suportável para suas inteligências, e o homem deve estar com elas conforme são; os cavalos vêm beber em obediência ao assobio mais do que em obediência ao discurso eloquente e à bela palavra. Quando pretende dirigir a palavra a um menino de modo que este aceite e se alegre, o homem deve infantilizar-se na conversa e na pronúncia das palavras, acompanhá-lo e assemelhar-se a ele no discurso, e não é o fato de descartar a inteligência que lhe diminui o mérito, porque as mesmas formas são familiares entre si, e os semelhantes se aceitam entre si, ao passo que os contrários se repelem. Não há vergonha

para o homem em usar a adequação em circunstâncias nas quais ela trará bons resultados, ainda quando sua serventia continue desconhecida, ignorando-se o que se vai obter com isso,[\[185\]](#) tal como fez certa mulher beduína”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi o caso dela?”. O amigo respondeu:

a beduína sem filhos

Conta-se que, morando numa casa isolada, uma velha beduína percebeu que ali havia um ladrão e passou a censurar-se dirigindo ao marido, voz alteada, as seguintes palavras: “Ó alma! Erraste na escolha, e te contentaste com a solidão apesar do dinheiro e dos escravos que Deus pôs à tua disposição. Se acaso te tivesses casado com um rapaz jovem, isso te traria consolo e terias sido agraciada com três filhos varões aos quais darias os nomes de ØaΔr ao primeiro, Bakr ao segundo e ¢Amr ao terceiro. E se te sucedesse alguma calamidade e te invadissem alguma desgraça, gritarias: ‘Ó ØaΔr! Ó Bakr! Ó ¢Amr!’ — e nesse ponto a velha elevou ainda mais a voz, enquanto o ladrão supunha que ela enlouquecera. Viviam em sua vizinhança três homens com esses nomes que foram acudi-la e aos quais ela disse: “Pegai o ladrão!”, e então eles o pegaram a pauladas.

[Proseguiu o amigo:] “Este fingir idiotice não é idiotice. Suponho que tu defrontavas o rei condenando-lhe alguma paixão. Ele só se tornou teu amigo devido ao parecer, e o parecer é inimigo da paixão. Os sábios já disseram: Quando apresentares aquilo que o parecer impõe, mistura-lhe um pouco de paixão, pois o parecer sozinho te torna áspero, e a paixão sozinha te é nociva. Os sábios também disseram: Quem não suborna sua própria natureza com um pouco de vistas grossas,[\[186\]](#) tal característica o impedirá de integrar a obediência ao bom parecer, e sua intensa busca da verdade afastá-lo-á dessa mesma verdade. Acaso não vês que o médico hábil mistura o amargor do remédio com um pouco de doce para facilitar sua ingestão, e, se ele o deixasse puro, sem utilizar o que o torna mais fácil de ingerir e aceitável para o paladar, ninguém poderia tomá-lo, e se alguém acaso o tomasse não permaneceria em seu estômago? Ou porventura não sabes que é imperioso ao sábio sábio adequar a alma? Ora se impõe ser de um modo consigo próprio, ora se impõe ser de outro modo com o alheio. E se os reis necessitam de muita colaboração e adaptação[\[187\]](#) no trato com os súditos, então os súditos estão ainda mais obrigados a colaborar com os reis”. Disse-lhe o Mergulhador: “Meu irmão! O mais genuinamente miserável dos sábios é aquele cujas utilidades foram desconsideradas, condenando-se o que ele demonstra. Tenho consciência de que me apresentei ao rei sem nada condenar nele, limitando-me a lhe aplicar paradigmas, aludindo a meus propósitos dentro das histórias e relatando-lhe

os dizeres dos sábios. Não ignoro que algumas proibições se constituem em instigação, sobretudo para o rei poderoso. Já pensei em minha situação e constatei que ela não se subtrai a uma destas três partes: ou é por algo que se deve a mim, ou é por algo que se deve ao rei, ou é por algo que se deve a terceiros que não eu nem ele. No que tange a mim, tenho certeza, com plena confiança em mim mesmo, de que nada fiz a ele que merecesse sequer uma fração do que ele me fez; no que tange ao rei, tenho a mesma confiança e certeza de que não faria isto comigo sem lhe acudir à alma minha valia para si, pois o homem conhece seu companheiro; os sábios disseram: Se cala, é por um dia inteiro, e se fala, é por alguns momentos.[\[188\]](#) Da divisão não restou senão a terceira parte, na qual o caso se deve a alheios em conluio, e esses alheios, conquanto não possam modificar meu conselho nem a nobreza de caráter do rei, podem sim produzir suspicácia, confundir, elaborar artimanhas e falsificar, fazendo-o suspeitar de mim e fazendo-me suspeitar dele, pois é possível entabular artimanhas contra alguém em questões nas quais este não tem como intervir e das quais não se pode prevenir, tal como se fez, certa feita, com o vizir de um rei”. Perguntou-lhe o amigo: “E como foi isso?”. Respondeu:

incenso mortal

Conta-se que certo vizir era exclusivamente devotado[189] a um rei entre cujos privados tinha um inimigo que, no propósito de armar artimanhas contra ele, passou a tratar bem um dos camareiros desse rei sem lhe pedir nada em troca e nem lhe revelar qual o seu objetivo, até que, sentindo já o ter constrangido o suficiente para fazê-lo desejar satisfazer-lhe algum pedido, disse a ele: “Tenho um pedido simples para ti, que nenhum sacrifício te custará, e que consiste no seguinte: dá-me diariamente a conhecer tudo quanto ocorre entre o rei e seu vizir”. Assim, o camareiro pôs-se a transmitir-lhe tudo quanto ocorria entre os dois, informando-o certo dia que o rei, tendo ganho incenso de sândalo,[190] repartira-o com o vizir, incensando-se com metade e incensando o vizir com a outra metade. Então, aquele homem foi ter com o rei — o qual, iludido por seus esforços em lhe conquistar a confiança, dava ouvidos às suas palavras — e disse: “Ó rei! Teu vizir se reuniu hoje com seus amigos e lhes disse: ‘Acaso não vedes a mesquinha do rei, a vileza da sua alma e a estreiteza dos seus desígnios? Tanto à sua alma não aprouve incensar-me com um jogo completo de incenso que ele se incensou com a metade e me incensou com as sobras’”; desse modo, ele apresentou ao rei um sinal do qual este detinha conhecimento prévio. Quando o vizir compareceu à corte, o rei lhe disse: “Ai de ti! Não te dei metade do incenso por mesquinha minha, mas sim para te equiparar a mim, para fazer de ti meu semelhante! As benesses com as quais eu já te agraciei — propriedades e dinheiro — bastariam como evidência de que não sou mesquinho a tal ponto”. E ordenou que o vizir fosse pendurado de cabeça para baixo sobre um braseiro com âmbar e sândalo até que a fumaça o sufocou e ele morreu.[191]

[Continuou o Mergulhador:] “Este caso e os assemelhados estão entre aqueles contra os quais é impossível ao homem se prevenir, a não ser com a benevolência de Deus,[192] que é indispensável”. Disse-lhe o amigo: “Os sábios já disseram que o rei é como o mar, e seus colaboradores, como os ventos, que o empurram como querem; quando se agitam, ele se agita, e quando amainam, ele amaina; ou como o corpo sadio, o qual, quando os alimentos ruins nele se excedem, não tardarão a mudá-lo da saúde para a debilidade. Certo sábio já disse: Lança mão da prodigalidade em teu aconselhar tal como os traidores lançam mão da gentileza em seu adular.

Embora o discurso sobre o que já se consumou seja inútil, eu te recomendo uma virtude: pensa bem de Deus, pois quem pensa bem de Deus, e a ele se confia, preserva-se de aspectos nos quais seu pensamento não se encontra e sua mente não se acerta. Fica sabendo que Deus poderoso e excelso não subtrai algum aspecto a animal algum sem o compensar com outro, pois o passarinho, ao lhe ser negada a força do ataque, foi-lhe dada a força da fuga, e com sua leveza ele se safa tal como se safa o leão com sua força e coragem; vês o percevejo, com seu ímpeto, escapar do elefante, malgrado sua enormidade e força; a formiga, ao lhe ser negada a capacidade de agir no frio, foi-lhe inculcado na natureza o acumular e o guardar, e com seu acumular ela se sustenta do mesmo modo que a ave se sustenta com o bico; o animal que se encontra na infância, estando por isso incapacitado de obter seu sustento, recebe dos pais o que lhe substitui a capacidade de sustentar-se. Convence-te de que quem solucionou tais defeitos de constituição é capaz de afastar os males sucessivos por meio de bondades motivadas pela fortuna.[\[193\]](#) Atribui a Deus o que for superior à tua força e capacidade, pois quem dotou cada animal daquilo que a necessidade impunha provê-los-á daquilo que lhes superar as forças. Contempla todos os animais, e verás que cada um foi provido daquilo de que necessita, fincado em sua constituição e disposto em sua natureza; assim, quando negou às bestas a mesma capacidade concedida aos humanos de terem roupas que as protejam do calor e do frio, dotou-as de pelo e lã que substituem a roupa; quando privou os animais do discernimento e da reflexão que possibilitam distinguir o benefício e escapar de muitos males, dotou-os, a cada um, daquilo que a necessidade impunha, e o homem, por mais que para tanto forceje com sua habilidade e inteligência, não conseguirá nada semelhante. Todos os misteres do mundo são assim, mas uns são manifestos, e outros, ocultos. A nenhum animal Deus priva de algo senão lhe dando o que o substitua. Fica sabendo que quem assim dispôs a origem da criação é capaz de algo semelhante nas coisas da vida”. Em seguida, abraçaram-se, despediram-se, e o amigo se retirou. Junto com esse amigo viera visitar o Mergulhador outro amigo, de natureza defeituosa e mente perturbada, o qual fizera da censura o único auxílio que dava, e do reproche o único benefício que prestava; reclamava demais, esforçava-se de menos, chamava-se Recriminador e ao chegar para a visita fora logo dizendo: “A companhia do soberano é como se disse certa vez na notícia a respeito do

camelo do beduíno”. O Mergulhador perguntou: “E como foi o seu caso?”.  
O Recriminador respondeu:

o beduíno que jurou vender o camelo

Conta-se que um beduíno se desgostou de seu camelo e com ele se encolerizou, jurando então que o venderia por um *dirham*. Quando despertou de sua embriaguez, porém, arrependeu-se; pegando então um gato, amarrou-o ao pescoço do camelo e o levou ao mercado a fim de vendê-lo; um homem lhe perguntou: “Quanto custa este camelo?”. Respondeu: “Um *dirham*! Mas não o venderei senão para quem comprar junto este gato”. O homem perguntou: “E quanto custa esse gato?”. Respondeu: “Quinhentos *dirhams*!”. O homem disse: “Seria uma mercadoria tão barata não fosse esse colar!”.[\[194\]](#)

[Prosseguiu o Recriminador:] “Assim também o servir ao soberano, que seria tão agradável não fosse a exposição ao aniquilamento! Conta-me teu caso e quiçá eu possa beneficiar-te tal como certo homem beneficiou o amigo que lhe contou a verdade sobre seu caso”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu o Recriminador:

descuido e artimanha

Conta-se que um homem pediu ao secretário de certo rei que lhe levasse uma mensagem com um pedido, e o secretário o atendeu. Na manga, o homem tinha duas mensagens, numa das quais escrevera seu pedido ao rei e na outra descrevera para uma amiga a enormidade de seu sentimento por ela, bem como a força de sua paixão, de seu amor e de seu anelo, e lhe pedia contato físico.[195] Pretendendo entregar ao secretário a mensagem para o rei, acabou entregando, sem abrir, a mensagem escrita para a amiga. Quando o secretário entrou para entregar a mensagem ao rei, o homem percebeu o erro que cometera contra si mesmo; prestou atenção e, verificando que a mensagem em sua manga era a escrita para o rei, e que a mensagem escrita para a amiga não estava consigo, teve certeza da morte; então um seu amigo, notando-lhe a agitação, indagou-o e ele lhe contou a verdade, ao que o amigo disse: “Vai-te embora, que eu procurarei uma saída sutil para salvar-te”. Quando o secretário lhe entregou a mensagem, o rei explodiu de cólera e disse: “Traz-me quem a escreveu!”; o secretário pôs-se a procurá-lo e, não o localizando, perguntou sobre ele ao tal amigo, que respondeu: “Ele acaba de ser informado por alguém que o homem que escreveu aquela mensagem para sua mulher, percebendo que seria denunciado, faz tenção de fugir, e então foi impedi-lo antes que parta”. O secretário perguntou: “Ai de ti! Como é essa história?”. O amigo respondeu: “Desejoso de corromper-lhe a mulher, um homem dirigia-lhe mensagens que a todo momento meu amigo interceptava. Então, já a ponto de ver arruinada a casa e órfãos os filhos, ele pegou essa mensagem que entregou para ti”. O secretário disse: “A Deus pertencemos e a ele retornaremos! Pobre homem!”, [...] [196] e foi relatar aquilo ao rei, que lhe disse: “Quando agarrares esse homem que pretendeu corromper-lhe a esposa, purifica a terra de gente como ele!”.

[Prosseguiu o Recriminador:] “Que tenhas cometido algum equívoco, nisso não existe nenhum assombro; os sábios já disseram: Que corcel nunca tropeça? Que espada cortante nunca falha? O resoluto quando erra, porém, corrige o erro, tal como fez Amr Ibn Al-As quando foi enviado ao Egito por Umar Ibn Al-Dakkn, que Deus esteja satisfeito com ele”. [Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu:] [197]

a astúcia de um comandante

¢Amrø foi cercar Gaza, de cujo rei recebeu o seguinte recado: “Envia até mim um de teus companheiros a fim de que eu dê uma palavra com ele”. Após refletir, ¢Amrø disse: “Não vejo outro que não eu mesmo para esta missão”, e foi falar com o rei, ao qual dirigiu palavras que este jamais ouvira iguais. O rei lhe perguntou: “Conta-me, existe entre teus companheiros alguém igual a ti?”. Ele respondeu: “Nem perguntes do desprezo deles por mim! Não fosse tal desprezo, ter-me-iam enviado a ti e me exposto a tudo isto, desconhecendo o que se faria comigo?”. Continuaram discutindo sobre a situação em que se encontravam até que ¢Amrø disse: “Devo sair e consultar meus companheiros”. O rei de Gaza então ordenou que lhe dessem um presente e vestes, e também um recado ao guarda dos portões: “Quando ele passar por ti, atira-lhe pedras, mata-o e toma o que estiver com ele”. ¢Amrø saiu e passou por um cristão árabe que o reconheceu e lhe disse: “Ó ¢Amrø! Foste muito bem na entrada; sê também assim na saída!”. Atinando com o que o homem pretendia dizer, ¢Amrø retornou ao rei, que lhe perguntou: “O que te trouxe de volta?”. Respondeu: “Quero consultar-te sobre a possibilidade de trazer-te dez de meus companheiros a fim de que ouçam de ti o mesmo que eu ouvi”. O rei pensou: “Matar dez é melhor que matar um!”, e lhe disse: “Estás certo, faze-o”, e enviou o seguinte recado ao guarda dos portões: “Não lhe faças mal”. Então ¢Amrø saiu olhando para os lados e jurou nunca mais iludir-se com algo semelhante.[\[198\]](#)

[Proseguiu o Recriminador:] “Corrige teu caso tal como fez certo homem sagaz ao afetar algo que para sua esposa era importante”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu:

a mulher que tinha muito asco

Conta-se que certo homem casou-se com uma mulher, e ela lhe disse: “Sou muito nojenta, e temo presenciar de tua parte algo que me cause asco e afaste minha alma do amor por ti”. Ele disse: “Espero que não ocorra nada que te desgoste”, e ela ficou com ele por algum tempo. Certo dia, ela se sentou para almoçarem juntos e, quando tirou a mesa, o homem se pôs distraidamente a recolher e comer ciscos debaixo da mesa. A mulher disse: “Não te bastando o que havia sobre a mesa, comes ainda o que há debaixo dela?”. Atinando com o discurso da mulher, o homem respondeu: “Por Deus que não os estou comendo por fome, mas sim por ter ouvido que os ciscos aumentam a potência sexual!”. Depois disso, ela passou a fingir que não o via, atirando-lhe ciscos de pão tal como se faz com um frango.

[Proseguiu o Recriminador:] “Só te contei esta história para que saibas que o homem orientado[199] pode evitar os deslizos assim que se avizinham retificando as coisas, delas extraindo utilidade e transformando em benefício, destarte, aquilo que se temia redundasse em prejuízo; às vezes, a artimanha entabulada contra ele pode se virar a seu favor, tal como se conta sobre ʿUmar Ibn Hubayra”. [Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu o Recriminador:][200]

o califa e os corcéis puro-sangue

Enquanto ÇUmar Ibn Hubayra se esfalfava na busca de uma artimanha para cair no agrado do califa Hišâm Ibn ÇAbdilmalik, um dos colaboradores desse califa procurava degradar-lhe a posição diante dele. Como Hišâm apreciava corcéis puro-sangue, aquele detrator pegou uma porção deles, adestrou-os e ordenou a seus condutores que os exibissem diante de Hišâm quando este saísse em cavalgada, e que, se porventura lhes perguntasse a respeito dos corcéis, respondessem: “Pertencem a ÇUmar Ibn Hubayra”. Certo dia, então, Hišâm saiu em cavalgada; os corcéis lhe foram expostos e ele, considerando-os belos, perguntou: “A quem pertencem?”. Responderam-lhe: “A ÇUmar Ibn Hubayra”. Explodindo de cólera, o califa disse: “Que espantoso! Surrupiou tanto dinheiro de mim que agora tem exclusividade nos corcéis puro-sangue, e deles me priva! Trazei-me agora ÇUmar Ibn Hubayra!”. Convocado, ÇUmar chegou rapidamente, e Hišâm lhe perguntou: “O que são estes corcéis, ÇUmar? A quem pertencem?”. Notando-lhe a cólera na face, ÇUmar atinou com a maquinação contra si urdida e disse: “São teus os corcéis, ó comandante dos crentes! Conhecedor de tua admiração por eles, escolhi-os dos melhores lugares! Ordena que sejam recolhidos!”. Foi esse o motivo de o califa tê-lo aceito após a cólera: assim que se pronunciou, aquele homem transformou a artimanha contra si em artimanha a seu favor. [201]

[Prosseguiu o Recriminador:] “E o homem determinado às vezes consegue ser tão sutil para se livrar de alguma artimanha quanto o foi certo vizir quando urdiram uma artimanha contra ele”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi o seu caso?”. Respondeu:

o rei, o vizir e o ascetismo

Foi-me relatado que certo rei tinha um bom vizir que não ordenava senão o bem, e só a ele estimulava. O rei odiava os ascetas, ao passo que o vizir lhes era devotado. Então, com inveja do vizir, alguns parentes do rei foram até ele e lhe disseram: “A paixão de teu vizir é tirar-te do reino. Se quiseres certificar-te disso, dize-lhe: ‘Estou disposto a renunciar ao reino e a seguir os ascetas’, e verás na alegria dele o sinal do que lhe vai pela alma!”. O rei assim procedeu e constatou o que eles haviam dito. O vizir percebeu, pela mudança de suas feições e olhares, o que se passava na alma do rei, e se retirou triste e deprimido, revelando o caso a um de seus companheiros, que lhe disse: “És invejado pelos colaboradores dele, e a artimanha contra isso é que vistas a roupa de lã dos ascetas e vás até as portas da casa do rei pela manhã; quando ele souber onde estás, mandará chamar-te e indagará tua história, e então lhe responderás: ‘O rei me disse estar disposto a algo em relação ao qual, para mim, a morte é preferível; porém, desgostando-me discordar, e apeteendo-me estar com ele, fiz isto’”. [Ele assim agiu], e o rei voltou a ser o que era com o vizir.

Disse-lhe o Mergulhador: “Esse vizir, ao perceber a maquinação contra si, elaborou uma artimanha para se livrar. Certo sábio já disse: Quando a cólera se deve a motivo sabido, a conciliação é fácil e simples, mas, se for sem motivo, a conciliação é difícil e impossível, uma vez que o absurdo[202] existe em todas as situações, e, se porventura eu soubesse como se urdiu a artimanha contra mim, teria buscado livrar-me, e talvez tivesse impedido a maquinação de quem maquinou contra mim tal como agiu, certa feita, o ministro de um rei da Índia”. Perguntou o Recriminador: “E como foi o caso dele?”. Respondeu:

o rei da Índia, seu vizir e os brâmanes

Conta-se que certo rei da Índia tinha um vizir conforme cujos pareceres procedia. Os brâmanes odiavam aquele vizir e desejavam sua morte, bem como a do rei, a fim de descansarem dele. Então, o rei morreu, e o filho lhe ocupou o lugar, mantendo o vizir na mesma posição em que o pai o colocara. Aquilo pesou para os brâmanes, que entabularam uma artimanha contra ele — e os reis da Índia não discordam dos brâmanes, que são praticantes da fé e do desprezo pelos misteres mundanos. A artimanha deles consistiu em falsificar uma carta como se tivesse sido escrita pelo falecido rei — imitando-lhe a letra, o discurso e o sinete — para o filho, informando-lhe ter alcançado tudo quanto almejava, todo regozijo e bem-estar, e que a única coisa cuja ausência lhe desgostava a vida era a daquele seu vizir; portanto, pedia-lhe que mostrasse sua piedade filial e fizesse a gentileza de enviar-lho. Os brâmanes entregaram tal carta a um homem que alegaram ter morrido e ressuscitado, e por intermédio do qual o falecido rei a enviara ao filho. Quando a carta chegou às suas mãos, o jovem rei ficou triste e, sem duvidar de que a notícia era verdadeira, chamou o vizir e a entregou a ele. Temeroso de dizer que aquilo fora forjado e incorrer na descrença do jovem rei, tampouco capaz de desmentir os brâmanes, o vizir disse: “Que Deus dê prosperidade ao rei![\[203\]](#) Esta é a letra de teu pai, o discurso é dele, bem como o sinete, e disso não tenho dúvidas. Eu ia mesmo tomar a iniciativa de pedir ao rei que me enviasse a seu pai, mas com o prazo de alguns dias a fim de que eu faça minhas recomendações e os arranjos necessários antes de atear fogo em mim mesmo”. Os indianos não matavam com a espada, mas sim queimavam com o fogo, crentes de que retornariam com nova constituição se fossem queimados. Em seguida, o vizir escavou e construiu, em sua casa, um túnel que dava para o deserto, [\[204\]](#) tapando-lhe a entrada com um pouco de terra, numa medida suficiente para que, chutada, se desfizesse; ordenou ainda que madeira fosse juntada e depositada nas proximidades do túnel, que se abrisse [em sua direção] um caminho semelhante a uma ruela, e que se construísse um muro cercando aquele local.[\[205\]](#) O rei e os brâmanes compareceram, e o vizir pegou fogo para atear naquela madeira enquanto os presentes o observavam. Quando a madeira ardeu e a fumaça se elevou e inflamou, ele golpeou a entrada do buraco, entrou no túnel e desapareceu por meses; com

o fogo lavrando, o rei e os brâmanes não duvidaram de que o vizir nele se imolara, devido às demonstrações que dera de aceitação e zelo para com o que lhe fora dito. Passado algum tempo, o vizir retornou até o jovem rei com uma carta que alegou ter sido escrita por seu falecido pai, agradecendo pelo envio do vizir e dizendo que resolvera devolvê-lo em virtude da necessidade que o filho tinha dele, e pelo que sofrera para aconselhá-lo e obedecer-lhe; pedia-lhe ainda que o ajudasse, fosse amável e o alegrasse enviando-lhe quatro mil brâmanes. Quando o vizir chegou, o jovem rei não teve dúvidas de que ele falava a verdade, nem de que se queimara e morrera, nem de que estava de volta com uma carta de seu pai; reuniu pois os brâmanes, providenciou-lhes muita lenha, mostrou a carta de seu pai trazida pelo vizir e os queimou; assim, as maquinações dos brâmanes se voltaram contra si próprios.

Disse-lhe o Recriminador: “És um homem dotado de pouca precaução, apesar de deteres o conhecimento acerca das faces corretas da prevenção, pois o saber não beneficia se dissociado do fazer. Tu te expuseste àquilo com que não sabes lidar, e teu paradigma acabou sendo o mesmo do de certo professor”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi o caso dele?”. Respondeu:

o professor analfabeto

Conta-se que certo professor, sem saber escrever, ensinava a um garoto, o qual então disse a um homem que passava por ali: “Ó professor! Por que não ensinas luta?”. O homem respondeu: “Porque não sei lutar!”. O garoto disse: “E este aqui ensina escrita, embora não a conheça!”.[\[206\]](#)

[Proseguiu o Recriminador:] “Se acaso te houvesse aproximado dos colaboradores do rei, ter-te-ias posto a salvo das maquinações deles”. Disse-lhe o Mergulhador: “Não me teria aproximado de seus colaboradores senão me distanciando dos objetivos do rei”. Disse-lhe o Recriminador: “Ao homem hábil talvez seja possível escapar de dois prejuízos com suas palavras e manter-se a salvo de ambos com sua habilidade, tal como, dada vez, um homem agiu com a mulher de seu amigo”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu:

a esposa que seduziu o amigo do marido

Conta-se que dois jovens se frequentavam, e cada qual tinha uma esposa. Então, a esposa de um deles enviou uma mensagem ao amigo do marido oferecendo-se a ele, que se recusou a fim de preservar o amigo. Mas a mulher insistiu e enviou-lhe, por meio de uma serva, a mensagem de que, se porventura o jovem não agisse conforme ela desejava, diria ao marido que ele a seduzira e que fora ela que o rechaçara. Apreciando então elaborar contra a mulher uma artimanha, sem trair o amigo nem dar a ela a oportunidade de alardear aquilo com que o ameaçara, o jovem enviou-lhe a seguinte mensagem: “Se porventura não me rechaçares, e se de tua parte isto for de fato a sério, então por Deus que eu estou mais apaixonado por ti do que tu por mim, e só o que me impedia de te procurar era o temor de que me não correspondesses. Não tenho uma casa preparada para tua frequência, nem confio em ninguém. Minha casa não é bela o suficiente para receber-te, sendo mais adequado tentar arranjar um encontro em tua casa; o melhor alvitre é que digas a teu marido que pretendes visitar teus pais no dia tal, e eu direi a ele que tenho uma amante a qual eu gostaria de levar à tua casa; quando estiveres com teus pais, escaparás furtivamente com esta minha serva para tua casa, e eu irei até lá encontrar-te, como se foras tu a mulher da qual eu falara a teu marido”. Ela aceitou a proposta e então o jovem mandou outra mensagem dizendo: “Não estou seguro de que não transpareça algo do nosso caso, e por isso eu quererei — se acaso chegar a teu marido alguma coisa a respeito — jurar para ele que és uma mulher cujo rosto eu jamais vi, e à qual nunca dirigi a palavra; para tanto, é necessário que eu me encontre contigo no escuro”. A mulher aceitou essa condição, e agiu conforme ele determinara. Quando ela foi para a casa dos pais e depois retornou para sua casa, o jovem disse ao marido: “Minha amante já chegou”, e o fez imaginar que iria ter com ela, mas saiu e enfiou-se num lugar que não dava para onde ela estava, e isso sem avisar o marido, a quem dissera: “Para poder oferecê-la a ti, fiz contra minha amante uma artimanha dizendo a ela: ‘Não me verás e eu não te verei; por isso, permanece no escuro e não me dirijas a palavra’”. Depois, retornou e disse ao marido: “Vai até ela!”, e o marido entrou onde a mulher estava, supondo que fosse a amante do amigo, o qual lhe pedira que cortasse uma mecha de cabelo dela; ele assim procedeu, e ao sair entregou a mecha ao amigo, que,

ao se ver de posse do cabelo dela, teve certeza de que sua artimanha se executara e disse à serva que servia de mensageira entre ambos: “Avisa-a que foi o próprio marido que foi ter com ela, cortou-lhe uma mecha do cabelo e a entregou a mim”, e contou-lhe como entabulara a artimanha. A mulher então foi para a casa dos pais e de lá lhe mandou uma mensagem jurando que nunca mais aprontaria outra igual.[\[207\]](#)

[Prosseguiu o Recriminador:] “Só te contei isto para que saibas que o dotado de sutileza pode livrar-se quando há dois que divergem nos objetivos.[\[208\]](#) E às vezes o destino empurra o homem para duas coisas nocivas das quais ele julga não haver escapatória, e então o resoluto atina, entre ambas, com algo mediante o qual escapa de sua nocividade, tal como agiu certo ladrão”. Perguntou o Mergulhador: “E como ele agiu?”. Respondeu:

o assalto e o sufi

Conta-se que certo mercador foi um dia abrir seu depósito, situado em determinado local, e nada achou de estranho em suas trancas, cadeados e lacre: tudo quanto ali se continha estava intato, com exceção de mil dinares que ele deixara no depósito; muito preocupado, foi até o chefe de polícia para se queixar, e este, nada encontrando em que pudesse basear-se, ficou perplexo com a história; logo, porém, botou a perplexidade de lado e prendeu todos quantos pudessem ser alvo de suspeita, entre os quais um rapaz de bela aparência e corpo tenro a quem o chefe de polícia despiu na presença de testemunhas a fim de açoitá-lo e forçá-lo a confessar, não restando entre os presentes ninguém que não se enternecesse com o rapaz e chorasse de dor por ele; o chefe já ia começar o açoite quando se levantou no meio das pessoas um xeique com roupas de sufi[209] e disse: “Não te apresses contra o rapaz; mostra-me o lugar, e quiçá eu te mostre quem roubou o dinheiro”. O chefe de polícia montou, seguido pelos presentes, e foram todos até o depósito, a cujo dono o xeique sufi disse: “Mostra-me como estava trancado e selado teu armazém, e a situação toda quando chegaste a ele”. O mercador lhe mostrou tudo e o xeique disse: “Abre-o”, e ele o abriu. O xeique sufi entrou no armazém e disse: “Agora, tranca-me sozinho aqui usando todos os cadeados para que eu possa investigar o local por dentro”, e o mercador assim procedeu. O xeique pôs-se a fazê-los ouvir-lhe a voz por alguns momentinhos e depois sumiu; como não o ouvissem mais, chamaram-no, mas ele não respondeu. Abriram a porta e, não o avistando, ficaram aturdidos por alguns instantes; logo começaram a vasculhar o depósito e encontraram um túnel sob um pedaço de láudano que estava ali jogado, e que conduzia a umas ruínas da vizinhança. Assim, o ladrão do dinheiro fora o próprio velho, que escapulira pelo túnel. Esse homem, ao se apiedar do garoto, ficou entre duas questões, ambas nocivas para si: caso confessasse, seria liquidado, e, caso se calasse, faria outro ser liquidado; assim, buscou habilmente um meio para inocentar o outro e se salvar.

[Proseguiu o Recriminador:] “Já disse certo sábio: Não busques o agrado de alguém provocando a cólera de outro mais poderoso”. Disse o Mergulhador: “Porém, o que eu fiz não foi senão por Deus altíssimo, e talvez Deus poderoso e excelso tenha determinado que minha ventura está

em me conceder o martírio. Não há problema em que se degrade meu mundo se isso por acaso for motivo para o bem de minha outra vida — muito embora eu esteja a ponto de concretizar minha salvação”. Perguntou-lhe o Recriminador: “E o que te indica isso?”. Respondeu o Mergulhador: “A fé que tenho em minha inocência é quase um testemunho de minha salvação. E o saber que Deus exalçado tem de minha situação é um aviso de que ele me concederá uma graça”.[210] Disse-lhe o Recriminador: “Tua confiança em Deus te fez esquecer a determinação e imaginar que o desperdício é a confiança”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ei, tu! O homem não se pode precaver de todas as coisas do mundo para não ser atingido por nada; porém, ele é como alguém contra o qual se disparam flechas de todas as direções, e que não pode concentrar a atenção em apenas um dos lados para prevenir-se de não ser atingido, pois nesse caso será mais atingido pelos outros lados. Os sábios já compararam o homem mundano àquele que se desvia dos pingos da chuva para que não o atinjam. Contudo, se a provação se dá por casualidade,[211] a salvação também se espera na casualidade. Se for sem culpa, espera-se a salvação sem esforço, tal como sucedeu a certo encadernador”. Perguntou o Recriminador: “E como foi isso?”. Respondeu:

um encadernador de sorte

Conta-se que um encadernador de Mossul disse: “Certo líder do clã de Banœ Æamdân[212] me entregou um caderno para encapar em couro, enfatizando a recomendação de que o guardasse bem e tomasse muito cuidado com ele. Rumei para minha loja, que ficava no caminho para o rio Tigre, e então adentrei por um vau[213] a fim de me abluir para a prece, e ali o caderno me escapou da manga, mas consegui resgatá-lo rapidamente antes que se afundasse, sem evitar, todavia, que ficasse molhado. Não tive dúvidas de que aquilo me causaria algum enorme desgosto: açoitamento, prisão e confisco de bens. Fiz tenção de fugir de Mossul, mas depois pensei: ‘Vou secá-lo e encapá-lo com couro, dando um jeito de entregá-lo a um de seus criados, após o que vou me escafeder; é o mais cômodo a fazer nessa história’. Soltei as folhas do caderno, coloquei-as para secar, consertei-as — fazendo-as voltar um pouco ao que eram — e o encapei esmeradamente com couro; quando terminei, saí para entregá-lo, logo na porta da casa do líder, a seu secretário, a quem encontrei sentado na entrada e lhe entreguei o caderno, fazendo em seguida tenção de partir, mas ele disse: ‘Entra e entrega-o de tuas mãos para as mãos do chefe, pois ele está te esperando e talvez mande dar-te alguma coisa’. Respondi: ‘Estou com pressa’. Ele disse: ‘Não é correto!’, e ordenou que me levassem até o homem. Não tive dúvidas de que se tratava de uma péssima casualidade. Caminhei até o pátio como se estivesse sendo conduzido para a morte, tamanha era a reverência que ele inspirava; encontrei-o sentado diante de uma piscina[214] no pátio, com os criados à sua cabeceira, e retirei o livro da manga enquanto ele dizia a um dos criados: ‘Recebe-o das mãos dele e entrega-o a mim’. O criado veio pela beira da piscina, estando eu na outra beira, estendeu a mão e o entreguei a ele, mas, assim que o empalmou, o caderno caiu na piscina até desaparecer, chegando a seu fundo. O líder explodiu em cólera contra o criado, insultou-o e ordenou que fosse açoitado. Agradei a Deus por ter escapado incólume, de um modo que eu não considerara, e me retirei enquanto o criado era surrado”.

[Prosseguiu o Mergulhador:] “Só te contei esta história para que saibas que a provação, quando ocasionada por alguma casualidade, espera-se a salvação dela pela casualidade, sem esforço”. Disse o Recriminador: “Essa também se assemelha à história daquele que jurou nunca mais participar de

festas nem acompanhar funerais”. Perguntou o Mergulhador: “E como foi isso?”. Respondeu:

o homem que jurou jamais ir a festas nem a enterros

Conta-se[215] que, questionado a respeito de tal juramento, o homem que o fizera respondeu: “Eu viajara de Bagdá a Basra portando cartas enviadas por certo notável para um dos dignitários de lá. Cheguei a Basra ao anoitecer, e quando saía de um vau,[216] à noite, fui recepcionado por um homem que me chamou por um nome que não era o meu, importunou-me com perguntas sobre meus familiares e pessoas que não eram de meu conhecimento, e jurou pela própria vida que eu teria de me hospedar em sua casa. Sendo eu ali um estranho, desconhecedor de algum local próximo onde me hospedar, pensei: ‘Passarei a noite na casa desse homem, e amanhã procurarei outro local’. Negaceei um pouco, e ele me levou para sua casa — eu tinha alguns *dirhams* na manga —, onde entrei, e eis que o homem estava dando uma festa cujos convidados tomavam vinho. O anfitrião saíra para satisfazer uma necessidade e me confundira, devido à embriaguez, com um amigo seu. Entre os convidados havia um homem acompanhado de um criado imberbe. Quando foram dormir em seus leitos, um dos membros do grupo se levantou, fornicou o criado e retornou a seu leito, próximo do lugar onde estava o patrão do criado, que por sua vez logo acordou e foi fornicar tal criado, dele ouvindo o seguinte: ‘O que queres? Porventura não estavas comigo agora há pouco e fizeste isso e aquilo?’. O patrão respondeu: ‘Não, por Deus!’. O criado disse: ‘Pois veio até mim agora mesmo uma pessoa que me fornicou e, supondo que fosses tu, não me mexi, pois não imaginei que alguém teria tamanho atrevimento contra ti!’. O patrão se levantou, puxou a faca da cintura, enquanto eu tremia tanto de medo que, se acaso se aproximasse de mim, ele me mataria supondo que fora eu o responsável pela história toda. Mas Deus poderoso e excelso quis que o autor da história — que fingia dormir, com isso esperando safar-se — fosse punido: fez o patrão colocar a mão em seu coração e constatar que batia acelerado; então, enfiou-lhe a faca no coração enquanto lhe mantinha a boca tapada, e ele se debateu e morreu. O patrão pegou o criado pela mão, abriu a porta e se escafedeu. Atingido por um terrível pressentimento,[217] pensei: ‘Sou estranho aqui; o dono da casa acordará e, sem me conhecer, não terá dúvidas de que seja eu o responsável pela história; serei morto sem haver cometido nenhum crime!’. Recolhi minhas sandálias e bagagem, fui para a porta e caminhei sem parar nem saber para onde, com a noite pela

metade. Temeroso da polícia noturna, avistei o cubículo do forno,[\[218\]](#) ainda não aceso, de um banho público, e ali entrei pensando: ‘Escondo-me aqui até que o banho abra, e então entro!’. Acomodei-me num canto do cubículo, permaneci alguns momentos e eis que ouvi a voz de um homem dizendo: ‘Já te vi, filho da puta!’, e entrou no cubículo, onde eu me quedei como morto, sem me mexer, tamanho era meu medo. Não ouvindo ali nenhum som, o homem enfiou a mão e agitou sua espada naquele cubículo, mas, como ficou longe de me atingir, tive paciência e me sentei, resignado. Não sentindo a presença de ninguém no cubículo, ele saiu e voltou com uma jovem, enfiou-a no cubículo, matou-a e foi-se embora, abandonando-a ali. Vendo o brilho dos chocalhos nas pernas dela, retirei-os e saí, e eis que a casa de banho fora aberta;[\[219\]](#) entrei, escondi o que trazia comigo em minhas roupas e as entreguei ao encarregado pela casa de banho. Retirei-me ao amanhecer, recolhi minhas coisas e tomei meu rumo, dirigindo-me à casa do dignitário para o qual eu portava as cartas; as joias estavam numa bolsa que trazia comigo. [Quando cheguei,] fui ter com ele, que se pôs a gracejar comigo e disse: ‘Vamos, dá-me! O que trouxeste para nós? Deixa-me ver tua bolsa, que está parecendo pesada’. Respondi: ‘Eu não trouxe nada’. Ele disse: ‘Sim, trouxeste, mas vais dá-lo a outro que não nós!’. Então um de seus criados correu até mim, pegou a bolsa e disse: ‘Por Deus, amo, como está pesada!’. O dignitário lhe disse: ‘Esvazia-a’, e eis que apareceram as joias! Ao vê-las, os olhos do dignitário se avermelharam, seu rosto se escureceu e ele perguntou: ‘Onde arranjaste isso?’. Respondi: ‘Dá-me uma salvaguarda!’.[\[220\]](#) Ele disse: ‘Salvaguarda concedida!’. Então contei-lhe toda a história daquela minha viagem, e após ouvi-la ele entrou apressadamente numa casa em ruínas,[\[221\]](#) retornando em seguida até mim e perguntando: ‘Acaso conheces o homem que matou essa mulher?’. Respondi: ‘Não, porque a escuridão se interpunha entre nós; porém, eu o reconhecerei se lhe ouvir as palavras’. O dignitário preparou uma refeição, saiu e voltou acompanhado de um jovem soldado com quem conversou e depois piscou para mim; eu disse: ‘Sim, ele é o homem’. Então comemos, serviu-se bebida e o dignitário deu-lhe tanto vinho que ele se embriagou e dormiu ali mesmo. O dignitário fechou a porta da casa, matou o rapaz e disse: ‘A assassinada é minha irmã, a quem este rapaz corrompera. A notícia me chegou há alguns dias e, embora eu não acreditasse, expulsei minha irmã para uma ruína aqui ao lado da casa, e então ela foi atrás dele.

Não sei o que sucedeu entre ambos para que ele a matasse. O fato é que reconheci os chocalhos e, como vês, matei-o. Agora vem comigo enterrá-lo'. Não descansei até que o enterramos. Depois, fui-me embora dali[222] num meio-dia de muito calor devido a uma necessidade minha e topei com um féretro carregado por dois homens, dos quais um me disse: 'Quizá me ajudes, pois estou ardendo de sede e fadiga, e ocupes o meu lugar por um instante; eu logo retornarei, e tu com isso terás a recompensa divina'. Substituí-o e ele sumiu de minhas vistas; como demorasse demais, gritei com o outro carregador, que disse: 'Caminha e cala-te, pois ele se escafedeu e não retornará!'. Respondi: 'Por Deus que agora mesmo vou jogar o féretro no chão!'. Ele disse: 'Por Deus que se o fizeres eu gritarei'. Envergonhado, pensei: 'É uma recompensa que Deus está me oferecendo', e continuei até que o depositamos na mesquita dos funerais. Mal o féretro tocou o solo, o outro carregador fugiu e eu gritei: 'Ó malditos! Por Deus que completarei a missão que me dará a recompensa divina!'. Retirei os *dirhams* da manga e perguntei: 'Ó coveiro! Onde está a cova deste enterro?'. Ele respondeu: 'Não sei'. Eu disse: 'Escava-lhe uma cova e toma estes *dirhams*', e ele escavou. Quando lhe desci o féretro a fim de que fosse enterrado, o coveiro pulou da cova, agarrou-me, enrolou meu turbante em meu pescoço e gritou: 'Ó gente! Temos aqui um assassinado!'. As pessoas se aglomeraram e o indagaram, e ele respondeu: 'Este homem trouxe este assassinado sem cabeça!', e então a mortalha foi aberta e constataram que a coisa era como ele afirmara. Fiquei espantado, perplexo e atônito, e me acudiram desgostosos que não consigo descrevê-los, a ponto de minha vida quase se extinguir. Fui conduzido ao chefe de polícia, a quem deram a notícia, e então os açoites foram preparados enquanto eu me mantinha calado e aparvalhado. O chefe de polícia tinha um escrivão ajuizado que, ao notar a minha perplexidade, pediu-lhe a concessão de um prazo a fim de investigar minha história; disse: 'Parece-me que ele está sendo injustiçado', e, ficando a sós comigo, indagou de minha história, e eu tudo lhe contei, sem tirar nem pôr. Ele pediu o féretro, examinou-o e viu escrito nele que pertencia à mesquita tal na região tal. Pegou então seus homens e se dirigiu disfarçado à tal mesquita, na qual encontrou um alfaiate a quem perguntou sobre o féretro, como se o quisesse carregar; o alfaiate respondeu: 'Esta mesquita possui um féretro, mas ele foi levado hoje cedo pela gente daquela casa — e apontou para o lugar —, que ainda não o devolveu'. O escrivão deu uma batida na

casa[223] com os homens da polícia, prendendo todos quantos nela estavam e levando-os para a delegacia, a cujo chefe deu a notícia. Fizeram aquelas pessoas confessarem e elas confessaram ter brigado por ciúmes de um criado imberbe que tinham, e ao qual afinal mataram, atirando-lhe a cabeça num buraco que escavaram na casa e carregando o corpo do modo antes descrito; os dois carregadores pertenciam ao grupo. Suas cabeças foram cortadas e me soltaram, e é este o motivo pelo qual não participo de festas nem de enterros”.

[Disse o Recriminador:...][224] “Por vida minha que ele garantiu[225] a salvação sem esforço. Contudo, o que te faz ter esperança de que irás salvar-te?”. Respondeu o Mergulhador: “Minha resposta é a mesma dada por certa beduína a um homem que lhe perguntara: ‘De que viveis?’. Ela respondeu: ‘Se vivêssemos somente daquilo que conhecemos, não viveríamos’. E eu, se porventura só pudesse salvar-me do modo como sei, não me salvaria! Quando Deus quer algo, facilita-lhe os motivos, tal como se conta a respeito de um rapaz a quem uma farpa de bambu livrou de ter a mão decepada”. O Recriminador perguntou: “E como foi isso?”. Respondeu:

o criado salvo pela farpa de bambu

Um dos comensais do califa Almuçtamid[226] contou que ele quis ter mobílias de brocado, cortinas e todos os apetrechos adequados ao conforto, ao regozijo e ao resguardo[227] conforme um único modelo desenhado e projetado por si mesmo. As coisas foram então produzidas[228] como pedira e levadas a ele; objetivo alcançado, o califa ficou muito feliz, determinando que aquilo tudo fosse estofado, estendido e instalado, e convocou os comensais, comigo entre eles, aos quais pediu que descrevessem a mobília; não restou entre nós um único que não a descrevesse. Então, ele foi dormir, para em seguida poder acordar, sentar-se e beber [usando o novo mobiliário], e nós nos dispersamos. Porém, quando nos demos conta, a casa já se enchera de barulho e gritaria. O califa nos chamou e o encontramos rugindo feito um leão, cheio de cólera: é que metade de uma daquelas cortinas fora rasgada! Ele dizia: “Pouco se me dá o ter sido rasgada ou seu valor, pois eu tenho recursos e me é possível obter outra. Porém, antes de qualquer outra coisa,[229] isso me transtornou o prazer e a alegria, consistindo num ato de atrevimento contra mim. E o mais intolerável é que quem a rasgou [o fez em minha presença][230] e se escondeu de minhas vistas”. Em seguida, chamou Ni-rΣr,[231] o gerente do palácio, fazendo juras imensas de que lhe cortaria o pescoço se acaso ele não investigasse e trouxesse o criminoso. Foi sentar-se sozinho e encolerizado, enquanto o gerente ia cumprir o que ele determinara, e logo trouxe um dos camareiros, um rapaz que parecia a lua cheia, com um pedaço de brocado na mão, que se desculpou e penitenciou chorando e pediu para ser demitido, mas, sem lhe dar ouvidos, o califa ordenou que fosse retirado dali e se lhe decepasse a mão, e ele então foi retirado, não restando nenhum de nós que não ficasse com o coração condoído pelo rapaz devido à sua graciosidade e tenra idade, embora ninguém ousasse intervir em seu favor junto ao califa; mantivemo-nos em pé, calados, enquanto Almuçtamid agitava as mãos de cólera, e quando nos demos conta ele soltou um enorme grito: “Algo acaba de entrar em meu dedo!”; sua dor recrudescceu, e se trouxe [alguém para examiná-lo, e este providenciou uma pinça],[232] extraindo-lhe do dedo uma farpa de bambu semelhante a um fio de cabelo. Ficamos sem saber com o que nos espantávamos mais: se com sua pequenez, ou com a entrada de uma coisa tão frágil em sua carne,

ou com a forte dor que provocara, ou com o fato de ter se mantido sobre o tapete de brocado [depois de ele ter sido batido e estendido].[\[233\]](#) O califa ficou estirado algum tempo e, descansado, perguntou: “Ó gente! Se algo assim tão pequeno me causou tão intensa dor, qual será a situação daquele cuja mão mandamos decepar?”. [Respondemos: “Será a pior e a mais grave! Impõe-se que faças do perdão a ele um agradecimento por aquilo de que te livraste”. O califa disse:][\[234\]](#) “Enviem um criado até Ni-rΣr para impedi-lo de decepar-la se ele ainda não o tiver feito”. Os criados correram e chegaram ao local da execução, onde o óleo já estava fervido[\[235\]](#) e tudo pronto para decepar a mão do rapaz, e ordenaram a Ni-rΣr que não o molestasse.

[Prosseguiu o Mergulhador:] “Só te contei esta história para que saibas que Deus poderoso e excelso, quando quer salvar um homem, não lhe impõe intermediários, salvando-o até mesmo por meio das coisas menores e mais desprezíveis”. Disse-lhe o Recriminador: “Suponho que tu sejas tal como disse um rapaz à própria mãe”. Perguntou o Mergulhador: “E o que ele lhe disse?”. Respondeu:

cantora na juventude, asceta na velhice

Conta-se que certa mulher, cantora[236] na juventude, ao envelhecer devotou-se ao ascetismo. Então, seu filho foi procurá-la devido a uma urgência qualquer e, encontrando-a prosternada a rezar, aguardou que ela se sentasse para falar-lhe, mas, como a prostração dela lhe parecesse longa, disse-lhe: “Se não tivesses deitado tanto de costas, hoje não necessitarias prosternar tanto a cara”.

[Proseguiu o Recriminador:] “Assim és tu: não te tivesses exposto ao que te expuseste, o que nenhum benefício te trouxe, hoje não necessitarias esperar os fados”. [237] Disse-lhe o Mergulhador: “Aquilo que te expliquei a respeito de meu objetivo na busca do além[238] já contém o que me dispensa de retomar a fala a respeito. Seja como for, vai-te embora, meu irmão, para que não sejas censurado devido a meu crime e perseguido por minha causa”. Então ambos se abraçaram, despediram e separaram. Quando o Recriminador saiu, o Mergulhador disse: “Toda provação tem seu remate, e espero que este seja o remate de minha provação e o final de minha desgraça. Que asco de amigo que tortura o outro com palavras e não o beneficia com ações! Porém, conforme se diz, é verdade que o mau amigo é como a flecha, que dói quando acerta e dói mais ainda quando se arranca, e o bom amigo[239] é como a arma nobre, que te beneficia quando a vestes e nenhum prejuízo te acarreta quando a despes”.

Algum tempo depois, o leão determinou a soltura de um dos dois inocentes que mandara prender. O que ele pretendia era usar cada um deles como receptor de informações de modo que não se dessem conta, evitando assim que refletissem juntos sobre o que dizer ou combinassem o que contar ou escolhessem o que repetir. Acomodou o primeiro liberto diante de si e lhe disse: “Conta-me o que disse cada um dos presos desde que entraste na cadeia até que saíste”, e ele lhe contou tudo quanto ouvira do início até o fim; então o rei o enviou para um local isolado e determinou a soltura do outro, a quem interrogou, e ele tudo lhe contou. Ao constatar que as palavras do segundo liberto correspondiam às do primeiro, recompensou-os e dispensou-os. Em seguida, pôs-se a refletir sobre as conversas ocorridas entre o Mergulhador e seu amigo, e entre ele e o Recriminador, comparando umas com as outras. Examinou a carta que lhe fora entregue por sua favorita e, verificando que estava escrita em nome do Mergulhador, pensou:

“O que me faz suspeitar desta carta é o fato de estar escrita em nome do Mergulhador, pois, fosse ele o autor, não mencionaria o próprio nome. É melhor perguntar à minha favorita quem a entregou a ela”. Mandou chamá-la, interrogou-a sobre quem lhe entregara a carta e ela respondeu: “Ninguém a entregou a mim; encontrei-a jogada em meu quarto”. Então, as suspeitas do leão se redobraram.

Depois, ocorreu-lhe chamar um dos que ouviram o segredo que se espalhara a respeito do tigre, e perguntou-lhe quem lhe havia levado aquela informação; não deixou de inquirir um a um até chegar a um daqueles inimigos do Mergulhador que haviam entabulado a artimanha; perguntou-lhe: “Quem te deu tal informação?”. Ele respondeu: “Foi o Mergulhador que me deu a informação, e para isso tenho testemunhas”. O leão perguntou: “E quem são tuas testemunhas?”. Respondeu: “Fulano e beltrano”, nomeando membros do grupo dos que haviam conspirado.<sup>[240]</sup> O leão determinou que fossem convocados, indagou-os a respeito e eles testemunharam. Então, ele ordenou que fossem separados e passou a interrogá-los em separado: onde o Mergulhador lhes informara aquilo? Estavam reunidos ou separados? Em que lugar lhes relatara o fato? Então, suas versões entraram em conflito e o rei, embora certo de que se tratava de maquinação deles, disse: “Tal como não me apressei contra o Mergulhador, tampouco devo me apressar contra eles, mas sim ficar a par do caso por inteiro”. Ordenou em seguida que se trouxesse o mercador no meio de cuja bagagem se encontrara a carta; tratou-o com afabilidade e gentileza, e lhe perguntou: “O que me dizes sobre a carta que estava no meio de tua bagagem?”. O mercador fez juras imensas de que nada sabia a respeito da carta nem de como era. O leão perguntou: “E de quem suspeitas nessa questão? Qual é tua conjectura?”.<sup>[241]</sup> O mercador respondeu: “Não sei de ninguém que tenha posto a mão em minha bagagem com exceção de um criado meu”. O criado foi então trazido à presença do rei e interrogado, confessando após ser surrado que um homem combinara aquilo consigo. Indagado pelo rei sobre tal homem, o criado mencionou não o conhecer, sendo-lhe então exibido o grupo dos acusados, dos quais ele reconheceu um e disse: “Ei-lo aí!”. Mais convicto ainda de que os membros daquele grupo é que haviam urdido a artimanha, o rei os manteve ali e mandou chamar o outro mercador, aquele com o qual se encontrara o dinheiro, e o surrou até fazê-lo confessar que um dos membros do grupo combinara aquilo com ele.

O rei foi então atingido pela estupefação ante a enormidade da artimanha de que fora alvo por parte daqueles que lhe pagavam generosidade com nocividade. Não demorou a ordenar a execução dos membros do grupo e a soltura do Mergulhador, e ao vê-lo diante de si começou a desculpar-se com a língua dominada pelo pudor e contida pela vergonha. O Mergulhador lhe disse: “Eu já sabia, ó rei, que minha relação contigo daria nisso; porém, eu dignifiquei tua predileção em detrimento da minha, e guardei a obediência a ti durante meu infortúnio, que se tornava mais suportável para minha alma, [242] pois ela, ao lhe suceder o que conhece de antemão, já está preparada para tal e não é dominada pelo temor. Maior foi minha alegria, ó rei, com o fato de tu te salvares da [prática da] injustiça do que com minha salvação da morte, pois não se considera desgraça incomparável aquilo que é motivo de ventura perpétua”. [243]

(17) capítulo sobre  
a comprovação,  
mediante a inteligência,  
da recompensa no além[[244](#)]

Perguntou o leão: “Com o que tua alma se tranquilizou e teu coração se fortaleceu sobre o ser a desgraça incomparável motivo para a ventura perpétua?”. Respondeu o Mergulhador: “Verifiquei que tudo no mundo está fundamentado na extrema sabedoria e no bom labor,<sup>[245]</sup> e verifiquei que a providência chega até as coisas mais desprezíveis; tal providência não despreza nada por sua pequenez, insignificância, vileza e ninharia. Descobri então, ó rei, que quem devota atenção à ave débil e desprezível que limpa os dentes do crocodilo proveu-lhe as asas de aguilhões, os quais, quando o crocodilo fecha a boca, a cortam, permitindo-lhe salvar-se;<sup>[246]</sup> e, às árvores cujos frutos são pesados e cujo tronco é frágil — tais como o pepino, a cabaça, a abóbora e assemelhados —, proveu-as de ganchos e fios com os quais se penduram nas [outras] árvores, as quais lhes suportam o peso, exercendo o papel da perna forte, e, se não têm árvores a seu lado, proveu-as de troncos tão moles que não param em pé, a fim de poderem estender-se pelo solo, o qual lhes suporta o peso, e não as fez muito rijas, para que o peso não as quebre. Aquele que devotou atenção a estas questões pequeninas não descuraria as grandes questões. Se isso não ocorre nesta morada — e se, ao contrário, vemos que o homem às vezes leva uma vida afortunada, não se alimentando senão da injustiça, não hesitando, incessantemente, em fazer correr sangue, e não morrendo, após uma longa vida, senão na melhor situação entre os de sua espécie<sup>[247]</sup> —, a inteligência nos obriga a julgar que existe outra morada de retribuição além desta. Agora, aproxima-se de mim o que estava distante; que o rei me deixe, portanto, ir cuidar de meus misteres, isolar-me na adoração de meu Senhor poderoso e excelso, e ficar sozinho exercitando minha alma”. Disse-lhe o rei: “Se fizeste o que fizeste somente visando recompensa mediante a proteção do reino e a concórdia geral,<sup>[248]</sup> procurando com isso o que está para além de hoje, os males que te foram infligidos não te impedirão de continuares a fazê-lo, nem os danos que sofreste te afastarão de o retomares. O dano da artimanha que me armaram contra ti me prejudicou em vários aspectos e não me beneficiou em aspecto nenhum, ao passo que te beneficiou em vários aspectos e te prejudicou só em um, pois essa artimanha provocou confusão em minhas opiniões, prejuízo à minha fé e ousadias de meus colaboradores para comigo devido ao que de minha parte presenciaram; tua posição é a de quem fez o bem a quem lhe fez o mal, ao passo que a minha é de quem fez o mal a quem lhe fez o bem; comigo está

a humilhação do infâmia e a aflição de haver praticado uma má ação, e contigo a dignidade da inocência e a felicidade[249] de haver praticado uma boa ação”. Disse-lhe o Mergulhador: “Ó rei! Vários motivos me impedem de ficar contigo; um deles é que, conquanto inocente, o que fizeste comigo provocar-te-á suspeitas contra mim, pois me acusaste de ter agido mal sem que me tivesses feito algo que determinasse tal procedimento de minha parte. Qual será então minha situação agora, depois que me fizeste algo que diminuirá tua confiança em mim, e que se disseminam conversas a meu respeito? Temo que meu caso contigo passe a ser como o de Abœ Ubaydillâh, vizir do califa AlmahdΣ”. [250] O rei perguntou: “Como foi o caso dele?”. Respondeu:

o bom vizir e seu filho maniqueu

Conta-se que, quando pretendeu arruinar o vizir Abœ ÇUbaydillâh, o secretário ArrabΣÇ consultou a respeito um amigo que lhe disse: “Abœ ÇUbaydillâh não é ignorante em sua função; na verdade, trata-se de uma das pessoas mais hábeis — nunca se encarrega de coisas das quais suspeite[251] — e mais castas, a ponto de o califa AlmahdΣ, mesmo quando as filhas estão em seu colo, ter um lugar para ele, que não é suspeito de infidelidade a este governo, e tampouco é suspeito em sua fé. Tais características, porém, se reúnem em seu filho” — e, efetivamente, o vizir tinha um filho que era da religião maniqueísta. Então o secretário ArrabΣÇ se levantou e beijou os olhos do amigo. O califa AlmahdΣ estava perseguindo os maniqueístas e tomando medidas drásticas contra eles. ArrabΣÇ chamou um de seus protegidos, homem ardiloso, e lhe entregou algumas cartas que escreveu — como se fossem da lavra de um grupo de maniqueístas célebres com os quais ArrabΣÇ travara conhecimento antes, e de cujas notícias tinha informação —, bem como presentes e mensagens de cortesia — como se também proviessem deles —, ordenando a seu protegido que entregasse tudo aquilo — vestido com roupas de asceta e afetando reverência a Deus, modéstia e gentileza — ao filho de Abœ ÇUbaydillâh. O protegido assim procedeu: chegou até o filho de Abœ ÇUbaydillâh e lhe entregou as mensagens e os presentes, não cessando de agradá-lo e se mostrar afável até fazer o rapaz adquirir confiança em si e galgar duas ou três posições junto dele.[252] Em seguida, o protegido lhe pediu respostas para as cartas, e o rapaz as escreveu; depois, convidou-o para tomar vinho, e, como o rapaz aceitasse, o protegido embriagou-o, recolheu todas as cartas originais com as respostas, largou-o bêbado e partiu, entregando-as a ArrabΣÇ, que por seu turno as entregou ao califa AlmahdΣ, e este ordenou que o filho de Abœ ÇUbaydillâh lhe fosse trazido às escondidas do pai. Quando o rapaz chegou, o califa convocou uma audiência geral com a presença de escribas, vizires e notáveis, além do próprio Abœ ÇUbaydillâh, a quem perguntou: “O que faz teu filho fulano?”. Respondeu: “Está morando em Meca”. Perguntou: “Conheces a letra dele?”. Respondeu: “Sim”. Então o califa sacou as cartas que o rapaz escrevera, e o vizir se calou, amargurado. Após chamar-lhe o filho, que confessou ser praticante do maniqueísmo e leu as cartas, o califa disse ao

vizir Abœ ¢Ubaydillâh: “Cuida da execução dele com tuas próprias mãos!”, mas, como o vizir estremeceu e se mostrou incapaz de fazer aquilo, o secretário ArrabΣ¢ disse: “Ó comandante dos crentes! Que ele seja dispensado, por sua venerabilidade, de matar o próprio filho. Eu me encarregarei disso”. O califa respondeu: “Faze-o!”, e então ArrabΣ¢ avançou e golpeou o pescoço do filho de Abœ ¢Ubaydillâh, que estava diante de si. Após matá-lo, ArrabΣ¢ disse a um dos criados do califa AlmahdΣ: “Ganharás de mim três mil dinares se fizeres algo que não te prejudicará”. O criado perguntou: “O que é?”. Respondeu: “Quando Abœ ¢Ubaydillâh for ter com o califa e estiver em sua presença, agarra a espada dele e caminha a seu lado; o califa estranhará e tu lhe dirás: ‘Ó comandante dos crentes! Se ontem lhe mataste o filho, como podes hoje ficar a sós com ele, que porta uma espada?’”. O criado agiu de acordo com aquilo, e então o califa começou a cismar com Abœ ¢Ubaydillâh, tendo sido esse o motivo de sua demissão.[\[253\]](#)

[Prosseguiu o Mergulhador:]

o vizir punido

Também se conta que certo rei da Pérsia foi espremido, num canto apertado, por seu vizir, que lhe pisou no pé. O rei mandou então que o pé desse vizir fosse decepado, mas depois se arrependeu e mandou que o medicassem. Quando o vizir se restabeleceu, o rei pensou: “Cortei-lhe o pé, e por tal motivo ele nunca irá gostar de mim”, e mandou matá-lo. Depois pensou: “Os familiares dele nunca irão gostar de mim por tê-lo matado”, e ordenou que fossem mortos.

[Prosseguiu o Mergulhador:] “E eu, ó rei, posso me proteger de ser suspeito, mas não posso proteger-te de dúvidas que te atingirão, pois nunca estarás assegurado em relação a mim, ainda que eu seja como gostas. Se o sangue se pagasse com o sangue de quem matou, o suicídio não seria proibido ao homem. Eu já fizera a Deus votos de que, se acaso ele me concedesse minha vida, eu a devotaria a ele e me isolaria em sua adoração”.

(18) capítulo sobre  
os danos causados à alma  
pelos maus hábitos,  
que nela se imprimem

Perguntou-lhe o rei: “O que te impede da adoração estando onde estás?”. Respondeu: “Ó rei! Na harmonização e adestramento da parte animal da alma, [254] é necessário que se efetue a separação entre ela e seus amores. Já me prejudiquei na busca do máximo daquilo que naturalmente se considera agradável, [255] e temo que isso se torne em mim um hábito vil e difícil de evitar depois de consolidado, sendo eu então atingido pelo mesmo que atingiu o dono do cavalo”. Perguntou-lhe o leão: “E como foi isso?”. Respondeu:

o potro indomável

Conta-se que certo homem corajoso tinha um potro, ao qual criara desde o nascimento, de extrema graça, beleza, equilíbrio de membros e magnificência de compleição. Aquele velho se afeiçoou ao potro de tal maneira que ele se tornou toda a sua preocupação: não cessava de tratá-lo bem e dar-lhe ração extra; porém, já incapaz de domá-lo, tinha pena que outrem o cavalgasse para adestrá-lo e domesticá-lo, e o animal permaneceu sem domador até que seu caráter se corrompeu e suas características se tornaram más. A seu lado, havia uma égua cujo odor ele farejava, ficando em constante excitação. Seu dono somente conseguia montá-lo à custa de ingentes esforços. À medida que os dias passavam, o velho ia ficando mais fraco, enquanto o potro ia ficando mais forte. Certa feita, o velho precisou cavalgá-lo para determinada circunstância de batalha com inimigos, embora o potro não se deixasse conduzir por ele nem lhe obedecesse a vontade; era um animal sem juízo. O velho o cavalgou, e o potro irrompeu pelas linhas inimigas atrás de uma égua cujo odor farejara, e então os inimigos o desjarretaram e mataram o velho.

[Proseguiu o Mergulhador:] “Esse é o paradigma do homem com sua alma; ele é como o dono do potro: se o adestrar de maneira equilibrada, ser-lhe-á montaria submissa com a qual irá aonde quiser, e se acaso não o contiver mediante adestramento[256] nem o treinar de modo louvável, isso lhe conferirá hábitos vis, e talvez derrote seu cavaleiro, estropiando-o e estropiando-se”. Disse-lhe o leão: “O melhor dentre dois homens é aquele que se contém ao presenciar o que deseja. O refreares tua alma na presença do que desejas é melhor que o esperares aquilo para o qual essa espera não terá utilidade”. Disse o Mergulhador: “Ó rei! Um homem não será louvado nem desculpado se acaso fortalecer o inimigo contra si mesmo, em especial se esse forte inimigo for mais poderoso[257] e tiver valor e importância bem maiores. Com efeito, não será considerado arrojado senão quem usa de sutileza no enfraquecimento dos misteres de seu inimigo e na interrupção daquilo que lhe dá força, e depois, mesmo certo da vitória, persiste em tais esforços por mais que o inimigo se enfraqueça. Já a paixão é um inimigo que se apresenta em roupagens de amigo e surge em trajes de solícito, enganando por meio do desejo e aguilhoando por meio do prazer. Não terei

desculpas se a tal inimigo eu tornar feroz como um leão e fortalecer, ainda que eu tenha certeza, apesar disso, de que o derrotarei”.

(19) capítulo sobre  
as partes da política[[258](#)]

Quando perdeu as esperanças de continuar tendo a colaboração do Mergulhador, o leão lhe disse: “Faze-me recomendações!”. O Mergulhador respondeu: “Ó rei! Eu obedecerei à tua ordem, mas minha recomendação a ti e o prescindires dela seguindo tua própria alma é como o mercador a quem a abundância existente nos depósitos do rei não impede de carregar o que encontra de pedras preciosas e joias valiosas, pois a política, mediante a qual se mantém o reinado, divide-se em duas partes, tais como as partes da medicina. A primeira é a manutenção do reino, que se *administra* com justiça e boa conduta, e para a qual se necessita, ao lado da suavidade, de certa dureza; corresponde, das duas partes da medicina, à da manutenção da saúde, que *administra* os alimentos equilibrados, saborosos e bons no meio dos quais se introduzem, sutilmente, os remédios. E a segunda parte é a do afastamento dos inimigos, que corresponde, das duas partes da medicina, à da eliminação das doenças que necessitam de remédios desagradáveis, e que às vezes necessitam de venenos mortais em doses adequadas. Nenhuma dessas partes se efetua senão com extremo cuidado e informações que contribuam para a integridade do reino. A primeira parte necessita de severa pesquisa acerca das questões do reino e da situação dos súditos, e do zelo em investigar isso de modo que todos saibam. Se o rei zelar para que isso fique assente entre todos, fará com que seu mister para eles seja a exposição dos procederes cuja recompensa não se obtém, e dos procederes[259] dos quais se deve esperar punição; assim, o rei não será temido senão por quem obrar mal, e não será procurado senão por quem obrar bem, podendo afinal se empenhar naquilo de que se aproximou e romper com aquilo de que se afastou. Bem fez certo sapiente que disse: Que as pessoas saibam, entre as coisas por elas conhecidas sobre teu caráter, que não te açodas na recompensa nem na punição. Isso conserva melhor o temor de quem teme e a esperança de quem espera. Entre as coisas das quais necessita esta parte está a veracidade na promessa e na ameaça, pois já se dizia: A corrupção dos homens e a ruína do país se dão com a anulação da promessa e da ameaça. E conta-se que se perguntou a Kisrà Anœ irwân:[260] ‘Com qual política e com qual *administração* alcançaste o que alcançaste?’. Respondeu: ‘Nunca brinquei com nenhuma ordem ou proibição; doeí por necessidade, e não por paixão; puni para educar, e não por cólera; enchi o coração dos súditos de amor sem ousadias, e reverência sem ressentimento; e evitei exageros no recompensar e no punir. Acautelai-vos dos exageros na

recompensa tal como vos acautelais dos exageros na punição, pois o exagero na recompensa torna petulante quem a ela se dirige e humilha quem dela se desvia'. E se perguntou a um rei cujo reino se extinguiu: 'O que extinguiu teu reinado?'. Respondeu: 'Desperdício, arrogância e ressentimento; e empurrar o dever de hoje para amanhã'. E perguntou-se a certo omíada após a extinção do reinado de sua dinastia: 'O que extinguiu vosso reino?'. Respondeu: 'Nossos prazeres, que nos distraíram da dedicação aos nossos deveres; nossa confiança em nossos representantes, que deram preferência a seus interesses em detrimento dos nossos; a injustiça dos nossos agentes contra os súditos corrompeu as disposições destes últimos em relação à nossa dinastia, fazendo com que quisessem se livrar de nós; corromperam-se os pagadores de impostos, e em consequência as nossas rendas diminuíram e se atrasou o pagamento da soldadesca, extinguindo-se a obediência deles a nós; quando os nossos inimigos se ergueram, foram poucos os que nos defenderam. E a coisa mais grave que extinguiu o nosso reino foi que as informações passaram a ser escondidas de nós'. Na outra parte, necessitas do envio de espiões, intensa busca de informações, esforço para evitar que as almas dos inimigos tomem conhecimento de tua inimizade, abandono do confronto aberto se para tanto houver condições[261] — pois já se disse: Quem te revela a inimizade por ti já te livrou da metade de suas maquinações —, e deixar de lado a inimizade se houver condições para não lutar, pois o rei deve crer que seu reino é como se fosse seus próprios membros, alguns dos quais lhe mantêm a alma, enquanto outros lhe mantêm o bem-estar; se acaso a algum deles se impuser uma doença, esforçar-se-á para tratá-la sem prejudicar o membro, não o colocando em risco senão depois de saber que o corpo somente ficará sadio se tal membro for amputado. Quando queriam ludibriar alguém numa armadilha, os reis forcejavam por desviar-lhe a atenção do que pretendiam, afetando diante dele coisas que lhe apagavam da alma a imagem da cautela, a fim de que saísse de seus cuidados e aparecessem os seus pontos fracos; porém, se acaso não conseguissem desviar-lhe a atenção, elaboravam ardis aparentes para intrigá-lo, de modo tal que sua atenção permanecesse ocupada e ele avaliasse que aqueles ardis é que eram a finalidade, quando [na verdade] se tratava de diversionismo e desvio de sua atenção para o que pretendiam fazê-lo ver, iludindo-o e confundindo-lhe a opinião, a fim de levá-lo a avaliar que chegara ao término a suspeita contra si.[262] Em

ambos os casos, o interesse do rei[263] se constrói pela prevenção. Já dizia certo rei notável: Eu me espanto do soberano que, abalçando-se à observação dos livros e das notícias, considera-os, não obstante, um lazer qualquer, bem como do *administrador* que, desconhecendo o que sucede em sua atividade, segue em frente com sua *administração*. [264] A origem da desgraça nos confrontos entre inimigos reside na total dependência da força, e no descarte da cilada e da prevenção. A debilidade se manifesta na dependência da força e na falta de recurso à artimanha. O princípio [para o funcionamento] do estratagema é a justiça e a boa conduta. Já se perguntou a certo sábio: ‘De qual estratagema Alexandre[265] lançava mão para que os homens o acatassem e os reis se submetessem a ele?’. Respondeu: ‘Seus meios eram a justiça e a boa conduta’. Alexandre tinha duas regras admiráveis na luta com os inimigos e na conquista dos países: a primeira é que foi ele quem deu início à busca de informações sobre a conduta do rei que pretendia atacar, sobre sua situação e tropas, porquanto inevitavelmente haveria em sua conduta injustiças e abusos, ou inclinação às paixões, ou corrupção na *administração*, ou extravio da lei; tendo se assegurado disso, escrevia-lhe o seguinte: ‘Chegaram-me, a teu respeito, as notícias tais e tais’, ou: ‘És injusto com teus súditos nisso e nisso, e te apartas da lei nisso ou naquilo. Se acaso modificares tal proceder, serás meu irmão e teu auxiliar serei, mas, se te recusares, eu me propus a fazer abundar a verdade, a fazer renascer a lei e a proteger o oprimido do opressor. Nem Alexandre nem seus colaboradores são daqueles que se preocupam com a morte, pois a morte pela verdade é melhor que a vida na falsidade, e sermos mortos na busca da verdade é melhor que vivermos ao largo dela’. O orgulho dos reis os impede de se submeterem às exigências ditadas por outro rei, as quais lhe pespegavam a pecha da injustiça,[266] e então seus apoiadores se tornavam inimigos, e semeava-se desordem contra si entre os súditos. Quando derrotava algum rei, Alexandre tomava os membros do círculo íntimo desse rei e os misturava aos seus próprios, era dadivoso com eles, tratava-os bem e modificava aquilo que havia condenado no rei anterior. Por isso, as pessoas anelavam que o poder passasse às suas mãos[267] e ansiavam por seu reinado, submetendo-se, com isso, ao que ele queria.[268] Fica sabendo, ó rei, que a base da *administração* é o conselho, e que, conquanto estejas a salvo do prejuízo que a emissão de opiniões contém, existem questões em que fazer consultas mais prejudica que beneficia. Mas,

se isso tiver mesmo de suceder, indaga sobre questões que sejam semelhantes e análogas [às que desejas conhecer], assim como sobre as coisas que deves saber, e essa indagação te levará ao que não sabes; faz consultas a respeito daquilo de que não tens necessidade, e tais consultas te levarão além. Atenta para as biografias dos reis e dos notáveis, e estuda o que fez cada um deles quando lhe sucedeu o mesmo que sucedeu a ti; será como se eles estivessem presentes dando-te conselhos, e até mesmo melhor que isso, pois se de fato estivessem presentes, fossem consultados e apresentassem suas sugestões, não se esforçariam tanto quanto se esforçaram em prol de si próprios, nem teriam as motivações que tiveram para seus misteres. O rei não pode trazer à sua presença os sábios finados para consultá-los sobre algo que lhe sobreveio e para o qual necessita de pareceres, mas pode ler-lhes os livros nos quais se esforçaram em emitir seus pareceres, informaram suas ações e expuseram suas inteligências para serem contempladas e suas opiniões para serem folheadas; assim, o rei terá a sorte de consultá-los sem ser atingido pelo que atinge o consulente — como a revelação de seus misteres e a divulgação de seus segredos —, obtendo, nos livros, o máximo de benefícios contidos na busca de conselhos e conservando-se a salvo dos prejuízos que tal busca contém. Entretanto, ó rei, se existir confiança tanto na ausência de dano na exposição do assunto sobre o qual pedes conselho como naquele com quem te aconselhas, deves então buscar o conselho. Certo sapiente já disse: Que a teu ânimo não ocorra que, se acaso pedires conselhos aos outros, ficará claro para as pessoas que tens necessidades de opiniões alheias, pois não queres a opinião para dela te orgulhares, mas sim para te beneficiares. Ademais, se quiseres ter a memória perpetuada, a melhor maneira de fazê-lo será que os contemporâneos digam a teu respeito: Ele não adota exclusivamente sua própria opinião, mas sim busca a dos dotados de opinião. Já se disse: Coração de reis é como lampião que se acende com a opinião benéfica e se apaga quando nele se interrompem os elementos [que o fazem brilhar].[\[269\]](#) Fica sabendo que a dignidade do rei está na justiça, tal como a dignidade do Sol, que é o signo[\[270\]](#) do reinado, está na constelação da justiça, e que a elevação do rei está no saber, tal como a elevação do Sol está na constelação do astro do saber, e que o rei se rebaixa com diversão e zombaria, tal como o Sol tem seu ocaso na constelação do astro da diversão e da zombaria. Conta-se que Alexandre perguntou a certo rei da Índia cujo

país invadira: ‘Qual o sinal da prosperidade do reinado?’. Respondeu: ‘A seriedade em tudo’. Perguntou: ‘E qual o sinal de sua extinção?’. Respondeu: ‘A zombaria em tudo’. Perguntou: ‘Qual é o regozijo do mundo?’. Respondeu: ‘A satisfação com o que recebeste’. Perguntou: ‘E qual a tristeza do mundo?’. Respondeu: ‘A tristeza por aquilo que talvez não obtenhas’”.[\[271\]](#)

E então o Mergulhador se despediu do rei e partiu.

Quando se separou do rei, sua alma rememorou o que ele fora no mundo, e estranhou o separar-se dele, em razão dos hábitos a que se aferrara. Mas ele logo se pôs a admoestá-la e recriminá-la dizendo:

Ó alma! O mundo não perdura, e quem dele não se separa espontaneamente, enquanto o louvam, separar-se-á obrigado, enquanto o censuram. Ó alma! Quem faz morrer seu apetite no mundo faz ressuscitar a alma no outro mundo. Ó alma! Se te angustias com o separar-te do mundo estando nele e podendo retornar, como será tua situação quando dele partires e fores impedida de retornar? Ó alma! Se o homem, ao se separar de seu amado, com o qual se acostumou durante curto período, prefere morrer no mundo por causa dessa única hora, como será tua situação se permaneceres no mundo por toda a tua existência, não conhecendo senão a diversão com os brinquedos deste mundo e não atentando senão para teu conforto, e depois dele te separares, tendo os hábitos que o mundo produz permanecido dentro de ti mas os apetites que suscita te forem inacessíveis? Qual será tua situação quando a matéria tiver partido e o hábito, permanecido?

o homem que precisava atravessar a floresta

Ó alma! Teu paradigma no mundo é o do homem que foi encarregado por certo rei de governar um país repleto de bem, cheio de árvores e frutos, cortado por rios, doce de água e equilibrado de ventos. Interpunha-se entre o homem e tal país uma floresta que seria necessário atravessar, e para tanto o rei lhe forneceu provisões e carro. A alma do homem o atraía para os desejos do mundo, não se limitando aos alimentos que a necessidade impunha, e ele não a reprimiu durante os dias de travessia: fez para si várias espécies de alimento e bebida, e providenciou variedades de doces e frutas, acrescentando tudo isso aos víveres necessários, e carregou-os no carro. Quando estava no meio do caminho, o carro se quebrou e o homem ficou por um curto período se sustentando com aquelas coisas que carregara, até que tudo acabou e ele pereceu de fome e sede. Se esse homem tivesse paciência por uns poucos dias, ela lhe teria proporcionado muitas vezes aquilo que ele não teve paciência de esperar, e que teria desfrutado por toda a sua vida.

Ó alma! O homem efetivamente se resguarda [de fazer algumas coisas] durante um ano em prol da integridade [de poder fazê-las] durante dois outros anos que imperiosamente também passarão,[\[272\]](#) e suporta sofrimentos por alguns dias para que seu corpo fique bem pelo período de dias que se acabarão e anos que não perdurarão. Quanto desgosto! Por que não te resguardas dos pecados por um curto período e te impedes de prazeres intermitentes e apetites turvos[\[273\]](#) a fim de colheres puros prazeres, vida perpétua e desejos ininterruptos?

Ó alma! Se o homem, com efeito, abandona os desejos durante um período de tempo por temor a sofrimentos de pouca conta, que passam rápido e se dissipam celeremente, por que não abandonas tu estas ruínas após as quais terás sofrimento sempiterno e punição eterna?

Ó alma! Se suportasses com paciência os mais duros castigos por milhares de anos, sabendo que após sua interrupção passarias a prazeres eternos e vida permanente, o saberes que eles se interromperão certamente te ajudaria a suportá-los, e o conheceres aquilo a que serás conduzida após tais castigos tornaria a dor mais fácil para ti. Como então se só terás de, pacientemente, abster-te por um curto período de vis apetites que te farão

suportar dores muitas vezes mais do que os prazeres que deles obténs, e cuja manutenção te afasta do [verdadeiro] prazer e de seu gozo?[\[274\]](#)

os três homens e os prazeres do bosque

Ó alma! Os sábios já aplicaram, para o homem neste mundo, o paradigma dos três homens que, em tempos primitivos,<sup>[275]</sup> saíram em busca de uma terra longínqua, atravessando então um luminoso bosque de árvores entrelaçadas com frutos pendentes, de saboroso paladar e efeitos nefastos.<sup>[276]</sup> Os três avaliaram a situação do bosque, e o primeiro deles, mais sagaz, pensou: “Não se beneficia do saber quem o detém e não age em conformidade com ele. Nem tudo o que se obtém em virtude do apetite redundava em alguma integridade”.<sup>[277]</sup> Esse homem controlou sua inclinação, superou sua própria visão e se salvou, não sendo colhido por nenhum dos males que no bosque existiam; assim, atingiu o objetivo e lá fez alto, alcançando o que esperava, constituindo boa morada e ocupando a parte mais fértil do lugar. O segundo pensou: “Seria bom se eu ficasse neste bosque, uns dias colhendo da delícia de seus frutos e outros dias descansando sob suas sombras; depois continuarei em meu rumo, pois há tempo disponível e dilatado”, e permaneceu no bosque. Quando comeu de seus frutos saborosos e provou sua doçura, não tardou que lhe debilitassem o corpo e subtraíssem as forças, e ele então lançou mão do arrojo e resolveu a questão retomando o caminho, suportando os males causados pelos frutos do bosque e o flagelo de os ter ingerido, tão fortes que quase o impediram de sair de lá, dirigir-se ao objetivo e alcançá-lo. Mas ele saiu em meio a grandes sofrimentos e atingiu o objetivo, logo encontrando seu camarada que se antecipara e ocupara a parte mais fértil do lugar, a melhor moradia e os mais amplos pastos.<sup>[278]</sup> Quanto ao terceiro, seus apetites o derrotaram e seu discernimento se interrompeu quando viu a delícia do lugar, seus frutos abundantes e a beleza de suas flores, e ele deixou de lado o que já sabia a respeito das consequências, dando preferência a algo efêmero; quanto mais seguia seus prazeres, mais se tornava incapaz de atingir o alvo e mais se afastava de alcançar o objetivo, até que acabou a estação das frutas, as plantas se ressecaram, os rios secaram e entrou em erupção aquilo que se fermentara em seus órgãos<sup>[279]</sup> devido às coisas indigestas que comera; padeceu sem cessar várias espécies de dor até que seu sopro vital se extinguiu da pior maneira.

admoestação à alma

Ó alma! Que as ruínas do mundo não te empurrem para a aniquilação junto com elas, pois assim serias como a mosca, a quem o amor pelo mel a faz afogar-se nele.

Ó alma! O prazer do mundo é como flor de primavera, que logo volta a ser espinho.

Ó alma! O mundo é como o açougueiro, que engorda para abater, não para doar, e como o caçador, que lança sementes para caçar, não para distribuir.

[Disse o narrador:] Em seguida, o Mergulhador se isolou num templo em certa montanha, ali se devotando ao adestramento de sua alma, à adoração de seu Senhor e à retificação do que a promiscuidade[280] lhe corrompera nos hábitos. O rei o visitava de quando em quando, até que as agruras do tempo[281] os separaram definitivamente.

[colofão]

Encerra-se aqui o Livro do leão e do [chacal] Mergulhador, graças a Deus e à sua benevolência. Terminou-se de copiá-lo na quinta-feira, aos vinte dias do mês de *jumâdâ alâDir* do ano de novecentos e cinquenta. Baste-nos Deus, que é o nosso melhor responsável, e que suas preces e saudações sejam sobre nosso senhor Muḥammad e os seus. [\[282\]](#)

posfácio  
conselhos e agruras  
de um chagal letrado  
Mamede Mustafa Jarouche

*À memória de meus avós,  
Aiche e Mohamad*

Não existem registros históricos a respeito do texto aqui traduzido, كتاب الأسد والغواص (*Kitâb alasad wa al©awwâß*), “Livro do leão e do chacal Mergulhador”, [283] pequena obra--prima da tratadística política árabe que só recentemente teve o seu texto publicado na íntegra. O silêncio das fontes a seu respeito é sepulcral, indício de circulação e recepção limitadas que a rarefação dos manuscritos existentes — apenas três, dois no Egito e um na Índia — parece confirmar. Dos manuscritos depositados no Egito, o mais antigo é o da Biblioteca da Prefeitura de Alexandria, sob o n. D2016, datado do ano de 950 H., correspondente a 1543 d.C.; o segundo, depositado na Biblioteca Nacional do Egito, no Cairo, sob a rubrica (*Adab Taymær*), “Literatura de Taymær”, foi copiado do primeiro, e porta a data de 1329 H., correspondente a 1910 d.C. [284]

Ambas as cópias depositadas no Egito são lacunares e incompletas, o que levou a crítica a ignorar a obra, ou então a emitir juízos negativos sobre ela, como o de Muḥammad ḥufrân AlḌurâsân, professor das universidades de Teerã e do Cairo, um dos raros estudiosos que se debruçou sobre ela quando de sua pesquisa sobre o letrado Ibn Almuqaffa¢ (m. 756 d.C.), publicada em 1965. Após destacar a superioridade artística de *KalΣla e Dimna*, fabulário árabe de origem sânscrita que foi o modelo de *O leão e o chacal Mergulhador*, ḥufrân atribuiu a este último “artificialidade” e “incoerência”. A primeira edição impressa dessa obra, de 1978, parece, com efeito, corroborar tal avaliação, pois se baseou somente nos manuscritos depositados no Egito. Falta em ambos praticamente todo o final, o que lhe destrói a coerência e a faz parecer um texto precário e mal elaborado.

Depois de publicar essa edição, contudo, o eminente cientista político e pesquisador libanês Raḥwân Assayyid, da Universidade Libanesa, encontrou um terceiro manuscrito da obra na Índia, na Biblioteca de Bankipor, célebre por seus manuscritos islâmicos, na cidade de Patna, sob o n. 1825, Khuda Bakhsh. Embora recente — sua data de cópia é 1131 H. (1718 d.C.) —, esse manuscrito, ao contrário dos outros dois, faz em seu colofão referência ao original do qual foi copiado, cuja data remontava a 530 H., ou seja, 1135 ou 1136 d.C.; por meio dele, foi possível reconstituir o livro e lhe restituir a integridade, pois esse manuscrito depositado na Índia supriu a maior parte das lacunas existentes nos outros dois manuscritos, proporcionando, ademais, novas leituras e variantes de trechos obscuros, o que destaca a coerência e qualidade da obra e exige a sua reavaliação. Fica

evidente que o autor, cujo nome não chegou a nossos dias, estava profundamente imerso na discussão política travada por todo o orbe islâmico, além de nutrido pela tradição literária e poética árabe, bem como por sua historiografia e pela distinção de gêneros que então se praticava na arte narrativa em árabe, conforme se descreverá mais adiante.

Contemporâneo das Cruzadas e do processo de esfacelamento do poder califal abássida — cujo auge fora entre a segunda metade do século viii e a primeira do ix —, *O leão e o chacal Mergulhador* opera numa espécie de fronteira discursiva, diga-se assim, do gênero que a moderna crítica árabe, adotando uma terminologia ocidental que não era empregada pelos autores da época, convencionou denominar de *مرايا الأمراء* (*marâya alumarâ*), “espelhos de príncipe”, mas que seria mais bem chamado de *الأدب السلطاني* (*aladab assultân*), “literatura sultanesca”. [285] São muitos os tratados hoje classificados sob tal rubrica, com títulos sugestivos como ----- (*Sirâj almulæk*), “Lampião dos reis”, de Abø Bakr A††ur†æΩΣ (973-1126 d.C.); ----- (*AliΩâra ilà adab alimâra*), “Conselho sobre o decoro do poder”, de AlmurådΣ (m. 1086 d.C.); ----- (*Sulwân al-mu†â¢ fΣ Çudwân alatbâ¢*), “Consolo do poderoso quando da hostilidade dos comandados”, de Ibn çafar AßßiqalΣ (1104-1169 d.C.); ---- (*Ådåb almulæk*), “Os decoros dos reis”, de A¥¥a¢ålibΣ (961-1038 d.C.); ----- (*Aljawhar annafΣs fΣ siyâsat arra’Σs*), “Pérola valiosa na política do líder”, de Ibn Al-addåd (escreveu o tratado em 1251 d.C.); ----- (*Attabr almasbæk fΣ naßΣ-at almulæk*), “Ouro laminado no aconselhamento dos reis”, do teólogo Al©azålΣ (m. 1111 d.C.); [286] ----- (*Rawnaq atta-bΣr fΣ -ukm assiyâsa wa attadbΣr*), “Esplendor da escrituração no que tange à política e administração”, de Ibn Samåk Al¢åmilΣ (n. c. 1350 d.C.); ----- (*Annahj almaslæk fΣ siyâsat almulæk*), “O caminho trilhado na política dos reis”, de AΩΩayzarΣ (m. 1193 d.C.), entre outros. [287]

Esquemáticamente, trata-se de obras que, segundo o crítico Ra®wân Assayyid, “pretendem ensinar ao poderoso as tradições do exercício do poder, e as políticas que criam tradição de poder e governo, facilitando ao líder a condução das questões ligadas ao poder, bem como a sua preservação em suas mãos pelo maior período possível”. [288] Conjunto de normas a serem seguidas pelo soberano ou por sua corte, esses textos, de

extensão variável, eram normalmente produzidos na forma de conselhos que se davam ao soberano sobre os mais diversos assuntos: como conduzir-se na guerra, como lidar com os vizires, com a corte, com o vulgo, a necessidade de ouvir as queixas dos injustiçados, enfim, focalizavam vários aspectos da vida e da atividade política, dividindo-os em capítulos e tratando-os de modo genérico, com formulações agudas, não raro acrescentando-lhes, como ilustração, algum caso ocorrido com soberanos de antanho. A título de exemplo, num dos mais antigos, أخلاق الملوك (*Aḍlāq almulæk*), “O caráter dos reis”, de Mu-ammad Ibn Al-ariʿ Aʿaʿlab, do século ix d.C. (durante muito tempo erroneamente atribuído ao letrado Aljā-i, m. 868 d.C.), os capítulos são apenas quatro, todos relativos aos procedimentos que súditos e cortesãos deveriam adotar diante do rei; já em *Rawnaq atta-bʿr fʿ ukm assiyāsa wa attadbʿr*, “Esplendor da escrituração no que tange à política e administração”, de Ibn Samāk Alʿāmil, letrado e político andaluz da segunda metade do século xiv d.C., os capítulos são quarenta, abordando assuntos tão variados quanto a condição do rei, a distribuição de justiça, a polícia, a nomeação de funcionários, a guerra, o exército, a conversação com o rei, os vizires, os segredos etc. etc. Os exemplares desse gênero foram, na maioria, redigidos por encomenda de algum poderoso ou a ele dedicados para obter-lhe o agrado, o que habitualmente fazia de suas dedicatórias um mecanismo de adulação. Voz judiciosa que aconselha sobre todas as questões relevantes para o adequado exercício do poder, seu discurso se efetua como preceitos e proposições gerais, com argumentos em tom preceptivo amiúde seguidos, conforme se disse, de narrativas exemplares com outros reis, as quais, para além de os ilustrar e fortalecer, serviam para desanuviar a sisudez, segundo disseminada recomendação da retórica árabe.

Embora a fábula propriamente dita, entendida como narração que põe em cena animais irracionais agindo e falando como homens, seja bem antiga em árabe, seu registro escrito nessa língua jamais fora sistemático, e as referências dos antigos às fábulas de um sábio pré-islâmico chamado Luqmān, citado no Alcorão,<sup>[289]</sup> parecem equívocas, pois tais fábulas foram compiladas tardiamente, no século ix, e atribuídas a tal sábio. E o sintomático é que a primeira obra em que se registram sistematicamente as fábulas seja também um fabulário político: trata-se de *كليلة ودمنة*, *Kalʿla e Dimna*, de origem sânscrita — o *Pañcatantra*, ou “Cinco livros”, do século

i d.C. —, que fora traduzido ao árabe através de uma versão pahlavi, hoje irremediavelmente perdida, por um persa islamizado, ¶Abdullāh Ibn Almuqaffa¶ (m. 756 d.C.).[290] Os enormes êxito e difusão dessa obra, tanto na cultura islâmica como na cristã, são atestados pela infinidade de citações que dela passaram a fazer os letrados árabes desde então, e pelo grande número de suas traduções e retraduições às mais variadas línguas: persa, turco, latim, espanhol, grego, siríaco, hebraico, eslavo, italiano, inglês, alemão, holandês, francês, não raro por mais de uma vez. Na verdade, a tradução árabe é praticamente outro texto, com adições importantes, como os capítulos acerca da origem do livro, a introdução do tradutor, vários capítulos do final e, em especial, o segundo capítulo, que consiste no desmascaramento e julgamento do chacal Dimna, que levara o rei a cometer um assassinato. Ademais, comparado ao *Pañcatantra*, o texto atribuído a Ibn Almuqaffa¶[291] parece mais escorreito, tendo eliminado a ritualização das sentenças do original, que serviam para lhe ressaltar o caráter gnômico. Numa descrição da gênese da obra, tardiamente introduzida no texto árabe, DabΩalΣm, rei da Índia, pede ao seu filósofo Baydabā que lhe faça um livro que, “em sua face manifesta, seja sobre a arte de governar o povo e adestrá-lo na obediência aos reis; em sua face oculta, seja sobre o caráter dos reis e como conduzir os súditos, pois me falecem e aos outros muitos dos fundamentos de que necessitamos para zelar pelo reino”. [292] O resultado foi o *Livro de KalΣla e Dimna*, composto, segundo a introdução do seu tradutor Ibn Almuqaffa¶, “pelos sábios da Índia a partir de paradigmas e histórias mediante os quais procuraram lograr a maior eloquência no discurso, na direção por eles pretendida”. [293]

Conforme já se destacou, a fábula, pensada como narrativa — em verso ou em prosa — com personagens irracionais, não era estranha à cultura árabe, ainda que o seu registro escrito seja relativamente tardio, remontando ao século ix. [294] Estudiosos árabes contemporâneos como I–sān ¶Abbās, ¶Umar FarrœΔ e ,awqΣ %oayf, entre numerosos outros, fazem remontar a existência desse gênero, cuja circulação se dava por via oral, ao período anterior ao surgimento do islamismo, embora, como se afirmou, tais relatos somente tenham sido coletados por escrito bem mais tarde, após o advento do islã, em compêndios de boas letras, ética, retórica, poesia e mesmo

zoologia, elaborados às mancheias a partir do século ix, de uma extremidade a outra do Império Islâmico.

*KalΣla e Dimna* distinguia-se, além da extensão, pela apropriação sistemática e deliberadamente política desse gênero de narrativa. Nos seus dois primeiros e principais capítulos, [295] que constituíram o modelo de *O leão e o chacal Mergulhador*, delinea-se o cenário onde o chacal Dimna, cristalina metáfora do letrado sedento de aproximação ao poder, busca introduzir-se na corte do rei do lugar, um leão. Alcançado tal intento, ele se torna conselheiro desse rei, com quem discute e a quem instrui formulando regras gerais (máximas e sentenças de cunho universal) que são logo a seguir ilustradas e particularizadas por outras fábulas. Destarte, o que se tem, com efeito, é uma fábula — formando o que a crítica chama de “conto moldura” — no interior da qual se narram outras fábulas com o objetivo de lhe ilustrar e particularizar os enunciados, transformando-os em alegorias.

*KalΣla e Dimna* enfrentava a diversidade das relações que os homens podem entreter com o poder, a maneira pela qual devem se aproximar dele, e os riscos internos e externos que tal procedimento implicava. Originariamente produto de uma sociedade não muçulmana, e com a tradução atribuída a uma personagem cuja conversão a essa fé era controversa, [296] o prestígio do formato de fábula de *KalΣla e Dimna* parece ter sido relativizado, ao menos entre os letrados, pela rejeição a esse gênero, a despeito da recorrente citação de suas máximas, numa evidente demonstração de despreço que — para além do desfavor votado à sua “ficcionalidade” escancarada — parece estar relacionado à distinção dos modelos de leitor efetuada pelo próprio livro: “os sábios elegeram-no por causa da sabedoria, e os néscios, por causa da diversão”. [297] Seus dois níveis de recepção constituíam previamente os apreciadores da fábula — mera sucessão de eventos protagonizados por irracionais — como néscios, pois a verdadeira sabedoria habitava nas máximas, ou, antes, na capacidade de decidir o momento oportuno para a aplicação dessas máximas. Isso certamente se devia a determinadas teorizações da época, que desqualificavam a narrativa ficcional como forma inferior de conhecimento. Sirvam de exemplo os seguintes trechos, o primeiro extraído de الإمتاع والمؤانسة (*Alimtâç wa almu’ânasa*), “Deleitamento e afabilidade”, do polígrafo Abœ Æayyân Attaw-ΣdΣ (m. 1024 d.C.), o segundo de

كتاب الأوراق (*Kitâb alawrâq*), “Livro das folhas”, do historiador Abœ Bakr AßßœlΣ (m. 946 d.C.), o terceiro de نصيحة الملوك (*NaßΣ-at almulœk*), “O aconselhamento dos reis”, obra anônima equivocadamente atribuída a AlmâwardΣ (1058 d.C.), e o quarto de إحكام صنعة الكلام (*I-kâm ßanœat alkalâm*), “O domínio da produção dos discursos”, do retor andaluz Mu-ammad AlkalâœΣ (século xii d.C.):

“Quando lhe perguntaram: ‘Você se aborrece com histórias?’, ğâlid Bin Øafwân respondeu: ‘O que aborrece são as velharias [*trocadilho com a palavra* حديث , -adΣ¥, *que pode significar tanto história como novo*], pois as histórias são amadas pelos sentidos com o auxílio do intelecto, e é por isso que os meninos e as mulheres as apreciam’. Perguntou-se: ‘E qual auxílio esses [*os meninos e as mulheres*] podem receber do intelecto, se são dele desprovidos?’. Respondeu: ‘Existe um intelecto em potência e um intelecto em ato; eles possuem um deles, que é o intelecto em potência; existe ainda, já pronto [مزعم , *muzmiœ*], um intelecto intermediário entre a potência e o ato, o qual, quando se manifesta, passa a ser em ato; caso esse intelecto permaneça, se alçará aos horizontes. Por causa da imensa necessidade que se tem de tais histórias, nelas foram introduzidas coisas falsas, misturadas a absurdos e relacionadas ao que agrada e causa o riso, mas não provoca questionamentos nem investigações, a exemplo do livro Hazâr afsâna [*Mil fábulas*], e todas as espécies de خرافات [*œurâfât, fábulas*] que entraram em livros desse gênero; os sentidos, imediatos, são sequiosos de حادث [-âdi¥, *nova ocorrência ou acidente*], محدث [mu-da¥, *inovação*], e حديث [-adΣ¥, *história*], e buscam o que é curioso.” [298]

“Lembro-me de que certo dia, quando ainda era governador, ele [o califa ArrâœΣ, 910-940 d.C.] recitava para mim um trecho de poesia de Baœœâr [Ibn Burd, poeta do século viii d.C.], tendo diante de si livros de gramática e de crônicas, quando chegaram alguns funcionários da senhora sua avó e levaram todos os livros que se encontravam diante dele, colocando-os numa trouxa que traziam consigo; não nos dirigiram palavra alguma e saíram. Notando que ele ficara soturno e irritado com aquilo, deixei-o em paz e lhe disse: ‘O príncipe não os deve condenar, pois alguém lhes disse que o príncipe lê livros que não devem ser lidos, e eles resolveram então examiná-los. Isso me deixou feliz, pois eles verão somente coisas belas e agradáveis’. Passaram-se algumas horas e eles devolveram todos os livros.

Arrâ®Σ disse então aos funcionários: ‘Digam a quem lhes deu tal ordem que vocês já examinaram os livros, e que eles são de ¬adΣ¥ [neste caso, *diálogos do profeta*], jurisprudência, poesia, gramática e história; são livros de sábios, pessoas a quem Deus concedeu a perfeição e o benefício por terem lido livros semelhantes; não se trata da mesma categoria de livros [em cuja leitura] vocês abundam, como é o caso do [livro das] maravilhas do mar, [do livro da] história de ‚andiyâr e [do livro do] gato e do rato.’”[299]

“Das crônicas, [o filho do rei] deve decorar as das ----- [ma©âzΣ, *conquistas do islã*], as biografias [de reis] e as coisas sucedidas aos califas, e não aos amantes, nem as tolices do Livro de Sindabâd, Hazâr afsân [*Mil fábulas*] e assemelhados, pois com esses livros ele se distrai, porém mais se deforma que se forma, ao passo que com aqueles atinge o nível dos sábios, e em sua fé ocupa a posição dos alfaquis, superando os de seu reino e comunidade e destacando-se na sua política; já tais livros [Sindabâd, Hazâr afsân e assemelhados] não lhe abrem essas portas senão pouco, e ele talvez imagine que o que eles contêm de asneiras é veraz, e as suponha verdade, e então da parte dele isso será estupidez e ignorância, e obrará ignaramente por sua fé, e despercebidamente passará pelas virtudes e benesses de sua comunidade. Ademais, esses livros e histórias não lhe serão úteis em sua política e governo, nem neles encontrará auxílio em seus debates religiosos, nem em seu ufanismo durante os seus encontros, nem em seu exame das queixas dos seus súditos. Um dos interpretadores do Alcorão já disse a respeito da seguinte fala de Deus: ‘E, dentre os homens, há quem compre histórias falsas a fim de desviar do caminho de Deus’,[300] que a referência deste versículo é que Al¬âri¥ Ibn Kalda comprou o livro de KalΣla e Dimna e reunia as pessoas a fim de lê-lo para elas, alegando ser mais saboroso e melhor do que as ----- [asâ†Σr alawwalΣn, *crendices dos ancestrais*] trazidas por Mu¬ammad, e então Deus excelso e poderoso respondeu com esse versículo.”[301]

“E entre as histórias inventadas e as notícias falsificadas e adornadas, estão o livro de KalΣla e Dimna e o livro القائف [Alqâ’if, *O fisionomista*][302], de Abœ Alçalâ’ Al-maçarrΣ, no qual se fala na língua de animais, e de não animais. [...] E Abœ Alçalâ’ AlmaçarrΣ levou a cabo, com o Livro do fisionomista, um benefício conhecido, e uma bem rica

criação. Tem mais folhas que *KalΣla* e *Dimna*, é mais amplo, e cheira melhor, exalando mais fragrância.”[303]

Era mais ou menos difundido, entre os letrados, o preconceito contra obras narrativas cujo caráter fosse abertamente ficcional, na presunção de sua futilidade. Mas o sintoma mais claro de que alguma sombra pairava sobre esse modelo está nas constantes tentativas de resumi-lo, reescrevê-lo e adaptá-lo, seja em verso, seja em prosa, na diversidade encontrável nos muitos manuscritos restantes da obra — que até hoje não conta, a propósito, com uma edição crítica digna desse nome — e nas respostas que mais de um letrado se abalçou a escrever, a fim de tornar o livro mais próximo das concepções estritamente muçulmanas. A única tentativa que chegou aos dias de hoje é *النمر والثعلب* (*Annamir wa aYyaϕlab*), “O tigre e o raposo”, atribuído a Sahl Bin Hårœn (m. 830 d.C.),[304] célebre escriba da época cujas obras se perderam quase na totalidade, dele só restando, além do livro em tela, citações esparsas em compêndios de *أدب* (*adab*).

A comparação, mesmo superficial, de *O tigre e o raposo* com *KalΣla* e *Dimna* evidencia, hoje, a irrecorrível inferioridade artística do primeiro em relação ao segundo. Talvez não seja anacrônico supor que, embora possivelmente mais ajustado aos padrões religiosos dos letrados muçulmanos, *O tigre e o raposo* também parecesse então uma leitura insossa, devido à pobreza e debilidade do quadro ficcional em que a “sabedoria” (as máximas) estava inserida. Conforme afirma Abdelkader Mehiri, que fixou o texto em árabe da fábula e a traduziu ao francês, “o plano do *Livro do tigre e do raposo* carece de equilíbrio. A intriga se desenrola inteiramente na primeira metade da obra. [...] A segunda parte não é mais que um longo diálogo, na verdade uma espécie de interrogatório ao qual o rei e seus ministros submetem o raposo para se assegurarem de sua presença de espírito e ver se ele merece a clemência e o favor do príncipe”. [305] As máximas e sentenças desse diálogo estão quase todas recolhidas nos vários compêndios de provérbios produzidos por autores árabes da época.

Ambas as obras — *KalΣla* e *Dimna* (em seus dois primeiros capítulos, repita-se) e *O tigre e o raposo* —, bem como *O leão e o chacal Mergulhador*, esboçam modelos específicos de relação do letrado com o poder. Na verdade, é essa a questão principal com a qual se debatem: a aproximação do letrado ao poderoso mediante a prática do aconselhamento,

que a cultura muçulmana erige como obrigação do primeiro e direito do segundo. Tal aproximação, obviamente, obedece a um decoro próprio e observa certas condições que os tratados políticos codificam à exaustão — como e por que levar a palavra ao soberano?[306] Em *KalΣla e Dimna*, a relação redundante em rotundo fracasso, com o sacrifício final do letrado — apropriadamente representado, diga-se, pelo chacal Dimna —, cujas ações, retratadas como mesquinhas e desprezíveis, pois voltadas para a manutenção exclusiva de seu status, sem consideração alguma pela comunidade em que está inserido, levam-no a perpetrar atitudes criminosas pelas quais será punido, sem mais nem menos, com a liquidação física, da qual se encarrega o próprio poderoso a cujo serviço o letrado tanto anelara por manter-se. Essa tensão, presente o tempo todo, confere intensa dramaticidade ao quadro ficcional de *KalΣla e Dimna*, em cujo interior as máximas éticas e morais acabam, de algum modo, amarradas aos eventos, e não independentes deles.

Quanto a *O tigre e o raposo*, como se frisou, a pobreza do quadro ficcional faz com que as máximas e sentenças, sem uma única sub-história que as illustre, dele se descolem, o que provoca uma espécie de conflito: se elas se inserem num quadro por assim dizer inócuo, e supondo a preexistência dessas máximas em outras obras a elas dedicadas com exclusividade, ou em circulação oral, qual a utilidade da obra em si mesma, se o escopo de um fabulário é justamente dar pretexto à introdução de sub-histórias que ilustrem a “sabedoria”? É talvez esse o motivo do relativo esquecimento em que ela caiu, a despeito do nome prestigioso a que se colou.[307]

*O leão e o chacal Mergulhador*, por seu turno, efetua outra espécie de apropriação, muito mais pertinente e interessante, de *KalΣla e Dimna*. Conforme já se frisou, ambos os fabulários fornecem índices efetivos e inequívocos do seu caráter político, operando como metáfora de verdades outras dramatizadas e propostas como particularização, no contexto da fábula, de universais a respeito do homem, do poder, do saber e da justiça, lançando mão, ademais, de alegorias assaz transparentes, como a do leão que significa rei etc. Ambas as obras tampouco se furtam a evidenciar o seu caráter esotérico, fechado a não iniciados ou leitores inexpertos, e isso como forma de proteger o saber, pois, uma vez vulgarizado, ele se torna banal e depreciado. Trata-se de uma concepção essencialista que, a despeito

de sua antiguidade, ainda pode ser vista hoje, a pretexto de combate à vulgaridade, em muitos grupos letrados autodenominados “críticos”, embora exercida de modo por assim dizer inconsciente.

De modo análogo, em ambas as obras o método de exposição é o mesmo: personagens agem e discutem princípios universais, tentando provar a validade dos seus argumentos por meio da apresentação de exemplos ou paradigmas na forma de fábulas e narrativas. A estrutura é mais ou menos a seguinte: a personagem “A” pretende fazer tal coisa, ou deixar de fazer tal coisa, e a personagem “B” quer dissuadi-la de fazer tal coisa, ou convencê-la a fazer tal coisa; ou, ainda, a personagem “A” pretende justificar para “B” (e, eventualmente, “C”, “D” etc.) o que fez ou deixou de fazer, ou reforçar a necessidade de fazer algo. Estabelece-se, então, o cenário em que as personagens argumentam, consoante a pertinência, com uma formulação de caráter em geral universalista, amiúde em forma de provérbio, como por exemplo: “sabe-se que todo aquele que se mete com o que não é de sua conta se dá mal”, seguida de “tal como se deu com X”, o que quase invariavelmente leva o interlocutor a indagar: “e como foi isso?”, ao que o outro responde com um paradigma ou história exemplar: “Conta-se que...”. Esse peculiar método de exposição torna a leitura agradável e fluente, deixando a fábula recheada de subnarrativas, que por sua vez podem conter outras subnarrativas.

Além da extensão, o que marca bem a diferença entre as duas obras — *KalΣla e Dimna* e *O leão e o chacal Mergulhador* — é o fato de, na primeira, todas as subnarrativas serem também fábulas, ou, ao menos, narrativas que não constituíam parte prévia do patrimônio historiográfico árabe, ao contrário da segunda, na qual grande parcela das sub-narrativas é extraída de obras históricas ou de crônicas.

Não obstante pareça uma questão de somenos, ela é bem significativa dos períodos em que ambas as obras se elaboraram. No caso de *KalΣla e Dimna*, pode-se cogitar também que se trata da tradução de uma obra proveniente de cultura diversa da árabe, mas tal justificativa torna-se letra morta quando se lembra que, antes de ser propriamente uma tradução, trata-se de uma adaptação livre, na qual se podiam introduzir, como de fato se introduziram, elementos muito diferentes dos constantes no original, sem que isso fosse fonte de maiores questionamentos. Na verdade, quando *KalΣla e Dimna* foi adaptado ao árabe, na primeira metade do século viii,

ainda não estava sedimentada a historiografia nessa língua, e, portanto, inexistiam materiais por assim dizer “profanos” que proovessem de narrativas o responsável pelo texto árabe. Essa falta certamente se deve a dois fatos: de um lado, os materiais historiográficos disponíveis ainda estavam por demais presos à esfera exclusivamente religiosa, o que tornaria sua introdução na fábula (que, ademais, era uma tradução, apesar de adaptada), se não uma blasfêmia, ao menos uma inadequação; de outro, o próprio discurso da tratadística política ainda não se definira como gênero e portanto não adquirira uma “respeitabilidade” que justificasse a presença do profeta ou dos seus companheiros em narrativas saídas da boca de personagens irracionais.

No período em que se produziu *O leão e o chacal Mergulhador*, ao contrário, a historiografia já estava bem sedimentada, o que proporcionou ao seu autor uma grande quantidade de narrativas para escolher e introduzir na obra, e o gênero dos tratados políticos se estabilizara enquanto tal. Boa parte das sub-histórias introduzidas na obra, ainda que não a maioria, menciona ocorrências de reis persas da dinastia sassânida e califas da dinastia omíada, e, mais raramente, da abássida, além de uma ou outra a respeito dos companheiros do profeta Muḥammad.[\[308\]](#)

Assim, enquanto *Kalṣla e Dimna* particularizava, nas subnarrativas, por meio de alegorias, *O leão e o chacal Mergulhador* particulariza, em suas subnarrativas, por meio de narrativas históricas (ou semi-históricas, crônicas). Trata-se de um movimento complexo: em *Kalṣla e Dimna*, a particularização que a alegoria efetua da premissa universal que a introduz (“todo aquele que se mete com o que não é de sua conta se prejudica”, logo seguida de “era uma vez um leão que disse...”) é, ao mesmo tempo, a retomada desse mesmo universal sob forma particularizada, se cabe a expressão; afinal esse leão vazio de personalização histórica consiste na alegorização de um soberano — qualquer soberano — etc.; já em *O leão e o chacal Mergulhador*, a subnarrativa introduz efetivamente um particular, na medida em que, em lugar de dizer “Era uma vez um leão que...”, diz: “Em certo ano de seu governo, o califa Marwān disse ao seu secretário...”, e o receptor reconhece imediatamente que se trata de uma personagem histórica e que provavelmente tal ocorrência se encontra registrada em compilações de crônicas ou em obras históricas.[\[309\]](#)

Além disso, *KalΣla e Dimna*, talvez por seu caráter pioneiro e por sua pertinência originária a outra cultura, a indiana, trata os temas mais genericamente, apesar de suas notáveis diferenças e acréscimos em relação ao texto sânscrito. Embora a obra se debruce, sobretudo em seus dois primeiros capítulos, sobre as relações do letrado com o soberano, ou, para dizer mais abstratamente, do saber com o poder, a divisão temática de seus capítulos (sobre “dois homens que muito se estimam entre os quais se interpõe um mentiroso traiçoeiro”, ou “a consequência das ações” desse traiçoeiro, ou, ainda, “os amigos sinceros” e “o inimigo que afeta humildade” etc.) parecerá efetivamente menos específica que a divisão efetuada em *O leão e o chacal Mergulhador*, mais plena de casuísmos e minúcias.

Ambas as obras também tratam da relação do letrado, gentilmente metaforizado na figura de chacais, com o soberano, metaforizado por leões. E nas duas as consequências não são louváveis: na primeira, o letrado falta com a ética e leva o soberano a cometer crimes, sendo punido com a morte, ao passo que na segunda, embora esteja imbuído dos mais elevados princípios éticos, o letrado submerge às urdiduras e artimanhas de seus inimigos, escapando da morte a duras penas, após o que se afasta do poder, isolando-se numa espécie de retiro místico ou devocional.

Como se disse, é plausível cogitar que, em *KalΣla e Dimna*, a remissão da exemplaridade à própria fábula deve-se à falta de uma sedimentação historiográfica no período de sua elaboração, ao passo que em *O leão e o chacal Mergulhador* é justamente essa sedimentação que permite a remissão a eventos historicamente registrados. O autor recolheu relatos de diversas fontes, adaptando-os para colocá-los a serviço dos propósitos a que consagrou a obra. Ao mesmo tempo, sem enfraquecer o quadro ficcional do “conto moldura”, cujo movimento não se interrompe, deixou sua obra tão substancial quanto qualquer um dos tratados conhecidos como “espelhos de príncipe”, que também já estavam sedimentados em árabe.

Em ambas as obras a relação do letrado com o poder fracassa, mas por motivos opostos. Em *KalΣla e Dimna*, como já se notou, é a entrega aos interesses pessoais e aos jogos de poder, ou, antes, o seu desmascaramento, que solapa e afinal aniquila a relação. Em *O leão e o chacal Mergulhador*, pelo contrário, a relação é arruinada pelo excesso de zelo e observação dos princípios éticos e religiosos, o que culmina com o afastamento, ainda que

não com o extermínio físico. Trata-se ainda de um modelo de sociedade política mais fechado e exclusivista do que *KalΣla e Dimna*, o que talvez possa ser mais bem compreendido mediante a análise da atuação do elemento que atua como deflagrador das relações entre o rei e o letrado. Em cada uma das obras esse intruso, alegoria do perigo e do desconhecido, boi numa e búfalo noutra, recebe tratamento inteiramente diverso. Em *KalΣla e Dimna*, o boi é de início introduzido na corte por iniciativa do próprio chacal Dimna, que logo passa a vê-lo como adversário e acaba levando o rei a matá-lo injustamente mediante toda sorte de manipulações, mentiras, artimanhas e trapaças. Em *O leão e o chacal Mergulhador*, a participação do búfalo é bem menos significativa, limitando-se ao papel de pretexto da relação, logo exterminado por artimanha do Mergulhador, cuja justeza de ação o texto não põe de modo algum em xeque.

Esses dois modelos de sociedade política esboçados por ambos os textos se distinguem, resumidamente, pelo seguinte: em *KalΣla e Dimna*, tem-se um rei prepotente e um letrado ambicioso e sem escrúpulos, mas abertos à convivência com um estranho com o qual não compartilham nem sequer hábitos alimentares;[\[310\]](#) já em *O leão e o chacal Mergulhador*, tem-se um rei descrito da melhor forma, autêntico patriarca generoso, e um letrado fiel, religioso e que zela pelo bem geral da comunidade, mas, malgrado isso tudo, uma sociedade política que liquida e devora a diferença sem maiores remorsos. Essa passagem, que foi lida como deficiência por críticos como o antes citado Muḥammad ḥufrānΣ AlḌurāsānΣ, é apenas resultado de uma concepção muito mais fechada e defensiva de sociedade, que, talvez como resultado das novas (e adversas) condições do mundo muçulmano, já não enxergava a diferença com bons olhos.

Seja como for, o que convém observar é que, lida em árabe, a escritura de *O leão e o chacal Mergulhador* é admirável. Trata-se de um texto envolvente e sutil, pleno de formulações concisas, cuja prosa clássica não fica nada a dever aos melhores tratados políticos da época. A despeito disso, não se tem notícia de que essa obra tenha sido traduzida para alguma outra língua até a presente data, e mesmo nas letras árabes o único a se debruçar seriamente sobre ela foi o próprio Raḥwān Assayyid na introdução à sua edição.

Como gênero, enfim, sobreleva registrar que a singular posição de *O leão e o chacal Mergulhador* nas letras árabes deve-se a essa fusão nele

operada entre os já referidos tratados políticos (“espelho de príncipes” ou “literatura sultanesca”, como se viu) e os fabulários políticos. A divisão de seus capítulos é tão minuciosa quanto a da maioria dos tratados, e, repita-se, muitos dos paradigmas e exemplos — das sub-histórias, enfim — que cita pertencem ao gênero histórico. Ou seja, fez animais — personagens deliberadamente pertencentes ao campo da ficção (em árabe se diz *Ḍurāfa*, mais bem traduzida como “mito” ou “fábula”) — narrarem histórias pertencentes a domínios pensados como “factuais”, se cabe o termo.<sup>[311]</sup> Além desse procedimento, passível de ser encarado como ironia, o texto também pode ser pensado como uma crítica velada à própria relação que os letrados entreteciam com os soberanos por meio dos tratados políticos, cujas regras se reproduzem num tom normativo que funciona como garante de um êxito desmentido pelo próprio desenrolar da ação na fábula: o chacal Mergulhador, cujo projeto fracassa de modo tão retumbante, nada mais é que a representação do letrado que redige semelhantes tratados.

Dos dois fabulários que o antecederam, *O leão e o chacal Mergulhador* imita, de *KalΣla e Dimna*, a proliferação narrativa, fazendo com que as personagens do quadro ficcional principal, ou “prólogo moldura”, narrem elas próprias histórias para ilustrar os princípios expostos, procedimento esse que caracteriza o formato que se vulgarizou como “história dentro da história”. Quanto a *O tigre e o raposo*, supostamente escrito como contraposição a *KalΣla e Dimna*,<sup>[312]</sup> o que se imitou foi a explicitação do contexto islâmico das ações dramatizadas. Num rápido diagrama comparativo das relações entre as personagens do quadro principal em *KalΣla e Dimna*, *O leão e o chacal Mergulhador* e *O tigre e o raposo*, destaca-se o seguinte: nos dois primeiros, tanto o soberano como o letrado são autóctones, ao passo que, no último, trata-se de adventícios; e, nos dois primeiros, o letrado se aproxima do soberano com o propósito declarado de servir — o bem comum, em *O leão e o chacal Mergulhador*, e a si próprio, em *KalΣla e Dimna* —, ao passo que no último seu propósito exclusivo é a sobrevivência; finalmente, quanto às consequências, nos dois primeiros o resultado é o fracasso, ao passo que no último logra-se êxito.<sup>[313]</sup> Quanto à função das sub-histórias em *KalΣla e Dimna* e em *O leão e o chacal mergulhador*, note-se que, no primeiro, elas são, principalmente, para persuasão e dissuasão, ao passo que, no segundo, as notas se concentram na reiteração, no reforço e na justificação.

Restaria observar, quanto ao elogio do ascetismo no final da obra, que tal procedimento não era estranho aos tratados políticos contemporâneos a *O leão e o chacal Mergulhador*, nos quais amiúde se reservavam capítulos ao ascetismo, costumeiramente elogiado como desapego e reconhecimento de que o verdadeiro poder pertence a Deus etc. Cite-se o caso de ¶Abdurraḥmān Aḥmadayzar (m. 1194 d.C.), autor do tratado político النهج المسلوك في سياسة الملوك (*Annahj almaslæk fī siyâsat almulæk*), “O caminho trilhado na política dos reis”. Um de seus capítulos, intitulado “Estímulo à audição e aceitação das admoestações dos ascetas”, divide os soberanos em três categorias: “os que ouviram as admoestações e recusaram o reino do mundo”; “os que ouviram as admoestações, retiraram o reino do mundo de seus corações, mas não de suas mãos, e se preocuparam com a outra vida, apesar de se manterem no reinado”; e “os que foram tornados surdos para as admoestações pelo amor do mundo e pela obtenção de seus prazeres, e tornados cegos para ver os admoestadores, preferindo os prazeres às obrigações, e afastados das questões da fé pelo gozo”. Os exemplos aduzidos pelo autor para o primeiro caso provêm do período de fundação do islã e de soberanos antigos, alguns claramente fictícios (“um rei grego” e “um rei de Æra”); para o segundo caso, os exemplos são mais próximos, mas também pertencentes a um passado já então distante: um califa da dinastia omíada, Sulaymān Ibn ¶Abdilmalik (m. 717 d.C.), o primeiro califa abássida, Almanṣūr (m. 775 d.C.), e o quinto, Hārūn Arraḥḥid (m. 809 d.C.); já para o último caso não se dão exemplos, e o texto se limita a afirmar: “A terceira categoria de reis é composta pela maioria; seus corações são duros, e suas almas, rebeldes; não têm conhecimento a respeito de seus súditos nem há religião que os refreie; rechaçam os sábios, acompanham-se dos tolos e preferem os prazeres às coisas da fé; vê-los a olho nu torna dispensável informar sobre eles”.<sup>[314]</sup> Embora insinuada, a renúncia ao poder era sempre remetida como situação exemplar de épocas muito antigas e heroicas, uma espécie de utopia. Supondo o chacal como alegoria cristalina do conselheiro letrado e, por extensão, dos autores de tratados políticos, o diferencial de *O leão e o chacal Mergulhador* reside na fusão entre a figura do conselheiro e a do asceta, ou, antes, na transformação do primeiro no segundo, o que torna irônica sua comparação com os autores “empíricos”, diga-se assim, dos tratados políticos, que

sempre afetavam intensa religiosidade, mas cujo desapego do mundo, às vezes citado algures como tópica para caracterizar personalidade, jamais convenceria nem o mais crasso dos néscios.

\*

a tradução

Embora em muitos aspectos ele seja obviamente irreproduzível, a tradução procurou manter o tom “clássico”, diga-se assim, do original e sua prosa elegante substituindo a excessiva, e por vezes monótona para estrangeiros, sucessão de orações coordenadas — cujo uso em árabe é comuníssimo e não destoa da norma — pela subordinação, com o conseqüente acúmulo, espera-se que para bem do resultado final, de frases longas amarradas por conjunções. E aqui talvez seja adequado esclarecer que, sendo impossível subtrair-se a injunções pessoais, partiu-se de um pressuposto claro e indiscutível, ressaltando-se raras exceções: conquanto nem toda frase longa seja literária, toda frase literária deverá ser longa — pois no universo da literatura nada é mais detestável que as frases curtas e a desenxabida proliferação de pontos finais, medíocre emulação de propósitos que nada mais são e sintoma de indigência mental e desprezo à linguagem literária que deveriam ser combatidos por todos quantos prezem as letras. Também se procurou, é bom ressaltar, reproduzir ao máximo a clareza do original, mantendo-se, por outro lado, alguma ambigüidade, devidamente explicitada em nota, nos trechos onde o texto é ambíguo. O tradutor houve por bem colocar entre colchetes os acréscimos, que são de duas espécies: os de sua própria lavra (basicamente, a inclusão de elementos sem correspondente literal no original) e os provenientes de outras fontes (quando a narrativa dessas fontes foi considerada melhor, e a do original, defeituosa), mas somente estes últimos estão acompanhados de notas que explicam o motivo da adição (ou modificação) e de onde foi extraída; já para os acréscimos do tradutor, cuja pretensão exclusiva é recuperar alguma clareza no original que a tradução literal comprometeria, não se viu necessidade de notas, considerando-se suficiente o simples fato de explicitá-los. A opção por traduzir determinado texto implica, sempre, um componente de arbitrariedade: dentro da, por assim dizer, infinita multiplicidade de obras (literárias numa medida ou noutra, de acordo com o critério que se dê a “literariedade”) pertencentes a qualquer cultura letrada, por que escolher “A” e não “B”? A questão é certamente complexa e subjetiva, envolvendo eventuais caprichos, pruridos e paixões de produtores e receptores. No caso de *O leão e o chacal Mergulhador*, não obstante o risco da arbitrariedade, além de alguma velharia que acaso se entreveja aqui ou acolá, não seria demais falar em dois propósitos: de um lado, a obra é um exemplo, talvez

não tão cristalino como o *Livro das mil e uma noites* ou *KalΣla e Dimna*, das tendências da fábula e da narratividade na cultura árabe, e, de outro, de algumas das concepções políticas que vigiam na sociedade em que a obra se produziu.

as notas

Para entrada nos pormenores do texto de *O leão e o chacal Mergulhador*, procurou-se dar conta dos vários aspectos que envolvem o trabalho nas notas à tradução, cujos níveis convém distinguir: as notas de cunho por assim dizer histórico são, em sua maioria, meramente informativas; já as de cunho linguístico e conceitual são mais problematizadoras.

a datação

Usou-se preferencialmente a datação cristã, obviamente familiar a um leitor brasileiro. Sabe-se que o calendário muçulmano começa no ano que, no calendário cristão, corresponde a 622 d.C., com a Hégira, “migração”, do profeta Muḥammad de Meca para Medina, o que leva muitos a suporem que basta extrair 622 do ano cristão para chegar ao muçulmano. A verdade, contudo, não é essa, pois o ano muçulmano, lunar, é mais curto que o cristão, solar, o que levará, daqui a alguns milênios — na remota e assaz infeliz hipótese de que continuem a existir a Humanidade ou a datação com base nesses marcos —, a que a data muçulmana seja maior que a cristã. Como quer que seja, existe uma fórmula bem prática para converter a data do calendário cristão para a do muçulmano, convencionando-se “C” para o ano cristão e “H” para o muçulmano:  $H = C - 622 + [(C - 622) \div 32]$ . Para o processo inverso, ou seja, converter o ano muçulmano para o cristão, a fórmula é:  $C = H - (H \div 33) + 622$ .

a transcrição

Adotou-se o mesmo critério do *Livro das mil e uma noites*, que não custa repetir:

- 1 As vogais longas  $\text{ي}$   $\text{و}$   $\text{ا}$  se transcreveram  $\hat{a}$ ,  $\hat{o}$ ,  $\hat{\Sigma}$ . Podem, *mutatis mutandis*, pronunciar-se como se fossem vogais tônicas;
- 2 a gutural laríngea  $\text{ء}$  (*hamza*) se transcreveu com um apóstrofo fechado (’). Não foi marcada quando em início de palavra;
- 3 a  $\text{ا}$ , “a breve” final (*alif maqṣæra*), se transcreveu  $\hat{a}$ ;

- 4 os chamados “sons enfáticos” do árabe, ص ض ط ظ, se transcreveram  $\beta$ ,  $\textcircled{R}$ ,  $\text{†}$ ,  $\approx$ . Sua pronúncia é semelhante a *s*, *d*, *t*, *z*, porém com maior ênfase;
- 5 a faríngea aspirada ح se transcreveu  $\neg$ . Não há equivalente para esse som em português;
- 6 a velar surda خ se transcreveu  $\Delta$ . Seu som é semelhante ao do *j* espanhol ou do *ch* alemão (após *a*, *o*, *u*) ou do *kh* em transcrição de palavras russas como *Bakhtin* ou *Bukharin*;
- 7 a velar sonora غ se transcreveu  $\textcircled{C}$ . Seu som é semelhante ao do *r* parisiense em “Paris”;
- 8 a interdental surda ث se transcreveu  $\text{¥}$ . Seu som é semelhante ao do *th* na pronúncia inglesa em *think*;
- 9 a interdental sonora ذ se transcreveu  $\partial$ . Seu som é semelhante ao do *th* na pronúncia inglesa em *the*;
- 10 a faríngea sonora ع se transcreveu  $\text{¢}$ . Não tem som semelhante em nenhuma língua ocidental;
- 11 a laríngea surda ه se transcreveu *h*, e se pronuncia sempre como o *h* do inglês *home*;
- 12 a uvular surda ق se transcreveu *q*. Seu som é semelhante ao do *k*, porém com maior explosão;
- 13 a palatal surda ش se transcreveu  $\Omega$ . Seu som é equivalente ao do *x* ou *ch* do português, como nas palavras *xarope* e *chapéu*;
- 14 a palatal sonora ج se transcreveu *j*, e seu som é equivalente ao do português;
- 15 o *s* se pronuncia sempre como em *sapo* e *massa*, independentemente de sua posição na palavra;
- 16 o artigo definido invariável do árabe, *al*, foi grafado junto à palavra por ele determinada, sem separação por hífen; e, quando essa palavra determinada pelo artigo começa com um fonema que assimila o *l*, optou-se pela sua supressão, como em *assayf* (em lugar de *alsayf*);
- 17 para os nomes de cidades, utilizou-se a forma convencional em português quando esta existe. Do contrário, adotou-se a transcrição fonética;
- 18 desde que não contivessem *Abœ*, “pai de”, ou *Ibn*, “filho de”, os nomes próprios que formam sintagma de regência mediado pelo artigo definido se transcreveram aglutinados. Assim, por exemplo, grafou-se

ﷲAbdullāh, “servo de Deus”, em lugar de ﷲAbd Allāh; e ﷲAbdulmalik, em lugar de ﷲAbd Almalik etc.

\*

Primitivamente, o presente texto foi apresentado como parte das atividades exigidas em concurso para obtenção do título de Livre-Docente em Literatura Árabe na Universidade de São Paulo em junho de 2009. À comissão julgadora, formada pelos professores Benjamin Abdala Jr. (presidente), Marli Fantini Scarpelli, Mohammad Habib, Olgária Chain Féres Matos e Vania Leite Fróes, o tradutor deixa consignados os seus mais calorosos agradecimentos pelo interesse demonstrado, pela arguição cerrada mas generosa e pelas valiosas sugestões apresentadas durante a discussão do trabalho, o que permitiu uma revisão radical de conceitos e trechos obscuros, com evidente benefício para esta versão final.

*Last but not least*, gostaria ainda de agradecer aos amigos Abdurrahman El Sharqawy, Afaf El Sayyed, Ana Maria Alfonso-Goldfarb, Antônio Bracaglion Jr., Cilaine Alves Cunha, John Milton, Maged El Gebali, Marcos Martinho dos Santos, Maribel Arruda, Marly Shibata, Miguel Attie Filho, Ricardo Musse, Ronald Polito, Safa Jubran e Vanessa Sayuri Sawada, além, é claro, de Júlia e Letícia. Um agradecimento especial ao amigo e editor Joaci Pereira Furtado, sem cujo interesse e estímulo constantes este trabalho não teria sido publicado.

[\*]No “Posfácio” a este volume discute-se brevemente o ascetismo nos antigos tratados políticos árabes.

Procurou-se, com “Misericordioso, Misericordiador”, manter o jogo de cognatos verificado no original, رَحْمَن (rahmān) e رَحِيم (rahīm), ambos vinculados à ideia de possuir رَحْمَةً (rahma), “misericórdia”. Conforme se explica no dicionário المحكم والمحيط الأعظم في اللغة (Almuḥkam wa almuḥīt alaḥzam fī alluġa), “O bem logrado e grandioso dicionário que tudo cerca na língua” (v. 3, p. 253), do lexicógrafo cego Ibn Sīdah de Múrcia (1007-1066 d.C.), tais expressões vão do particular ao geral. Desse modo, a primeira indicaria a superabundância de misericórdia, ao passo que a segunda estaria ligada ao próprio ato de conceder misericórdia. Em português, contrariamente ao que se afirma no dicionário de Caldas Aulete, as palavras “misericordioso” e “misericordiador” não eram sinônimas, conforme se nota no trecho de Vieira citado no dicionário de Morais (edições de 1813 e 1858): “Deus não só é misericordioso, mas também misericordiador”; segundo Morais, o primeiro é o “que tem, que usa misericórdia”, e o segundo, “que se compadece, comisera”, o que, embora não corresponda exatamente ao árabe, permite melhor aproximação.

[1] Muḥammad Bin ʿAbdillāh (m. 632 d.C.), nascido na cidade de Meca, na península Arábica, é o profeta fundador da religião muçulmana. É de bom-tom evitar a forma “Maomé”.

[2] “Sabedoria” foi sempre empregada para traduzir حِكْمَةٌ (ḥikma), ao passo que “saber” foi a opção para عِلْمٌ (ʿilm), que em árabe moderno se aplica a “ciência”. A sabedoria, mais ampla, é normalmente utilizada para caracterizar o conjunto dos saberes acumulados a respeito de determinado assunto.

[3] “Notícias” traduz أخبار (aḥbār), termo usado para caracterizar relatos por assim dizer “semi-históricos” e conjuntos de relatos não amarrados por um fio temporal; também seria traduzível como “crônicas”. Já “histórias” traduz حِكَايَات (ḥikāyāt), que embute a ideia de oralidade, apresentando forte vínculo com a ficcionalidade e com o passatempo.

[4] “Suaves” traduz رَائِقَةٌ (rāʾiqa), que também poderia significar “opulentas”.

[5] 6 “Pois é pesado [...] longínquo” traduz لأن محمل الجد ثقيل وطريقه شاق بعيد (li-anna maḥmal aljidd ṭaqīl wa ṭarīquhu šāqq baʿid), formulação tópica na retórica árabe, atribuída, com leves variações, a figuras notáveis da história muçulmana, e que em geral serve como pretexto para introduzir humor e leveza.

[6] Galeno (131-201 d.C.), médico grego, responsável por importantes descobertas no campo da anatomia, é autoridade amiúde citada pelos médicos árabes sob a forma جَالِينُوس (Jālīnūs).

[7] “Sem tentar obter alimento” traduz ولم يسهل عليهم تناوله (wa lam yashul ʿalayhim tanāwuluhu), que também pode ser entendido como “e não lhes era fácil obtê-lo” [o alimento].

[8]

Escriba de origem persa, converteu-se do zoroastrismo ao islamismo para melhor ascender na carreira política; vivenciou o fim do califado omíada e o início do abássida. Teria sido assassinado da maneira mais cruel por volta de 757 d.C., durante o califado de Almanşūr, ao que tudo indica por ordem dele e devido a intrigas palacianas. Traduziu ao árabe, a partir do pahlavi, a obra de origem sânscrita *كليلة ودمنة*, *Kalīla e Dimna* (em sânscrito, *Pañcatantra*, “Cinco livros”); também legou às letras árabes dois tratados modelares sobre decoro e ética, e uma curta epístola política, além de outras traduções do pahlavi cuja autenticidade é motivo de discussões. A crítica o considera um dos fundadores da prosa artística em língua árabe. A citação consta efetivamente do final de uma de suas obras, *الأدب الكبير* (*Aladab alkabīr*), “O grande *adab*”, bem como de obras de autores diversos, algumas das quais a atribuem igualmente a ele, ao passo que outras a atribuem a ‘Alī Ibn Abī Ṭālib (m. 661 d.C.), primo e genro de Muḥammad e quarto califa do islā, ou a seu primogênito Ḥasan (624-670 d.C.). Completa, a citação é a seguinte: *وكان لا يلوم أحدا على ما قد يكون العذر في مثله، حتى يعلم ما اعتذاره* (*wa kāna lā yalūmu aḥadan ‘alā mā qad yakūnu al‘udr fi miṭlihi, ḥattā ya‘lama mā i‘tidāruhu*), “não censurava ninguém que talvez tivesse escusa para semelhante ação, até saber qual seria sua justificativa”.

[9] Nestes hemistíquios — *ما حامل نفسه على سبب/إلا لأمر يقوم بالسبب* (*mā ḥāmilun nafsahu ‘alā sababin / illā li-amrin yaqūmu bi-assabab*) —, a palavra *سبب* (*sabab*) foi traduzida, respectivamente, como “caminho” e “motivo”.

[10] Conforme se verá, são dezenove capítulos.

[11] “Mergulhador”, nome do “herói” chacal, é tradução literal de *غواص* (*ḡawwāṣ*), cujo sentido será explicado pela própria personagem no final do quinto capítulo desta obra, p. 54 desta edição.

[12] “Resoluto” traduz o adjetivo *حازم* (*ḥāzim*), também traduzível como “firme”, “decidido”. Mais adiante ocorre um cognato, o substantivo *حزم* (*ḥazm*), traduzido como “firmeza”, pois traduzi-lo como “resolução” ou “decisão” poderia parecer impreciso. “Enérgico” e “energia” talvez consistissem, de modo idêntico, em boas soluções.

[13] “Orientação” traduz *أمر* (*amr*), espécie de “palavra muleta” em árabe, que pode também ser traduzida como “coisa”, “algo”, “assunto”, “ordem”, “mister” etc., e que, em especial a partir da tradição islâmica, foi empregada como “poder”.

[14]

“Rigor sem violência e lhaneza sem fraqueza” traduz *شدة في غير عنف* (*šadda fī ġayr ʿunf wa layn min ġayr duʿf*), tópica política então muito disseminada, atribuída por Ibn Qutayba (828-889 d.C.), em sua compilação *عيون الأخبار* (*ʿUyūn alāḥbār*), “As mais importantes notícias” (v. 1, p. 9), ao segundo califa muçulmano ʿUmar Ibn Alḥaṭṭāb (m. 644 d.C.), e por Aḥmad Ibn ʿAbd Rabbihi (860-940 d.C.), em sua compilação *العقد الفريد* (*Alʿiqd alfarīd*), “O colar singular” (v. 5, p. 5), ao líder militar e político omíada Ziyād Ibn Abīhi (m. 673 d.C.), ao passo que Aḥmad Ibn Muḥammad Miskawayh (m. 1030 d.C.) a atribui, em sua compilação *الحكمة الخالدة* (*Alḥikma alḥālida*), “A sabedoria perene” (p. 64), aos antigos reis persas. Na compilação *المختار من كتاب تدبير الدول* (*Almuḥtār min kitāb tadbīr adduwal*), “Seleção do livro de administração dos governos” (p. 91), o letrado e poeta Muḥammad Ibn Nubāta Almiṣrī (1287-1366 d.C.) afirma o seguinte: *فالسباسة [...] لين من غير ضعف وشدة من غير عنف، ووضعها اللائق بهما، ووضع أحدهما مكان الآخر فساد في التدبير. قال أبو الطيب: ووضع الندى في موضع السيف بالعلی/مضر كوضع السيف في موضع الندى (fa-assiyāsa [...] layn min ġayr duʿf wa šadda min ġayr ʿunf, wa waḍʿuhumā allāʾiq bi-himā, wa waḍʿu aḥadihimā makāna alāḥari fasādun fī attadbīr. Qāla Abū Aṭṭayyib: wa waḍʿ annadā fī mawḍiʿ assayf bi-alʿulā / muḍīrr ka-waḍʿ assayf fī mawḍiʿ annadā)*, “a política [...] é lhaneza sem fraqueza, e rigor sem violência, bem como a colocação de ambos em seu lugar adequado, pois a colocação de um no lugar do outro é corrupção na administração. Disse Abū Aṭṭayyib: ‘E pôr a liberalidade no lugar da espada, no alto, / é tão nocivo quanto pôr a espada no lugar da liberalidade’”. Os versos são de Abū Aṭṭayyib Almutanabbī (915-965 d.C.), “o que se fez profeta”, considerado um dos maiores poetas árabes de todos os tempos.

“Paixão” traduz هوى (*hawā*), palavra que o alfaqui Aljurjānī (1339-1413), entre outros, definiu como ميل القلب إلى ما يستلذ به (*mayl alqalb ilā mā yastaliddu bihi*), “tendência do coração à busca de seu prazer” (apud Sāmī Muḥammad Aṣṣalāḥāt, معجم المصطلحات السياسية في تراث الفقهاء [*Muʿjam almuṣṭalaḥāt assiyāsiyya fī turāṭ alfuqahā*], “Dicionário de termos políticos do legado dos alfaquis”, p. 238). Semanticamente, implica as ideias de “desrazão”, “capricho” e “desejo”, apresentando, sempre, conotação negativa, uma espécie de oposto da “opinião”, e é assim que deve ser entendida neste texto. Sirva como ilustração o seguinte trecho do tratado político النهج المسلوك في سياسة الملوك (*Annahj almaslūk fī siyāsāt almulūk*), “O caminho trilhado na política dos reis” (p. 77), de ʿAbdurraḥmān Aṣṣayzarī (m. 1194 d.C.), contemporâneo da presente obra: “Disse [o califa] Almaʿmūn [786-833 d.C.]: ‘A paixão dá livre curso aos horrores do caráter, e faz surgirem os vexames das ações’. E certo homem de saber me recitou o seguinte: ‘Se acaso homem vires pela paixão guiado/ então sua mãe já o terá perdido/ e os inimigos, farejado ignorância em sua alma/ e os censores, achado o que falar contra ele./ Não reprime a paixão da alma teimosa/ senão o resoluto de perfeita opinião’”.

[16] “Por temor à sua intensa compaixão por eles”: إشفاقا لهم لشدة إشفاقه (*išfāqan lahum li-šaddat išfāqihī ʿalayhim*), formulação na qual se joga com a polissemia do vocábulo إشفاق (*išfāq*), simultaneamente “temor” e “compaixão”.

[17] “Impunha-lhes um pouco do que não gostavam” traduz وكان يسير فيهم (*wa kāna yasīru fihim bi-baʿd mā lā yuḥibbūn*), oração na qual a dificuldade reside no emprego das preposições ب (*bi*) e في (*fī*) ambas regidas pelo verbo يسير (*yasīru*), “marchar”, “avançar”, “tornar corrente” etc.

[18] “Revivificar a tradição” traduz إحياء السنة (*iḥyāʿ assunna*), formulação que aproxima a obra de autores como o متكلم (*mutakallim*), “teólogo”, Alġazālī (o “Algazel” da tradição latina, m. 1111 d.C.), cujo principal título é justamente إحياء علوم الدين (*Iḥyāʿ ʿulūm addīn*), “Revivificação dos saberes religiosos”.

[19]

“Lei” traduz *شريعة*, que hoje se usa quase que exclusivamente para a lei religiosa muçulmana. Nos textos dessa época, conforme se demonstra no já citado *معجم المصطلحات السياسية في تراث الفقهاء* (*Muʿjam almuṣ-ṭalaḥāt assiyāsīyya fī turāṭ alfuqahā*), “Dicionário de termos políticos do legado dos alfaquis” (pp. 136-137), o termo também era normalmente empregado nesse sentido — “os alfaquis da política legal consideraram que a *شريعة* (*ṣarīʿa*) islâmica é a política perfeita, levando em conta que ela mostra os caminhos da felicidade para seus membros neste mundo e no outro, e que qualquer política que dela divirja é falha e não deve ser seguida” —, mas o presente caso exige uma opção mais “neutra”.

[20] “Tanto[...] condoa” traduz *حتى صار يلتذ بما يجني ذلك عليه التذاذ العاشق ضرب محبوبه وإن كان يؤلمه* (*ḥattā sāra yaltaddu bi-mā yajni dālīka ʿalayhi iltidāda al-ʿāšiq ḍarba maḥbūbihi wa in kāna yuʿlimuhu*). Essa formulação tem a ambiguidade como elemento constitutivo, pois, sintaticamente, poderia ser entendida ao contrário: “tal como o apaixonado se delicia em ser agredido por seu amado”. Trata-se, contudo, de um artifício retórico: de uma perspectiva analógica, que é a do texto, o rei deve corresponder ao agressor e os súditos, ao agredido, uma vez que é ele quem aplica a lei, metaforizada pela agressão. Por outro lado, a ambiguidade procura destacar justamente o fato de que, embora esteja na posição de agressor apaixonado, o prazer do rei é semelhante ao do agredido amado.

[21] “Servidor” traduz *عسكر* (*ʿaskar*), literalmente, “soldados”. No presente caso, todavia, parece ter ocorrido contaminação dessa palavra por *جنود* (*junūd*), cujo sentido principal é militar, mas que também designa servidores e ajudantes; daí, a solução adotada. Já “chacal” traduz *ابن أوى* (*ibn āwā*), mesma caracterização das personagens que dão título ao livro que constitui o modelo desta obra, *كليلة ودمنة*, *Kalīla e Dimna*, do já citado Ibn Almuqaffa<sup>c</sup> (m. 757 d.C.).

[22]

23 “Parecer” traduz رأي (ra’y), que semanticamente implica a ideia de “ver” e em geral se traduz como “opinião”, como se fez na maioria dos passos desta tradução, procurando-se, porém, optar por “parecer” (ou “bom parecer”) sempre que a expressão apresentasse um uso mais “técnico”, significando “opinião fundamentada”. Note que o uso de رأي (ra’y) apresenta, nesta obra como em muitas outras, denotação positiva. Os dicionários árabes mais antigos, como المحكم والمحيط الأعظم في اللغة (Almuḥkam wa almuḥiṭ ala’ẓam fi alluġa), “O bem logrado e grandioso dicionário que tudo cerca na língua” (v. 12, p. 10), de Ibn Sīdah (1007-1066 d.C.), لسان العرب (Lisān al’arab), “A língua dos árabes” (v. 14, p. 292), de Ibn Manẓūr (1232-1311 d.C.), e القاموس المحيط (Alqāmūs almuḥiṭ), “O dicionário que tudo cerca” (v. 4, p. 331), de Alfayrūzabādī (1329-1414 d.C.), são lacônicos quanto a essa palavra, limitando-se a defini-la como sinônima de اعتقاد (i’tiqād), “crença”. O alfaqui damasceno Ibn Qayyim Al-jawziyya (m. 1350 d.C.) apresenta uma definição mais esclarecedora para seu uso na presente obra: هو ما يراه القلب بعد فكر وتأمل وطلب لمعرفة وجه الصواب مما تتعارض فيه الأمارات (huwa mā yarāhu alqalb ba’d fikr wa ta’mul wa ṭalab li-ma’rifat wajh aṣṣawāb mimmā tata’arad fihi alamārāt), “aquilo que o coração vê após pensar, contemplar e buscar conhecer o correto naquilo em que os signos [ou sinais] se contradizem [ou se opõem]”<sup>1231</sup> (apud معجم المصطلحات السياسية في تراث الفقهاء [Mu’jam almuṣṭalaḥāt assiyāsīyya fi turāt alfuqahā], “Dicionário de termos políticos do legado dos alfaquis”, p. 119). Já “decoro” traduz أدب (adab). Ao contrário de seu modelo كليلة ودمنة, Kalīla e Dimna, onde tal palavra possui importância fundamental, surgindo a todo instante, na presente obra essa é uma das duas únicas vezes em que aparece. Mesmo assim, seria conveniente discuti-la: normalmente, arabistas e dicionários bilíngues atribuem-lhe sentidos tão abrangentes quanto “cultura”, “urbanidade”, “bons modos”, “bom modo de agir”, “instrução”, “educação”, “cortesia”, “cortesania” e mesmo “ética”. Os antigos dicionários árabes tampouco esclarecem a questão. Ibn Manẓūr (op. cit., v. 1, pp. 206-207), nesse ponto mais completo que os demais, dá-lhe uma definição que beira o tautológico: “é aquilo com que se instrui o أديب, adīb” (o possuidor de أدب, adab; tão pouco esclarecedor quanto a definição da marcenaria como “a atividade do marceneiro”), e acrescenta: سمي أدبا لأنه يأدب الناس إلى المحامد، وينهاهم عن المقابح [...] غيره: الأديب: الأدب: أدب النفس وأدب الدرس. والأدب: الظرف وحسن التناول (summiya adaban li-annahu ya’dibu annās ilā almaḥāmid, wa yanhāhum ‘an almaqābih [...] ġayruhu: adab annafs wa adab addars. Wa aladab: aẓẓarf wa ḥusn attanāwul), “foi chamado de adab porque convida [e aqui se explora o cognatismo entre o verbo e o substantivo explicado] as pessoas ao que é louvável

e as adverte contra o que é condenável [...]. E também: o *adab* da alma e o *adab* do estudo. E *adab*, ainda: a elegância [ou graça, ou agudez] e o bom modo de tomar [um assunto, um objeto etc.].” Em traduções antigas de textos árabes, como a espanhola do século XIII do livro *Kalila e Dimna*, empregou-se sistematicamente “saber” para traduzir أدب, *adab*, sem nenhuma distinção entre essa palavra e علم, *ilm*, que também aparece inúmeras vezes no texto e que, ela sim, deve ser efetivamente traduzida como “saber”. Em suma, considerou-se que أدب, *adab*, é palavra que, apesar da possibilidade de interiorização, guarda relação com a exteriorização, e por isso se propôs “decoro”, palavra cuja história é assaz rica e abrangente, como sua tradução mais apropriada. Ressalte-se novamente, no entanto, que a importância desse conceito é menor no presente livro.

Para traduzir o substantivo (*tadbīr*), pl. تدابير (*tadābīr*), escolheu-se “administração/ões”, ao passo que o verbo “administrar” (rara vez “reger”) foi escolhido para traduzir دبر/يدبر (*dabbara/yudabbiru*). Trata-se de conceitos complexos, cuja historicidade em árabe é bem rica, tendo inclusive invadido o campo dos dialetismos. Em seu القاموس المحيط (*Alqāmūs almuḥīṭ*), “Dicionário que tudo cerca” (v. 2, p. 26), o lexicógrafo Alfayrūzābādī (1329-1314 d.C.) foi quase lacônico na definição de تدبير (*tadbīr*): النظر في عاقبة الأمر (*annaẓar fī ‘āqibat al-amr*), “a observação da consequência da questão”. Talvez fosse possível, ainda, optar por “regime” para traduzir تدبير (*tadbīr*), graças ao precedente, v.g., dos arabistas espanhóis Miguel Asín Palacios, na primeira metade do século XX, e Joaquín Lomba, neste século, que traduziram o título de تدبير المتوحد (*Tadbīr almutawaḥḥid*), do filósofo árabe saragoçano Ibn Bājja (m. 1138 d.C.), como “El régimen del solitario”, obra na qual essa palavra, por sua vez, é assim definida pelo autor: ترتيب أفعال نحو غاية معينة (*tartīb af‘āl naḥwa ḡāya mu‘ayyana*), “arranjo de ações em direção a uma finalidade determinada”. Mesmo um dicionário contemporâneo como o de A. Houaiss atribui à palavra “regime” sentidos à primeira vista satisfatórios para a presente tradução — “sistema político que orienta os destinos de um país; forma de governo” e “modo de conduzir a vida, a existência, de exercer uma atividade ou um conjunto delas” —, o que afastaria um pouco a eventual estranheza que pudesse causar

quando se pensa no uso mais restrito que a palavra tem modernamente. Porém preferiu-se, conforme se disse, limitar essa opção a alguma situação em que o original apresentava o verbo *دبر/يدبر* (*dabbara/yudabbiru*), com o emprego do verbo “reger”. De igual modo, no léxico árabe-latino da edição crítica de *كتاب النفس* (*Kitāb annafs*), “O livro da alma”, de Ibn Sīnā (o Avicena dos latinos, 980-1038 d.C.), p. 247, dá-se a tradução de “*regere*” para o verbo *دبر/يدبر* (*dabbara/yudabbiru*) e de “*actio*”, “*dominium*”, “*gubernatio*” e “*rector*” para *تدبير* (*tadbīr*). O tradutor dessa obra ao português, Miguel Attie Filho, informou em comunicação pessoal haver utilizado “regência” para verter *تدبير* (*tadbīr*) e “regente” para verter *مدبر* (*mudabbir*), participio ativo do verbo *دبر/يدبر* (*dabbara/yudabbiru*). A título de curiosidade, fica aqui registrado que se cogitou, de início, usar as palavras “estratégia/estrategiar” para a tradução, mas *تدبير* (*tadbīr*) e *دبر/يدبر* (*dabbara/yudabbiru*) certamente vão além do campo semântico abrangido por “estratégia” e seus cognatos, sendo a ideia então abandonada em virtude da inadequação semântica; ademais, em sua etimologia, “estratégia” tem a noção de “atividade militar”, inexistente em árabe (embora convenha notar que *تدبير* [*tadbīr*] pode também ser associado a essa área). Outras possibilidades aventadas, como os pares “providência/providenciar” e “planejamento/planejar”, tampouco se mostraram adequadas. Em suma, optou-se por usar “administração” para os substantivos e “administrar” (ou “reger”) para os verbos, marcando os casos graficamente, com itálico. Tenha-se claro, todavia, que a questão não é conceitualmente pacífica, e o risco do anacronismo está sempre à espreita; por exemplo, no *معجم المصطلحات السياسية في تراث الفقهاء* (*Muʿjam almuṣṭalaḥāt assiyāsīyya fi turāṭ alfuqahā*), “Dicionário de termos políticos do legado dos alfaquis”, p. 66, citam-se autores como o historiador Ibn Ḥaldūn (1332-1406 d.C.) — *السياسة الحديثة هي تدبير المنزل أو المدينة* (*assiyāsa alḥadītha hiya tadbīr almanzil aw almadīna*), “a política contemporânea é o *tadbīr* da casa ou da cidade” —, o tratadista político Ibn Abī Rabīʿ (século IX ou XIII d.C., mais provavelmente esse último) — que afirma serem pilares do reino o rei, os súditos, a justiça e o *tadbīr* — e o juiz Aljurjānī (1339-1413 d.C.) — *التدبير يعني النظر في العواقب بمعرفة الخير، وهي لله حقيقة وللعبد مجازا* (*attadbīr yaʿnī annaẓar fi alʿawāqib bi-maʿrifat alḥayr, wa hiya lillāhi ḥaqīqatan wa lilʿabd majāẓan*), “o *tadbīr* significa a consideração das consequências com o conhecimento do bem, o qual pertence a Deus verdadeiramente e a seu adorador metaforicamente”. Charles Pellat, na tradução da *رسالة في الصحابة* (*Risāla fi aṣṣaḥāba*), “Epístola sobre os colaboradores [do califa]”, de Ibn Almuqaffaʿ, dá ao substantivo o sentido de “medida” e “disposição”, e ao verbo, “interpretar” e “organizar” (pp. 28, 30, 44, 64 e 80). No “Glossário” de seu *Political thought in medieval islam* (Cambridge University Press, 1985), Erwin Rosenthal atribui a *tadbīr* os sentidos de “regime”, “regra”, “governo” e “administração” (p. 314).

“É avaro em seus bons pareceres para com o amigo” traduz *واستبد عن صديقه برأيه* (*wa istabadda ‘an ṣadiqihi bi-ra’yihī*), formulação cuja dificuldade reside no fato de o verbo *استبد* (*istabadda*) reger a preposição *عن* (*‘an*), ocorrência linguística para a qual não se encontrou abonação em dicionário algum.

[25] “Governança” traduz *ولاية* (*wilāya*), preferida a “governo” por sugerir o ato, e não o aparato.

[26] “Combater pela fé” traduz *جهاد* (*jihād*), e “harém” traduz *حريم* (*ḥarīm*) — expressão que é a origem da palavra em português, e pode ser entendida como “esposas”, “família”, “recinto sagrado” etc.

[27] Alusão a um conhecido aforismo árabe sobre a “recompensa do crocodilo”, *مجازاة التمساح* (*mujāzāt attimsāḥ*), que se aplica, basicamente, em duas circunstâncias: a primeira, constante deste enunciado, é a tópica da reciprocidade, em que se põe em relevo a troca, isto é, os dentes do crocodilo ficam limpos, o pássaro se alimenta e ambos se beneficiam; a outra, mais comum, aplica-se como tópica de ingratidão, afirmando que, após ter os dentes limpos, o crocodilo tenta devorar seu “benfeitor”. Leia, no início do capítulo dezessete (p. 170 desta edição), a aplicação dessa tópica da ingratidão para ilustrar a intervenção da providência divina, que impede a devoração da ave.

[28] “Olhar totalizante” traduz *نظرا كلياً* (*naẓran kullīyyan*).

[29] Traduziu-se como “verdade” o substantivo *حق* (*ḥaqq*), também traduzível, dependendo da preposição que rege, como “direito” ou “dever”.

[30] Fontes árabes do século IX, como Aljāhiz (m. 868 d.C.), em *البيان والتبيين* (*Albayān wa attabyīn*), “Exposição e esclarecimento” (v. 3, p. 191), e Ibn Qutayba (m. 889 d.C.), em *عيون الأخبار* (*‘Uyūn al-aḥbār*), “As mais importantes notícias” (v. 1, p. 246), atribuem essa fala a Jesus Cristo.

[31] “Soberano” se usará, sempre, para traduzir *سلطان* (*sulṭān*). “Potentado” também seria uma solução condizente. Já “colaboração” traduz *صحبة* (*ṣuḥba*), opção sobre a qual se discorrerá na nota 36, na explicação ao vocábulo *صاحب* (*ṣāḥib*) e seus cognatos, quando associados a “soberano”.

[32] Na presente tradução, empregou-se sistematicamente “paradigma”, em vez de “exemplo”, para traduzir *مثل* (*maṭal*), por julgar-se que o primeiro vocábulo, além de ser mais forte, reveste-se hoje, mais do que o segundo, do caráter de modelo a ser imitado. Ressalve-se, todavia, que “exemplo” não seria má alternativa, tendo sido o vocábulo *enxemplo* empregado na tradução espanhola do século XIII de *Kalīla e Dimna*.

[33] Todos os intertítulos são do tradutor, pois a obra não os contém.

[34] “Mas sim que [...] considerada boa” traduz a frase: *ولكن أن أبلو في الكافة بلاء يحسن فيه فعلي* (*wa lākin an ablū fī alkāffati balā’an yaḥsunu fihī fi‘lī*).

[35]

“Colaboradores”, seguindo sugestão colhida em Charles Pellat (op. cit., pp. 88-89), traduz أصحاب (*aṣḥāb*), plural de صاحب (*ṣāhib*). Em sentido mais estrito, essa palavra evoca “companhia”, e é por um de seus cognatos que normalmente se traduziria; mesmo no caso do profeta Muḥammad, por exemplo, traduzem-se os seus صحابة (*ṣaḥāba*) como “companheiros”. Em árabe moderno, os vocábulos correspondentes a “colaboração” e “colaborador” são تعاون (*taʿāwun*) e متعاون (*mutaʿāwin*), provenientes de raiz bem distinta. Porém, num discurso como o presente, produzido segundo uma concepção política absolutamente hierárquica e hierarquizante do mundo e das coisas, a palavra “companheiro”, com sua moderna conotação por assim dizer “igualitária”, soaria impertinente associada ao rei, que se situa no topo da pirâmide social e política. Na verdade, busca-se com isso tão somente contornar o anacronismo, uma vez que a hierarquia das relações estava presente não na semântica “essencial” da palavra, mas sim na semântica implicada pela relação de “rei” ou “profeta” com os não detentores dessas condições, fato presente no horizonte de interpretação de qualquer receptor árabe de então. Seja como for, note-se que صاحب (*ṣāhib*) contém com maior intensidade a ideia de “proximidade” (e mesmo de “intimidade”), e o “colaborador”, evidentemente menos íntimo, expressa bem a ideia de companheiro constante do soberano. No decorrer deste texto, portanto, salvo raras exceções, será usada a palavra “colaborador” ou seus cognatos para traduzir صاحب (*ṣāhib*) e seus cognatos, sempre que estiverem associados a “soberano”, e “companheiro” ou seus cognatos sempre que o emprego exprimir relação entre iguais ou semelhantes. Na frase em tela, manteve-se o paralelismo da formulação traduzindo-se como “colaboradores”, no termo seguinte da comparação, aqueles que estão em relação com o saber; como se trata de comparação, “soberano” e “saber” se encontram, aqui, dispostos numa linha de equivalência, no topo de suas respectivas pirâmides.

“Não é tal como procede [...] reis” traduz ليس بالنفاذ في العالم ينفذ المرء في صحبة الملوك (*laysa bi-nnafādi fi al-ʿālamī yanfuḍu almarʿu fi ṣuḥbati almulūk*), formulação na qual os cognatos da raiz ن ف ذ (*n f d*), aqui traduzidos como “procede”, podem conter também a ideia de “penetrar”, “ser eficaz” e “influir”, esta última prevista como metáfora em dicionários contemporâneos à obra, tal como o de Azzamaḥṣarī (m. 1144 d.C.), أساس البلاغة (*Asās albalāġa*), “Alicerce da retórica”, v. 2, p. 291.

“Quietude” traduz دعة (*diʿa*), que de acordo com Raḍwān Assayyid (responsável pelo estabelecimento do texto e doravante citado como “Assayyid”) também poderia ser lida como دعوة (*daʿwa*), “pregação” [religiosa], “proselitismo” etc. A segunda leitura foi a preferida por Assayyid (que a utiliza para construir alguns de seus argumentos a respeito do texto), ao passo que a primeira foi preferida para a tradução.

“Parece-me que a armadilha” foi a solução encontrada para traduzir uma passagem falha em que se diz *إن الرأي والمكيدة* (*inna arra'ya wa almakida*), “o parecer e a armadilha”, muito embora adiante somente se faça referência à “armadilha”.

[39]

Este paradigma consta da já citada obra *كليلة ودمنة*, *Kalila e Dimna*.

[40]

“Mérito” traduz *فضل* (*faḍl*).

[41]

“Isso” traduz *باب* (*bāb*), que significa, em primeiro lugar, “porta”, “seção” etc. Era comum que capítulos de livro recebessem tal denominação. Para a tradução, preferiu-se lançar mão de uma “palavra muleta”.

[42]

“Virtudes” traduz *فضائل* (*faḍā'il*), plural de *فضيلة* (*faḍīla*).

[43]

“Ele as guarda [...] inadequado” traduz *فيضعها غير موضعها ويخرجها* (*fa-yada'uhā ḡayra mawḍi'ihā wa yuḥrijuhā fī ḡayr almakān allā'iq bihā*). Tentou-se o máximo de literalidade nessa aguda formulação. O verbo *يخرج* (*yuḥrij*), aqui traduzido como “exibir”, tem o sentido de “retirar”, “sacar”, “extrair”.

[44]

“Aplicados em lugares impróprios” traduz *إذا استعملا في غير مواضعهما* (*idā istu'milā fī ḡayr mawāḍi'ihimā*). Procurou-se, com a versão literal, manter evidente a ideia de tópica presente na afirmação. Evidentemente, faz-se alusão ao consumo exagerado.

[45]

“Para cada situação [...] lugar” traduz *لكل مقام مقال ولكل شيء مكان* (*li-kulli maqām maqāl wa li-kulli šay' makān*), formulação comuníssima da retórica árabe.

[46]

“Senão depois [...] se esvazia” traduz *إلا بعد ما يجم به نفسه* (*illā ba'da mā yajummu bihi nafsahu*). Usou-se a ideia de “esvaziar” para traduzir o verbo *يجم* (*yajummu*), cujo campo semântico ordinariamente cobre a área de “acumular”, com base no dicionário *القاموس الوسيط*, *Alqāmūs alwasīṭ*, “Dicionário médio”, da Academia de Língua Árabe do Cairo, que lhe atribui ainda o sentido de “esvaziar-se [o poço]” (v. 1, p. 136).

[47]

“Fica sabendo que quem mais [...] pão” traduz *واعلم أن أنفق الناس عند الملوك من مزج الجد بالمهازلة والتحقيق بالمقاربة، فإن أطيّب الحلو ما مزجه شيء من الخبز* (*wa i‘lam anna anfaqa annāsi ‘inda almulūki man maẓaja aljiddi bilmuhāzalati wa attahqīqi bilmuqārabati fa-inna atyaba alḥulwi mā māẓajahu šay’un min alḥubẓi*). A dificuldade dessa formulação reside no fato de o primeiro par antitético, *الجد/المهازلة* (*aljidd/almuhāzala*), “sério” e “jocoso”, ser sucedido por outro par que, embora lhe corresponda sintaticamente, não parece ser antitético, mas sim oração explicativa, uma vez que as palavras *التحقيق/المقاربة* (*attahqīq/almuqāraḇa*), “efetuação” (ou “realização”, ou “concretização”) e “aproximação”, não são perfeitamente antônimas como as anteriores. A antítese, porém, reside nas ideias de “realizar” e “quase realizar”. O superlativo *أنفق* (*anfaq*) tampouco é de fácil tradução, uma vez que, conquanto se tenda a compreendê-lo, à primeira vista, como superlativo de “hipócrita”, tal interpretação seria anacrônica; outra possibilidade seria considerá-lo superlativo de “vendável” ou “subvencionável”; na impossibilidade de avaliar se a posição desse elemento perante o rei seria negativa ou positiva, optou-se por uma formulação neutra e aberta à interpretação, podendo-se entendê-la como superlativo do que vende a honra, conforme consta do supracitado dicionário *لسان العرب*, *Lisān al‘arab*, “A língua dos árabes” (v. 10, p. 358), ou simplesmente como aquele que se vende melhor, isto é, que obtém melhores subvenções. Outro elemento de dificuldade diz respeito à utilização dos verbos cognatos (formas I e III) *مزج/مازج* (*maẓaja* e *māẓaja*), respectivamente “misturar” e “frequentar” ou “rivalizar”, segundo F. Corriente (*Diccionario avanzado árabe*, p. 1098). Assim, no primeiro caso, fala-se daqueles que, perante os reis, *misturam* o sério ao jocoso etc., ao passo que no segundo caso o doce mais saboroso é aquele que é “frequentado”, diga-se assim, por um pedaço de pão, ou seja, cujo sabor com ele contrasta. Em ambos os casos há mistura, mas no primeiro o verbo contém um princípio de equivalência que não existe no segundo. Como curiosidade, eis o primeiro esboço de tradução desse trecho ao qual se havia chegado: “Fica sabendo que aqueles aos quais os reis mais concedem benesses são os que misturam o sério ao jocoso, efetuando-o mediante aproximação, pois o doce mais saboroso é o que se mistura a um pouco de pão”.

“Artimanha” traduz *حيلة* (*hīla*), vocábulo de grande fortuna na língua árabe e que Ibn Sīdah, Ibn Manẓūr e Alfayrūzabādī explicam da mesma maneira, ao lado de uma porção de cognatos: *الحنق وجودة النظر والقدرة على دقة التصرف* (*alḥiḍq wa jawdat annaẓar wa alqudra ‘alā diqqat attaṣarruf*), “a habilidade, a qualidade de visão e a capacidade de [adotar o] procedimento preciso”. Trata-se de uma definição que não faz jus à rica história desse vocábulo na literatura árabe. A *حيلة* (*hīla*), cujo plural é *حيل* (*ḥiyal*), chega a ser quase uma espécie de “malandragem”, passe o termo, e existem obras de cunho humorístico nas quais se arrolam as maneiras específicas de *حيلة* (*hīla*) adotadas pelos mais diversos grupos (mulheres, ladrões, pederastas, mendigos etc.). Abrange desde simples estratégias de sobrevivência material até procedimentos para obtenção de prazer sexual, e aparece amiúde associada à fraude e ao gênero feminino. Pode também estar associada a procedimentos que hoje são pensados como puramente técnicos, como, por exemplo, no caso da obra *كتاب في معرفة الحيل الهندسية* (*Kitāb fi ma‘rifat alḥiyal alhandasiyya*), “Livro sobre o conhecimento das artimanhas mecânicas”, escrito em 1206 por Badī<sup>c</sup> Azzamān Aljazarī, no qual a capacidade de construir artefatos mecânicos é descrita como *حيلة* (*hīla*). Finalmente, note-se que, com base em descrições do arabista Maxime Rodinson e dos helenistas Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne, o historiador e jesuíta francês Michel de Certeau aproxima a *حيلة* (*hīla*) da *métis* grega em *Artes de fazer* (Petrópolis, Vozes, 1992, pp. 103, 329).

[49] “Preciosidade” traduz *فص* (*fuṣṣ*), literalmente, “pérola”.

[50] Empregou-se sempre a palavra “vizir” para traduzir *وزير* (*wazīr*), que em árabe moderno significa “ministro”. A opção por “vizir” se deve à tentativa de destacar a maior abrangência dessa função inaugurada no califado abássida em meados do século VIII, a qual, evidentemente, não poderia corresponder por inteiro à de seu equivalente contemporâneo, marcada pela especialização, ao menos em tese. Imediatamente após a morte de Muḥammad, o termo foi usado, segundo registro do historiador Aṭṭabarī (m. 923 d.C.), em sentido por assim dizer “executivo” na contenda entre mequenses e medinenses por sua sucessão, quando os primeiros teriam dito aos segundos: *نحن الأمراء وأنتم الوزراء* (*naḥnu alumarā’ wa antum alwuzarā’*), “nós somos os comandantes, e vós, os vizires” (apud *معجم المصطلحات السياسية في تراث الفقهاء* [*Mu‘jam almuṣṭalaḥāt assiyā-siyya fi turāṭ alfuqahā’*]), “Dicionário de termos políticos do legado dos alfaquis”, p. 242).

[51]

Formulação tópica nos antigos textos políticos árabes, cujo propósito aparente é deixar claros os riscos implícitos na tarefa de servir aos poderosos. Encontra-se desenvolvida em uma história no conjunto narrativo de origem persa denominado *سندباد الحكيم أو الوزراء السبعة* (*Sindabād alḥakīm aw Alwuḏarā' assabʿa*), “O sábio Sindabād ou Os sete vizires” (apud *Cento e uma noites*, São Paulo, Martins Fontes, pp. 205-206), cuja tradução espanhola de meados do século XIII recebeu, por leitura defeituosa do original, o título de *Sendebār*. Como *سندباد* (*Sindabād*) não é vocábulo árabe e nada significa nessa língua, seria fácil confundi-lo com *سندبار* (*Sindabār*), que tampouco existe em árabe, devido à extrema semelhança das grafias.

[52] “O que [...] fala” traduz *فيكون من أمره ما يضع مني بين شعري وقولي* (*fayakūnu min amrihi mā yaḍaʿu minnī bayna šīʿrī wa qawlī*), trecho confuso para o qual Assayyid não chegou a uma solução razoável. Assim, para traduzi-lo, supôs-se que a palavra fosse *شعوري* (*šūʿūrī*), “meu sentimento”, e não *شعري* (*šīʿrī* ou *šāʿrī*), “minha poesia” (ou “meu pelo”).

[53] “O interesse da política” traduz *صلاح السياسة* (*ṣalāḥ assiyāsa*). É difícil encontrar um correspondente fixo e exato para a palavra *صلاح* (*ṣalāḥ*), que neste texto também se traduziu como “bem” e “concordia”. Fique claro que não se trata de interesse no sentido por assim dizer “negativo”, da mesquinhaaria pessoal. Quanto à palavra *سياسة* (*siyāsā*), cf. a discussão na nota 258. Aqui neste trecho, em especial, talvez “arte de governar” quadrasse melhor ao sentido geral da formulação.

[54] “Exibir-se mediante opiniões” traduz *الاعتراض في الرأي* (*alīʿtirāḍ fī arrāʾi*). A palavra *الاعتراض* (*alīʿtirāḍ*) tem, ordinariamente, o sentido de “oposição”, em especial quando seguida da preposição *على* (*ʿalā*). No

[55] presente caso, porém, levaram-se em consideração outros sentidos, menos usuais, registrados nos dicionários antigos e resumidos no supracitado *القاموس الوسيط* (*Alqāmūs alwasīt*), “Dicionário médio”, da Academia de Língua Árabe do Cairo (v. 2, p. 594).

“Pois se as portas [...] acerto” traduz *فإن هذا الباب إذا انفتح على الملك كان استضراره بتجري العامة عليه في الآراء أكثر من الانتفاع بما لعلهم يغلطون* (*fa-inna hadā albāba idā infataḥa ʿalā almalik kāna istiḍrāruhu bitajarrī alʿāmmati ʿalayhi fī alārāʾi aktara min alintifāʿ bimā yaḡlaṭūna bi-aṣṣawābi fīhi*). No texto árabe, a redação é mais sutil e suave, embora não deixe dúvidas, de um modo que foi impossível reproduzir em português, no tocante aos acertos do vulgo, que na avaliação do falante seriam erros.

[56]

Por “se entrega ao amor” traduziu-se o sintagma *موكولة بحب* (*mawkūlatun bi-ḥubbi*), em que o primeiro termo, *موكولة* (*mawkūlatun*), é particípio passivo feminino do verbo *وكل/يكل* (*wakala/yakilu*), o qual, seguido da preposição *بِ* (*bi*), tem o sentido de “entregar-se”, “capitular”, “submeter-se”; pode-se também especular que a alma talvez não seja exatamente “capitulante”, mas sim aquela que é constituída como tal, uma vez que a capitulação, neste caso, independe de um ato da vontade.

[57] “Um de seus soldados” traduz *جند من جنده* (*jund min jundihi*), que neste caso também poderia ser entendido como “um de seus servidores”.

[58] Leu-se *الرامي* (*arrāmī*), “arqueiro”, onde a edição impressa, por provável erro de revisão, traz *الرأي* (*arra’yu*), “opinião”.

[59] “Firmeza” traduz a palavra que Assayyid fixou como *جلاد* (*jilād*), a qual, segundo F. Corriente, significa “luta, combate”. É possível, porém, que se trate de leitura equivocada, erro de revisão ou confusão no tocante ao nome de ação do verbo *جلد/يجلد* (*jaluda/yajludu*), “ser paciente, perseverante, firme” etc., e cujos nomes de ação podem ser *جلد* (*jalad*) e *جلادة* (*jalāda*), palavras que, estas sim, remetem ao sentido mais aceitável aqui adotado.

[60] “As aparências” traduz *الصور* (*aṣṣuwar*), que literalmente quer dizer “as imagens” ou “as formas”. Preferiu-se, porém, “as aparências” por sua oposição mais simétrica às “almas” que vêm na sequência, e que, ademais, salientam o par antitético “superficialidade/profundidade”. Ressalte-se, não obstante, que a retórica árabe também previa como válida, por sua eventual agudez, a oposição entre uma categoria geral e uma subcategoria, como no caso, por exemplo, de “sólido” e “leite”.

[61] Aqui, “aparência” traduz *شخص* (*šahṣ*), que pode significar “pessoa, indivíduo, vulto”.

[62] “Aversão da parte animal da [minha] alma” traduz *نفور النفس الحيوانية* (*nufūr annafs alḥayawāniyya*). Literalmente, o sintagma *النفس الحيوانية* (*annafs alḥayawāniyya*) deve ser entendido como “alma animal”. Embora em árabe as palavras “alma”, *نفس* (*nafs*) — semanticamente relacionada a “ar”

[63]

e “sopro” — e “animal”, حيوان (*ḥayawān*) — semanticamente relacionada a “vida” — não sejam nem sequer cognatas, em português “alma animal” é etimologicamente tautológico. No entanto, é essa a tradução literal da terminologia disseminada em árabe a partir da definição de Ibn Sīnā (o Avicenna dos latinos, 980-1037 d.C.) para uma das três partes da alma em sua obra النفس (*Annafs*), “A alma”: وهي الكمال الأول لجسم طبيعي آلي من جهة: ما يدرك الجزئيات ويتحرك بالإرادة (wa hiya alkamāl alawwal li-jismin ṭabiʿiyyin āliyyin min jihati mā yudrik aljuẓʿiyyāt wa yataḥarrak bi-alirāda), “e ela é a perfeição primeira de um corpo natural orgânico sob o aspecto pelo qual ele percebe os particulares e se move voluntariamente” (Cairo, 1975, p. 32). As outras duas partes da alma são por ele denominadas de نباتية (*na-bāṭiyya*), “vegetal”, e إنسانية (*insāniyya*), “humana” (cf. *O livro da alma*, de Avicenna, tradução de Miguel Attie Filho, no prelo). Trata-se de terminologia diversa da empregada por Ishāq Ibn Ḥunayn (m. 911 d.C.), tradutor do *Peri psikhês* de Aristóteles (في النفس, *Fī annafs*, “Da alma”) ao árabe. Grosso modo, porém, “alma animal” corresponde ao que, na terminologia aristotélica em português, sedimentou-se como “alma sensitiva”. Em discussão com a banca examinadora deste trabalho, cogitou-se a hipótese de traduzir o sintagma como “natureza animal”, o que todavia se mostrou inviável.

O trecho “Com efeito [...] agrado”, embora em linhas gerais tenha sua compreensão facilitada pelo paradigma que o antecede e explica, apresenta dificuldades para a tradução exata, pois, além da obscuridade, falta-lhe uma palavra, conforme aponta Assayyid.

[64] “Desmoralizar os outros e esmiuçar-lhes as almas” traduz sinteticamente a formulação تكسير الجوانح في الصدور وتفصيل النفوس في الأعراض (*taksīr aljawāniḥ fī aṣṣudūri wa tafṣīṣ annufūsi fī alaʿrāḍi*), que opera com sinonímia e proximidade semântica, podendo ser literalmente traduzida como “esmigalhamento dos peitos nos peitos e extração das honras das almas”, isto é, desmoralização (*quebra do peito*) profunda (*pois no peito*), e extração da honra da alma, do ser. Assayyid leu a última palavra como الإعراض (*aliʿrāḍ*), “ação de opor-se”, o que é igualmente aceitável, embora rompa o paralelismo.

[65] “Possuo uma administração que ele não possui” traduz إن عندي من التدبير ما ليس عنده (*inna ʿindī min attadbīr mā laysa ʿindahū*). Essa passagem ilustra bem a impropriedade de compreender-se aqui o termo “administração” como mero conjunto de procedimentos técnicos; o conceito é bem mais amplo, consistindo num exemplo dos possíveis questionamentos quanto à opção adotada para traduzir تدبير (*tadbīr*). Confrontando-se “administração” com “regime”, nota-se que o primeiro termo é menos maleável que o segundo, causando maior estranheza, neste caso. Efetivamente, à primeira vista, em português a palavra “regime” se afigura mais apta à in-

[66]

teriorização, ao passo que a “administração” é melhor para as ações voltadas para o exterior. Por isso, soa mais familiar falar de um “regime da alma”, visando à autocontenção, do que de uma “administração (ou política) da alma”, que parece dirigida para o alheio; na mesma linha, diz-se “administração (ou política) de preços” e não “regime de preços”, a não ser que este último tenha por alvo, em primeiro plano, quem o adota, ao contrário do segundo, que parece voltar-se para o público.

“Capacidade inata é [...] concordantes” traduz *الجبلۃ الانطباع في الشيء واتفاق الشمانل فيه* (*aljibillatu alinṭibāʿu fi aššayʿi wa ittifaqu aššamāʿili fihi*).

[67] “Estar marcado [...] coisa” traduz *المطبوع في الشيء هو الذي دليل* (*almaṭbūʿu fi aššayʿi huwa alladī dalilu dālīka aššayʿi qawyyun fi ašli mawlidīhi*). Utilizou-se “marcado na natureza” para traduzir *المطبوع* (*almaṭbūʿu*), e “marca” para traduzir *دليل* (*dalīl*), “guia”, “indicador” etc.

[68] “Copo de medida” traduz *القدح العدلي* (*alqadah alʿadli*), expressão que não consta de nenhum dos dicionários consultados.

[69] “Festeiro” traduz *الموالي* (*almawālidi*), palavra que não consta dos dicionários. Trata-se do plural de *المولد* (*almawlid*), “nascimento”, que também pode ter o sentido de “festa”, “comemoração” (compare-se com *المولد النبوي* [*almawlid annabawī*], “[comemoração do] nascimento do profeta”), seguido da partícula de relação *ي, ī*.

[70] “Se essas [...] divergiriam” traduz *ولو كان ذلك من قبل العقول لم يختلف* (*wa law kāna dālīka min qibali alʿuqūli lam yaḥtalif alḥukmu*). O princípio, parece, é o de que não é a inteligência que tudo determina, pois então seriam todos inteligentes, somente, sem mais adjetivos.

[71] Versos do já citado Almutanabbī (915-965 d.C.).

[72] Versos do poeta Almanṣūr Annimarī (m. 805 d.C.).

[73] “Nele se [...] bem” traduz *وقوي ظن الخير به عنده* (*qawiya ṣannu alḥayri bihi ʿindahu*).

[74] “O singularizar-se pela calvície” traduz *الانفراد بالقراع* (*alinfirādu bilqirāʿ*), em que a palavra *القراع*, vocalizada *alqirāʿ*, foi entendida como nome de ação do verbo *قراع/يقراع* (*qarīʿa/yaqraʿu*), “ser ou ficar calvo”. As demais possibilidades seriam lê-la como *alqurāʿu*, “espécie de doença de pele”, “herpes” etc., o que não faria sentido — “o singularizar-se por ter doença de pele” —, ou como *alqarrāʿ*, “pica-pau”, o que faria menos sentido ainda — “o ser o único que convive com o pica-pau”.

[75] “Capacidade argumentativa” foi a opção para traduzir *بيان* (*bayān*); poderia ainda usar-se “clareza de exposição”, e até mesmo “eloquência”.

[76] 77 “Picado” traduz *لديغ* (*ladīg*), podendo ter sido por cobra, escorpião etc. Este é um exemplo de como, na retórica árabe, a comparação sem

[77] “Picado” traduz *لديغ* (*ladīg*), podendo ter sido por cobra, escorpião etc. Este é um exemplo de como, na retórica árabe, a comparação sem

equivalência perfeita — seria, v.g., mais apropriado, neste caso, dizer “doente” — é empregada sem problema, chegando a constituir índice de habilidade retórica

“Tradição” traduz سنة (*sunna*), que pode tanto ter significação laica como religiosa; e “lei” traduz شريعة (*šarī‘a*), vocábulo que, conforme já [78] \* se ressaltou, modernamente significa apenas “lei religiosa”.

“Situação geral” traduz شأن (*šān*), vocábulo que pode significar “assunto”, “coisa”, “circunstância”, “estado”, “condição” etc. [79]

“O rei [...] inimigo” traduz ليس الملك ونفس عدوه واحدا (*laysa almalik wa nafas ‘aduwihi wāḥidan*), formulação meio ambígua cuja tradução literal parece não fazer sentido: “o rei e a alma de seu inimigo não são um só”. Por isso, preferiu-se ler *nafas*, “respiração”, em lugar de *nafs*, “alma”. [80]

“Hostilidade aberta” traduz مكاشفة (*mukāšafa*), com base na seguinte informação de R. Dozy em seu *Supplément aux dictionnaires arabes*: “em lugar de كاشف فلانا بالعداوة, *mostrar-se abertamente hostil a alguém*, diz-se por elipse كاشف فلانا” (v. 2, pp. 478-479). [81]

“Assepsia”, “diluição”, “supuração”, “sutura” e “cauterização” traduzem, respectivamente, تخليل (*tahlil*), تليين (*talyin*), إنضاج (*indāj*), بط (*baṭṭ*), كي (*kayy*); trata-se das etapas de tratamento adotadas nesses casos. A assepsia era feita com o uso do vinagre. “Diluição”, também traduzível como “abrandamento”, era um processo mediante o qual se intentava esvaziar a ferida. [82]

“Força de ataque” traduz بطش (*baṭš*) e “força física” traduz قوة (*quwwa*). [83]

Kisrā Abrawīz, rei persa da dinastia sassânida, reinou de 590 a 627 d.C.; chegou ao trono com ajuda dos bizantinos e ocupou Jerusalém em 614. Foi assassinado na prisão. Šahrabrāz, um de seus maiores generais, foi o condutor da ocupação de Jerusalém, de onde se diz ter sido ele quem levou a madeira da cruz de Cristo para a Pérsia; chegou a ocupar o trono persa após assassinar Ardašīr III, neto de Kisrā Abrawīz. Logo adiante, “bizantinos” traduz الروم (*arrūm*), que era como os árabes conheciam os romanos do Oriente. Esta narrativa consta da *História* de Aṭṭabarī (m. 923 d.C.), entre outras obras. [84]

“Se uma palavra [...] importância” traduz إن كلمة هزمت أربعمئة ألف لجليل قدرها عظيم خطرها (*inna kalimatan haḏamat arba‘ami’ati alfin lajalilun qadruhā ‘aẓimun ḥaṭaruhā*). Na verdade, a tradução literal desse trecho é possível em português — “uma palavra que derrotou quatrocentos mil soldados tem excelso valor e grandiosa importância” —, mas considerou-se aqui que o original não se refere àquela mensagem específica, mas ao poder da palavra em geral. [85]

“Se acaso [...] interesse” traduz فلو لم يعلم وجه صلاحك بها لما ركبك عليها (*falaw lam ya‘lam wajha ṣalāḥika bihā lamā rakkabaka ‘alayhā*). [86]

“Conquanto [...] conhecem” traduz وإن قلت نكايته في جنب ما يعهدون (*wa in qallat nikāyatuhu fī janbi mā ya‘hadūna*). Não é claro, na construção, de quem é o prejuízo; após várias tentativas de compreensão a única solução aceitável a que se chegou foi essa. [87]

“Estranhamento” traduz استغراب (*istiğrāb*), nome de ação, comuníssimo em árabe, do verbo استغرب/يستغرب (*istağraba/yastağribu*), “considerar estranho”, “estranhar”.

[88] “Lutando” e “fugindo” traduzem, respectivamente, مقبلا (*muqbilan*), “de frente”, e مدبرا (*mudbiran*), “de costas”.

[89] 90 “Ó irmão dos árabes” traduz literalmente يا أخا العرب (*yā aḥā al‘arab*), forma de tratamento em geral amistosa.

[90] “Até que o modo [...] dele” traduz حتى انفتح له وجه الحيلة في أمره (*ḥattā infataḥa lahu wajhu alḥīla fī amrihi*).

[91] “Interesse geral” traduz صلاح الجملة (*ṣalāḥ aljumla*), “bem [ou prosperidade] de todos”.

[92] “O amigo é espelho de seu amigo” é uma aparente emulação de um dito atribuído ao profeta, المؤمن مرآة المؤمن (*almu‘min mir‘āt almu‘min*), “o crente é espelho do crente”.

[93] Em algumas fontes, tais versos são atribuídos ao período pré-islâmico, e teriam sido recitados diante do orador Akṭam Ibn Ṣayfī (m. 612 d.C.); em outras, são atribuídos ao poeta do primeiro período islâmico Abū Alaswad Addu‘alī (m. 688 d.C.). O original da última linha diz الاستخارة (*fa-ḥaqqun lahu min ṭā‘atin binaṣībīn*).

[94] O trecho “procura o melhor a fazer” é tradução do vocábulo الاستخارة (*alistiḥāra*), o qual, segundo o lexicógrafo Ibn Manẓūr (op. cit., v. 4, pp. 264-267), não tem sentido diretamente religioso — طلب الخيرة في الشيء (*ṭalab alḥīra fī aššay‘*), “a procura do que é melhor em algo”, escreveu ele —, embora assim o possa parecer a um leitor árabe contemporâneo, uma vez que ele aparece amiúde relacionado a Deus, existindo inclusive no islã um gênero de prece chamado صلاة الاستخارة (*ṣalāt alistiḥāra*), na qual se pede orientação a Deus. Por outro lado, “consultas” traduz a palavra المشاورة (*almušāwara*), que funciona numa dimensão oposta e complementar à da استخارة (*istiḥāra*): num caso, busca do acerto mediante o olhar para dentro de si, e, em outro, para fora, mediante consulta a terceiros.

[95] “Quem faz [...] acertar” traduz من أعطي الشكر لم يمنع المزيد، ومن أعطي التوبة لم يمنع القبول، ومن أعطي الاستخارة لم يمنع التوفيق، ومن أعطي المشاورة لم يمنع الصواب (*man u‘ṭiya aššukra lam yumna‘ almaẓīd, wa man u‘ṭiya attawba lam yumna‘ alqabūl, wa man u‘ṭiya alistiḥāra lam yumna‘ attawfiq, wa man u‘ṭiya almušāwara lam yumna‘ aṣṣawāb*), formulação que, atribuída a personagens tão diversas como o califa ‘Alī Ibn Abī Ṭālib (m. 661 d.C.) e o letrado Ibn Almuqaffa‘ (m. 759 d.C.), consta de várias outras obras árabes, tais como البيان والتبيين (*Albayān wa attabyīn*), “Exposição e esclarecimento” (v. 2, p. 197), de Aljāḥiẓ (m. 868 d.C.),

[96]

عيون الأخبار (*Uyūn alahbār*), “As mais importantes notícias” (v. 1, p. 31), de Ibn Qutayba (m. 889 d.C.), بدائع السلك في طبائع الملك (*Badā’i<sup>c</sup> assulk fi tabā’i<sup>c</sup> almulk*), “Maravilhas do proceder quanto às naturezas do reinado” (v. 1, p. 304), de Abū ‘Abdillāh Alazraq (1427-1491), يتيمة السلطان (*Yatīmat assultān*), “[A pérola] órfã do soberano”, de Ibn Almuqaffa<sup>c</sup> (p. 154), e إحياء علوم الدين (*Ihyā’ulūm addīn*), “Revivificação dos saberes religiosos” (apud www.alwaraq.net), de Alġazālī (m. 1111 d.C.), entre outras. Não é em todas as edições que o primeiro verbo repetido nas quatro formulações, أعطي (*u<sup>c</sup>tiya*), foi lido como voz passiva. A título de curiosidade, eis uma das soluções provisórias a que se havia chegado, inicialmente, para a tradução dessa passagem: “A quem se permitem quatro coisas não se negam outras quatro: a quem se permite o agradecimento não se nega mais agradecimento; a quem se permite a penitência não se nega a aceitação; a quem se permite a procura do melhor a fazer [mediante consulta a Deus] não se nega o êxito; e a quem se permite a consulta [aos homens] não se nega o acerto”.

Esta construção meio inusual — ما استنبط الصواب بمثل المشاورة ولا ما استنبط الصواب بمثل المشاورة ولا — encontra-se também reproduzida em *mā istunbiṭa aṣṣawābū bi-miṭli almušāwarati wa lā huṣṣinat anni<sup>c</sup>amu bi-miṭli almu’āsāti wa lā iktasabat albaġḍatu bi-miṭli alkibri* — encontra-se também reproduzida em عيون الأخبار (*Uyūn alahbār*), “As mais importantes notícias” (v. 1, p. 275), de Ibn Qutayba (828-889 d.C.), e صوان الحكمة (*Ṣiwān alḥikma*), “Preservação da sabedoria” (p. 182), do lógico Abū Sulaymān Assijistānī (m. após 1004 d.C.); nesta última, o dito é atribuído ao poeta e teatrólogo grego Ésquilo (525-456 a.C.).

[97] “Um pouco de morte diminui as mortes” traduz بعض القتل أقل للقتل (*ba<sup>c</sup>d alqatl aqallu lilqatl*).

[98] Em árabe, a “verdade”, الحق (*alḥaqq*) é masculina; “da qual é ele o encarregado” traduz الذي هو صاحبه (*alladī huwa ṣāhibuhu*), formulação que poderia ser igualmente entendida como “que é dona dele” ou “da qual ele é dono”.

[99] “Lei” traduz سنة (*sunna*), que também poderia ser traduzida como “tradição”. E “servidor” traduz خادم (*ḥādim*), que poderia ser, ainda, “guardião”.

[100] “Excedente” traduz فضل (*faḍl*), que normalmente tem se traduzido como “mérito” ou “superioridade”, e que em árabe moderno corresponde a *plus* (v.g., “mais valia”, فضل القيمة, *faḍl alqīma*). No caso em questão, parece evidente que o sentido é o ora utilizado.

[101] “Guerra é arдил” traduz الحرب خديعة (*alḥarb ḥadī<sup>c</sup>a*). Era lugar-comum bem disseminado; cf. Sun Tzu, *A arte da guerra*. São Paulo, Paz e Terra, 2002: “toda a arte militar baseia-se no arдил” (p. 17); “a guerra baseia-se no arдил” (p. 74). Cf. também, no Velho Testamento, Provérbios, 24, 6: [102] “Pois com estratégias farás a guerra” (de acordo com a tradução de Luís

Stadelmann, na Bíblia católica). Segundo explicação do hebraísta Moacyr Amâncio, “estratégias”, nesse caso, é tradução pouco adequada do hebraico *tahbulot*, que significaria mais propriamente “artimanha” ou “ardil”.

“Justiça” e “injustiça” traduzem, respectivamente, *جزاء* (*jazā*) e *ظلم* (*ẓulm*). A primeira palavra também possui o sentido de “recompensa” ou “compensação”, e a segunda, de “opressão”.

[103] Em outras obras, essa sentença é atribuída a diferentes personagens, como o segundo califa, °Umar Ibn Alḥaṭṭāb (m. 644 d.C.), ou o quarto, °Alī Ibn Abī Ṭālib (m. 661 d.C.).

[104] “Mundo” traduz *العالم* (*al-ālam*) e “vida terrena” traduz *الدنيا* (*addunyā*). Embora modernamente as duas palavras sejam quase sinônimas, a segunda, que semanticamente tem que ver com o “baixo”, enfatiza melhor a oposição com o “outro mundo”, ou a “outra vida”, *الآخرة* (*al-āḥira*).

[105] “Terei certeza [...] auxílio” traduz *وثقت بكفاية الله* (*watiqtu bi-kifāya-ti allāhi*), em que a palavra *كفاية* (*kifāya*) funciona como nome de ação do verbo *كفى/يكفي* (*kafā/yakfī*) “bastar”, “ser suficiente”. A ideia, parece, é a de que, com tal suficiência, espécie de recompensa material, ele não precisaria de mais nada.

[106] Nesse trecho fica bem marcada a diferença desta obra em relação a seu modelo, *Kalīla e Dimna*, relativamente às motivações que levam os letrados a intervir junto ao poder. Ali, com efeito, Dimna, personagem equivalente ao Mergulhador, afirma seus próprios interesses, entre os quais se inclui a ascensão social, como motivo para a intervenção; eis a tradução de um trecho de sua fala: “nem todo aquele que se acerca dos reis o faz por causa de seu próprio estômago, pois este pode ser forrado em qualquer lugar; há quem almeje, aproximando-se dos reis, alegrar os amigos e afligir os inimigos. Dentre os homens, somente os mais vis e os de menor brio se satisfazem e se contentam com pouco, tal como o cão esfomeado que consegue um osso seco e se contenta com ele. Quanto aos que têm brio, o pouco não os satisfaz nem os contenta caso não os eleve àquilo de que são merecedores” (op. cit., p. 48).

[107] A desproporção entre o tamanho dos capítulos — confira também os capítulos onze e doze — pode ser indício de obra em processo de acabamento ou, então, de nova divisão levada a cabo por copistas, o que não era incomum, em especial quando se tratava de obras não atribuídas a autor algum, e portanto carentes de autoridades letradas que lhe conferissem a autenticidade. Lembre-se que no início se faz referência a “onze” capítulos, o que torna mais plausível a segunda hipótese.

[108] “Pôs-se a examinar” traduz *أخذ يرتني* (*aḥaḍa yarta’i*). Embora não se tenha localizado nos dicionários nenhuma implicação semântica de cunho astrológico do verbo *ارتأ* (*irta’a*), aqui parece evidente que o texto [109] a pressupõe, motivo pelo qual se acrescentou o trecho entre colchetes.

“Por causa [...] apresenta” traduz لكثرة إدلاء الشيء الواحد فيه (likatrat idlā’ aššay’ alwāḥid fihi). Refere-se às múltiplas possibilidades interpretativas da astrologia.

[110] “Cálculo” traduz تمزيج (tamzīj), vocábulo que só consta dos dicionários antigos com o sentido de nome de ação do verbo مزج/يمزج (mazǧaja/yumazǧiju), “amadurecer”. Modernamente, usa-se com o sentido de “processamento” (de alimentos, de asfalto etc.). No caso em tela, porém, seu sentido específico, certamente ligado a algum tecnicismo astrológico, foi inferido a partir do contexto, podendo, como é óbvio, estar equivocado.

[111] “Pois imaginaram [...] Deus” traduz فتصور لهم التواكل في صورة التفويض (fa-tašawwara lahum attawākulu fi šūrati attafwīd). Fundamentais aí são os conceitos de تواكل (tawākul), que é a confiança excessiva e paralisante, e تفويض (tafwīd), o ato de delegar, que no caso é a Deus. A crítica dessa confusão, embora com outra terminologia, está presente até hoje na cultura islâmica.

[112] “Compostos [químicos]” traduz مزاجات (miǧājāt), e “experimentos”, شهادات (šahādāt). Em ambos os casos, trata-se de mera suposição, uma vez que, no primeiro, os dicionários nem sequer trazem a palavra, e, no segundo, fez-se inferência a partir do contexto, pois os sentidos apresentados nos dicionários são inadequados para este caso. Já “enumeração” traduz إحصاء (iḥṣā’), que também poderia ser traduzida como “compreensão”.

[113] “Procurares o melhor a fazer” traduz الاستخارات (alistiḥārāt), palavra já discutida na nota 95, agora no plural.

[114] “Sossego” traduz راحة (rāḥa), que também se poderia traduzir como “tranquilidade”.

[115] “Liderança” traduz رياسة (riyāsa), que também poderia ser “poder”.

[116] “Eu te forcerei [...] [desse parecer]” traduz إني أكرهك فتكون ملجأ إليه (innī ukrihuka fa-takūnu mulja’an ilayhi wa tanṣarifu nafsuka). Nesse caso, o verbo انصرف/ينصرف (inṣarafa/yanṣarifu), que significa “desviar-se”, “afastar-se”, “retirar-se”, exige, na tradução, um complemento.

[117] “Quem é por natureza [...] ofereça” traduz المطبوع في الشيء يفعلُه لأيسر سبب ومتكلف الأمر يتركه لأيسر سبب لا يصرفه عنه الأذى فيه فضلا عما يطلب الأجرة عليه (almaṭbū‘u fi aššay’i yaḥ‘aluhu li-aysari sababin wa mutakallifu alamri yatrukuhu li-aysari sababin lā yaṣrifuhu ‘anhu aladā fihi faḍlan ‘an an yaṭluba alujrata ‘alayhi). Embora relativamente clara, a construção é inteiramente estranha aos padrões do árabe contemporâneo, o que provoca alguma dificuldade no início.

[118] “É mais no saber que no agir” traduz في العلم دون العمل (fi al‘ilmi dūna al‘amali). Seria possível traduzir também, sem forçar, “é mais teórica que prática”. Mais adiante, em “nem todo aquele que age suporta os delitos da ação”, o original, por óbvio erro de revisão, traz “sabe” em lugar de “age”.

[119]

“O que se faz [...] finais” traduz أقوى ما يكون الطبع في أواخره وأقوى ما يكون التكلف في أوائله (*aqwà mā yakūnu atṭab‘u fī awāḥirihi wa aqwà mā yakūnu attakallufu fī awā’ilihi*), formulação na qual a oposição se dá entre الطبع (*atṭab‘*) e التكلف (*attakalluf*), que também podem ser respectivamente traduzidos como, de um lado, “caráter”, “disposição”, “índole”, e, de outro, “aquilo que se faz a contragosto”, “artifício” etc.

[120] Como nem todos conhecem as propriedades da cana-de-açúcar, é de algum interesse lembrar que essa descrição é exata.

[121] “Relacionamento” traduz مواشجة (*muwāšaja*), palavra que não consta de nenhum dicionário consultado, e possivelmente de nenhum dicionário existente. Traduziu-se pelo contexto e com base em seus cognatos.

[122] “Proibidade na fisionomia” traduz طهارة الخلفة (*ṭahārat alḥilqa*), que também poderia traduzir-se como “pureza de fisionomia”.

[123] Conforme se evidencia pouco mais adiante, e ao contrário do que a ambiguidade do trecho talvez deixe entrever à primeira leitura, o Mergulhador na verdade se oferece para realizar uma espécie de “pesquisa histórica”, se cabe a expressão. Com efeito, o que ele está propondo ao rei — expor-lhe “as inteligências dos homens [...] sabedoria”, أعرض عليك عقول الناس وآراءهم وعلومهم وأخبارهم، وأفتش لك عن زبد العلم والحكمة (*a‘riḍu ‘alayka ‘uqūla annāsi wa ārā’ahum wa ‘ulūmahum wa aḥbārahum, wa ufattišu laka ‘an ḡibda al‘ilm wa alḥikma*) — é uma investigação sobre a vida e o proceder dos reis do passado, bem como sobre os saberes por eles (e a eles) transmitidos, e não o trabalho de “espionar”, diga-se assim, os seus contemporâneos.

[124] “E reservam [...] ocupações” traduz ويستضيفون فراغ الفراغ لبعض وأشغالهم (*wa yastadīfūna farāḡ alfarāḡ li-ba‘ḍi ašḡālihim*), formulação obscura na qual decerto existe algum erro de revisão. Lendo o trecho com os olhos de um árabe contemporâneo, seria quase natural e imediata sua tradução como “e recebem o vazio do vazio para alguns de seus encargos”, o que não faz sentido algum.

[125] “Tudo [...] deseje” traduz, conforme a edição impressa, كل شيء يؤثر ويراد (*kullu šay’in yuṭaru wa yurādu*), que se preferiu ler sem a conjunção aditiva و (*wa*), pois caso contrário seria preciso entender “tudo se prefere e se deseje”, o que é estapafúrdio.

[126] O original traz العلم, sequência consonantal que foi lida como *al‘alam*, e que aqui só pode ter esse sentido. Também é possível que se trate de erro de revisão, por العالم (*al‘ālim*), “sábio”.

[127] “Aqueles [...] fácil” traduz أبسطهم في المعرفة (*absaṭuhum fī alma‘rifati*).

[128]

“Governos” traduz *دول* (*duwal*), plural de *دولة* (*dawla*), o que é, obviamente, problemático do ponto de vista conceitual — em árabe moderno, “governo” corresponde a *حكومة* (*hukūma*), expressão que em árabe antigo jamais era utilizada nesse sentido, estando relacionada a “arbitragem”, “pronúncia de sentenças” etc., enquanto “estado”, hoje, corresponde, também sem maiores discussões, a *دولة* (*dawla*). Em seu *معجم المصطلحات السياسية في تراث الفقهاء* (*Muʿjam almuṣṭalahāt assiyāsīyya fi turāṭ alfuqahā*), “Dicionário de termos políticos do legado dos alfaqis”, o professor e pesquisador jordaniano Sāmī Muḥammad Aṣṣalāḥ sugere que, além de “estado”, o termo pode corresponder a “corpo político” (p. 112), sem explicitar o fundamento hobbesiano de sua proposta. Semanticamente, essa palavra implica, em primeiro plano, “mudança”, como se evidencia no título da obra *دول الإسلام* (*Duwal alislām*), do historiador Aḍḍahabī (m. 1348 d.C.), o qual, ao contrário do que parece, não poderia ser traduzido como “Estados do islã”, pois se trata de uma história das reviravoltas nas terras do islã e da passagem do poder das mãos de uns às de outros; Charles Pellat já anotara, na tradução de *رسالة في الصحابة* (*Risāla fi aṣṣaḥāba*), “Epístola sobre os colaboradores [do califa]”, de Ibn Almuqaffa<sup>2</sup>, o seguinte a respeito da palavra *دولة* (*dawla*): “não é seguro que o autor tenha dado a esse termo o sentido de ‘dinastia’; nós o traduzimos por ‘troca’” (p. 81). Igualmente útil, para entender a questão, é a definição do já citado lexicógrafo Ibn Manẓūr para *دولة* (*dawla*): *حصول الشيء في يد هذا تارة وفي يد هذا أخرى* (*ḥuṣūl alshayʾ fi yad hādā tāratan wa fi yad hādā ʾuḥrā*), “o cair algo na mão de alguém uma vez, e na mão de outrem na outra vez” (v. 11, p. 252). Mesmo no moderno *المعجم الوسيط* (*Almuʿjam alwasīṭ*), “Dicionário médio”, da Academia de Língua Árabe do Cairo, antecedendo a definição de estado mais contemporânea, ligada à territorialidade, dão-se em primeiro lugar os sentidos de *الغلبة والاستيلاء* (*alislāʾ wa alǧulba*), “domínio e vitória” (v. 1, p. 304). Assim, efetivamente, noções como “corpo político” ou “governo”, mais efêmeras e não tão presas à territorialidade ou a instituições de sustento, são decerto mais pertinentes. Mais adiante, conforme se verá, “governo” voltou a ser a opção adotada para *دولة* (*dawla*).

[129]

Trata-se da primeira intervenção explicitada pelo marcador “disse” da voz narrativa impessoal que não participa dos eventos. As outras, como se pode ver, v.g., no primeiro parágrafo da p. 103, não apresentam tal marcador.

[130]

“O Mergulhador [...] rei” traduz *ومع ذلك فإن الغواص قد كثر على الملك* (*wa maʿa ḍālīka fa-inna alǧawwāṣa qad kaṭṭara ʿalā almalik*). O trecho pode igualmente ser entendido de maneira menos neutra, como base na interpretação dada por Dozy (op. cit., v. 2, p. 452) ao sentido do verbo *كثر* (*kaṭṭara*) quando rege a preposição *على* (*ʿalā*), como “apesar disso, a presença do Mergulhador já se está tornando maçante para o rei”.

[131]

“Faz [...] esforço” traduz *والناس من طبعهم الملك لما قدروا عليه* (*wa annāsu min ṭabʿihim almilku li-ma qadirū ʿalayhi*). Essa passagem, bem como as imediatamente posteriores, é de difícil compreensão. Entendeu-se o sintagma *قدر على* (*qadira ʿalā*) como “obter com esforço”, “esforçar-se para”.

[132]

O original traz *يرعبهم* (*yurʿibuhum*), “aterroriza-os”, mas supôs-se um sentido mais leve. Também é possível que o correto seja *يزعجهم* (*yuzʿijuhum*), “aborrece-os”, “entedia-os”, cuja grafia é pouco mais ou menos semelhante.

[133]

“Cova” traduz *دبية* (*dibya*), palavra da qual não se encontrou vestígio em dicionário algum.

[134]

[135]

Trata-se, como parece evidente, de alusão à pederastia.

O trecho todo opera com sinonímia e aproximação que buscam efeitos opostos; assim, “admirável” e “insólito” traduzem, respectivamente, عجب (*‘ajab*) e بدیع (*badī‘*), e os verbos “desconfiam” e “suspeitam” traduzem تفكر (*tufakkir*) e تنكر (*tunkir*); literalmente, o primeiro verbo signi-  
fica “pensar” ou “refletir”.

[136] “Avante! [...] divulgue” traduz فتعالوا حتى ننظر سرا للملك لا يعلم أحد ما هو غير الغواص فيظن كل واحد منا فيه ظنا ولا يخلو أن يكون الصحيح مع أحدنا ويرويه  
*(fa-ta‘ālū ḥattā nanẓura sirran lilmaliki lā ya‘lamu aḥadun mā huwa ġayru alġawwāṣi fa-yazunnu kullu wāḥidin minnā fihi ẓannan wa lā yaḥlū an yakūna aṣṣaḥiḥu ma‘a aḥadina wa yarwihi)*.

[137] “O acúmulo [...] revelando-o” traduz ما ازدحمت الظنون على شيء إلا كشفته  
*(mā izdahamat azẓunūn ‘alā šay’ illā kaṣafathu)*, formulação constante da obra de retórica البرهان في وجوه البيان (*Alburhān fi wujūh al-bayān*), “Comprovação acerca dos aspectos do *bayān*” (conceito da retórica árabe de difícil tradução; “exposição” ou “manifestação”), de Ibn Wahb Alkātib (m. 898 d.C.), numa passagem sobre o conhecimento acerca daquilo que, nas coisas, está oculto: “na conjectura há verdade e há falsidade, e foi por isso que Deus poderoso e exalçado disse [no Alcorão]: ‘algumas conjecturas são pecado’ [49, 12] [...], e cada homem conjectura na medida de seu saber e inteligência; quem tiver inteligência sã, discernimento equilibrado, saber estabelecido e ficar a salvo de seguir a paixão, que engana a conjectura, então sua conjectura será veraz; já se disse: ‘A conjectura de um homem é um pedaço de sua inteligência’; e se disse: ‘Quando se acumulam em torno de um segredo, as conjecturas acabam revelando-o’. E Ardašīr disse: ‘As conjecturas são a  
[138] chave da certeza’”.

Gentílico do natural da cidade de Medina, المدينة المنورة (*Almadīna Almunawwara*), “a cidade iluminada”, na península Arábica, onde se refugiou, faleceu e se encontra sepultado o profeta Muḥammad. Hoje, localiza-se no reino da Arábia Saudita.

Personagem histórica que viveu no século VIII d.C. Em outras obras das quais consta a presente narrativa, o fato é referido a outra personagem, seu contemporâneo Bilāl Bin Abī Burda, que, na primeira metade do mesmo século, foi juiz e governador da cidade de Basra, no atual Iraque.

[140] Yūsuf Bin ‘Umar Aṭṭaqaḥī foi governador do Iraque também na primeira metade do século VIII d.C. Chegou à cláusula de seus dias da maneira mais infame e cruel — após sublevação que lhe depôs os protetores —, decapitado e arrastado pelas ruas de Damasco.

[141] “Num canudo” traduz في ملفف (*fi mulaffafīn*) por suposição, pois a locução não consta dos dicionários.

[142] “Sem mais ninguém entre ambos” traduz a peculiar formulação árabe ولا ثالث لهما (*wa lā ṭāliṭa lahumā*), que literalmente quer dizer “sem  
[143] um terceiro entre ambos”.

“A derrubada do descuidado não se remedeia” traduz *صرعة*

[144] *المسترسل لا تستقال* (*ṣurʿat almustersil lā tustaqālu*).

[145] “Cargo de governança” traduz *ولاية* (*wilāya*).

Essas articuladas maquinações encontram paralelo em vários episódios da história árabe-muçulmana. Exemplo particularmente interessante é o das relações entre Abū Jaʿfar Almanṣūr (714-775 d.C.), fundador de Bagdá e segundo califa da dinastia abássida, e o líder político e militar Abū Muslim Alḥurāsānī (m. 755 d.C.), um dos principais expoentes da derrubada da dinastia omíada e da ascensão da abássida. Como tivesse acumulado demasiado poder e liderança, Abū Muslim passou a ser temido pelo califa, que então iniciou contra ele uma série de maquinações, por meio de Abū Ayyūb Al-mawriyānī (m. 771 d.C.), um ex-escriva promovido a vizir. Bem assemelhadas às que vão aqui descritas, tais maquinações envolvem sedução de pessoas ligadas a Abū Muslim por meio de promessas, subentendidos e táticas diversionistas com o fito de enfraquecer as disposições do adversário, o qual enfim foi liquidado. O relato desses eventos está, entre outras, nas obras dos historiadores Aṭṭabarī (m. 923 d.C.), *تاريخ الرسل [أو الأمم] والملوك*, *(Tāriḥ arrusul [ou: alumam] wa almulūk)*, “História dos profetas [ou: das nações] e dos reis”, e Ibn Alaṭīr (1160-1234 d.C.), *الكامل في التاريخ* (*Alkāmīl fī attāriḥ*), “[Livro] completo de história” (v. 5, pp. 468-481).

[146] “Os reis talvez [...] graça” traduz *إن الملوك قد تغفوا عن الذنب الكبير* لتعظم به المنة عند صاحبه، وبخشي من معاودتها، واجتلابا لشدة نصيحته *(inna almulūka qad taʿfū ʿan addanbi alkabiri liṭaʿzuma bihi alminnatu ʿinda ṣāḥibihi, wa yaḥṣà min muʿāwadatihā, wa ijtilāban liṣaddati naṣiḥatihi wa badli almajhūdi fī ṭāʿatihā idā raʿà ʿaẓīma alminnati ʿaqība alisʿati)*.

[147] “Talvez ele [...] opinião” traduz *فإنه ربما قبضه عنهما [أي عن الثقة بك] والإكرام لك* *(fa-innahu rubbamā qabaḍahu ʿanhumā aṭṭiqatu bimā waqaʿta ʿalayhi min raʿiyi)*.

[148] “Não há como [...] dele” traduz *وليس إلى موافقة السلطان والاستقصاء* *(wa laysa ilà muwāfaqati assulṭāni wa alistiḡṣāʿ ʿalayhi sabilun)*. A regência *على* (*istaḡṣā ʿalà*) não consta dos dicionários, com exceção do *Supplément...* de Dozy (v. 2, p. 368), que procurou, sem êxito, inferir-lhe o sentido. Sem a preposição, o verbo significa “investigar”, “ir a fundo [em algum assunto]”, mas a preposição *على* (*ʿalà*) lhe dá um sentido adverso, “contra”, tal como sucede com outros verbos.

[149] As palavras entre colchetes correspondem a lacunas no original, as quais puderam ser preenchidas por suposição graças à clareza do enunciado geral.

[150] “Saiba-se [...] esvai” traduz *ليعلم أن على قدر العلو الهوي، وأن على قدر* *(liyuʿlama anna ʿalà qadri alʿuluwwi alhawīyya, wa anna ʿala qadr mawḍiʿi anniʿmati mawqiʿa ḡawālihā)*.

[151]

Essa fala, desprovida do último trecho, é citada, entre outras, na obra البصائر والذخائر (*Albaṣā'ir wa adḍaḥā'ir*), “Clarividências e tesouros” (v. 2, p. 216), do renomado polímata bagdali Abū Ḥayyān Attawḥīdī (m. 1010 d.C.), que por sua vez a atribui ao poeta Ibrāhīm Ibn Harma (m. meados do sé-

[152] culo VIII d.C.).

“E se o dano [...] más ações” traduz ولو كان الذي يخشى من مضرة ما أقدم عليها هو ما بدا منه لكان علمي قد دفع عني كيده باحترازي منه. ولكنه فساد لجميع أهل المملكة ومجر لهم على الإساءة (wa law kāna alladī yuḥšā min maḍarrati mā aqḍama ‘alayhā huwa mā badā minhu lakāna ‘ilmī qad dafā‘a ‘annī kaydahu bi-iḥtirāzī minhu. Wa lākinnahu fasād li-jamī‘ ahl almamlaka wa majarrin lahum ‘alā alisā‘a). A formulação é complexa, sobretudo nas relações lógicas entre as afirmações, o que torna dificultoso saber, por exemplo, se a corrupção de “todos os moradores” seria resultado da prevenção do rei contra o Mergulhador ou se as ações deste é que a causariam.

[153]

Embora pareça incongruência, é isso o que consta do original: “homem” traduz literalmente رجل (*rajul*). Tal incongruência, naturalmente, se deveria à presença de uma personagem humana, na fábula, dialogando diretamente com os animais (note-se que personagens humanas também participam do quadro da fábula no episódio da morte do búfalo, mas como “corpo estranho”, por assim dizer, ou seja, não dialogam com as personagens animais). Existe a possibilidade, embora remota e na verdade incomum, de tratar-se de referência a alguma criatura indeterminada, à semelhança do que ocorre em português quando se diz “indivíduo” ou “sujeito”, sem que o referido seja humano. Seja como for, é de lembrar que o diálogo direto e natural entre humanos e bestas em fábulas não era estranho às letras árabes, como se pode ver no capítulo “Sobre a consti-

[154]

tuição e o gênero dos animais”, constante das *Epístolas* dos Irmãos da Pureza, grupo filosófico muçulmano ismaelita e neopitagórico do século X d.C., no qual se trava, em certa ilha governada pelos gênios, um debate, arbitrado pelo rei deles, Pīrāst, entre os homens e os animais acerca da exploração destes por aqueles. O diálogo direto entre homens e bestas também se verifica no fabulário político *Livro das bestas* (sétima parte das *Maravilhas do mundo*), do filósofo catalão Raimundo Lúlio (1232-1316), evidente apropriação de obras árabes que circulavam então na Península Ibérica.

“Alienação” traduz إباحاش (*iḥāš*) com base na informação de Dozy (op. cit., v. 2, p. 796) para o verbo أوحش/يوحش (*awḥaṣa/yūḥiṣu*), do qual essa palavra é nome de ação. “Embrutecimento” também seria uma alternativa, não fosse o destaque dado à leitura.

[155]

“Cavalo veloz” traduz الفرس المداد (*alfaras almidād*, ou *almaddād*), sintagma para cujo adjetivo não se encontrou referência nos dicionários.

[156]

وأحق الناس بالثبوت في العقوبة أقدرهم “Quem tem [...] deseja” traduz *عقوبة أقدرهم* (wa aḥaqqu annāsi bi-attaṭabbuti fī alʿuqūba aqdaruhum ʿalayhā matā šāʿa).

[157]

“A salvo [...] surpresa” traduz *مع السلامة من هجنة الرأي في إمضاء* (maʿa assalāma min hujnat arraʿi fī imḍāʿ alḥukm ʿan ġayr rawiyya wa faṣl alqadāʿ ʿalā albadīha).

[158]

Em outras obras árabes, a mesma sentença é atribuída a variadas personagens — certo rei, o rei persa Kisrā Anū Širwān, um defensor dos descendentes de ʿAlī (أهل البيت, *ahl albayt*) posto a ferros etc.

160 Lacuna no original, embora o andamento narrativo continue compreensível.

[159]

Lacuna no original, embora o andamento narrativo continue compreensível.

[160]

“Satisfeito com ambos”, isto é, com ʿUmar e com seu pai, Alḥaṭṭāb. Nesta historietta, citada com maiores ou menores variantes (a mais curiosa é a que atribui o incômodo inclusive ao califa) em algumas outras obras, todas as personagens são históricas: ʿAmrū Ibn Alʿaš (m. 664 d.C.), líder político e militar árabe-muçulmano, derrotou os bizantinos na Palestina, conquistou o Egito e fundou a cidadela de Alfusṭāṭ, origem do atual Cairo; Salmān, o persa (m. 655 d.C.), ex-escravo, um dos primeiros persas convertidos ao islã, notabilizou-se por sua importante participação nas batalhas dos primórdios da nova fé; foi governador da região central do Iraque e importante narrador das tradições do profeta; ʿUmar Ibn Alḥaṭṭāb (m. 644 d.C.), segundo califa muçulmano, figura de capital importância na própria fundação do islã; seu filho, ʿAbdullāh Ibn ʿUmar (m. 692 d.C.), um dos primeiros convertidos, líder político e religioso, além de importante narrador das tradições do profeta. Como se ressaltou, essa crônica consta de várias obras históricas.

[161]

O original traz apenas *يتواضع* (*yatawādaʿu*), “humilhar-se”, “ser modesto”. O trecho entre colchetes foi traduzido a partir do que consta da obra *لطف التدبير* (*Lutf attadbīr*), traduzível como “As mais sutis providências” (p. 199), de Muḥammad Ibn ʿAbdillāh Alḥaṭṭāb Aliskāfī (m. 1026 d.C.). O título dessa obra, a propósito, oferece maiores subsídios para a tradução do vocábulo *تدبير* (*tadbīr*): com efeito, nela se apresentam relatos geralmente curtos a respeito de ações que resolveram problemas e dificuldades, ações essas que dificilmente ocorreria a alguém, hoje, chamar simplesmente de “administrações”, ao menos segundo o uso corrente do vocábulo; ademais, ocorrem histórias nas quais o *تدبير* (*tadbīr*) é “contra”, por exemplo, a corrupção e os corruptos. Por isso, para traduzir-lhe o título, ponderou-se que “providências” seria mais pertinente. Na realidade, o conceito de *تدبير* (*tadbīr*) presente nesse curioso livro de Aliskāfī aproxima-se do de *حيلة* (*ḥīla*), “artimanha”, tal

[162]

como se discutiu na nota 49.

“Neste final dos tempos” traduz literalmente *في اخر الزمان* (*fī āḥir azzamān*), formulação muito comum em árabe que não tem sentido propriamente escatológico, equivalendo, na verdade, a “depois de tudo quanto ocorreu”.

[163] Trata-se de mais uma crônica histórica citada em outras obras, o que permitiu a Assayyid preencher-lhe uma que outra lacuna. Quanto às personagens da narrativa, todas históricas, são elas: Ḥālīd Ibn Yazīd (m. 704 d.C.), poeta eventual e importante membro da dinastia omíada, filho de um califa, recusou-se a sucedê-lo para poder dedicar-se à química e à medicina, áreas nas quais, ao que parece, suas habilidades foram exageradas pelos pósteros; °Abullāh Ibn Ja°far (m. 700 d.C.), companheiro do profeta, primo de °Alī, primava por sua proverbial generosidade; Alḥajjāj Ibn Yūsuf Aṭṭīqafī (m. 714 d.C.), líder militar e orador árabe-muçulmano, famoso por sua crueldade, foi fiel servidor da dinastia omíada, tendo debelado várias revoltas contra seu poder; °Abulmalik Ibn Marwān (646-705 d.C.), quinto califa da dinastia omíada. Do clã de Ḥarb provinha a família de Alḥajjāj, que comandara o extermínio de membros da família Zubayr. Havia grande hostilidade entre os membros da família Omíada e a de Abū Ṭālib, uma vez que os segundos consideravam os primeiros usurpadores do califado. E existia parentesco entre as famílias Zubayr e Abū Ṭālib, provenientes que eram de um ancestral comum, o que foi explorado com habilidade por Ḥālīd Ibn Yazīd para ajudar seu amigo.

[164] Esta historieta consta, entre outras, na supracitada obra *البيان والتبيين* (*Albayān wa attabyīn*), “Exposição e esclarecimento” (v. 2, p. 165), do célebre polígrafo °Amrū Ibn Baḥr Aljāḥiẓ (m. 868 d.C.), e nela o rei é Alexandre (donde se depreende que o mestre é Aristóteles).

[165] Hurmuzān, chefe militar persa que caiu prisioneiro dos muçulmanos quando tentava defender a cidade de Tustar de seu ataque. Após o episódio aqui referido, converteu-se ao islã. Foi assassinado atrabiliariamente em 644 d.C. como vingança pelo assassinato do califa °Umar por um persa. A narrativa consta de várias outras obras, históricas e não históricas.

[166] Os trechos entre colchetes consistem em acréscimos do tradutor para tornar homogênea a forma. No original, trata-se de um dos poucos casos em que a personagem propõe a história e a narra sem a solicitação direta dos circunstantes.

[167] “Salvaguarda” traduz *آمان* (*āmān*), que poderia igualmente ser traduzida como “palavra de honra” ou “garantia de vida”. Trata-se de expressão muito característica da cultura árabe-islâmica, cujo núcleo semântico contém as ideias de “segurança” e “tranquilidade”, sendo usada, por exemplo, quando alguém vai fazer ou contar algo e pretende receber garantias de vida.

[168]

Personagem histórica cujo nome era Šabīb Ibn Yazīd, consistindo *الخارجي* (*Alḥārijī*) em epíteto devido ao fato de ser ele membro do mais antigo grupo dissidente islâmico, surgido no século VII d.C., nos primórdios do islã, e cuja grafia em português tem variado entre “kharijita” e “carégida”; sua doutrina, negação radical do sistema de poder no islã, chegou a ser considerada herética pelos muçulmanos ortodoxos. A Šabīb são atribuídos ditos sapienciais — “a noite protege o covarde e distingue o corajoso” — e grande bravura em sua luta contra a dinastia omíada. Morreu afogado no rio Dujayl, no Iraque, durante uma fuga em que seu perseguidor era Alḥajjāj Ibn Yūsuf Aṭṭiqafī, em 696 d.C. Como a anterior, esta narrativa consta de várias obras, históricas e não históricas.

[169] Alḥāriṭ Ibn ʿUbād (m. 570 d.C.), poeta árabe pré-islâmico da tribo de Bakr que também foi guerreiro, participou da guerra de Albasūs, travada na península Arábica de 494 a 534 d.C. entre as tribos de Taḡlub e Bakr (ambas oriundas de uma tribo maior, Wāʿil), cujas anedóticas motivações — tudo teria começado por causa do assassinato de uma camela — deixam entrever disputas territoriais. Esta narrativa está no mesmo caso das anteriores.

[170] Muhalhīl (m. 531 d.C.), neste caso “o que faz poesias sutis”, alcunha de ʿUday Bin Rabīʿa, um dos líderes da tribo de Taḡlub na supracitada guerra de Albasūs.

[171] “Temes [...] desgoste” traduz فتخشي منه مقاما تكرهه (*fataḥṣā min-hu maqāman takrahuhu*).

[172] “Falso conselheiro” traduz متصح (*mutanaṣṣiḥ*), “aquele que finge aconselhar”, palavra introduzida por Sayyid para maior clareza a respeito de quem é o falante.

[173] “Pretendendo [...] verdade” traduz وأراد أن يكون شاهدا عليه في اليمين (*wa arāda an yakūna šāhidan ʿalayhi fī alyamīni*). Embora a sintaxe não o deixe claro, supôs-se que a pretensão era do rei, e não de seu interlocutor.

[174] “Falso conselheiro” agora traduz, por economia, الذي كان يضمّر عداوته (*alladī kāna yuḍmiru ʿadāwatahu*), que significa “aquele que lhe ocultava a inimizade”.

[175] “Bens efêmeros deste mundo” traduz الحطام (*alḥuṭām*), supondo-se eclipse do segundo elemento no sintagma حطام الدنيا (*ḥuṭām addunyā*); outra possibilidade seria “ruínas”, “escombros”, “restos” etc.

[176] “E não debelada” traduz ولم تغير (*wa lam tuḡayyar*), com base em Dozy, que cita textos nos quais o verbo غير/يغير (*ḡayyara/yuḡayyiru*), cuja tradução normalmente seria “alterar”, apresenta o sentido de “desfazer” e “extenuar”.

[177] No original, رجل من أصحابه (*rajul min aṣḥābihi*), “um homem dentre os seus colaboradores”.

[178]

“Religiosidade” traduz *ديانة* (*diyāna*), que normalmente se traduziria por “religião”. Porém, como neste caso não se faz referência a uma religião específica (que, com efeito, não poderia ser outra que não o islamismo), mas sim à intensidade com que a personagem se devota a ela, supôs-se que seria mais pertinente utilizar um substantivo mais abrangente.

[179] “Seu sangue se fortalece” traduz *ينمي عليها دمه* (*yanmī ‘alayhā damuhu*), que também pode ser entendida como “seu sangue tem a quantidade aumentada”.

[180] “Características” traduz *طبائع* (*ṭabā’i‘*), mais literalmente “naturezas”. Outra tradução possível seria “disposições”.

[181] Assayyid informa que em *مختار الحكم* (*Muḥtār alḥikam*), “Seleção de sentenças proverbiais” (traduzido ao espanhol no século XIII com o título de *Flores de filosofia*), de Mubaššir Ibn Fātik (m. séc. XI d.C.), esse dito é atribuído a Platão (m. séc. IV a.C.); também consta de outras obras, como *عيون الأخبار* (*‘Uyūn alahbār*), “As mais importantes notícias” (v. 1, p. 28), de Ibn Qutayba (m. 889 d.C.), onde é atribuído ao controverso compilador de tradições muçulmanas Wahb Ibn Munabbih (m. 732 d.C.).

[182] Na obra *صوان الحكمة* (*Ṣiwān alḥikma*), “A preservação da sabedoria” (p. 181), do lógico de Sijistān Abū Sulaymān (m. c. 1000 d.C.), essa fala é atribuída ao dramaturgo grego Ésquilo (m. 456 a.C.).

[183] “Ser aproximadas” é tradução do substantivo *المقاربة* (*almuqārabā*), “aproximação”, para o qual não se encontrou nenhuma solução mais adequada. A ideia seria: as pessoas precisam sentir que se está próximo delas, o que parece bem contemporâneo, por exemplo, como estratégia de marketing político. Linhas adiante, considerou-se melhor traduzi-la como “adequação”.

[184] “Não há vergonha [...] isso” traduz *ولا عيب على المرء في المقاربة وما لا يعلم ما عرضه فيه من مواضع تحسن فيها العاقبة وإن لم يعرف ما مراده منه* (*wa lā ‘ayba ‘alā almar’i fī almuqārabati wa mā lā yu‘lamu mā ġaraḍuhu fihī min mawāḍi‘a taḥsunu fihā al‘āqibatu wa in lam ya‘rif mā murāduhu minhu*). Trata-se de formulação confusa, para cuja compreensão se usou a história que a ilustra.

[185] A vírgula é necessária neste ponto devido ao anacoluto.

[186] “Colaboração” e “adaptação” traduzem, respectivamente, *مصانعة* (*muṣāna‘a*) e *تألف* (*ta’alluf*). A primeira palavra apresenta também o sentido de “adulação”, embora tardio em relação ao sentido ora utilizado, que encontra registro em Ibn Manẓūr, o assaz citado lexicógrafo do século XIII d.C. (op. cit., v. 9, pp. 9-12); outra possibilidade seria traduzi-la como “agrado”.

[187]

“Se cala [...] momentos” traduz إن سكت ليومه وإن نطق لوقته (*in sakata li-yawmihi wa in naṭaqa li-waḡtihi*), frase que, numa tentativa de tradução literal, resultaria em algo como “se cala, é em seu dia, e se fala, é em seu tempo”. Como tal formulação se afigura estranha, supôs-se que se tratasse de uma variação da frase citada na obra البرهان في وجوه البيان (*Alburhān fi wujūh albayān*), “Comprovação acerca dos aspectos do bayān”, de Ibn Wahb Alkātib, retor do século IX d.C.: إن سكت ففي يوم، وإن نطق ففي ساعة (*in sakata fa-fi yawm, wa in naṭaqa fa-fi sāʿa*), em resposta à pergunta “como conheces um homem?”, e que ali se instrumentaliza como elogio da rarefação do discurso, antecedida de uma fala de ʿAlī, primo e genro do profeta e quarto califa do islã: “Escondido sob sua língua, o homem se dá a ver quando fala”.

[188]

“Era exclusivamente devotado” traduz قد خص به (*qad ḥuṣṣa bihi*). Essa narrativa se abre com o rei — “conta-se que certo rei tinha um vizir que lhe devotava dedicação exclusiva” etc. — mas para a tradução considerou-se mais adequado iniciar com o vizir, que é sua principal personagem.

[189]

“Incenso de sândalo” traduz ندة (*nadda*).

[190]

Em outras fontes — como o كتاب بغداد (*Kitāb Baġdād*), “Livro de Bagdá” (pp. 131-133), de Ibn Ṭayfūr (m. 893 d.C.), o كتاب الأوراق (*Kitāb alawraq*), “Livro das folhas” (pp. 235-236), de Abū Bakr Aṣṣūlī (m. 946 d.C.), e o كتاب الفخري في الأدب السلطانية والدول الإسلامية (*Kitāb alfaḡri fi alādāb assulṭāniyya wa adduwal alislāmiyya*), traduzível como “Livro sobre os decoros do poder e as governanças islâmicas” (p. 226), escrito em 1302 por Muḥammad Ibn ʿAlī Ibn Ṭabāṭabā, mais conhecido como Ibn Aṭṭiqṭaqā (m. 1309 d.C.) — esta narrativa aparece referida como fato histórico cujos protagonistas são o califa abássida Almaʿmūn (m. 833 d.C.), em vez de “certo rei”, e um de seus vizires, Aḡmad Ibn Yūsuf Ibn Alqāsīm (m. 828 d.C.), a quem se atribuem poesias e ditos exemplares. Nessas fontes históricas, nem o castigo é tão brutalmente explícito (o califa o teria exposto a intensa fumaça, porém sem obrigá-lo ou amarrá-lo), nem se fala em morte imediata, mas sim devida a causas decorrentes dessa exposição excessiva, unidas, decerto, à humilhação. O importante, contudo, é que, nelas, a intriga consiste na mola propulsora da ruína e posterior morte do vizir.

[191]

“Com a benevolência de Deus” traduz بلطف الله (*bi-luṭf Allāh*). Normalmente, o vocábulo لطف (*luṭf*) tem sido aqui traduzido como “sutileza” ou “habilidade”, mas no presente caso trata-se, com efeito, de “benevolência”. Por uma dessas variações em que a semântica árabe é pródiga, o verbo do qual deriva essa palavra, que gramaticalmente é um substantivo chamado pela gramática árabe de مصدر (*maṣdar*), e pelos arabistas de “nome de ação”, pode tanto significar “tratar com benevolência” (لطف/يلطف [*laṭafa/yalṭufu*]) como “ser sutil/hábil” (لطف/يلطف [*laṭufa/yalṭufu*]).

[192]

“Bondades motivadas pela fortuna” traduz ألطاف من التوفيق مسببة (*alṭāf min attawfiq musabbaba*).

[193]

Aḥmad Abū Alfaḍl Almaydānī (m. 1124 d.C.), em sua obra *مجمع الأمثال* (*Majmaʿ al-amṭāl*), “Reunião de provérbios” (v. 2, p. 316), cita o seguinte provérbio: “Como seria barato este camelo não fosse este gato”, e a seguir dá-lhe a origem: “Extraviou-se a montaria de certo homem, o qual então jurou que, se a encontrasse, vendê-la-ia por um *dirham*. Ao encontrá-la, juntou-a a um gato e disse: ‘Venderei este camelo por um *dirham*, e o gato por mil *dirhams*; não os venderei senão juntos’. Disseram-lhe então: ‘Como seria barato este camelo não fosse este gato’, e isso passou a circular como provérbio. Aplica-se ao valioso e ao barato quando são associados”.

[194] “Contato físico” traduz *وصال* (*wiṣāl*), palavra de denotação erótica que em árabe era deveras usada para explicitar a relação sexual.

[195] Neste ponto, o original apresenta uma lacuna, embora o sentido continue plenamente inteligível.

[196] Este é mais um caso de história introduzida sem solicitação explícita do ouvinte. Por isso os colchetes, que são acréscimo do tradutor.

[197] Esta história consta, com maiores ou menores variações, de outros livros árabes, entre eles duas obras históricas, conforme Assayyid: *فتوح البلدان* (*Futūḥ albuldān*), “A conquista dos países”, de Aḥmad Ibn Yaḥyā Albalāḍurī (m. 892 d.C.), que situa a ocorrência em Alexandria, e *تاريخ الرسل [أو الأمم] والملوك* (*Tārīḥ arrusul [ou: alumam] wa almulūk*), “História dos profetas [ou: das nações] e dos reis”, de Muḥammad Ibn Jarīr Aṭṭabarī (m. 923 d.C.), que situa a ocorrência em Ajnādayn, na Palestina.

[198] “Orientado” traduz *مسدد* (*musaddad*).

[199] Mais um caso em que a história é narrada sem o pedido do ouvinte. De novo, considerou-se mais pertinente incluir o trecho entre colchetes.

[200] Quanto às personagens citadas nesta história: ʿUmar Ibn Hubayra (m. c. 728 d.C.) foi político e trabalhou como governador para a dinastia omíada; Hišām Ibn ʿAbdilmalik (690-743 d.C.), décimo califa da dinastia omíada, sob cujo governo o império islâmico atingiu sua máxima extensão territorial, passou à posteridade com o estigma da avaréza. As crônicas históricas divergem sobre a identidade do inimigo de ʿUmar Ibn Hubayra, ora apontando o governador do Iraque na época, Ḥālīd Bin ʿAbdillāh Alqasrī, ora um escriba do califa, chamado Saʿīd Ibn Alwalīd.

[201] “Absurdo” traduz *محال* (*muḥāl*). A ideia é que certas maquinações e intrigas, por mais disparatadas e absurdas que sejam, podem ser bem urdidas e lograr êxito.

[202]

“Que Deus dê prosperidade ao rei” traduz أصلح الله الملك (*aṣlah Allāh almalik*), saudação aos soberanos muito característica da antiga cultura árabe, e sobre cuja tradução mais apropriada existem divergências entre os orientistas. O problema reside no sentido, nessa locução, do verbo أصلح (*aṣlahā*). Charles Pellat, por exemplo, o traduz como “fazer com que continue virtuoso”. Para a solução aqui adotada seguiu-se a disposição do arabista britânico R. B. Serjeant em *The book of misers*, sua tradução do كتاب البخلاء (*Kitāb albuḥalā*), “Livro dos avaros”, de Aljāhiz (m. 868 d.C.).

[203] Esta história também é contada em لطف التدبير (*Lutf attadbīr*), “As mais sutis providências” (pp. 126-128), de Aliskāfī, cuja redação é mais concisa e clara. Neste ponto, por exemplo, diz-se que o túnel “dava para um aposento, distante de sua casa, que fora provido de alimento suficiente para anos”.

[204] Em لطف التدبير (*Lutf attadbīr*), “As mais sutis providências”, acrescenta-se: “Pedi [que lhe fosse trazido] um homem que morrera naquele dia, pegou-o e colocou-o sob a madeira”. Esse cadáver, calcinado, servirá como prova do sacrifício do vizir. Por algum motivo, a narrativa aqui adotada dispensou tais detalhes.

[205] Nessa pequena história, não fica claro, sintaticamente, quem fala. Procurou-se seguir o andamento que pareceu mais lógico.

[206] Esta história também consta da supracitada obra لطف التدبير (*Lutf attadbīr*), “As mais sutis providências” (pp. 135-136), onde é atribuída ao historiador Almadā’inī (752-839 d.C.). Embora as ações da personagem do homem que não quer desonrar o amigo possam parecer desprovidas de funcionalidade, elas devem ser compreendidas à luz da moralidade patriarcal que encenam: além de efetivamente não produzir a desonra do amigo, o homem carrega consigo a prova de que a mulher se oferecera a ele, e que ele a rechaçara mediante artimanha cujo agente fora o próprio marido; ademais, o casal saberia reconhecer a mecha de cabelo na eventualidade da ameaça da mulher.

[207] “Pode livrar-se [...] objetivos” traduz يقدر أن يتخلص من المختلفين في غرضهما (*yaqdar an yataḥallaṣ min almuḥtalifayn fi ġaraḍihimā*). Leu-se no dual, “dois que divergem”, pela suposição de que o enunciado faz menção ao marido e à esposa, o que seria a única explicação para a ocorrência do também dual غرضهما (*ġaraḍuhumā*), “seus dois objetivos”.

[208] “Sufi” (termo já dicionarizado em português, juntamente com “sufista”) traduz صوفي (*ṣūfī*), adepto do تصوف (*taṣawwuf*), “sufismo”, que é, *grosso modo*, a vertente mística da religião islâmica.

[209] “Graça” traduz جميل صنعه (*jamīl ṣan‘ihī*), literalmente, “seu belo fazer”.

[210]

“Casualidade” traduz اتفاق (*ittifāq*), palavra que via de regra se traduziria como “coincidência”, e que contém igualmente a ideia de “concordância”. Não é incomum que as narrativas árabes, em especial as mais abertamente “ficcionalis”, diga-se assim, comecem com a formulação أن اتفق (*ittafaqa anna*), “coincidiu que”, “ocorreu [casualmente] que” etc., cujo verbo é a origem da palavra اتفاق (*ittifāq*), “coincidência”, “concordância”, “acordo” etc. Em geral, sinaliza que o que vai se narrar a seguir é curioso ou inusitado.

[211]

Também chamados de Ḥamdāniyyūn: líderes do Estado fundado pelo líder político e militar Ḥamdān Ibn Ḥamdūn, da tribo árabe de Taḡlub, em 892 d.C., e que durou cerca de um século. Inicialmente baseado na cidade de Mārdīn, hoje situada na Turquia, expandiu-se para o oeste, até Emessa e Aleppo, na Síria. Foi extinto pelos califas fatímidas do Cairo no final do século x d.C.

[212]

“Vau” traduz شرعة (*širʿa*).

[213]

“Piscina” traduz a palavra البركة (*albirka*), que é a origem do arcaísmo português “alverca” (variante de “alberca”), e indica reservatório de água. O objeto aí designado certamente apresentava alguma semelhança com a piscina tal como se a conhece hoje, ainda que mais estreito e sem os

[214] mesmos usos.

Esta história consta também da obra do cádi Almuḥassin Attanūḥī (m. 994 d.C.) الفرج بعد الشدة (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade” (v. 3, pp. 61-66), sua provável fonte, como se fosse um relato do letrado e poeta ʿUbaydullāh Bin Muḥammad Aššarawī (m. séc. x d.C.). Como a história contém pontos obscuros, alguns devidos à citação de elementos de difícil visualização hoje, essa versão foi também consultada para a tradução.

[215]

Agora, “vau” traduz بعض المشارع (*baʿd almašāriʿ*), “certo vau”. Também poderia ser entendido como “certa encruzilhada”, o que é mais improvável, pois era comum que o percurso entre as duas cidades fosse feito de barco, tendo a personagem desembarcado num dos vaus.

[216]

“Terrível pressentimento” traduz أمر عظيم (*amr ʿaẓīm*), que significa, literalmente, “questão grandiosa”, “enormidade”.

[217]

“Cubículo do forno” traduz اتون (*attūn*), que consta em ambas as versões consultadas. Todos os dicionários árabes explicam sinteticamente essa palavra como “aquilo que acende o fogo nos banhos”. F. Corriente dá-lhe o sentido de “lareira de caieira”. Nenhuma das explicações satisfaz, pois, como se verá pelo andamento da narrativa, trata-se de um local com espaço suficiente para mais de uma pessoa; logo, não pode ser apenas forno ou lareira. Pensou-se, aqui, numa espécie de compartimento que, simultaneamente, serve para acender o fogo e estocar os materiais necessários para a combustão.

[218]

Em *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade”, o relato dessa passagem é diverso — “saí e continuei a caminhar perplexo pela estrada até que cheguei às portas de uma casa de banho que já se abrira [...]” —, o que evidencia que o cubículo onde a personagem inicialmente se ocultara pertencia a uma casa de banho fechada ou abandonada — salvo algum propósito de imprimir maior dramaticidade à narrativa colocando o narrador na iminência de ser queimado.

[219] “Salv guarda” traduz *آمان* (*āmān*), expressão já explicada em nota anterior. Em *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade”, o narrador se encaminha para a casa de um amigo. Não ocorre menção a autoridade nenhuma, nem a criados, nem a salv guarda. Neste ponto, a narrativa de *O leão e o chacal Mergulhador* parece ser mais coerente, uma vez que em ambas as versões o narrador afirma ser *غريب* (*ġarīb*), “estranho” ou “estrangeiro” em Basra.

[220] “Casa em ruínas” traduz *دار خربة* (*dār ḥariba*). Para melhor visualização, deve-se pensar num pátio central em torno do qual se constroem moradias semelhantes a apartamentos. Na versão de *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade”, em lugar de *دار خربة* (*dār ḥariba*), consta um sintagma de grafia quase idêntica, *دار حرمة* (*dār ḥaramihi*), “casa de suas mulheres”, o que parece mais coerente, dado que a personagem do dignitário nada teria que fazer numa “casa em ruínas”, enquanto na “casa de suas mulheres” ele teria a quem fazer perguntas, conforme acrescenta, aliás, a versão de *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade”.

[221] Na versão de *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade”, o tempo da segunda parte da narrativa não é imediatamente posterior; a personagem afirma: “retornei ao vau, fugindo de Basra, e voltei a Bagdá”. Antes, na fala do alfaiate, leve-se em conta que os muçulmanos enterram seus mortos apenas com mortalha, de modo que o féretro (no sentido etimológico), após o uso, é devolvido à mesquita que o empresta.

[222] A versão de *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade”, acrescenta que tal casa era habitada “por homens solteiros”.  
[223] Existe neste ponto uma pequena lacuna no original.

[224] “Garantiu” traduz *تيفن* (*tayaqqana*), que significa mais propriamente “ter certeza”, “assegurar-se”.  
[225]

Esta história também consta, com um pouco mais de minúcia, da supracitada obra *الفرج بعد الشدة* (*Alfaraj baʿda aššidda*), “Libertação após dificuldade” (v. 3. pp. 131-132), onde sua narração é atribuída a Abū Muḥammad Ibn Ḥamdūn (m. séc. x d.C.), comensal e protegido de mais de um califa. Almuʿtamid, décimo quinto califa (de 870 a 892 d.C.) da dinastia abássida, é constituído por mais de um historiador árabe como frívolo e luxurioso, caráter do qual a presente narrativa parece ser mais um exemplo. Durante seu governo, o responsável efetivo pelos assuntos do governo e da guerra era seu irmão Almuwaffaq bi-Allāh Ṭalḥa (m. 891 d.C.).

[226] “Todos os apetrechos [...] resguardo” traduz *جميع آلات الفرش من جميع المطارح والبسط والستور* (*jamīʿ ālāt alfarṣ min almaṭāriḥ wa albaṣṭ wa as-sutūr*). “Resguardo” traduz especificamente *الستور* (*assutūr*), palavra que pode significar “cortina”, mas que também embute a ideia de “proteção”, i.e., “material destinado a proteger”. Isso implica, evidentemente, uma estrutura física na qual o ocupante do poder, no caso o califa, preserva sua intimidade sem ter de necessariamente afastar de seu espaço de convívio os membros da corte e demais apaniguados. Tal preservação se daria por meio de materiais desse tipo.

[227] Na versão da *Libertação...* consta que tudo aquilo foi fabricado na ilha de Tannīs, no litoral egípcio.

[228] Na versão da *Libertação...* consta “logo no primeiro dia”.

[229] O trecho entre colchetes foi traduzido da versão da *Libertação...*, pois a versão de *O leão e o chacal Mergulhador* é, neste ponto, incompreensível.

[230] O historiador Ibn Alaṭīr (1160-1234 d.C.) faz breves referências, em alguns trechos de seu volumoso *الكامل في التاريخ* (*Alkāmīl fī attāriḥ*), “[Livro] completo de história” (v. 8, pp. 76, 101, 103, 147, 214, e v. 9, pp. 58 e 61), a um criado de palácio a quem chamavam de Niḥrīr Ašṣaḡīr, “o pequeno” (m. 930 d.C.), mas cuja existência não é mencionada durante o califado de Almuʿtamid, e sim posteriormente, durante o califado de Almuqtadir (m. 932 d.C.), quando ele foi, inclusive, nomeado mais de uma vez governador da cidade de Mossul. Embora possivelmente fosse comum como alcunha — pois significa “homem hábil, experimentado, sagaz, inteligente” — o nome próprio *Niḥrīr*, com exceção do supracitado caso, não aparece associado a personagens históricas. Etimologicamente, a palavra *niḥrīr* tem, ainda, relação com “pescoço”.

[231] O trecho entre colchetes foi traduzido da versão da *Libertação...* Em vez de “pinça”, *منقاش* (*minqāṣ*), no texto de *O leão e o chacal Mergulhador* consta que se trouxe um *نقاش* (*naqqāṣ*), “gravador”, para extrair a farpa. Supondo-se, porém, a remota hipótese de que não se trate de erro de cópia ou revisão, o fato de se trazer um “gravador” para examinar o califa pode

[232]

servir como realce da urgência do momento, ou da frivolidade da personagem: embora abrigasse artesãos de vários gêneros, o palácio não contava com nenhum médico ou cirurgião por assim dizer “especializado”.

O trecho entre colchetes foi acrescentado a partir da versão da *Liber-tação...* Na versão de *O leão e o chacal Mergulhador*, o espanto se refere ao fato de a farpa de bambu estar no tapete, o que, convenha-se, não tem nada de propriamente “espantoso”.

O trecho entre colchetes foi acrescentado a partir da versão da *Liber-tação...* Ressalve-se, todavia, que essa intervenção dos circunstâncias pode ter sido propositalmente omitida da versão de *O leão e o chacal Mergulhador* a fim de fortalecer a constituição do califa como alguém a um só tempo fútil, temido, violento e tirânico.

Conforme explica o advogado e escritor iraquiano ‘Abbūd Aššālījī (1911-1996), responsável pela fixação de texto da *Liber-tação...* e compilador de uma espantosa *موسوعة العذاب* (*Mawsū‘at al‘idāb*), “Enciclopédia da tortura”, em sete volumes, “quando a punição se limitava ao corte da mão, fervia-se o óleo e nele se mergulhava o punho após o corte, a fim de estancar o sangue; e se o corte da mão fosse o introito para a execução, deixava-se o sangue do punho escorrer”.

“Cantora” traduz *مغنية* (*muğanniyya*). A palavra tinha também conotação sexual — prestação de serviço sexual, prostituição etc., assim como, e talvez com maior intensidade, sua análoga *راقصة* (*raqqāsa*), “dançarina”. É como se as atividades na área de diversão e lazer devessem ter, necessariamente, implicação sexual.

“Fados” traduz *مقادير* (*maqādīr*).

“Além” traduz *الأخرة* (*alāḥira*), a “outra vida”, que se usa por oposição a *الدنيا* (*addunyā*), “este mundo”, “a [vida] terrena”.

“Mau amigo” e “bom amigo” traduzem, respectivamente, *الصدیق المذموم* (*aṣṣadiq almadmūm*) e *الصدیق المحمود* (*aṣṣadiq almaḥmūd*), literalmente, “amigo censurado” e “amigo louvável”.

“Haviam conspirado” traduz *اجتمعوا* (*ijtamā‘ū*), que seria, literalmente, “reuniram-se”.

“Qual é tua conjectura?” traduz *وما يختلج ظنك به؟* (*wa mā yaḥtaliju ḡannuka bihi?*), literalmente, “o que se agita em tua suposição?”.

“E guardei [...] alma” traduz *ولزمت طاعتك في مكروهي وعلي بما كان هونه في نفسي عند نزوله* (*wa laẓimtu ṭā‘ataka fi makrūhi wa ‘alayya bi-mā kāna hawnuhu fi nafsi ‘inda nuḡlihi*).

“Pois não se considera [...] perpétua” traduz *لأنه لا يعتبر من الشقاء المنقطع ما كان سببا للسعادة الدائمة* (*li-annahū lā yu‘tabar min ašṣaqā’ almunqaṭi‘ mā kāna sababan liassa‘āda addā’ima*). Traduziu-se *منقطع* (*munqaṭi‘*) como “incomparável” na suposição de que seja forma abreviada do sintagma *منقطع النظير* (*munqaṭi‘ annaḡīr*), “sem igual”, pois a outra possibilidade, “intermitente”, não faria sentido aqui.

“Além” traduz المعاد (*alma‘ād*), que aqui tem praticamente o mesmo sentido de الأخرة (*alāhira*), com a peculiaridade de acrescentar uma denotação mais técnica ao sentido, com a ideia de “retorno” implicada na raiz dessa palavra, o que reforça as relações de causa e efeito postuladas pelo islamismo entre o que se faz na vida “mundana” e a recompensa que se recebe na “outra vida”. Antes, “comprovação” traduz الاستدلال (*alistidlāl*).

[244] “Verifiquei [...] labor” traduz إني وجدت جميع العالم مثبتا على غاية الحكمة وحسن الصنعة (*innī wajadtu jamī‘ al‘ālam muṭbatan ‘alā gāyat alḥikma wa ḥusn aṣṣan‘a*).

[245] Leia-se o comentário na nota 28 sobre a “recompensa do crocodilo”.

[246] A lógica dessa argumentação — reforçada pela frase intercalada, que a tradução pôs entre travessões — é a do moralismo monoteísta, no qual se supõe alguma espécie de punição para os crimes desta vida: caso não seja nela mesma, será na outra.

[247] “Concórdia geral” traduz صلاح الشمل (*ṣalāḥ aššaml*).

[248] “Aflição” e “felicidade” traduzem, respectivamente, وحشة (*waḥṣa*) e أنس (*uns*), que embutem, a primeira, a ideia de “estranhamento”, e a segunda, a de “familiaridade”.

[249] Sobre as personagens citadas nesta história: Almahdī, Muḥammad Ibn ‘Abdillāh Almanṣūr (744-785 d.C.), terceiro califa abássida, exerceu o poder de 775 a 785, tendo sido particularmente implacável na perseguição ao caregismo ou kharijismo (حركة الخوارج, *ḥarakat alḥawārij*) e ao maniqueísmo (زندقة, *zandaqa*, vocábulo de etimologia controversa usado no texto em lugar do mais inequívoco مانوية, *mānawiyya*, “religião de Mānī”). Abū ‘Ubaydillāh Mu‘āwya Ibn ‘Ubaydillāh Ibn Yassār (m. 786 d.C.), nascido em Tiberíades, na Palestina, e morto em Bagdá, um dos maiores vizires e políticos de sua época; deixou uma obra sobre impostos. Arrabī Ibn Yūnis Ibn Abī Farwa (m. 786 d.C.), célebre por sua astúcia e habilidade, serviu, como secretário, o califa Almanṣūr (m. 775 d.C.) e seu filho e sucessor Almahdī; ajudou a nomear e a derrubar vários vizires e escribas; seu filho Alfaḍl (m. 824 d.C.) chegou ao vizirato durante os últimos anos do califa Hārūn Arraṣīd (m. 809 d.C.), bem como durante o breve califado de seu filho e sucessor Muḥammad Alamīn (de 809 a 813 d.C.).

[250] “Nunca se encarrega [...] suspeite” traduz وما هو بظنين فيما يتقلده (*wa mā huwa bi-ẓanīnin fīmā yataqalladuhu*), literalmente, “nunca é suspeito naquilo de que se encarrega”.

[251] “E galgar [...] junto dele” traduz وسار معه منزلتين أو ثلاثا (*wa sāra ma‘ahu manzilatayn aw talātan*). Entendeu-se aqui a palavra منزلة (*manzila*) como “posição”, mas é possível que, neste caso específico, ela possua

[252]

algum sentido, de que os dicionários consultados não guardam vestígio, relacionado com práticas da religião maniqueia. Primeiramente, o texto falara em uma única carta e vários presentes, mas depois as coisas se inverteram e se passou a falar em “cartas” e “um presente”. Para a tradução resolveu-se manter tudo no plural.

Em fontes históricas como *كتاب الفخري في الآداب السلطانية والدول الإسلامية* (*Kitāb alfahri fī alādāb assultāniyya wa adduwal alislāmiyya*), “Livro sobre os decoros do poder e as governanças islâmicas” (pp. 182-184), de Ibn Aṭṭiqṭaqā (m. 1309 d.C.), os eventos apresentam outro desenrolar. Nesse livro — finalizado em Mossul em finais de 1301 d.C. e dedicado ao governante da cidade, Faḥr Addawla Abū Muḥammad ʿĪsā Ibn Hibatillāh Annaṣrānī (o qual seria morto e despedaçado alguns dias depois, quando os mongóis invadiram o local) — informa-se que o secretário Arrabī<sup>c</sup> detestava o vizir Abū ʿUbaydillāh porque este o destrataria; que o “amigo” do secretário era na verdade inimigo do vizir; que a trama do secretário contra o filho do vizir foi mais ampla e demorada, envolvendo intrigas contra a honra familiar do califa, além das acusações de maniqueísmo; que foi outro dos circunstantes, e não o secretário, que executou o rapaz; e que foi o próprio secretário quem deu, pessoalmente, o reforço final às naturais desconfianças do califa, ao dizer que não poderia deixá-lo sozinho com o vizir, cujo filho “mataste ainda ontem”. Enfim, a narrativa de Ibn Aṭṭiqṭaqā, que se articula em sua maior parte como um relato histórico, cronologicamente organizado, dos procedimentos de quem ocupou o poder no islã até a invasão de Bagdá pelos mongóis em 1258 d.C., sugere um processo muito mais longo e maquinações deveras mais árduas.

[253] “Parte animal da alma” traduz *النفس الحيوانية* (*annafs alḥayawāniyya*), literalmente, “alma animal”, opção já comentada na nota 63. E “harmonização” e “adestramento” traduzem, respectivamente, جمع (*jam*<sup>c</sup>) e رياضة (*riyāda*).

[254] “Já me prejudiquei [...] considera agradável” traduz *وقد استضررت باستعراض المستحسنات الطبيعية* (*wa qad istaḍrartu bi-istiʿrād almustaḥsanāt aṭṭabiʿiyya*).

[255] “Adestramento” traduz *أدب* (*adab*), vocábulo já discutido na nota 23 da presente tradução. Não se trata de uma opção inquestionável, mas não existe outra mais adequada. Os dicionários não dão sentidos satisfatórios para os múltiplos usos dessa palavra: educação, cultura, instrução, bons modos, civilidade, urbanidade etc., enfim, nenhuma dessas possibilidades é aceitável aqui. Para este caso, pensou-se num vocábulo que servisse para a analogia estabelecida entre a alma e o animal irracional, motivo pelo qual não se adotou o vocábulo “decoro”, que tem sido a opção do tradutor para *أدب* (*adab*) desde a tradução de *Kalīla e Dimna*, com base no

[256]

uso que o responsável pela obra, Ibn Almuqaffa<sup>c</sup>, dá a essa palavra em seus dois célebres tratados *الأدب الصغير* e *الأدب الكبير* (*Aladab aṣṣaḡīr* e *Aladab alkabīr*), “O pequeno *adab*” e “O grande *adab*”, os quais consistem, basicamente, em normas de conduta, ou melhor, em padrões de comportamento e princípios éticos considerados adequados, ou nobres, ou ideais etc. No presente caso, obviamente, “decoro” ficaria ruim para a analogia com o potro, muito embora em árabe esse uso também não seja exatamente feliz.

“Mais poderoso” traduz *أحد ظهر* (*aḥadd ẓaḥran*), que significa, literalmente, “de costas mais agudas”.

[257] Aqui, “política” traduz *سياسة* (*siyāsa*), que etimologicamente implica a ideia de “condução”, e que em árabe moderno é o termo para “política” tal e qual é hoje compreendida. Embora assim seja em árabe moderno, nos textos árabes antigos tal palavra comumente aparece com a acepção mais restrita, e etimológica, de “condução” (dos homens, em especial, mas também dos animais, como se verá), praticamente inexistindo, então, acepções mais sutis e abstratas que hoje são moeda corrente tanto em português como em árabe (v.g., “um homem político”, *رجل سياسي* etc.). Na verdade — embora a questão conceitual não seja pacífica, e mesmo em árabe antigo a palavra tenha sido utilizada, entre muitíssimos outros casos, para traduzir o título do texto aristotélico que em português se chama “A política” —, antigos tratadistas árabes de política, como o supracitado Abū Alḥasan ‘Alī Almāwardī (m. 1058 d.C.), por exemplo, já tratavam da relação entre o “conduzir” semanticamente implicado na palavra *سياسة* (*siyāsa*) e as artes de conduzir animais e homens, daí extraíndo analogias. Pode-se aventar a hipótese de que, com o decorrer do tempo, *سياسة* (*siyāsa*) foi paulatinamente adquirindo o sentido mais geral de “política”, ao passo que *تدبير* (*tadbīr*), palavra discutida nas notas 24 e 162, e que talvez equivallesse a “política”, ficou relegada às pequenas ações e providências do cotidiano. O poeta e prosador Ibn Nubāta Almiṣrī (1284-1366) afirma no prólogo de sua compilação *المختار من كتاب تدبير الدول* (*Almuḥtār min kitāb tadbīr adduwal*), “Seleção do livro da administração dos governos”, p. 91: *فالسِّيَاسَةُ هِيَ التَّدْبِيرُ الْمُوَدِّي إِلَى مَصْلَحَةِ الدَّارَيْنِ* (*fa-assiyāsa hiya attadbīr almu’addī ilā maṣlaḥat addārayn*), “a *siyāsa* é o *tadbīr* conducente ao que interessa nas duas moradas” (i.e., a vida terrena e a vida eterna). Dois lexicógrafos árabes ajudam a mostrar as nuances da questão: segundo Ibn Manẓūr (1232-1311), em seu dicionário *لسان العرب* (*Lisān al‘arab*), “A língua dos árabes” (v. 6, pp. 107-109), *siyāsa* é *بِمَا يَصْلُحُهُ* (*alqiyāmu ‘alā aṣṣay’ bi-mā yuṣliḥuhu*), isto é, “realizar, por alguma coisa, algo que a melhorará”, e, logo em seguida, *فعل السائس* (*fi‘l assā’is*), “a ação do condutor”; continua o autor: *يقال: هو يسوس الدواب إذا قام عليها* (*yuqāl: huwa yasūsu addawābba idā qāma ra‘ītu*)

[258] *وراضها، والوالي يسوس رعيتها*

‘*alayhā wa rāḍahā, wa alwālī yasūsu ra‘iyyatahu*), ou seja, “diz-se: ele conduz as bestas, quando as pega e pastoreia, e o governante conduz seus súditos”, definição que se aproxima do entendimento que alguma Idade Média cristã teve não de “política”, mas sim de “governo”, conforme se patenteia numa definição como a apresentada por Tomás de Aquino em *De regno*, II, 3: “Governar um ser é conduzi-lo como convém ao fim requerido” (apud Senellart, *Artes de governar*, São Paulo, Editora 34, 2002, p. 21), ou de “regime”, conforme pode se constatar numa das oito definições que João de Viterbo lhe dá no *Liber de regimine civitatum*, segundo o mesmo Senellart, cit., p. 26: “a moderação [...] enquanto ato de conduzir, dirigir o homem para afastá-lo do mal; também aqui o termo é empregado para a condução do cavalo cuja marcha é regulada pela rédea”. Voltando à seara da lexicografia árabe, Alfayrūzābādī (1329-1414 d.C.), em *القاموس المحيط* (*Alqāmūs almuḥīṭ*), “Dicionário que tudo cerca” (v. 2, p. 222), dá o seguinte exemplo: *سست الرعية سياسة، أمرتها ونهيتها* (*sustu arra‘iyyata siyāsatan, amartuhā wa nahaytuhā*), ou seja, “conduzi os súditos, i.e., mandei-os fazer algumas coisas e os proibi de fazer outras”. Charles Pellat (op. cit., pp. 50 e 87) não hesita em traduzir *سياسة* (*siyāsa*) como “arte de governar”. O arabista alemão Erwin Rosenthal discute as transformações semânticas do termo no seu já citado trabalho *Political thought in medieval islam*, especialmente no capítulo III, “Government”, pp. 62-83; no “Glossário” dessa obra, os equivalentes de *siyāsa* são “governo”, “administração” e “política”.

[259] “Procederes” traduz *جهة* (*jihā*), termo que também poderia ser traduzido como “aspecto” e “direção”, entre muitas outras possibilidades.

Considerado pela tradição muçulmana posterior um dos mais importantes reis persas da dinastia sassânida, cujo trono ocupou de 531 a 579 d.C., Kisrā travou constantes guerras com os bizantinos; durante seu governo se fez o recenseamento territorial do reino e se reformou o sistema de tributação. As crônicas árabes e persas fazem dele um exemplo de justiça e equanimidade.

[260] “Condições”, neste caso e no seguinte, traduz *مندوحة* (*mandūḥa*), que significa “liberdade de ação” ou “terreno livre”.

[261] “Quando [na verdade] [...] contrasi” traduz *ويكون ذلك مشغلة له، وصرفا* *لخاطره عما يرونه ويوهمونه عن مقارنته في الرأي فيقدر أنه غاية ما رمي به* (*wa yakūnu ḍālika mašḡalatan lahu, wa ṣarfan li-ḥāṭirihi ‘ammā yurūnahu wa yūhimūnahu ‘an muqāranatihi fi arra’yī fa-yuqaddiru annahu ḡāyatu mā rumiya bihi*). Trata-se de um período de difícil compreensão, que padece, bem possivelmente, de algum lapso de revisão.

[262] Nesse caso, a palavra pode tanto ser lida como *الملك* (*almalik*), “o rei”, como *الملك* (*almulk*), “o reino”.

[263]

Nessa sentença, “administrador” e “administração” traduzem, respectivamente, *مدبر* (*mudabbir*) e *تدبير* (*tadbīr*), termos já discutidos nas notas 24, 162 e 258. Assayyid transcreve em nota uma sentença praticamente igual constante da obra *تسهيل النظر وتعجيل الظفر* (*Tashīl annaẓar wa taʿjīl azẓafar*), “Facilitação da observação e agilização da obtenção”, do tratadista político Abū Alḥasan ʿAlī Almāwardī (m. 1058 d.C.): “Espanto-me com o soberano que não toma como distração a leitura de notícias — com o que então se distrai? —, e com o *administrador* que não sabe o que ocorre em sua atividade — como segue em frente com a sua administração?”.

[264] Alexandre Magno (356-323 a.C.) é objeto de vasta legenda nas letras árabes, nas quais é conhecido como *إسكندر ذو القرنين* (*Iskandar dū Alqarnayn*), isto é, “Alexandre Bicorne”, por, alegadamente, carregar os dois cornos que simbolizavam sua conquista do Ocidente e do Oriente. Além de façanhas militares, são-lhe atribuídas inúmeras falas por assim dizer gnômicas ou agudas, muita vez relacionadas direta ou indiretamente a seu tutor Aristóteles (384-322 a.C.), também muito citado e traduzido nas letras árabes sob as formas *أرسطو* (*Aristū*) ou *أرسطاطالس* (*Aristātālis*), ou ainda *أرسطاليس* (*Aristālis*). Além da tradução de diversas obras que a posteridade lhe reconheceu como próprias, tais como *A poética*, *A retórica*, *Sobre a alma* e *Ética a Nicômaco*, a tradição árabe atribuiu-lhe centenas de ditos esparsos, textos que a tradição ocidental atribui a outros autores, como Alexandre de Afrodisia e Plotino, além de uma longa carta a Alexandre Magno e o tratado *سر الأسرار* (*Sirr alasarār*), “Segredo dos segredos” — com o subtítulo de *السياسة [والفراسة] في تدبير الرياسة* (*Assiyāsa [wa alfirāsa] fī tadbīr arriyāsa*), “A política [e a fisiognomonía] na administração do poder” —, de intensa circulação na Idade Média, traduzido para o latim e o espanhol, entre outras línguas, a partir do árabe. Ressalve-se que, em alguns manuscritos, essa obra é atribuída ao grupo muçulmano neopitagórico e ismaelita do século IX d.C. conhecido como *إخوان الصفا* (*Iḥwān Aṣṣafā*), “Irmãos da Pureza”.

[265] “As quais [...] injustiça” traduz *فيقلده بذلك البغي* (*fa-yuqalliduhu bi-dālīka albağya*).

[266] Aqui, “as pessoas anelavam que o poder passasse às suas mãos” traduz *فكان الناس يتمنون دولته* (*fakāna annās yatamannūna dawlatahu*), em que a palavra *دولة* (*dawla*), já discutida, foi interpretada como passagem de poder às mãos [de Alexandre].

[267] “Submetendo-se [...] queria” traduz *فيكفونه أمره* (*fa-yakfūnahu amrahu*).

[268] O acréscimo do trecho entre colchetes foi necessário porque o original traz somente *مواد* (*mawādd*), “materiais”.

[269] “Signo” traduz *دليلة* (*dalīla*), “aquela que guia, que indica”. Note-se que, em árabe, “sol”, *شمس* (*šams*), é palavra feminina.

[270]

A passagem consta de várias obras árabes, entre as quais: *صوان الحكمة* (*Šiwān alḥikma*), “Preservação da sabedoria” (p. 163); *كتاب الفخري في الأداب السلطانية* (*Kiṭāb alfaḥrī fī alādāb assulṭāniyya*), “Livro sobre os decoros do poder” (p. 59), já citadas, além de *نصيحة الملوك* (*Naṣiḥat almulūk*), “Aconselhamento dos reis” (p. 172), erroneamente atribuída a Abū Alḥasan ‘Alī Almāwardī (m. 1058 d.C.). Em todas, é Alexandre Magno quem responde as perguntas (de “certo rei” cujo país invadira, ou a alguém indiscriminado — “perguntou-se a Alexandre”). Em *نصيحة الملوك* (*Naṣiḥat almulūk*), “Aconselhamento dos reis”, consta somente a primeira parte do diálogo, que é sucedida do seguinte: “E antigamente se dizia: A seriedade é a proteção da dignidade. Disseram: O rei [Kisrā] Anū Širwān enviou um agente até certo rei seu inimigo, ordenando-lhe que se colocasse a par de seu proceder para consigo mesmo e para com os súditos, e então o agente disse ao voltar: ‘Ó rei, constatei que a zombaria é ali mais forte que a seriedade, e que a mentira é mais que a veracidade, e que a opressão ocorre mais que a justiça’. Anū Širwān disse: ‘Então já me foi concedida a vitória sobre ele’, e, chamando um de seus comandantes, disse-lhe: ‘Marcha contra esse rei, e que sejam teus esforços nessa guerra, na situação em que ele está, mais débeis, menores e mais simples, pois de qualquer maneira sairás vitorioso e ele, derrotado’. E o comandante marchou até aquele rei, derrotou-o, matou-o e conquistou-lhe o reino. Disse [o autor]: Anū Širwān dizia: ‘A zombaria é o flagelo da seriedade; a mentira, inimiga da veracidade; a opressão, corrupção da justiça, e se acaso o rei empregar a jocosidade, perde-se o respeito por ele, e se se fizer acompanhar da mentira, será desdenhado, e se demonstrar opressão, corromper-se-á seu poder’”.

[271] “O homem [...] passarão” traduz *إن المرء ليحتمى حولا لصحة حولين لا بد من انصرامهما* (*inna almar’a la-yaḥtamiya ḥawlan li-ṣiḥḥati ḥawlayni lā budda min inṣirāmihimā*). O princípio geral, que se repetirá na formulação seguinte, é o do sacrifício de algum prazer, por dado período, para seu posterior desfrute por um período pouco mais amplo.

[272] “Apetites turvos” traduz *شهوات بالتنغيص مشوبة* (*šahawāt bi-attangīṣ mašūba*), sintagma no qual a ideia de mácula se repete — “apetites (ou desejos) manchados pela turvação”.

[273] “Quetefarão [...] gozo” traduz *وتتكلفين فيها من الآلام أضعاف ما تنالين* (*wa tatakallafina fihā min alālāmi aḍ‘āf mā tanālina min alladḍāt wa taštāgilina bi-ḥifāẓihā ‘an alladḍa wa alistimtā‘ bihā*).

[274] “Em tempos primevos” traduz *في أنف من الزمان* (*fī unuf min azza-*  
[275] *mān*). E, adiante, “longínqua” traduz *شاسعة* (*šāsi‘a*), que também pode significar “imensa”, mas que aqui, conforme o demonstra o restante da história, tem alguma relação com “fertilidade”.

No original, as primeiras características do bosque são apresentadas mediante sintagmas verbais — “cujas árvores se entrelaçaram, cujos frutos penderam, cujas luzes abundaram, saboroso de gosto e nefasto de efeitos”, em que os adjetivos “saboroso” e “nefasto”, que a tradução considerou referirem-se a “frutos”, podem também referir-se a “bosque” —, mas, para a tradução, considerou-se melhor adotar uma posição mais

[276] conforme a inteligibilidade e as relações entre os elementos.  
[276] “Nem tudo [...] integridade” traduz *وليس ما يدرك من فضل الشهوة يقوم بمقدار السلامة* (*wa laysa mā yudrak min faḍl aššahwa yaqūm bi-miqdār assalāma*).

[277] “Pastos” traduz *الأعطان* (*alaʿṭān*), palavra que indica onde animais de carga e abate, como bois e camelos, descansam antes da ida ao pasto.

[278] “Seus órgãos” traduz *أعضائه* (*aʿḍāʾihi*), que em árabe moderno significa, literalmente, “seus membros”.

[279] “Promiscuidade” traduz *المخالطة* (*almuḥāḷaṭa*), palavra para a qual se utilizava, em adaptações ou traduções espanholas medievais de textos árabes, sempre em sentido negativo, *mestura*, sendo *mesturero* o agente.

[280] “Agruras do tempo” traduz *الدهر* (*addahr*), que também comporta tradução como “fortuna”, “destino” e “tempo”. Preferiu-se o sintagma “agruras do tempo” para evitar uma neutralidade que a formulação não tem — em português, “até que o tempo os separou” sugeriria, em interpretação imediata, o mero resultado de sua passagem, com seu corolário de tribulações e decadência física, mas não é apenas isso que a formulação árabe sugere — e destacar a conotação funesta que a palavra aí apresenta.

[281] O ano de 950 H. corresponde a 1543 d.C. Este é o colofão do manuscrito mais antigo. Assayyid também transcreve o colofão do manuscrito depositado na Índia, cuja cópia, relativamente recente, foi feita sobre original mais antigo. Eis a tradução: “*Terminou-se de copiar no ano de mil cento e trinta e um da Hégira. Vi no original do qual se fez esta cópia o seguinte a respeito de data: ‘Completo-se no mês de şafar pleno de bem do ano de quinhentos e trinta’. Portanto, passaram-se, desde que se fez essa cópia até esta data, seiscentos e um anos. Excelso seja aquele que faz os tempos sucederem-se e administra todas as coisas*”. O ano de 1131 H. corresponde a 1718 d.C., e o de 530 H., a 1135 ou 1136 d.C.

[282] Em rigor, a tradução literal do título seria apenas *O leão e o Mergulhador*. Julgou-se mais conveniente, porém, acrescentar a palavra “chacal” para evitar leituras equívocas, uma vez que mares e rios mal se entreveem na obra.

[283] Isso conforme a descrição de Raḍwān Assayyid, responsável pela única fixação do texto árabe da obra. Em 1965, em seu alentado estudo

[284]

‘*Abdullāh Ibn Almuqaffā*’, sobre a vida e a obra do tradutor de *Kalīla e Dimna*, o arabista iraniano Muḥammad Ġufrānī Alḥurāsānī deu notícia da existência, na mesma Biblioteca Nacional do Egito, sob o n. 286/Literatura, de um manuscrito desse livro datado de 1003 H. (1596 d.C.) e copiado em Istambul, com o seguinte título: كتاب الأسد والغواص في الحكم والأمثال على السنة الحيوانات وحكايات الملوك والوزراء (*Kitāb al-asad wa alġawwās fi alḥikam wa alamṭāl ‘alā alsinat alḥayawānāt wa ḥikāyāt almulūk wa alwuzarā*), “Livro do leão e do Mergulhador, contendo dizeres sapienciais e paradigmas na língua de animais e histórias de reis e vizires”. Como Raḍwān Assayid não lhe faz menção, abrem-se duas possibilidades: ou o pesquisador iraniano cometeu algum equívoco durante as suas pesquisas, ou então o referido manuscrito desapareceu. Minha experiência pessoal como pesquisador no Egito faz-me crer que qualquer uma das hipóteses é plausível. Seja como for, o modo como Muḥammad Ġufrānī Alḥurāsānī descreve esse manuscrito *a priori* desaparecido evidencia que, basicamente, seu conteúdo é o mesmo dos outros dois. Em minhas pesquisas na Biblioteca Nacional do Egito, cheguei a examinar um manuscrito de *O leão e o chacal Mergulhador*, aliás o único ali depositado. Não me recordo de sua datação exata, mas era tão recente que fiquei desconfiado e não me animei a pedir cópia dele nem a examiná-lo com mais vagar. Tratava-se, possivelmente, do referido manuscrito de 1910 que Raḍwān Assayid descreve em sua edição.

Em sua introdução à única obra política de Ibn Nubāta (1237-1366 d.C.), a pesquisadora Salwā Qandīl identifica quatro gêneros de tratado político em árabe: o primeiro, utópico, é constituído pelas obras de filósofos como Alfārābī, Ibn Sīnā e Ibn Rušd; o segundo, pelos tratados dos alfaquis e juriconsultos muçulmanos; o terceiro, pelas obras dos historiadores; e o quarto, enfim, é o constituído pelos chamados “espelhos de príncipe” (“O pensamento político islâmico”. In: Ibn Nubāta, *Seleção do livro de administração dos governos*. Beirute, 2006, pp. 59-61).

[285] Registre-se que essa obra, originariamente redigida em persa por Alġazālī, no final da vida, para o sultão seldjuque Muḥammad Malikšāh (m. 1117 d.C.), só foi traduzida ao árabe, por um de seus discípulos, após [286] a morte do autor.

Como curiosidade, registre-se que, antes da sedimentação do gênero, circularam em árabe tratados políticos atribuídos a autores estrangeiros, como: عهد أردشير (*Ahd Ardašīr*), “Testamento de Ardašīr”, rei sassânida que reunificou o Império Persa e governou de 226 a 241 d.C.; as máximas e sentenças sapienciais atribuídas ao mítico sábio e vizir persa Buzurjmīhr, distribuídas às centenas nas compilações árabes desde o século IX d.C.; o tratado سر الأسرار أو السياسة [والفراسة] في تدبير الرياسة [287]

(*Sirr alasarār aw assiyāsa* [wa alfirāsa] *fi tadbīr arriyāsa*), “Segredo dos segredos, ou A política [e a fisiognomonía] na administração do poder”, ou o conjunto de epístolas العهود اليونانية (*Al’uhūd alyūnāniyya*), “Os testamentos gregos”, respectivamente atribuídos a Aristóteles e a Platão; a رسالة تامسطيوس (*Risālat Tāmistiyūs*), “Epístola de Themistius”, para o imperador Juliano, o apóstata, subintitulada في السياسة وتديبير المملكة (*Fī assiyāsa wa tadbīr almamlaka*), “Sobre política e administração do reino”, da qual não restou senão essa tradução árabe. “O Segredo dos segredos”, que há muito foi descartado como obra legitimamente aristotélica — existem manuscritos árabes que a atribuem aos إخوان الصفا (*Iḥwān Aṣṣafā*), “Irmãos da Pureza”, grupo islâmico ismaelita de tendências esotéricas e neopitagóricas do século IX d.C. —, circulou amplamente na Idade Média ocidental, dele existindo uma tradução latina, *Secretum secretorum*, e outra espanhola, *Poridat de las poridades*. Já “Os testamentos gregos”, “extraídos dos símbolos [rumūṭ] do Livro da política de Platão”, são hoje atribuídos ao egípcio Aḥmad Ibn Addāya, que viveu na primeira metade do século X d.C. O crítico e filósofo egípcio ‘Abdurraḥmān Badawī, responsável pela fixação do texto de “O segredo dos segredos” e “Os testamentos gregos”, informa sobre uma disputa que ocorria na cultura árabe desde o final do século IX entre os adeptos da cultura grega e os adeptos da persa, cujo fruto teria sido, entre outros, a difusão, em árabe, de obras atribuídas a gregos e a persas. In: *الأصول اليونانية للنظريات السياسية في الإسلام* (*Aluṣūl alyūnāniyya linnaẓariyyāt assiyāsiyya fi alislām*), “Origens gregas das teorias políticas no islã”. Cairo, 1954, pp. 5-75.

Radwān Assayyid, “Introdução” a “A pérola preciosa na política do líder”, de Ibn Alḥaddād (séc. XIII). Beirute, 1983, p. 34. Subproduto, esse gênero era a faceta mais explícita da teoria política entre árabes e muçulmanos. Para uma visão panorâmica, que busca os pressupostos filosóficos dessa visão, leiam-se: Rosenthal, Erwin. *Political thought in medieval islam*, op. cit., e Watt, W. Montgomery. *Islamic political thought*, Edinburgh University Press, 1980; em português: Campanini, Massimo. “O pensamento político islâmico medieval”. In: VVAA. *O islã clássico*. São Paulo, Perspectiva, 2007, pp. 247-283.

[288] Desde pelo menos Aljāḥiẓ, autor do século IX, faz-se distinção explícita entre a personagem à qual, como profeta, se dedica um capítulo inteiro no Alcorão, e o sábio ao qual se atribuem as fábulas.

[289] Cf. Ibn Almuqaffa<sup>c</sup>, *Kalīla e Dimna*. São Paulo, Martins Fontes, 2005 (tradução, organização e notas de Mamede Mustafa Jarouche). A publicação da tradução do *Pañcatantra* está em curso, tendo-se já dado à estampa dois volumes com os três primeiros livros, São Paulo, Humanitas,

[290]

2003, v. 1, e 2008, v. 2 (tradução de Maria da Graça Tesheiner, Marianne Erps Fleming e Maria Valéria Aderson de Mello Vargas). A esse desventurado autor — nuns relatos se dá conta de que, na sua morte, seus membros foram sendo cortados e queimados na sua presença, ao passo que noutros se diz que foi obrigado a devorar, assados, os próprios dedos — deve-se, entre outras obras, uma epístola que pode ser considerada a pioneira, em árabe, sobre questões de política e administração: رسالة في الصحابة (Risāla fī aṣṣaḥāba), “Epístola sobre os colaboradores [do califa]”, estudada e traduzida por Charles Pellat em *Ibn Al-Muqaffa<sup>c</sup>, mort vers 140/757, “Conseiller” du calife* (Paris, 1976).

Não existe nenhum autógrafo de Ibn Almuqaffa<sup>c</sup>, sendo bem possível que não tenha sido apenas ele o responsável pelo(s) texto(s) hoje conhecido(s) de *Kalīla e Dimna*. Com toda probabilidade, ocorreu um intermitente processo de intromissão de escribas e letrados posteriores no *corpus* do texto. Note que, conquanto a tradução date de meados do século VIII d.C., o manuscrito mais antigo hoje disponível remonta à primeira metade do século XIII d.C. Ademais, a comparação dos textos evidencia a existência de mais de uma família de manuscritos. Cf. Sprengling, Martin. “Kalila studies. I”. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*, v. XI, n. 2, jan. 1924, pp. 81-97.

[291] *Kalīla e Dimna*, op. cit., p. 280.

[292] *Ibidem*, p. 5.

[293] Como se sabe, a escrita sistemática em árabe é relativamente tardia: anteriormente ao século IX, não se tem notícia dando conta do registro escrito das coisas referentes ao período que precede o surgimento do islã.

[294] Os dois primeiros capítulos são “O leão e o touro” e “Investigação acerca de Dimna”, o segundo dos quais não existe no *Pañcatantra*. Esse capítulo, no qual se dramatiza a prestação de contas da relação entre o leão/rei e o chacal/letrado, pode tanto ser adição da hoje perdida tradução pahlavi como da árabe. Mesmo que se trate do primeiro caso, o texto árabe foi visivelmente adaptado para se adequar às exigências da cultura muçulmana. Cf. *Kalīla e Dimna*, op. cit., pp. 93-118 e 311-326.

[295] Cf. “Vicissitudes de um livro e seu autor”. In: *Kalīla e Dimna*, op. cit., pp. xvii-xlvi.

[296] *Kalīla e Dimna*, op. cit., p. 5.

[297] Abū Ḥayyān Attawḥīdī. الإمتاع والمؤانسة (*Alimtā<sup>c</sup> wa almu’ānasa*), “Deleitamento e afabilidade”. Edição do Cairo, v. I, 1953, p. 23. O trecho “os sentidos, imediatos, são sedentos de incidentes, novidades e histórias, e buscam o que é curioso” também poderia ser assim traduzido: “os sentidos são sedentos de incidentes, novidades e histórias, pois estes são recentes no mundo e têm seu quinhão de curiosidade”.

[298] Abū Bakr Aṣṣūlī. كتاب الأوراق (*Kitāb alawraq*), “Livro das folhas”. Cairo, 1935, pp. 5-6.

[299] Alcorão, 31, 6.

[300]

Anônimo. نصيحة الملوك (*Naṣīḥat almulūk*), “O aconselhamento dos reis”, Cairo, 1988, pp. 216-217. Alḥārīt Ibn Kalda, morto em 635 d.C., era o principal médico árabe de sua época. As fontes mencionam as suas viagens à Pérsia e o seu apego às narrativas persas, mas não citam especificamente o livro *Kalīla e Dimna* entre os trazidos de lá por ele.

[301] Fabulário hoje perdido, do qual restam somente três curtas fábulas que o próprio Alkalāʿī inseriu em sua obra. A primeira: “Chegou a hora da morte para uma formiga, e então as formigas se reuniram ao seu redor. A carvideira lhe disse: ‘Que Deus tenha misericórdia de ti! Tanta cevada arrastada! Tanto trigo regado pela chuva! Tanto vestígio de banquete servido!’. Ela disse às formigas: ‘Não vos entristeçais, pois eu acumulei junto a Deus um tesouro que quem tiver igual será merecedor de sua misericórdia, e isso porque eu jamais derramei sangue’”. A segunda: “Conta-se que um *ṣifrid* [ave menor que um passarinho] era vizinho de uma cobra alvinegra que, ano após ano, lhe devorava os filhotes assim que seus ovos se chocavam. Porém Deus, que compensa tanto a injustiça como a benesse, decidiu — exalçado seja — tornar cega aquela cobra, no fim de sua vida, e então ela passou a permanecer em sua toca, sem aterrorizar nem o distante nem o próximo. Os entes queridos do pássaro então lhe disseram: ‘Por que não vais até a opressora e a insultas abertamente?’. Ele respondeu: ‘Se, quando a cobra enxergava, eu lhe pudesse causar algum dano, já estaria pronto para ir até ela. Mas agora, que o destino me livrou dela, meu olhar já não se volta para ela’”. Terceira: “Certo leão pobre ficou cego, e foi por isso prejudicado. Disseram-lhe: ‘Se fosses ao rei leão e lhe pedisses aproximação, esse seria um bom parecer para ti’. Então o leão cego foi até o rei e lhe relatou sua história. O rei determinou ao tesoureiro que lhe dessem diariamente um membro inteiro. Disse o leão que pedira ajuda: ‘Deus dê prosperidade ao rei! Eu caçava uma cabra montesa e uma vaca forte, e com elas quase não me satisfazia! Que me fará esse membro?’. O rei respondeu: ‘Quem depende dos proventos do alheio deve se bastar com o pouco que se lhe dê’. O leão cego redarguiu: ‘O rei disse a verdade. Não tenho necessidade desse membro’. Perguntou o rei: ‘O que farás?’. Respondeu o leão cego: ‘Contentar-me-ei com as ervas das nuvens, e não precisarei do rei nem dos companheiros’”. In: Muḥammad Alkalāʿī. إحكام صنعة الكلام (*Iḥkām ṣanʿat alkalām*), “O domínio da produção dos discursos”. Beirute, 1966, pp. 209-210. O original está repleto de rimas e aliterações irreproduzíveis.

[302] Idem, pp. 208 e 210. Abū Alalāʾ Almaʿarrī (983-1057 d.C.), letrado e poeta que perdeu a visão com catorze anos. Genial, cético e ascético, sua principal obra é رسالة الغفران (*Risālat alḡufrān*), “Epístola do perdão”.

[303] Durante muito tempo, soube-se da existência da obra apenas graças às citações dos antigos. Seu manuscrito somente foi editado na Tunísia em 1973, junto com introdução e tradução francesa, pelo pesquisador e professor Abdelkader Mehiri, o primeiro a identificá-lo em meio a outros documentos: كتاب النمر والثعلب, *La panthère et le renard*, Túnis, 1973. Em 1980, Munjī Alkaʿbī fez, com base no mesmo manuscrito, uma nova edição, também em Túnis, mas não foi possível consultá-la.

[304] *La panthère et le renard*, op. cit., p. 23.

[305] *La panthère et le renard*, op. cit., p. 23.

Os exemplos poderiam ser facilmente multiplicados, pois o aconselhamento dos reis é um gênero, e como tal sempre se autojustifica. Vá de retrato o já citado نصيحة الملوك (*Naṣīḥat almulūk*), “O aconselhamento dos reis”, erroneamente atribuído a Almāwardī (m. 1058 d.C.): “Os reis são, dentre os homens, os que detêm a primazia no recebimento de aconselhamentos e exortações, pois em sua boa situação está a boa condição dos súditos, e em sua corrupção está a corrupção dos humanos; [...] e se dizia: Trai a si próprio quem esconde do soberano o seu aconselhamento, dos médicos a sua doença, e dos amigos os motivos do seu pesar; [...] no aconselhamento do soberano está o aconselhamento do público (الكافة, *alkāffā*), e no aconselhamento do público está o encaminhamento ao interesse do mundo inteiro, e a ordem das coisas do todo está em sua totalidade; [...] não estás a salvo de que a veracidade na exortação não contenha algo do que se oponha às opiniões dos tendentes [à satisfação dos] desejos e dos que se entregam aos prazeres entre os membros dos reinos e das governanças, e então as suas audições repelirão e seus corações afastarão essa veracidade; quem aprecia dar conselhos não deve expô-los conforme bem entender [literalmente, على هواه, *‘alā hawāhu*, i.e., “conforme sua paixão”], mas sim fazê-lo tendo a paixão inteiramente na verdade e naquilo que a razão determina, aceitando, destarte, o que a verdade e a razão aceitarem, e rechaçando o que rechaçarem, pois às vezes aquilo que é pesado à natureza e detestável ao coração tem consequências mais louváveis” (op. cit., pp. 44, 45, 59). Veja-se também o seguinte trecho da enciclopédia نهاية الأرب في فنون الأدب (*Nihāyat alarab fi funūn aladab*), “O extremo da inteligência nas artes do decoro”, do letrado egípcio Annuwayrī (1287-1332 d.C.): “Quem colabora com o soberano não lhe deve ocultar o conselho, ainda que este o desdenhe; e que as suas palavras ao soberano sejam delicadas, e não invasivas (كلام رفق لا كلام خرق, *kalām rifq lā kalām ḥurq*), até deixá-lo a par dos seus defeitos sem que isso provoque enfrentamento, mas sim lhe aplicando paradigmas e deixando-o a par dos defeitos alheios, a fim de que reconheça os seus próprios defeitos” (Cairo, s.d., v. 6, p. 10).

Ressalve-se que se atribui a Sahl Ibn Hārūn outra obra, كتاب ثعلة و عفرة (*Kitāb Ta‘la wa ‘Afra*), “da qual todos quantos falam de Sahl concordam, com efeito, em dizer que foi composta tomando por modelo *Kalīla e Dimna*. Dela nos resta um pequeno fragmento que permite ter uma ideia do tom que o autor adotou. A obra em questão parece ter tido certa amplitude, porque o historiador Almas‘ūdī [m. 956 d.C.] afirma que Sahl a dividira segundo o modelo da obra traduzida por Ibn Almuqaffa<sup>c</sup>. Mas nem os títulos, nem alguns fragmentos atribuídos a Sahl, e que se encontram aqui e acolá nas obras de *adab*, são suficientes para dar uma ideia exata do seu talento” (Abdelkader Mehiri, op. cit., p. 16). Com efeito, o referido fragmento, curtíssimo, que consta da obra زهر الآداب وثمر الألباب (*Zuhr alādāb wa ṭamr alalbāb*), “Flores dos decoros e frutos dos entendimentos”, de Alḥuṣarī Alqayrawānī (m. 1061 d.C.), não vai além de algumas máximas encadeadas, sem traço algum de “ficcionalidade”, diga-se assim. O próprio Alḥuṣarī Alqayrawānī afirma, sobre o كتاب ثعلة و عفرة (*Kitāb Ta‘la wa ‘Afra*), que “esse seu livro está cheio de máximas e ditos sapienciais”. Seria igualmente uma boa descrição para *O tigre e o raposo*.

Das quarenta e quatro subnarrativas constantes deste livro, doze são originárias de obras que as constituem como relatos históricos e crônicas.

[308] Seria oportuno citar o caso de رسالة الصاهل والشاحج (*Risālat aṣṣāhil wa aššāḥij*), “Epístola do relinchante e do zurrante”, do já citado Abū Al‘alā’ Alma‘arrī (983-1057 d.C.): trata-se de uma sátira em que um jumento e um cavalo, com a participação de animais como a pomba, o lobo e a raposa, discutem questões contemporâneas relativas ao auxílio militar que, na contemporaneidade do texto, deveria ser enviado do Egito à cidade de Alepo, que, sob seu protetorado, estava ameaçada de um ataque dos cruzados. Mas não se trata exatamente de um texto dedicado à teorização política, senão que de uma crítica ao fato de os fatímidas do Egito terem abandonado Alepo à mercê dos cruzados. Publicada no Cairo em 1984, a obra, dificultosíssima de ler mesmo para a escritora ‘Ā’iṣa ‘Abdurraḥmān, que teve muito trabalho para lhe fixar o texto, tampouco contém subnarrativas, e em seu final o autor se revela, fazendo um longo discurso encomiástico ao então governador de Alepo, [309] ‘Azīz Addawla.

Para não parecer forçado, pois o texto efetivamente faz da diferença alimentar um análogo da diferença étnica, eis aqui um trecho da resposta do rei às primeiras tentativas de intriga do chacal Dimna: “é cruel a tua fala, mas isso é aceitável num conselheiro. Porém, ainda que Šanzaba seja, [310] conforme dizes, meu inimigo, não conseguiria infligir-me dano; como poderia fazê-lo, sendo ele herbívoro e eu carnívoro? É ele que se constitui em alimento para mim, e dele não espero nada de ruim” (op. cit., p. 69).

Na justificativa de seu volumoso *Alkāmīl fī attārīḥ*, “O livro completo de história”, o historiador Ibn Alaṭīr (1160-1234 d.C.) deixa evidente que a diferença entre *tārīḥ*, “história”, e *ḥabar*, “crônica”, é de grau e importância: “Quando contemplei [os livros de história], constatei que eram contrastantes na busca do objeto, quase transformando a essência do conhecimento em incidente, alguns prolongando-se demasiado nos percursos e relatos, e outros resumindo e falhando em muito do que ocorreu; apesar disso, todos deixavam de lado as ocorrências mais grandiosas e os sucessos mais conhecidos, e muitos preencheram suas páginas com pequenas questões que seria mais apropriado descartar e mais adequado não registrar, como quando dizem ‘um fulano não muçulmano, amigo do vagabundo, perdeu a vergonha’, ‘o preço subiu em tantos centavos’, ‘fulano foi dignificado’, ‘fulano foi humilhado’[...]” (Beirute, v. 1, p. 2). Nessa linha, a historicidade de qualquer relato será determinada, primeiro, por sua pertinência ao decoro do gênero, e, segundo, por sua verossimilhança.

[311] Conquanto isso não seja afirmado na introdução de *O tigre e o raposo*, sabe-se que seu autor, Sahl Bin Hārūn, nutriu o propósito de contrapor-se ao texto de Ibn Almuqaffa<sup>c</sup>, por mais de uma vez acusado de incentivar o [312] maniqueísmo.

*O tigre e o raposo* se encerra com a seguinte frase: “[O rei] agiu conforme sua opinião e conselhos até que a morte o colheu”.

[313]

[314]

Beirute, 1994, pp. 303-343.